

garota <3 garoto

EU EU VOCÊ

ALI CRONIN

SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

Capa

Rosto

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[Sobre a autora](#)

[Créditos](#)

FU
E
VOCÊ

ALI CRONIN

Tradução
RITA SUSSEKIND

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

*Para Judy Blume, que não me conhece, mas, se conhecesse,
com certeza seria minha amiga depois que eu implorasse.*



OLLIE E EU. Fomos melhores amigos, mais do que amigos e inimigos. Até outro dia eu simplesmente o odiava. É uma longa história. Mas agora aqui estamos nós, deitados na cama dele, enquanto ouvimos suas músicas favoritas, Ollie parando a cada faixa para me apresentar a próxima. Eu estava ouvindo, mais ou menos; mais do que isso, estava vendo. Ele parecia tão feliz, pulando de pé em pé como uma criança enquanto olhava as *playlists* e, em seguida, vindo me beijar ou me abraçar. Ollie tinha braços lindos. Ollie era lindo.

Também era, como descobri, meio complicado. Surpreendente. Como um típico menino, ele se afogava sozinho nos próprios problemas. Será que eu o teria detestado menos se soubesse que estava cuidando da mãe, ou que o pai estava tendo um caso, ou que ele tinha um problema no coração? Bom, é claro. Mas fazer o tipo forte e caladão não é desculpa para se comportar como um idiota. Ele tinha transado comigo, dito que jamais queria me perder, e dois dias depois teve um ataque e terminou tudo.

Mudei de posição na cama. Ollie estava cantando uma balada, fazendo gestos que indicavam pura emoção. Eu o aplaudi, pois, apesar de bobo, ele ainda era incrível. Como forma de agradecimento, ele gritou “MONTINHO!”, pulou em cima de mim e cobriu meu rosto de beijos, enquanto eu me retorcia e gargalhava. E era *exatamente* por isso que eu não deveria estar pensando em tudo o que tinha acontecido até ali. Ollie era bobo e incrível, me abraçava o tempo TODO, e estava curado. De todas as formas, ele

me disse. Como você pode não querer ficar com uma pessoa que diz essas coisas? Era novidade, só isso. Bem recente. Tínhamos resolvido “nos” dar uma chance fazia dois dias e estávamos indo devagar. Vim para a casa dele hoje de manhã, ele preparou um brunch, depois subimos. Mas sem sexo. Por enquanto, não. Não depois da última vez.

Ele deitou ao meu lado, ofegante pelo esforço de se jogar em cima de mim. Pegou minha mão e a colocou sobre o peito.

“Que tal?”

Senti uma pulsação firme, muito diferente do ritmo louco de antes.

“Perfeito”, respondi.

“Eu sei.” Ele sorriu e pegou minha mão. “Talvez eu corra a maratona de Brighton, ou algo assim, só porque posso.”

“Claro.”

“Certo.” Ele levantou se apoiando no cotovelo e mexeu as sobrancelhas de um jeito travesso. “Ou então posso pensar em outra forma de me exercitar.”

Eu ri e rolei para longe dele. “Seu besta.”

Ollie foi a terceira pessoa com quem transei. Um ano atrás eu era virgem. E nunca, *nunca* teria imaginado que transaria com três pessoas diferentes em menos de um ano. Eu era tão careta em tantos sentidos — estudava muito, quase não bebia, não fumava, não perdia a linha em festas na casa de estranhos — que foi um alívio (e, para ser sincera, uma grande surpresa) descobrir que era capaz de fazer sexo. E adorar, para falar a verdade. Joe, o garoto com quem perdi a virgindade, era um babaca, mas não me arrependi de ter transado com ele. A única coisa que consegui extrair daquela triste história foi a descoberta do prazer de ficar nua com alguém. Se fosse para me arrepender de alguma coisa, seria de ter transado com Nathan, um menino com quem estava saindo até outro dia. Ele também era um idiota, mas, diferente do que aconteceu com Joe, eu não gostava tanto assim dele. A história toda tinha a ver com Ollie. Enfim, o sexo com Nathan foi bem mais ou menos, e só fizemos uma vez,

porque decidi não transar com mais ninguém de quem eu não goste de verdade. Talvez não precisasse ter testado essa teoria para decidir disso, mas foi assim que aconteceu. Para uma garota inteligente, eu era um pouco burra em se tratando de meninos.

Antes de Nathan foi o Ollie, mas só por um fim de semana. Foi o melhor fim de semana do mundo, com o sexo mais maravilhoso da história, mas depois ele me dispensou. Então dá para entender por que eu queria ser cautelosa.

“Hum... devo ter colocado para repetir a faixa”, ele disse, saltando da cama. Uma música de Laura Marling tocava pela terceira vez.

“Por que fez isso, bobão?”, perguntei, encarando sem pudor as costas dele. Ollie tem ombros largos e é forte. Gosto dos ombros dele.

Procurou Jay-Z, aumentou o volume e sorriu enquanto acompanhava o rap que dizia que tinha noventa e nove problemas, mas sua vadia não era um deles. Eu ri e joguei um travesseiro em Ollie, que acertou suas partes íntimas.

“AHH!” Ele se curvou. “*Caramba!*”

“Não machucou”, falei, ou tentei. Foi muito engraçado.

“Como você sabe?” Ollie colocou no aleatório e voltou para a cama, ainda amparando suas partes e fazendo careta.

“Pobrezinho.”

Ele riu.

“Aí, sim”, ele disse, deitando na cama. “Vem aqui.” Ollie me puxou para cima dele e me abraçou. Não sou magricela nem nada, mas ele é maior do que eu. “Hummm... AÍ SIM.” Ele se retorceu satisfeito. “Então, o que vamos fazer hoje?”, perguntou sonolento.

“Achei que estivéssemos fazendo *isto*. São, tipo, quatro da tarde, não são?”

“O dia é uma criança”, murmurou. “O sol está brilhando no céu... e está tudo bem... e tal...”

“Você está pegando no sono?”

“Claro que não.”

Enquanto ele roncava de leve, curti a sensação de segurança de estar nos braços dele durante os dois minutos que demorei para me inquietar e sair da cama. Dei uma olhada em como Ollie era lindo, depois desci em busca de comida.

Kelly, a mãe dele, estava lendo o jornal na mesa da cozinha. Eu gostava muito dela. Era jovem para uma mãe, engraçada e sempre gentil comigo. Também era bipolar, maníaca-depressiva. Tinha feito muitas pesquisas desde que Ollie contara para todos nós (incluindo nossos amigos Cass, Ashley, Donna, Jack e Rich). Kelly precisava de remédios para equilibrar o humor, que podia variar entre muito deprimida a perigosamente eufórica. Ela vinha sofrendo bastante nas últimas semanas, sem que a gente soubesse. O pai de Ollie a traía e era basicamente inútil, mas isso por si só não é necessariamente um gatilho para um episódio de mania ou depressão. Era chocante pensar que ela tinha uma doença e nunca soubemos. Não que devêssemos saber, mas você entende. Ela andava muito estranha nos últimos tempos, mas, quando perguntei, Ollie só disse que ela estava cansada e trabalhando demais. De todo jeito, Kelly está bem agora e, segundo Ollie, muito feliz por nós dois estarmos juntos. Gostei que ele se sentiu seguro o suficiente em relação a nós para contar para a mãe (eu ainda não tinha contado aos meus pais, em parte porque sentia arrepios só de pensar na reação deles, que achariam divertido e me dariam tapinhas nas costas, e também por ter um medo bobo de que contar poderia estragar tudo).

Kelly levantou os olhos do jornal e sorriu.

“Oi! Tudo bem?”

“Tudo.” Torci para não ficar vermelha. Ela com certeza estava pensando que eu e o filho dela estávamos transando.

“Quer alguma coisa?”, perguntou.

Percebi que estava mexendo os pés como uma criança na sala do diretor. Bela maneira de parecer sofisticada. Encostei no batente da porta e tentei parecer casual e madura, mas estava longe demais e tive que apoiar o ombro para não tropeçar. *Controle-se, Millar*, pensei. *Você já está aqui*. Limpei a garganta.

“Hum... sim. Estava pensando se poderia pegar alguma coisa para comer.”

“Claro. Sirva-se. Sabe onde tudo fica?”

“Sei. Obrigada.”

Ela sorriu de novo e, em seguida, voltou para o jornal. Ainda constrangida, peguei a lata de biscoito.

“Tudo bem se...?”

Sem levantar os olhos, ela fez um gesto com a mão.

“Sim, claro. Pegue o que quiser.”

“Obrigada.” Fiquei ali um pouco, sem querer que parecesse que eu mal podia esperar para voltar para o corpo nu do filho dela, mas, assim que Kelly começou a me olhar outra vez, saí. O que eu podia dizer? “Está um dia lindo”?

Eu pretendia voltar para a cama, mas quando cheguei ao quarto Ollie estava deitado de bruços, espalhado por todo o colchão. Não dava para não imaginá-lo pelado. Eu já tinha visto Ollie pelado, mas nunca tinha *prestado atenção*. Talvez eu fosse uma das poucas meninas da minha idade na região de Brighton que não tinham, aliás. Para dizer da maneira mais gentil possível, Ollie é um pegador. Ou era, até ficar comigo. Pensar nisso (coisa que acontecia muito) fazia eu me sentir feliz e nervosa. Sorrindo para mim mesma, estiquei o braço e puxei o elástico da cueca que estava visível acima da calça jeans.

“Ai”, ele resmungou.

“Chega para lá”, falei. “Trouxe biscoitos.” Subi na cama, e ele passou o braço pela minha cintura, se aconchegando. Vasculhei a lata. Biscoitos doces (quando Ollie e eu nos conhecemos, aos cinco anos de idade, no primeiro dia de aula, ofereci a ele um biscoito imaginário daquele mesmo tipo. Meu coração se alegrou um pouco ao ver que ele tinha desses na lata). Peguei um recheado de baunilha e mordi a camada superior.

Ele se mexeu e resmungou:

“Ótimo, agora a cama vai ficar cheia de farelos.”

“Melhor do que uma cama gozada.” Simplesmente saiu, droga. Por que eu estava adiando transar com ele de novo? Pelo que aconteceu antes, claro, mas eram águas passadas. Eu precisava superar.

Ele abriu um olho e me encarou.

“Isso foi bem grosseiro.”

“Eu sei. Sou bem grossa.” Raspei a camada do meio com os dentes de cima, meu coração disparado. Eu queria transar com ele. Estava com medo de transar com ele. ARGH!

“Você é linda”, ele disse, se apoiando no cotovelo e me beijando com vontade. Que delícia. Beijar era bom. Num acidente proposital deixei a lata de biscoito cair no chão. Ollie recuou e me olhou. “Agora são *só* farelos.”

Ri.

“Foi mal.”

Ele sorriu.

“Gosto de você, Sarah Millar.” Ollie parou, pelo jeito pensando em alguma coisa, e, em seguida, falou: “E quero que saiba que não culpo você por estar relutante em transar de novo. Também quero que saiba que é só me avisar quando quiser.” Ele deu um suspiro dramático e olhou distraído para a região da calça.

Eu ri.

“Obrigada, Ollie. Você é um cavalheiro.”

“Sou mesmo, não sou?” Ele passou o dedo pelo meu braço, para cima e para baixo. “Os beijos estão liberados?”

“Completamente”, concordei, puxando-o para mim.

Jantei com minha família naquela noite. Eu estava de ótimo humor, a única leve sombra no meu horizonte era o resultado das provas. Mas nesse momento não estava preocupada. Tinha semanas — de fato semanas — para ficar com Ollie, fazer compras com Cass e passar longas noites de verão no bar com Rich, Jack, Ashley e Donna. Tudo isso, e o sol estava brilhando. Eu era uma Sarah contente, o que, por algum motivo, estava irritando meu irmão, Dan.

“É óbvio que você está pegando alguém”, ele disse com sua voz ridícula de adolescente, enquanto estávamos à mesa diante de pão e rosbife. Estava com treze anos e tinha acabado de perder todo o controle sobre a própria voz. A pele estava cheia de espinhas, e ele não conseguia ficar cinco minutos sem levar a mão à calça para uma

ajeitada nada rápida. A adolescência masculina é nojenta. Boa sorte para ele, porque, se continuar assim, nunca vai arrumar uma namorada.

“Daniel”, minha mãe avisou, séria.

“Não se preocupe, mãe”, falei. “Não tenho a menor intenção de responder.”

“*Menor intenção de responder*”, ele debochou com a voz fina. “Só um maluco ia querer chegar perto dela.”

“Ah, psicologia inversa?”, perguntei. “Muito sutil, Dan. Quase caí nessa.” Meu humor estava tão bom que afaguei a cabeça dele. Dan desviou, mas não antes de deixar minha mão imunda de gordura e produtos de cabelo.

“Mãe, fala com ela”, ele resmungou, passando os dedos pelo cabelo, tentando refazer qualquer que fosse o *look* que estava tentando usar. Não perguntei, mas fiquei com a terrível sensação de que ele estava tentando imitar o Zayn Malik.

“Não se preocupe, não vou cometer esse erro de novo”, falei, esfregando a mão na calça. “Mas, enfim, por que está tão rabugento?”

“Não estou rabugento”, ele grunhiu.

“Parem com isso, vocês dois”, meu pai se intrometeu, irritado. “Estão se comportando como crianças de cinco anos.” Nós dois paramos e o encaramos. Que exagero. Eu e Dan vivíamos de implicância. Era sempre assim.

No silêncio que se seguiu, meu pai levantou os olhos do prato, nos viu encarando e suspirou.

“Desculpem. Desculpem.” Levantou a mão e sorriu. “Só estou um pouco estressado. Tenho uma reunião com meu chefe amanhã.”

“Está tudo bem?”, perguntei. Meu pai era produtor de um canal de TV local. Trabalhava no noticiário, então os problemas em geral começavam quando chegava ao trabalho e terminavam com os créditos do programa. Eu nunca o tinha visto trazer problemas para casa.

“Ah, sim.” Ele engoliu. “Tudo bem... Só estou irritado por ter passado o fim de semana inteiro me preparando, só isso”. Sorriu. “Me ignorem.”

Olhei para minha mãe, mas ela estava cortando um pedaço de carne, com a expressão vazia. E como eu estava absurdamente feliz, até onde eu sabia, naquele momento o mundo era um lugar bom, então deixei para lá.

Eu não devia ter feito isso.



DORMI ATÉ TARDE NO DIA SEGUINTE. Desci a escada tropeçando quando já eram quase onze horas. Dan estava no colégio, e meus pais deveriam estar no trabalho. Mas não estavam. Estavam sentados à mesa da cozinha. Meu pai tinha a cabeça nas mãos, e minha mãe acariciava as costas dele. Levantaram os olhos ao mesmo tempo, como se estivessem esperando por mim.

“O que está acontecendo?”, perguntei, me sentindo mal de repente.

“Sente-se, querida”, minha mãe disse com cuidado.

“O que está acontecendo?”, repeti. “Pai...”

Ele levantou o olhar, e meu coração praticamente parou. Ele estava *chorando*? Imediatamente fiquei com os olhos cheios de lágrimas.

“O quê?”, perguntei, agora em pânico.

Minha mãe colocou a mão sobre a minha.

“Está tudo bem, ninguém está doente ou morreu.” Ela olhou para o meu pai.

“Sassá”, ele começou. Ele sempre me chamou assim. Eu gosto. “Lembra que contei sobre a reunião com meu chefe hoje de manhã?”

Assenti, de repente adivinhando o rumo da conversa. E o ouvira falar sobre a redução de departamentos e as demissões. Resumi as coisas para ele, mais por não suportar ouvir do que por altruísmo.

“Pai... você foi dispensado?”

Ele assentiu sombriamente, com os olhos secos.

“Pensei que estivesse seguro, que tivesse boas relações com os chefões.” Soltou um esboço de riso. “Quanta ingenuidade.”

“Mas vai receber todos os direitos?”, perguntei.

“Vou receber três meses de salário”, respondeu. “Mas sou um produtor de TV local com cinquenta e um anos...” Ele não precisava explicar. Eu sabia que o chefe do meu pai era mais jovem do que ele. Alguém de trinta anos o empregaria? Meu pai era um excelente profissional, mas era o que era: um homem de meia-idade, um pouco acima do peso, com calças largas e a camisa para dentro. Era das antigas.

“Então.” Minha mãe limpou a garganta e olhou para mim. “Acho que você vai ter que arrumar um emprego”, ela falou de uma vez. “Não temos condições de mandá-la para a faculdade sem ajuda.” Engoli minha irritação. Detesto quando minha mãe soa como uma mulher de negócios. Ela estava despejando uma notícia gigante em mim e estava agindo como se eu fosse egoísta por ainda não estar contribuindo. No meu grupo de amigos, só Ashley e Jack trabalhavam. Não era como se eu estivesse por aí à toa enquanto todos ralavam.

Mas antes que eu pudesse me pronunciar, meu pai interrompeu.

“Sinto muito, Sassá”, ele disse. “Você devia estar relaxando, aproveitando seus últimos meses antes de sair de casa para a faculdade. *Detesto* o fato de não poder sustentar minha própria filha...” Ele sorriu, mas seus olhos pareciam tão tristes e magoados que minha irritação sumiu. Fui até a cadeira dele e o abracei por trás.

“Não seja bobo. Claro que vou arrumar um emprego. Vou fazer qualquer coisa para ajudar.”

“Obrigado”, ele disse depois de alguns instantes, com a voz melosa. E agarrou minha mão contra o peito.

“Dan sabe?”, perguntei.

Minha mãe balançou a cabeça.

“Vamos contar quando ele chegar em casa... Temos que avisar que ele não vai poder ir para a França.”

Todos ficamos quietos digerindo a coisa. Dan tinha passado semanas implorando para ir ao passeio da escola. Ia ficar arrasado.

“Ele vai entender”, falei, soando mais segura do que realmente estava. “Pode reclamar no começo, mas vai superar. Todos nós vamos.”

“Sim, vamos”, minha mãe concordou, sorrindo para mim. “Vamos superar, em família. Muitas pessoas têm situações piores do que a nossa. Vamos ficar bem.” Ela soou mais desesperada para se convencer do que qualquer outra coisa. Era estranho vê-la em uma posição que não fosse de total controle. Minha mãe é diretora de marketing de um centro de treinamento de gestores, e ela não conseguia deixar de trazer sua postura de chefe para casa. Além disso, meu pai é o segundo marido dela — ela foi casada por, sei lá, um ano quando tinha vinte e quatro — então acha que é a rainha da experiência de vida. O que não é verdade, por sinal. A vida dela é um modelo de eficiência e controle. Ela nem fica bêbada. Então meu pai perder o emprego — ter esse novo elemento do acaso imposto na nossa vida — é algo que ela detesta. Verdade seja dita, minha mãe estava disfarçando bem.

“O que você vai fazer agora?”, perguntei ao meu pai.

“Procurar um emprego, Sassá”, ele respondeu, quase sorrindo.

“Sim, eu sei.” *Dãã*. “Quis dizer, o que você vai fazer *neste instante?*” Virei para minha mãe. “Você vai voltar para o trabalho?”

Ela assentiu.

“Um de nós precisa voltar.” Bom, talvez ela não estivesse disfarçando tão bem.

“Muito obrigado”, meu pai comentou irritado.

“Ora, vamos”, ela respondeu, sem dar importância. “Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.”

“Pelo menos você ganha mais do que eu.” Ele soou quase amargo. Isso nunca tinha sido um problema.

“Graças a Deus.” Ela levantou. “Vejo vocês mais tarde. Espero que o cachimbo e as pantufas estejam prontos quando eu chegar.” Ela sorriu e se abaixou para beijar meu pai. Ele não achou graça. Não o culpei. Era cedo demais para piadas.

Depois que minha mãe saiu, meu pai e eu ficamos sentados na cozinha em silêncio. Ele olhou para as próprias mãos, abertas sobre a

mesa. Fiquei observando partículas de poeira flutuando à luz do sol. O velho que morava a duas casas da nossa estava cortando a grama.

“Quer fazer alguma coisa?”, perguntei, afinal. “Sair para caminhar ou algo assim?”

Ele balançou a cabeça.

“Preciso fazer algumas ligações.”

“Contatos profissionais?”

Um suspiro.

“Espero que sim.”

“Vou deixar você em paz, então”, falei.

Um suspiro ainda maior.

“Sim, vá e divirta-se.”

Pelo amor de Deus.

“Não é só você que está à procura de trabalho”, eu disse. “Tenho que fazer um currículo. Vou levar dois minutos.”

Com isso ele sorriu.

“Todos temos que começar de algum jeito, filha.”

“Acho que sim.” Parei na porta. “Vou sair à noite, aliás.”

“Certo.”

“Mas não preciso sair. Posso ficar em casa.”

“Não estou morrendo, Sarah”, ele disse. “De todo jeito, sua mãe e eu precisamos organizar o orçamento. Pode ir.”

“Tudo bem.” Vi meu pai pegar o celular, respirar fundo e, em seguida, começar a olhar os contatos. Enquanto subia, eu o ouvi conversando em tom alto e jovial com alguém. Pobre papai.



Demorei mais que dois minutos para fazer meu currículo, mas só porque levei séculos para transformar nada em alguma coisa. Pensei em ligar para Ashley e Jack, meus amigos empregados, mas não adiantaria nada. Ashley trabalhava na loja de noivas da mãe, então não precisou de currículo. Jack trabalhava no centro de esportes, mas tinha um currículo de verdade, cheio de feitos esportivos. Eu tinha trabalhado em um berçário na semana do trabalho da escola e entregado o jornal quando o menino que normalmente fazia isso caiu

de bicicleta e teve que ir até o pronto-socorro para uma radiografia. *Voilà*, minha experiência profissional. Então listei minhas notas, aumentei os resultados que previa para meus exames finais e elaborei detalhadamente meu amor por leitura, escrita e galerias de arte. Em seguida, percebendo que estava soando como alguém que eu mesma detestava, acrescentei alguma coisa sobre amar dançar música pop. Deu quase uma folha de papel A4; ia ter que servir.

Olhei a hora. Três e meia. Dan logo chegaria em casa. Bem quando comecei a pensar se minha mãe voltaria mais cedo do trabalho, ouvi a chave dela na fechadura. Salvei meu currículo, fechei o computador que meus pais me deram de presente de dezoito anos — o último presente caro que eu ia ganhar por um bom tempo — e fui silenciosamente para o topo da escada. Meus pais estavam na sala, mas não dava para ouvir nada do que diziam. O que não queriam que eu escutasse? Comecei a descer sorrateiramente para chegar mais perto, então minha mãe abriu a porta.

“Ah, oi, querida”, ela disse, de um jeito muito casual.

“Quer que eu esteja presente quando forem falar com Dan?”, perguntei.

Ela pareceu espantada.

“Ah, não sei. Não tinha pensado nisso. Acha que pode ajudar?”

“Talvez. Solidariedade é uma coisa boa”, respondi.

“Pode ser...” Bateu na coxa com as chaves do carro. Ainda estava de bolsa. “Vou ver o que seu pai acha.”

Meu pai disse que tanto fazia, então, meia hora depois, estávamos de volta à mesa da cozinha. Dan estava irritado. Queria ir para a casa do amigo.

“Não vai demorar”, meu pai explicou. “Você precisa saber o que está acontecendo.”

“O *que* está acontecendo?”. Ele endireitou as costas, saindo de sua tradicional postura relaxada. “Espera, por que vocês não estão no trabalho?”

Meu pai olhou para minha mãe, que sorriu para encorajá-lo.

“Fui dispensado, Dan”, ele respondeu com calma. “Hoje de manhã.”

Meu irmão ficou vermelho quando a ficha caiu e, em seguida, contraiu o lábio.

“Você foi demitido?”

“Não”, disse minha mãe, colocando a mão sobre a do meu pai para acalmá-lo. Dan e meu pai se irritavam um com o outro do mesmo jeito que minha mãe e eu. “O departamento do seu pai está sendo fundido com outro. O cargo dele não existe mais.”

“Por que o seu?”

“É como as coisas são, Dan”, meu pai explicou. “Não depende de mim, infelizmente.”

Ele franziu o rosto.

“Então é isso. Você vai ficar quieto.”

“Não tem outro jeito”, respondeu meu pai. Dava para perceber que ele estava com muita dificuldade para se manter calmo. O joelho tremia por baixo da mesa. “Ser desligado é uma coisa definitiva. Você não pode implorar pelo seu emprego, pois não existe mais um emprego pelo qual implorar.”

“Mas você podia tentar.” Dan afundou na cadeira. “Vamos ter que viver de auxílio do governo?” Ele cuspiu as palavras como se tivessem um gosto ruim.

“Claro que não”, respondi irritada. “Mamãe ainda trabalha. E, de qualquer forma, não seja tão esnobe. Auxílio não é nenhuma vergonha.”

“É sim”, disse Dan. “É coisa de gente folgada que não trabalha.”

Minha mãe virou para ele.

“Nunca mais fale assim nesta casa. Você não faz ideia do que está dizendo. Onde foi que ouviu isso?”

Ele deu de ombros.

“Max.” Eu e meus pais trocamos olhares. Max era um menino do time de futebol de Dan. Era confiante, bonito e seus pais eram milionários. Dan o idolatrava, o que era uma pena, porque, pelo que eu sabia, ele era um fascistinha.

“Vamos manter o foco”, meu pai interrompeu. “Na verdade, podemos, sim, receber o auxílio familiar, e talvez reduzam os impostos.” Olhou com firmeza para Dan. “Então, como milhões de outras famílias, pode-se dizer que vamos entrar com o pedido.” Meu

pai fez uma pausa. “Também vamos ter que fazer sacrifícios. Sarah vai arrumar um emprego para ajudar a pagar a faculdade. E, Dan, sinto muito, mas não temos condições de mandar você para a França.”

Ele se levantou da cadeira em um segundo.

“O QUÊ? De jeito nenhum. DE JEITO NENHUM. Nem pensar!” Seus olhos se encheram de lágrimas. “Isso é um absurdo, cara. Vocês não podem fazer isso comigo.” Ele olhou para o meu pai. “Então, o quê, você vai ser, tipo, uma *dona de casa* agora?”

“Fique calmo”, minha mãe gritou. “Todos nós estamos fazendo sacrifícios.”

“Ah, é? E qual é o seu?”, Dan gritou.

“Vou cancelar a academia”, minha mãe respondeu calmamente.

“Ah, porra, pobrezinha”, soltou, agora chorando mesmo.

Houve uma pausa de choque. Até Dan pareceu chocado.

“Vá para o seu quarto”, minha mãe disse em voz baixa, mas falando sério. “Não vai usar esse linguajar na nossa frente.”

“Papai usa”, respondeu carrancudo.

“Papai é um adulto. Você é uma criança de treze anos. Não importa que esteja chateado.” De repente ela estava furiosa. “Estou falando sério!”, gritou, fazendo todo mundo dar um salto. “Suba. AGORA! Seu pai acabou de PERDER O EMPREGO, e tudo o que você consegue fazer é pensar em SI? Estou decepcionada com você.” Os olhos dela pareciam estar ardendo. “SAIA DAQUI! AGORA!”

“Tudo bem, calma, já vou”, Dan respondeu, com o lábio inferior tremendo. Ele era um merdinha arrogante, mas não pude deixar de sentir um pouco de pena.

“Que bom que mantivemos o controle”, disse meu pai, depois que Dan subiu aos tropeços e bateu a porta do quarto.

“O que mais eu poderia ter feito?”, minha mãe respondeu com uma irritação reprimida.

“Acho que um pequeno palavrão pode ser perdoado em um momento como este, só isso”, ele respondeu com calma.

“Ah, certo. E o que mais podemos liberar?” Ela o encarou. “É importante manter tudo o mais normal possível, Martin.”

Ele a olhou, impassível.

“Desculpe, achei que eu é que tivesse perdido o emprego, mas claramente você sabe melhor como lidar com tudo.”

“Pare com isso”, ela falou. “Você está sendo infantil.”

Ele passou a mão no rosto.

“Fiona, aconteceu hoje de manhã! Faz poucas horas. Me dê um tempo, pode ser?” Suspirou. “Talvez todos nós estejamos precisando de um tempo.”

“Parem com isso, vocês dois”, interrompi. Eles deram um salto, como se tivessem esquecido que eu estava ali. Eu estava prestes a explodir em lágrimas. Meus pais quase nunca discutiam, e eu nunca tinha me intrometido. Mesmo naquele momento eu estava vermelha diante da audácia de me meter em uma discussão de casal. “Dan está arrasado. Eu estou arrasada. Estamos todos arrasados, tudo bem?” Olhei para o meu pai. “Como você disse, aconteceu há poucas horas. Para Dan, faz dez minutos. Que tal todo mundo pegar leve?” Então comecei a chorar. “Não podemos deixar isso destruir a família.” Soa melodramático, mas na hora não sou nem um pouco.

“Ah, querida, com certeza não vai”, minha mãe disse. Ela pegou a mão do meu pai. “Sinto muito, Mart. Você tem razão. Eu não devia ter ficado tão irritada com Dan.”

“Eu também sinto”, ele falou. Parecia exausto. “Foi um dia duro para todos nós. Que tal eu sair para comprar comida?” Fez um esforço enorme para sorrir. “A vida de penúria começa amanhã.”

Minha mãe franziu o rosto, pronta para protestar, mas meu pai a encarou, e ela apenas se levantou e disse:

“Vou conversar com Dan.” Meu pai ficou olhando enquanto ela saía, com o rosto sombrio. Parecia totalmente apavorado. Afastei minha cadeira.

“Vou com você até o restaurante. Fiquei de encontrar o pessoal no parque.”

“Tudo bem”, ele respondeu distraído, me seguindo até a porta da frente.

Olhei para ele.

“Está levando a carteira?”

Ele deu um tapa na testa, virou e voltou para a cozinha. Teria sido engraçado se não tivesse sido tão triste.



FUI A ÚLTIMA A CHEGAR AO PARQUE, o que bastou para todos se preocuparem. Não sou tão neurótica quanto já fui em relação a pontualidade, mas, mesmo assim, nunca era a última a chegar. Ashley, Donna e Rich estavam amontoados no balanço grande, com as pernas entrelaçadas. Jack e Ollie estavam sentados no banco logo atrás.

“Tudo bem?”, perguntou Cass, se aproximando para me cumprimentar.

“Tudo”, falei, após um instante de indecisão. Queria que aquela noite fosse normal. Depois contaria para eles. Cumprimentei todo mundo e sentei ao lado de Ollie, que me beijou carinhosamente e sussurrou:

“Estava com saudade.”

Sorri.

“Eu também.” Na verdade, eu não tinha pensado nele nem uma vez. O dia tinha sido terrível. Ele pegou minha mão e a deixou no colo.

“Então, como estão todos?”, perguntei, pegando uma lata de cerveja de um saco no chão. Nunca fui muito de beber, mas como disse... o dia tinha sido terrível.

“Excelente, obrigada”, Ashley respondeu, se espreguiçando e deixando a cabeça cair para trás, de modo que ficou olhando para o céu, que tinha um tom profundo de azul de fim de tarde. “Quase vale a pena passar pelo inferno das provas para ter a alegria deste

tempo livre depois.” Suspirou contente. “Se eu não tivesse que trabalhar na loja da minha mãe, a vida seria perfeita.”

“Ah, olha só você, toda felizinha”, Rich comentou, carinhoso. Sorriu satisfeito. “Quase... positiva?”

“Não enche.” Ash deu um chute leve na batata da perna dele. “Continuo bastante sombria, muito obrigada.”

“Você que sabe, Sarah-Jane.”

Ash franziu o rosto.

“Quem é Sarah-Jane?”

“Não sei. É só um nome de menina feliz.”

Ela ergueu uma sobrancelha. Ash levanta a sobrancelha de um jeito incrível.

“Trabalhar na loja da sua mãe está legal, então?”, perguntei.

“Acho que sim”, disse Ash, com os olhos fechados por causa do sol. “De um jeito esquisito em que eu meio que odeio todos os minutos lá.” Deu de ombros. “Mas não adianta reclamar.”

“Você odeia mesmo?”

Ash virou a cabeça e cerrou os olhos para mim.

“Bem, acho que se precisamos definir tudo certinho, então, não, não odeio. Basicamente é tranquilo, mas chato... Por que quer saber?”

“Por nada. Só batendo papo.” Comecei a empurrar a cutícula do polegar com o indicador.

“Então”, disse Jack, preenchendo a pausa um pouco estranha que se seguiu, “estávamos falando agora mesmo que deveríamos fazer uma viagem de férias. Conseguir um pacote de última hora para Portugal, Grécia, ou algum outro lugar.”

“Vai ser divertido”, Donna comentou animada. “Como Devon outra vez. Só que sem os quase afogamentos, é claro.” Ashley teve alguns problemas no mar quando viajamos no verão passado. Eu e Jack tentamos ajudar, e eu e ela acabamos passando algumas noites no hospital. Estranhamente, quanto mais eu pensava no assunto, mais assustada ficava, então tentava não pensar.

“Não vai dar”, falei, estremecendo, e não só por causa do afogamento. Eu não tinha dinheiro para viajar.

Ollie apertou minha mão.

“Não tem problema, linda.” Por um segundo achei que ele tivesse lido minha mente e descoberto a questão financeira, mas em seguida Ollie completou: “Não vou perder você de vista”, e percebi que ele queria dizer que eu não corria o risco de me afogar.

Sorri.

“Que cavalheiro.”

“Eca, Ollie”, disse Ash, com ânsia de vômito. “Acabei de comer.”

“Pois é”, Donna apoiou secamente.

“Acho fofo”, opinou Cass, sorrindo para nós. Ela foi péssima com Ollie nas semanas depois do término do nosso namoro de dois dias. Estava só me defendendo, mas foi longe demais. Ainda se sentia culpada, apesar de Ollie ter perdoado tudo. Desde então Cass andava exagerando nas gentilezas.

“É fofo”, Jack concordou. “Não há nada de errado em demonstrar um pouco de afeto.” Outro que estava se sentindo culpado pela maneira como tinha tratado Ollie.

“Então, a viagem”, Rich falou. E juntou as mãos. “Foco, pessoal. Vamos planejar... Cass, você pode nos mandar uma planilha, certo?”

“Ahhh, sim!”, ela disse. Ajeitou-se, como se estivesse se acomodando. “Tudo bem, vamos fazer o seguinte. Todo mundo encontra uma — só uma — promoção de férias e me manda o link. Aí eu coloco na planilha, comparo os preços e descobrimos a melhor opção.”

“Como vamos saber qual é a melhor?”, Ashley perguntou. “Que parâmetros você vai usar?” Sem desviar os olhos de Cass, ela levantou a mão para um “toca aqui”. “Isso mesmo, PARÂMETROS.”

“Boa”, disse Donna.

“Não sei”, Cass respondeu, impaciente. “Se tem piscina; horários de voo; proximidade da praia...” Pegou um caderno e uma caneta da bolsa. “Vamos fazer uma lista agora.”

Com um coro de resmungos, Ollie estendeu o braço e pegou a caneta da mão dela.

“Acho melhor eu pegar isso.” Sorriu e colocou a caneta atrás da orelha. “É para o seu próprio bem.”

Algumas semanas atrás ela teria lutado com ele pela caneta. Mas Cass apenas deu de ombros e sorriu. Entendeu o que estou falando? Gentil demais.

“Particularmente, não me importo com o destino, contanto que faça calor e tenha piscina”, disse Donna.

“Apesar de obviamente não querermos nenhum lugar babaca”, comentou Cass, franzindo o nariz. “Tipo festas vazias e cardápios escritos em inglês.”

“Você é uma esnobe, Henderson”, disse Ashley, balançando a cabeça. “Apesar de eu concordar com você no quesito cardápios em inglês.”

“Não é ser esnobe”, Cass respondeu de um jeito afetado. “É só uma questão de bom gosto. Vale a pena pagar um pouco mais para isso.”

Donna e Ashley trocaram um olhar. Cass era rica. Elas estavam longe disso. De toda forma, eu já estava cansada daquela conversa. Estava me deixando péssima. Inclinei-me para Ollie e murmurei:

“Acho que vou indo. Estou exausta.”

“Vou com você”, ele respondeu, levantando.

Empurrei-o de volta.

“Não seja bobo, é no fim da rua. Fique aqui.”

Ele analisou meu rosto, parecendo preocupado.

“Tudo bem, linda?”

Sorri.

“Nada que dez horas de sono não resolvam... Ligo amanhã de manhã.” Dei um beijo nele, repeti que estava cansada para todos e fui para casa. Em poucos segundos recebi uma mensagem de Cass.

Certeza que não é nada? Vc tava muito quieta. Bjss

Respondi:

Te ligo amanhã. Bjss

Percebi que ela ia achar estranho demais para não compartilhar com os outros, então mandei outra:

Mas tá td bem. Só uma dorzinha de cabeça. Bjss

Dormir cedo provavelmente não faria mal, pensei comigo mesma enquanto tirava a roupa. Eu tinha que me preparar para uma manhã incrível, distribuindo meu currículo por Brighton. Uma onda súbita de frustração e estresse, porque esse não era *o plano original*, me fez afundar na beira da cama, com a calça na metade das pernas. Estava com inveja de todo mundo que não precisava trabalhar, e com raiva de mim por não ter aproveitado mais o tempo livre que tivera. Não tinha feito nada, passara um mês dormindo tarde, vendo televisão e olhando para o teto. Uma bela maneira de deixar uma marca no mundo. Eu queria ser escritora, então, onde estavam meus contos, minhas ideias, anotações de pessoas e lugares que talvez pudessem ser utilizadas em uma história futura? Tirei a calça, amassei e a atirei no meu pôster da Audrey Hepburn. A verdade é que eu não escrevia por prazer desde mais ou menos os dez anos de idade. Achei que teria todo o tempo do mundo para essas coisas. Meu pai já tinha falado muitas vezes sobre cortes no trabalho. Será que ele sabia que isso podia acontecer? Fiquei sentada por um instante, depois vesti a calça do pijama e fui para o quarto de Dan.

Bati.

“Dan?”

“Que foi?”

“Posso entrar?”

“Não.”

Abri a porta. Ele estava sentado no chão, de pernas cruzadas, cercado por Legos. Um folheto de instruções estava aberto à sua frente.

“É para crianças entre...”

“Oito e catorze, eu sei”, falei, sentando na cama dele. Observei-o reunindo as peças de maneira quieta e metódica.

“Esqueceu uma”, falei, apontando. Ele a colocou na pilha direita, mas não disse nada. “Posso ajudar?”

Dan deu de ombros, então sentei no chão ao lado dele.

“Isso que aconteceu com o papai é péssimo”, falei. Ele deu de ombros de novo. “Não discordo de tudo o que você disse, aliás.”

“Obrigado”, ele respondeu sarcasticamente. “Poderia ter dito alguma coisa antes.”

“Você *foi* um pouco duro”, continuei. “Mas andei pensando desde então.”

“Eu também.” Dan começou a encaixar as peças. “Ele é um babaca.”

“Eu não diria isso.” Entreguei a ele a próxima peça da sequência. “Mas acho que foi ingênuo.”

“Foi um babaca.” Ele estava com o olhar fixo na peça que tinha na mão, e percebi que tentava não chorar de novo.

“Sinto muito pela França”, falei.

“Estou cagando para a França”, Dan respondeu com raiva. “Agora não importa mais. Eu ficaria com vergonha demais para ir, tendo um pai que vive de auxílio do governo.”

“Ele não vai viver de auxílio”, falei, apesar de, agora, pensando a respeito, ter concluído que ele provavelmente teria esse direito. “De todo jeito, a mamãe ainda tem o emprego dela. Não é o fim do mundo.”

“Pais têm que trabalhar”, ele disse solenemente.

“O quê?” Quase ri. “De onde você tirou isso?”

“É como as coisas têm que ser”, respondeu. “Todos os pais dos meus amigos trabalham.”

Pensei nessa frase.

“E o pai do Max? Ele não trabalha.”

Dan me lançou um olhar fulminante.

“É aposentado. É diferente.”

“Ah.” Comecei a ajudar a montar, distraída. Dan pegou as peças de mim.

“Não, você vai estragar tudo.”

“Talvez todos os pais dos seus amigos trabalhem, mas estamos em crise. Muitas pessoas perderam o emprego. Não é culpa delas.”

“Você acabou de dizer que o papai foi ingênuo.”

“Eu sei.” Suspirei e fiquei de joelhos. “Não acho que seja *culpa* dele. Só acho que poderia ter previsto... Enfim, se irritar com ele não vai ajudar ninguém.”

Dan resmungou com desdém, em seguida falou:

“Por que veio aqui?”

“Estou chateada. Achei que podíamos ficar chateados juntos.”

Ele inclinou a cabeça para o lado e abriu um sorriso grotesco para mim.

“Que gracinha.”

Eu já estava de saco cheio.

“Você não precisa ser um idiota a vida inteira”, falei. “Achei que fosse querer um pouco de apoio.”

“Não quero.” Passou o punho no nariz, olhou o resultado, em seguida limpou no carpete. Nojento.

“Você me dá nojo”, falei.

“Problema seu.”

Pelo amor de Deus. Saí do quarto dele, fui para o meu, me joguei na cama e chorei.



“VAI USAR ISSO?” Minha mãe estava ao pé da escada, olhando para cima, com os braços cruzados.

“O que tem de errado?” Levantei cedo, tomei banho e vesti uma calça jeans preta que batia no calcanhar e minha camisa branca de renda. Fiz um rabo de cavalo baixo. Inteligente, mas não tanto.

“Está tentando arrumar um emprego, querida”, ela disse, subindo em minha direção. “Não está indo até o bar. Vamos, eu empresto alguma coisa.” Eu a segui até o quarto com relutância. Ela revirou as roupas de trabalho no armário e então pegou um terninho azul.

“Aqui, experimente este. Pode usar com essa blusa.”

Ela ficou olhando enquanto eu me vestia, em seguida ajustou o colarinho e arrumou a saia para o zíper ficar na lateral do quadril.

“Pronto. Está linda. Muito elegante. Viu?” Abriu a porta do armário onde ficava o espelho de corpo inteiro. Eu estava horrorosa. A barra da saia ficava abaixo do joelho e fazia minhas batatas da perna ficarem enormes; o paletó era grande demais; e a blusa não combinava.

“Não vou usar isso de jeito nenhum”, falei, virando e desabotoando o paletó. “Está ridículo.”

“Não seja boba”, minha mãe respondeu animada. “Está ótima, e vai se destacar das outras meninas de dezoito anos que estão procurando um emprego. Confie em mim.”

Olhei de novo o espelho. Eu parecia uma criança brincando de secretária.

“Tem certeza?” Virei e tentei olhar minha bunda, mas estava perdida naquele tecido azul pesado. “Aliás, isso não é um terninho de inverno?”

“De jeito nenhum. Eu uso o ano inteiro — é um dos meus preferidos”, disse minha mãe. Não falei para ela que o estilo “gerente de marketing de quarenta e oito anos” não era bem o que eu queria.

“Também vou levar meu currículo para bares, sabia?”, falei. “Não vão querer alguém com essa roupa.”

“Vão ficar impressionados com o seu esforço.” Ela me levou para fora do quarto. “Agora vá. E boa sorte.”

Enquanto andava até o ponto de ônibus, fiquei imaginando por que, mais uma vez, deixei minha mãe me forçar a fazer as coisas do jeito dela. Era um tanto impressionante (além de muito irritante, claro). Parecia que eu estava presa no feixe de luz da retidão materna, momentaneamente incapacitada de enxergar que, na verdade, ela estava muuuuito errada. Pelo menos vetei os sapatos de velha que ela queria que eu usasse. Sugeri até que eu pusesse uma meia-calça azul horrorosa fio *dez*. Maquiagem padrão loja de departamento: eca, eca, eca. Olhei para o All Star que calcei rapidamente, depois de me despedir. Achei que pudessem fazer o terninho parecer uma escolha irônica, mas agora estava claro que, na verdade, me faziam parecer louca. Enfim. Não tinha nada a fazer além de ignorar. Mantive a cabeça erguida, estiquei os ombros e entrei no ônibus.

Meu plano era cobrir o shopping Churchill Square e o centrinho. Eu ia deixar meu currículo em qualquer lugar onde suportasse a ideia de trabalhar, o que basicamente incluía qualquer coisa que não envolvesse tecnologia ou videogame. Eu não queria passar meu verão atendendo nerds e os amigos do meu irmão (o que dá no mesmo), e, de qualquer forma, não sabia muito sobre tecnologia nem sobre jogos.

Foi deprimente. Em todas as lojas em que eu entrava tinha uma conversa assim:

Eu, exibindo um sorriso radiante:

“Oi! Estou procurando um emprego para o verão! Posso deixar meu currículo?”

Pessoa da loja:

“Desculpe, não estamos contratando ninguém no momento.”

Eu, sorriso agora duro:

“Tudo bem! Mas posso deixar meu currículo assim mesmo? Obrigada de qualquer jeito!” *Deixo o currículo no balcão, vou embora.*

Depois de três horas, fui até o McDonald's, comprei uma promoção do McChicken, sentei a uma mesa próxima da janela e me acomodei. Passava os olhos sem prestar atenção por uma revista feminina que alguém deixou para trás, quando surgiu uma sombra sobre a página.

“O que está fazendo? Passei o dia ligando para você!” Cass puxou uma cadeira, empurrou alguns farelos para o chão e sentou.

“Desculpe.” Afastei a revista. “Estava fazendo compras?”

“Estava.” Ela apontou para um amontoado de quatro ou cinco sacolas aos seus pés. “Comprei uma saia de couro linda na Zara. Tem uns detalhes na barra... E comprei umas sandálias e um vestido jeans da Topshop. E você?”

“Não estava fazendo compras.”

“Sim, *o que* você estava fazendo?”, ela perguntou, franzindo o rosto. “E, sem querer ofender, o que é essa roupa?”

“O terninho da minha mãe”, respondi triste. “Eu estava procurando emprego.”

“Ah.” Cass pareceu espantada. “Por quê?”

Suspirei e comecei a amassar a caixa do sanduíche.

“Porque meu pai foi dispensado ontem.”

“Ah, *não*.” Ela pareceu arrasada. “O que aconteceu?”

Dei de ombros.

“O departamento dele vai ser fundido com outro. Ele não foi o único demitido.” Talvez não fosse verdade, mas eu não queria que Cass achasse que ele perdeu o emprego por não ser bom. “Estou procurando trabalho para ajudar com os custos da universidade.”

“Meu Deus, as coisas estão tão ruins assim?”, ela sussurrou, como se eu tivesse acabado de anunciar que ia começar a vender meu

corpo para pessoas com fetiches envolvendo terninhos do tamanho errado. A questão é que Cass provavelmente era a pior pessoa com quem conversar sobre isso. A família dela era milionária. Tiravam férias três vezes por ano, tinham quatro carros e só comiam comida orgânica. Ela uma vez me contou que seu pai queria comprar um apartamento em Cambridge para ela, para quando fosse para a faculdade. E não estou falando em dar entrada ou pagar uma hipoteca, mas comprar mesmo. Cem mil, simples assim, ou sei lá quanto custa um apartamento em Cambridge.

“Não tem nada de mais, Cass”, falei, tentando não parecer irritada. “Ainda temos o salário da minha mãe. Só estou fazendo a minha parte.”

“Sim, claro”, ela disse rapidamente. “Digo, eu estava pensando em arrumar um emprego quando começasse a faculdade.” Mas não me olhou nos olhos.

“Certo.”

“Eu precisava mesmo dessas coisas, aliás”, ela disse, gesticulando para as sacolas de compra. “Tipo, estava olhando meu armário hoje de manhã e percebi que praticamente não tenho vestidos de verão e que minhas sandálias do ano passado estão acabadas. E a saia de couro é, tipo, um clássico atemporal. Vou usar para sempre.”

“Claro”, falei outra vez, a irritação batendo como uma mosca muito irritante em um abajur de design bastante irritante.

“Enfim.” Ela apertou minha mão. “Vocês vão ficar bem, eu sei que vão. Seu pai vai arrumar um emprego, e você não vai precisar mais trabalhar... Conseguiu alguma coisa, aliás?”

Balancei a cabeça.

“Não.”

“Ah. Bom. Vai conseguir.” Ela sorriu para me encorajar. Fez uma pausa, mastigando a parte interna da bochecha. “Tenho que ir, mas você vai ficar bem? Quer que eu fique? Posso ficar, se quiser.”

“Cass, estou procurando emprego, não me preparando para uma cirurgia. Tá tudo bem.” Ela apertou os olhos. “Sério! Meu Deus.”

“Tá, se você tem certeza.” Ela se levantou, pegou o monte de peças essenciais para o verão, me deu um beijo e um último olhar de preocupação e foi embora. Respirei fundo. Foi muito mais difícil

do que deveria ter sido. Para acabar com o assunto de uma vez, mandei uma mensagem rápida para Donna, Ashley, Jack e Rich.

Só pra avisar, meu pai foi dispensado ontem.
Tá arrasado, claro, mas vamos ficar bem. Conto tudo quando encontrar vocês. Bjss

Quase imediatamente recebi uma resposta de Ashley:

Que merda. Bebidas por minha conta, então.
Que bom que você consome pouco.

Esse era o tipo de reação de que eu precisava. Enquanto voltava para o ônibus, com respostas semelhantes chegando dos outros, mandei uma mensagem para Ollie, para contar a notícia. Ele me ligou de volta na hora.

“Tadinha”, ele disse.

“É”, respondi, tentando não soar muito arrasada. “É chato. O que você está fazendo?”

Ele resmungou.

“Indo para o hospital com a minha mãe para a consulta psiquiátrica dela. Não quero que ela fique sozinha hoje. Sinto muito. É que ela tem hora marcada.”

“Não seja bobo, está tudo bem”, falei. “De qualquer forma, estou cansada e um pouco suada. E com roupas ridículas.”

Ele assobiou através dos dentes.

“Ufa. Escapei dessa.”

Ri.

“Mas mesmo assim estou muito sexy.”

“Linda, não duvidei nem por um segundo.”

Cheguei em casa me sentindo melhor depois da conversa de dois minutos com Ollie, tirei feliz o terninho da minha mãe e entrei igualmente feliz em um banho frio. Quando terminei ouvi uma mensagem de voz de uma das lojas onde tinha deixado meu currículo. Queriam que eu fosse fazer uma entrevista no dia seguinte! Acabou não sendo tudo tão inútil, afinal. Liguei de volta para confirmar e, em seguida, me sentindo perigosamente próximo

de “bem”, levei uma xícara de chá e um pacote de biscoito para o jardim. Talvez eu até conseguisse um desconto de funcionária. Isso faria Cass sentir menos pena de mim. E estava pensando nisso desde que saíra do McDonald’s: ter que trabalhar durante o verão seria um saco, mas pelo menos eu começaria a faculdade com alguma experiência profissional. Todas as notas A do mundo (e Cass tinha quase todas) não poderiam compensar a total ausência de experiência profissional. Ou pelo menos foi o que eu disse a mim mesma. Fiquei me imaginando indo à loja todos os dias, usando a caixa registradora com confiança, reclamando com meus colegas de trabalho, andando pela cidade no horário de almoço. Podia até ser divertido. Decidi não contar para os meus pais até conseguir o emprego. Não adiantava nada dar esperanças e, mais importante, eu não ia usar as roupas da minha mãe de novo de jeito nenhum. Eu ia vestir jeans preto e blusa de renda.

“Você não devia estar na rua ganhando dinheiro?” Dan entrou no jardim com o uniforme da escola e uma lata de coca-cola na mão.

“Engraçadinho. Consegui uma entrevista, na verdade, então você pode ficar quieto.” Lá se foi meu plano de guardar segredo. Eu já tinha muito com que me preocupar: não tinha importância se meus pais descobrissem um dia antes da entrevista.

Ele fez uma cara de *ahh, olha só para você* e sentou na espreguiçadeira ao lado da minha. Era óbvio que queria conversar. Normalmente, quando chegava da aula ia direto para a sala e ligava a TV.

“Como foi seu dia, então?”, perguntei, abaixando meu livro.

“Foi bom, na verdade.” Ele bebeu tudo, amassou a lata e arrotou. “O pai de Johnny perdeu o emprego no ano passado. Eles fizeram um safári na África com o dinheiro da demissão. Ele acha que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Tipo, dão dinheiro para você encontrar um emprego mais legal.”

“Nós não vamos para a África, Dan. Você sabe disso, certo? Papai não vai ganhar tanto dinheiro, e eles vão querer economizar, caso não arrume outro emprego. O que o pai do Johnny fazia?”

“Alguma coisa no centro de Londres”, falou com o queixo empinado, como se estivesse me desafiando a contestar o óbvio.

“Ah, Dan, ele com certeza ganhou muito dinheiro. Muito, muito, *muito* mais do que o papai.”

“Tudo bem, já entendi”, respondeu, franzindo o rosto. “Não sou burro. Mas papai ainda pode conseguir um emprego logo, e aí vamos poder usar o dinheiro.”

“Pode ser”, falei, e nada mais. Pela primeira vez desde a manhã anterior eu estava me sentindo bem. Explicar a dura realidade era a última coisa que eu queria.

“Então, viu?”, Dan falou, levantando. “Enfim, preciso cagar.”

“Que lindo.” Abaixei para pegar meu livro, em seguida cobri o rosto com a mão quando um cheiro horrível agrediu minhas narinas. “UGH! DAN!”

Ele virou, rindo.

“De nada.”

“Você é terrível.”

Ainda rindo, ele voltou para a casa. Pelo menos tinha se animado. Abanei as mãos para dispersar o cheiro, coloquei um biscoito na boca e voltei a ler.

Cheguei cinco minutos adiantada para a entrevista, mas concluí que era aceitável. Fui até a caixa, onde uma mulher muito bronzeada estava olhando uma pilha de recibos, as unhas perfeitas tamborilando discretamente. Ela levantou os olhos quando me aproximei. Abri um sorriso.

“Oi, sou Sarah Millar? Tenho uma entrevista às dez?” (Soar como se eu não tivesse certeza do meu próprio nome: belo começo.)

Ela rapidamente me olhou de cima a baixo, pelo menos a parte que conseguia enxergar, e pegou um telefone escondido sob o balcão.

“Pode avisar para Ella que a candidata chegou?”, falou, guardou o telefone e me disse para aguardar. Fiquei imaginando se deveria puxar papo, mas ela me deu as costas e começou a fazer alguma coisa com etiquetas de segurança. Passei devagar pelas araras, olhando à toa para as blusas e sentindo os tecidos. Eu estava encarando com uma espécie de fascínio horrorizado uma camisa

preta de manga comprida que parecia feita de meia-calça — *completamente* transparente — quando uma voz soou atrás de mim.

“Sarah?”

“Sim, olá!” Estendi a mão e a mulher a apertou com as pontas dos dedos, como se encostar uma palma na outra fosse anti-higiênico, grosseiro, ou coisa do tipo. Ela era mais ou menos uma cabeça mais alta do que eu, mas usava sandálias de salto muito alto, então devia ter a minha altura. Também estava, parecia, de pijama, apesar de ser um pijama de seda lindo. A calça batia na metade do tornozelo, e as duas peças eram pretas com estampas gigantes em prata e cinza. Em cada pulso usava pulseiras idênticas. Imediatamente me senti simples demais com meu jeans e minhas sapatilhas.

“Sou Ella”, falou, mostrando os dentes. Tudo bem, provavelmente estava sorrindo. Minha lembrança pode ter sido afetada pelo que se passou em seguida. Eu a segui até um escritório pequeno, com uma parede coberta por recortes de revistas e outra coberta por uma foto pixelada gigantesca de uma modelo na passarela. Ela se sentou atrás de uma mesa branca, com um laptop e pilhas de roupas e papéis em cima, e indicou que eu sentasse na cadeira à sua frente. Pegou uma caneta e começou a batucar a mesa enquanto me olhava sem dizer nada, com os lábios um pouco contraídos.

“Então, estou procurando temporários para a loja”, falou de repente. “Presumo que tenha experiência com vendas.”

Será que não tinha visto meu currículo?

“Hum... não”, respondi. “Não, ainda não. Acabei de terminar as provas.” Abri o que torci para parecer um sorriso vencedor. “Mas estou ansiosa para aprender.”

“Ah. Certo”. Ela parou de batucar na mesa e bateu com a caneta no dente da frente. “Então me diga”, ela falou. “O que acha da nossa nova coleção?”

Merda.

“Hum... É muito bonita... Gostei daquela blusa leve, transparente...”, deixei a frase no ar. Ela não pareceu impressionada.

“Certo, bom. O que mais?” Inclinou-se de leve para a frente. “O que, por exemplo, você recomendaria da nossa coleção?”

“Amei o que você está usando”, falei, rezando para o pijama contar como coleção especial. “Principalmente os sapatos.”

Ela abriu um sorriso pequeno.

“Bom, mas você sabe que não vendemos sapatos. Estes são [nome de uma marca de sapato que não reconheci e esqueci na hora].”

“Ah, sim. Claro”, respondi com desânimo. Que tipo de loja feminina não vende sapatos?!

“Continuando.” Sorrii brevemente. “Conte-me, onde você compra suas roupas? A de hoje, por exemplo, é de onde?”

Por uma fração de segundo cogitei mentir, mas concluí que era uma ideia idiota. Ela provavelmente tinha alguma espécie de radar para marcas.

“O jeans é New Look, a blusa, H&M, e...” — é possível que eu tenha fechado os olhos diante desse horror — “... os sapatos são da Primark.”

“Ah.” A voz dela ficou aguda, como se estivesse chocada que alguém usasse sapatos baratos para uma entrevista de emprego na sua loja. Detesto pessoas que olham com desprezo por causa da roupa, mas, naquele momento, eu teria dado tudo para estar com um sapato da Topshop ou ASOS.

“E não tem experiência com comércio?”, perguntou.

“Isso”, respondi, quase feliz, porque chega um momento em que você sabe que uma mulher glamorosa vestindo pijama de grife não vai querer contratar alguém com um jeans de vinte libras e um rabo de cavalo.

“Certo, bom.” Ela se levantou e estendeu a mão. “Entramos em contato. Muito obrigada por ter vindo.”

Gostaria de poder dizer que a avisei delicadamente que não seria necessário, porque eu já sabia o resultado, antes de sair de cabeça erguida, mas não posso. Porque sou uma idiota, senti o impulso de fazer uma última tentativa, então sorri como uma lunática e falei alguma coisa sobre meu entusiasmo sem fim em relação à moda. É possível que eu tenha dito que ela não se arrependeria de me dar o emprego. Juro que ela quase riu.

Ela ligou mais tarde, quando eu estava indo encontrar Ollie. Na mensagem de voz, ela disse que estava procurando alguém com mais

experiência, mas agradeceu assim mesmo. *De nada uma ova*, pensei furiosa. Qual é a dificuldade de ficar atrás de uma caixa recebendo dinheiro, ou na entrada dos provadores entregando plaquinhas com números? Bastava saber contar e lidar com limites extremos de tédio. Tudo bem, era preciso lidar com clientes difíceis — Ashley já tinha nos contado histórias suficientes sobre noivas enlouquecidas para que eu soubesse disso —, mas também não era física quântica, principalmente para alguém que detesta confrontos, como eu.

Maldita Ella. Eu também não queria trabalhar na porcaria daquela loja. Ela não sabia nada a meu respeito, mas bastou um olhar para fazer um resumo superficial de mim: deselegante, entediante, sem senso de moda, inexperiente. É verdade que eu fiz o mesmo com ela (superficial, arrogante, irritante), mas uma pequena parte de mim não conseguia deixar de admirá-la. Ou talvez não fosse exatamente admiração. Fascínio, quem sabe? Era como se ela estivesse do outro lado de um muro dizendo ADULTOS que eu estava *tão perto* de atravessar. Provavelmente era pouco mais velha do que eu, mas tinha um emprego e dinheiro suficiente para pagar manicure, bronzamento artificial e alisamentos. Eu a imaginei preparando café em uma máquina na sua cozinha toda branca; lendo uma revista de moda vestindo uma roupa cinza confortável e casual. Eu provavelmente sempre seria o tipo de menina que usa pijama de supermercado, mas às vezes desejava não ser. Cass era chique. Ela seria como Ella. Eu nunca seria. Eu era mais simples.

Meu coração deu um pequeno salto quando vi Ollie me esperando em uma mesa perto da janela do bar e, mentalmente me mandando parar com as lamúrias, fui encontrá-lo.

“McSarey!”, ele falou, dando um pulo. Ollie me beijou, em seguida me envolveu com os braços. Era a coisa mais incrível, ser lentamente puxada para perto dele assim. “Humm... Eu estava com saudade de VOCÊ!”, falou, me apertando forte ao dizer a última palavra.

“Uf!” Exagerei na bufada. “Você é bem fortinho, não?”

“Sou.” Ele me soltou, beijando o topo da minha cabeça. “O que vai beber? Coca zero?”

Franzi o nariz.

“Um Bacardi Breezer. De melancia, por favor.”

“Tá. O dia foi bom? Como está o seu pai?”

“Mesma coisa. Desempregado.” Sentei. “E o dia foi uma merda.”

“Ah.” Ele fez uma expressão dramática que dizia *oh-oh*. “Já volto.” E saiu correndo, tão depressa que, quando chegou ao bar, teve que se segurar para breicar. Eu adorava ver como ele estava feliz em poder fazer isso, agora que seu coração estava bem, apesar de as pessoas ficarem olhando. (Também gostava do fato de ele não ligar para as pessoas olhando.)

“Seu bobo”, falei quando ele voltou com as bebidas e uns cardápios do bar.

“Não, não sou, sou másculo e sério.” Sorriu e passou a mão no cabelo. Estava com uma camisa branca com as mangas compridas ligeiramente puídas chegando quase até as juntas dos dedos. Tinha alguma coisa na maneira como os dedos apareciam que era sexy. Não me pergunte por quê.

“Muito másculo”, concordei, assentindo. Brindei, batendo a minha garrafa no copo dele.

Ollie se inclinou para a frente e segurou minha mão sobre a mesa.

“Então, por que o dia foi ruim?”

“Ugh.” A sensação quase nauseante de estar sentada diante de Ella sabendo que ela tinha me achado um horror voltou. “Tenho que arrumar um emprego porque meu pai foi demitido, então passei, tipo, cinco horas andando pela cidade ontem, mas só um lugar me chamou para entrevista.” Falei o nome da loja, e ele me olhou sem entender. “Não se preocupe, eu não esperava que você conhecesse. Eu mal conhecia, para ser sincera.” Suspirei. “Enfim, a entrevista foi hoje. Não deu certo. Não sou sofisticada o suficiente nas minhas ‘escolhas de estilo’ e nunca trabalhei ‘com comércio’.” Fiz uma careta.

“Ou em loja, como dizem as pessoas normais”, completou Ollie.

“Exatamente.” Puxei o rótulo da minha garrafa. “Fui entrevistada por uma mulher superarrumada que claramente me odiou. Quando contei onde comprei meus sapatos ela quase desmaiou de desgosto.”

“Claramente uma vaca, então”, Ollie comentou. “Mas isso não chateou você, né? Você não liga para essas superficialidades — adoro

isso.”

Sorri.

“Obrigada. Eu sei, você tem razão. Mas mesmo assim não é legal se sentir ao mesmo tempo feia e uma merda.”

“Ah, cala a boca”, ele falou, sorrindo. “Ninguém pode achar que você é feia. Nem mesmo um cego. Bastaria ouvir sua voz para saber que você é uma menina totalmente maravilhosa.”

“Sei lá”, falei, sorrindo, e só um pouco constrangida por ele ter dito algo tão meloso. “Não me importo. E não queria mesmo trabalhar naquela loja idiota.”

“Exatamente.” Bebemos em silêncio por um tempo. Passei a ponta dos dedos na palma da mão de Ollie. “Você vai achar alguma coisa, linda”, ele falou. “Pode não ser a próxima entrevista, nem mesmo a seguinte, mas vai arrumar um emprego. Sei disso.”

“Ah, sabe?” Lancei um olhar a ele.

“Sim, eu sei, na verdade.”

“Tudo bem. Acredito em você.” Dei a volta na mesa com minha cadeira para ficar ao lado de Ollie e coloquei o braço dele sobre os meus ombros. “Você é ótimo, de verdade”, falei, me aconchegando.

“Você também”, ele disse, beijando a lateral da minha cabeça. “Tão ótima, aliás, que vou comprar uma porção de batatas fritas para você.”

“O que mais uma garota poderia querer?”, respondi com um suspiro.

Foi uma noite muito agradável. Perguntei a Ollie sobre a consulta de Kelly, e ele disse que ela estava muito bem, depois falou mais sobre a infância, e eu contei mais sobre meu pai e como Dan estava digerindo. Tinha dito para meus pais que não chegaria tarde, então Ols me acompanhou até o ponto de ônibus.

“Queria ir com você”, Ollie falou no meu cabelo.

“Eu também”, falei. Olhei para ele e sorri. “Logo, logo, Ols.” Ele entendeu o que eu quis dizer. E me levantou em um abraço gigante.

Mais tarde eu estava olhando o Facebook antes de deitar quando recebi uma mensagem de Ashley.

Ashley: Ei, moça, Cass me contou que vc tá procurando emprego. Passei numa livraria chamada Hanff's hoje perto do centrinho. Não sei por que olhei para a vitrine, mas estão contratando. É um sinal! Literalmente!

Sarah: ASH, VOCÊ É UM ANJO! OBRIGADA! Tive uma entrevista horrrosa hoje em uma “loja” de “moda”. Livraria me parece bem melhor. Não vão ligar que minha calça jeans não tem marca.

Ashley: Não sei. Podem querer que você use tweed.

Sarah: No fundo eu bem que gostaria de usar.

Ashley: Você ficaria ÓTIMA.

Sarah: Eu sei ;) Como vc tá?

Ashley: Tudo bem. E vc? Acho que a gente não conversa direito há séculos. Vc tava muito quieta no parque.

Sarah: Eu sei, desculpa. Tinha acabado de ficar sabendo do meu pai e ainda estava chocada. Mas tô bem. Tentando seguir em frente sem pensar muito no fato de que basicamente temos a metade do dinheiro que tínhamos antes.

Ashley: É uma merda, mas você vai ficar bem. A gente sobrevive com pouco, como vc sabe.

Sarah: Eu sei. E como vai o Dylan?

Ashley: Tudo bem. Nenhuma novidade (sorte minha, né?). E Ollie? Como vão as coisas??? Se vc não estivesse no meio de uma crise familiar, acharíamos que está nos ignorando.

Sarah: Opss. Foi mal Não quero ignorar ninguém. Como disse: crise familiar. Mas tudo bem com Ollie. Ele é ótimo, e parece gostar MUITO de mim!!!

Ashley: NÃO BRINCA, SHERLOCK!!! Ele gosta de vc há treze anos! Mas é estranho pensar em vocês dois TRANSANDO. É como pensar em mim e Donna transando, ou coisa do tipo.

Sarah: Eca, nããããã, não é. Mas se essa foi sua maneira de me contar que riscou “sexo lésbico” da sua lista, sou TODA OUVIDOS!

Ashley: Não, infelizmente, esse item continua em aberto (imagens mentais). Enfim, não muda de assunto. Estamos

falando sobre vc e Ollie...

Sarah: Hum, você estava falando sobre isso. Se quer saber, não TRANSAMOS nenhuma vez desde que voltamos.

Ashley: Quê???? Por que não????

Sarah: Não sei. Simplesmente não rolou. Não tem problema.

Ashley: E Ollie está tranquilo com isso?

Sarah: Claro. Ele gosta muito de mim, lembra? Vai rolar logo, e prometo que vc vai ser a primeira a saber. Bem, a segunda. Provavelmente é melhor contar pro Ollie primeiro.

Ashley: Acho que ele vai perceber quando o pinto dele entrar na sua perereca.

Sarah: ASHLEY!

Ashley: Rs! Enfim, tô indo pra um encontro pinto/ perereca com o Dylan. Até mais.

Sarah: Obrigada por me deixar com essa imagem! :P Vamos nos encontrar logo, tá?

Ashley: Isso. Me mantenha informada sobre a história do sexo.

Sarah: Pode deixar, minha amiguinha pervertida. Obrigada de novo pela dica da livraria. Bjsss

Ashley: Bjsss

Fui direto para a livraria no dia seguinte — passei o caminho inteiro dizendo a mim mesma para não alimentar esperanças. Enquanto alimentava esperanças. Mas depois do fiasco com Ella, eu estava me preparando. Ser rejeitada em uma loja de roupas era uma coisa, mas receber o mesmo tratamento de uma livraria seria basicamente intolerável. Livros eram meus amigos. Eu era careta na vida real porque podia ter uma vida assustadora e cheia de riscos através dos personagens dos meus livros. Seria como uma traição pessoal se não me considerassem boa o suficiente para trabalhar em um lugar como esse, e, a julgar pelo site, a Hanff's parecia *perfeita*.

Mas até que eu estava me sentindo bem, apesar do nervosismo. Estava usando exatamente a mesma roupa da véspera, porque eu gostava, e ficava bem em mim. Ella podia ir para o inferno com seu pijama idiota. Levei uma cópia do currículo em uma pasta

transparente e estava pronta para conversar sobre livros pelo tempo que quisessem, e provavelmente um pouco mais.

Foi amor à primeira vista. Sério, entrei pela porta e quase perdi o fôlego de alegria. O lugar cheirava a páginas e madeira, que são dois dos meus aromas preferidos no mundo. No começo pensei que fosse apenas uma loja pequena, mas então percebi que havia portas que davam em outras áreas. Andei por ali, para captar a essência do lugar, parando o tempo todo para pegar um livro ou passar a ponta dos dedos por uma fileira de lombadas descoordenadas. Na verdade, o lugar era bem grande. Havia alguns setores de não ficção; um setor grande de ficção; uma área inteira só de livros de arte (Oba! História da arte era a minha área! Muito perfeito); e uma pequena salinha para crianças com pufes e brinquedos. Misturavam livros novos e usados, o que aumentava o estilo caverna de Aladim da coisa, e na sala dos fundos havia algumas mesas e uma portinhola que dava para uma cozinha onde era possível pedir bolos caseiros. Portas-balcão abriam para um pequeno jardim com mais uma mesa. Em resumo, se tornou imediatamente meu lugar preferido no mundo, e fiquei tão desesperada para trabalhar ali que teria feito qualquer coisa para gostarem de mim. Até pagaria, provavelmente.

Voltei até a mulher na entrada. Era uma senhora — provavelmente de quase sessenta anos —, bonita num estilo Judi Dench. Tinha cabelo curto, encaracolado, castanho e grisalho, e vestia uma camisa de manga comprida com listras pretas e brancas e um broche de metal delicado em forma de coração. Não um coração de amor, mas um coração anatômico de fato, com veias e ventrículos em tons de vermelho-escuro.

“Olá”, ela falou, sorrindo.

Estendi meu currículo.

“Olá, sou Sarah”, falei. “Gostaria de me candidatar para a vaga.”

“Ótimo!” Ela soou sincera, mas tinha um sotaque americano, e americanos sempre parecem entusiasmados. “Obrigada, Sarah.”

“Além disso, amei a loja”, continuei. “Não acredito que nunca vim aqui.”

Ela riu.

“Ouço muito isso. Já deu uma olhada?”

“Sim, é incrível!”, respondi. “Já vi, tipo, cinquenta livros que quero comprar, principalmente na parte de arte. Vou estudar história da arte na faculdade, então...” Deixei a frase solta, e pensei na hora que deixar frases soltas no ar talvez não fosse uma maneira muito literária de falar, mas àquela altura era tarde demais para continuar sem parecer muito estranha, então apenas sorri e torci para ela não me julgar por isso.

“Ah. Onde quer estudar?”

“Manchester ou Leeds”, falei. “Espero que Manchester.”

“Não diga! Eu estudei história da arte em Manchester.”

“Uau, sério?”, perguntei. “Mas você é...”, interrompi-me, sem saber se ia dizer algo inconveniente.

“Americana?”, ela sorriu. “É engraçado, minha família acha que eu sou totalmente inglesa. Vim para cá aos dezoito anos. É uma longa história... Está na hora do meu intervalo, na verdade. Vamos tomar um chá?”

“Claro”, respondi, meu corpo dando pulinhos de empolgação.

“Ótimo”, ela pegou um sino e tocou duas vezes. “Só estou chamando reforços”, explicou. Um menino alto com cabelo loiro-escuro e óculos veio da sala ao lado.

“Jackson, esta é Sarah”, disse a mulher. Ela virou para mim. “Sou Kate, a propósito. Desculpe, deveria ter dito.”

“Tudo bem... Oi, Jackson”, falei, acenando com a mão levantada. Ele sorriu e me cumprimentou de volta. Era muito bonito, agora que dava para ver de perto. Tinha cabelos grossos e desgrenhados, e os óculos acentuavam o desenho da mandíbula. Estava com uma calça marrom-escura, uma camisa azul-clara e tênis de cano longo, não que eu estivesse olhando (não estava, na verdade! Só acabei reparando. Culpa da Ella).

“Está indo para o intervalo?”, ele perguntou para Kate.

Ela saiu de detrás da mesa.

“Sim, eu e Sarah vamos tomar chá e comer bolo.”

Fui com ela para a área com as mesas.

“Tenho um bolo de mirtilo que precisa acabar”, ela disse. “Você me faria um favor se comesse um pouco. E vou preparar um bule de chá. Você gosta de chá?”

“Sim, adoro. E de bolo”, respondi, enviando vibrações de agradecimento a Ashley por ter me apresentado aquele lugar maravilhoso.

Kate desapareceu na cozinha.

“Fique à vontade”, ela falou pela porta. “Não demoro.”

“Certo.” Sentei por um instante, completamente imóvel. Um raio de sol entrava pelas portas-balcão e batia exatamente onde eu estava sentada. Em um instante ficaria quente demais, mas naquele momento estava ótimo. “A loja é sua?”, perguntei alto, mas ela não respondeu.

“Desculpe, falou alguma coisa?” Ela entrou carregando uma bandeja prateada cheia de coisas. Colocou uma chaleira marrom, um pequeno jarro de leite, duas xícaras antigas que não combinavam e dois pires sobre a mesa, e em seguida pedaços enormes de bolo de mirtilo com o que parecia ser cobertura de limão.

“Só estava perguntando se a loja é sua”, repeti.

“Sim, é minha”, ela disse, servindo o chá. E fez um movimento satisfeito. “Ah, ainda *amo* dizer essas palavras! Faz só um ano que comprei.”

“Isso explica por que não conhecia”, falei. “Mas parece que já está aqui há séculos.”

“Obrigada, é exatamente essa a intenção. Quero que seja atemporal.”

“E é mesmo, principalmente com as prateleiras de madeira e a mistura de livros novos e antigos.” Comi um pedaço de bolo. Talvez estivesse um pouco seco, mas a cobertura estava ótima. Poderia ter comido ele inteiro. “O bolo está uma delícia, por sinal.”

“Obrigada. Não faço todos, apesar de ter feito esse. Meu amigo Julian normalmente cuida dos bolos, mas hoje ele está ocupado, então estou ajudando no que posso.” Limpou a boca com um guardanapo. “Então, acho que é melhor entrevistar você.”

“Sim, por favor!”, falei, sorrindo como uma idiota ao mesmo tempo que me lembrava de que não devia alimentar esperanças. Mas era tarde demais. Estava muito esperançosa.

“Já trabalhou em alguma livraria?”

“Não. Nunca.” Meu coração desabou.

“Ah, tudo bem.” Ela fez um gesto de que não importava. “Não é difícil. Um pouco de bom senso, capacidade de comunicação, saber usar a calculadora... Você gosta de ler?”

“É provavelmente a coisa de que mais gosto no mundo”, respondi com sinceridade.

“Ótimo, porque *isso* é importante”, ela disse, espetando o ar com o garfo do bolo. “Me fale sobre seus livros favoritos.”

“Amo *Jane Eyre*”, comecei. “É para ele que sempre volto quando quero ler algo reconfortante e familiar, ou quando preciso me alegrar.”

“Também adoro”, ela falou. “E *Morro dos ventos uivantes*?”

“Gosto”, falei. “Mas não tanto quanto de *Jane Eyre*. Não sei por quê. Acho que talvez tenha lido *Morro dos ventos uivantes* cedo demais. Tinha só doze anos e não consegui terminar. Achei chatérrimo. Li de novo aos dezesseis e gostei muito, mas aí já era um pouco tarde. A primeira leitura marcou o livro para sempre, acho.”

“Sei como é”, Kate falou, assentindo. “Tentei e fracasei na leitura de *Middlemarch* aos onze anos, e até hoje nunca terminei. Tenho vontade, mas, por algum motivo, nunca acontece”, ela franziu o rosto. “É uma vergonha, na verdade. Não conte a ninguém, por favor.”

Ri e prometi que não contaria, em seguida falei mais sobre meus livros favoritos; ela me contou sobre os dela, e, quando dei por mim, o chá já estava frio.

Kate deu um gole e fez uma careta.

“Oh, céus. Eca.” Olhou o relógio. “Tenho que voltar.” Então olhou para mim. “Bem, Sarah, gostei de você. Gostaria de trabalhar aqui?”

“SIM!” Praticamente pulei da cadeira. “Adoraria! Obrigada!”

Ela riu.

“Ótimo. Fico feliz. Infelizmente, só consigo pagar o salário mínimo, mas você tem vinte por cento de desconto nos livros, e todo o chá que quiser. Que tal?”

“Parece ótimo”, falei, com as bochechas doendo de tanto sorrir. “Obrigada.”

“EU é que agradeço”, Kate disse, olhando mais uma vez para o relógio. Ela se levantou. “Ligo para falar sobre os horários, mas basicamente você está livre até setembro, e depois disso não vai estar livre nunca, porque, com sorte, vai estar em Manchester — certo?”

“Certo”, falei. “Mas vou estar por aqui nas férias.”

“Ah, sim. Bom saber”, ela disse. “E as férias universitárias duram séculos, não? Excelente!” Fui com ela até a entrada da loja, onde Jackson conversava sobre George Orwell com um senhor, ou pelo menos foi a impressão que tive. Falou alguma coisa sobre *1984*, pelo menos.

“Eu me despeço dele por você”, Kate disse sem som. Ela abriu a porta e usou o corpo para mantê-la aberta. “Bem, foi um prazer conhecê-la, Sarah.” Apertou minha mão. “Mal posso esperar para trabalhar com você.”

Eu podia esperar menos ainda. Isso, sim, é um lado bom de uma coisa ruim. Meu pai perde o emprego, e eu começo a trabalhar com a senhora mais legal que já conheci. Em uma livraria. Com desconto para funcionários. E bolo! Se fosse fazer uma lista do que gostaria no meu emprego ideal, seria basicamente isso. Fiquei animada com a ideia de conhecer Kate melhor e ouvir todas as suas histórias. Ela usava um anel no anelar esquerdo, mas não dava para tirar muitas conclusões quando havia anéis em todos os outros dedos. Principalmente quando o anel em questão era metálico e de caveira. Nada traduz mais o amor do que restos de esqueleto, pensei, rindo comigo mesma. Rir das próprias piadas não é muito legal, mas concluí que era perdoável, dadas as circunstâncias.

Queria contar para meu pai e minha mãe sobre o emprego pessoalmente, mas tinha marcado de encontrar o pessoal para falar sobre as férias, então ia ter que esperar. Férias: grande porcaria. Mesmo com meu novo emprego, não teria a menor condição financeira de ir. Estava trabalhando para ajudar com a faculdade; meus pais surtariam se eu gastasse todo o meu salário antes mesmo de começar o curso. E, de qualquer forma, queria ir para a faculdade mais do que queria viajar. Se eu não estivesse tão empolgada para contar a todos sobre meu emprego (meu emprego!), provavelmente

teria furado, mas o dia estava lindo, e uma tarde no jardim de um bar com meus melhores amigos era um bom programa, então fui.

“Você está linda”, disse Cass, quando a cumprimentei com um beijo. Ela e Jack conseguiram pegar a mesa mais longe da área de recreação infantil. Não que algum de nós se incomodasse com crianças, mas o trepa-trepa era barulhento.

“Obrigada. Você também”, comentei, em troca. Ela estava com um vestido branco solto e sandálias douradas de gladiador. Seus longos cabelos loiros brilhavam em suas costas. *Pescoço suado*, pensei, mas não falei.

“Quer vinho branco?”, ela perguntou, me servindo.

“Ótimo, obrigada.” Sentei. “Então... arrumei um emprego”, falei casualmente.

“Jura? Sarah, que ótimo!” Ela me entregou a taça. “Muito bem, amiga. É um dos lugares aonde você foi no outro dia?”

“Na verdade, não. É um lugar que Ashley me indicou... Talvez seja melhor esperar os outros chegarem para contar. Senão vou ter que repetir tudo.”

“Não vai precisar esperar muito”, disse Jack, apontando com a cabeça na direção de Ashley, Donna, Rich e Ollie, que atravessavam a grama em nossa direção. Uma criança pequena deu de cara com a perna de Ollie, em seguida caiu no chão e começou a chorar. Uma mulher correu até eles, e vi Ollie se desculpando exageradamente. Ela estava de cara feia quando chegou, pegou a criança e a abraçou, mas em poucos segundos estava rindo de alguma coisa que Ollie falou. Ele tinha um charme, esse menino... Por algum motivo, Jackson da livraria surgiu na minha mente. Quer dizer, por algum motivo mesmo. Obviamente porque ele era bonito, e do sexo masculino, assim como meu namorado incrível, Oliver Glazer. Eu não ia ficar me questionando por isso. Era possível apreciar a aparência física de alguém sem gostar da pessoa no sentido romântico. Eu fazia isso com meninas o tempo todo.

“Oi, namorada”, Ollie disse com sotaque americano. Tirou gentilmente o meu cabelo do rosto com uma mão e me beijou.

“Como foi a entrevista?” Sentou na cadeira ao meu lado, mexendo a mesa e fazendo a garrafa de vinho balançar.

“Entrevista? Que entrevista?”, Donna interrompeu. “Por que não me contou que tinha uma entrevista?”

Ri.

“Ei, Don?”

“Oi?”

“Tive uma entrevista.”

“Ótimo. Conta tudo.”

Rich interrompeu.

“Ei. Eu não sabia que você ia começar a trabalhar.”

“Deixe a garota terminar de falar, Richard”, Donna reclamou. “Shhh. Sempre interrompendo.”

“Sim, você nem sabe se ela *conseguiu* um emprego”, Ashley acrescentou. “E nesse caso sua pergunta não só foi impertinente, como também foi insensível.” Ela fungou. “Só estou falando.”

Acenei.

“Ei! Pessoal?”

“Desculpe, querida”, disse Donna, lançando olhares supostamente repreensivos para Rich e Ashley. “Continue.”

“É, então. Tive uma entrevista...”

Risos de todos. Que grossos.

Cruzei os braços.

“Querem que eu repita?”

Muitos “não!”, “argh!”, “*Sarah!*” de todos, e de Donna:

“Pelo amor de Deus, nããã!”

“Ai, bullying!”, falei, levantando os braços para me proteger dos ataques verbais. Tomei um gole de vinho. “Então, foi em uma livraria nova perto do centrinho...”

Ashley se intrometeu.

“De nada, aliás.”

Sorri para ela.

“Fui lá mais cedo, me dei super bem com todo mundo, e... consegui o emprego!”

Uma rodada de aplausos e alguns gritinhos vieram depois do anúncio, mas para ser sincera não foi a resposta efusiva que eu estava

esperando. Acho que, alguns dias antes, se algum deles me contasse que arrumou um emprego de verão, a minha primeira reação seria pena, então não podia culpá-los.

Fiquei imaginando se ficou óbvio que estava um pouco desapontada, então, para disfarçar, virei rápido para Ashley e disse:

“Te amo loucamente... É o melhor lugar do mundo. Muuuuito obrigada.”

“Como eu disse, de nada”, falou. “Que bom que deu certo.”

“Você ia adorar”, falei para Cass.

Ela franziu o nariz.

“Não é uma loja de livros usados?”

“Bem, é... Mas também tem livros novos.”

“Não compro nada de segunda mão. Você sabe disso.” Deu de ombros. “É a poeira. Nunca se sabe que tipo de pessoa deixou fragmentos de pele neles.”

Rich riu.

“Meu Deus, que nojo.”

“Pois é.” Cass arregalou os olhos. “Foi o que eu disse.”

“Nossa, não sabe o que está *perdendo*”, falei, um pouco irritada com minha melhor amiga pela segunda vez na mesma semana.

“Totalmente. Algumas das minhas roupas favoritas vieram de brechós”, disse Ash, que estava encostada na cadeira com os joelhos levantados e as enormes botas de motoqueira apoiadas na borda da mesa. “Só precisa lavar.”

Cass estava falando alguma coisa sobre não ser possível lavar livros quando Jack interrompeu.

“Hum... Ashley. Desculpe, mas você está usando... uma calçola de renda?”

Todos os olhos se voltaram para a região íntima de Ashley, totalmente em evidência pela posição em que estava sentada. Ela se levantou desajeitada e fez um gesto de *tcha-ram!* De fato estava usando uma calçola — branca, tipo shorts, com a barra bordada.

“Gostaram? Comprei no eBay.” Deu uma voltinha. A calçola estava baixa no quadril. Ash também usava um colete preto com pesponto branco formando o desenho de uma águia.

“Como não fica transparente?”, perguntou Cass, olhando para a calçola.

Ash passou o dedo por baixo da cintura e puxou um elástico bege.

“Calcinha cor da pele”, respondeu. “Mas eu não usaria na chuva.”

“Adorei”, respondi com sinceridade. “Está linda.”

“Está mesmo”, disse Donna. “Você provavelmente é a única pessoa do mundo que consegue ficar bem usando isso.”

Ollie estava com a cabeça inclinada para o lado e um dedo nos lábios contraídos.

“Humm... Não consigo decidir se é estranho ou sexy, como um pornô vitoriano...” Sorriu. “Sim, definitivamente pornô. Como espectador, sou fã. Muito bem.”

“Obrigada, pessoal”, disse Ashley com ironia. “Mas, já que estamos falando no assunto...” Olhou para Jack. “O que estava fazendo me olhando assim, menino?”

Ele esticou as mãos.

“O que posso fazer? Sou humano.” Sorriu e ficou levemente enrubescido. Há algumas semanas isso teria sido muito estranho vindo de Jack, porque, apesar de ser um gênio, atleta e lindo, era virgem e tímido. Tinha relaxado muito mais desde que começara a namorar Hannah.

“Uuh, Jack galanteador”, disse Ash, olhando para ele. Jack ficou ainda mais vermelho, o que era ao mesmo tempo fofo e engraçado, porque Ashley não fazia o tipo dele, e vice-versa. O namorado de Ashley, Dylan, era um Edward Cullen misturado com Russell Brand em termos de estilo e aparência. Jack era mais um Zac Efron da era *High School Musical*. De todo jeito, foi engraçado. E eu estava adorando o fato de que a conversa nem sequer passou perto do assunto férias.

“Então, temos que conversar sobre a viagem de férias”, disse Cass.

Ah.

“É, desculpe não ter mandado nenhum link”, disse Ashley, fazendo uma singela careta.

“Não se preocupe, você não foi a única”, ela respondeu, contraindo os lábios. Olhei para os outros. Ao que parecia todos estavam olhando para as próprias mãos com expressão culpada.

“Alguém mandou alguma coisa?”, perguntei.

“Na verdade, não.” Cass jogou o cabelo para o lado e, em seguida, abriu um sorriso largo. “Então, como obviamente decidiram que a encarregada sou eu, tomei a liberdade de fazer uma lista com três opções.”

“Viu? Sabíamos que você daria um jeito”, disse Ollie, esfregando as mãos. “Vamos dar uma olhada.”

Cass pegou um iPad da bolsa e o colocou sobre a mesa.

“Tudo bem...” Abriu três janelas de pesquisa na internet e começou a listar os prós e contras dos três pacotes com tudo incluído, um na Grécia, outro em Portugal e o último na Espanha. O português foi imediatamente descartado por ter ficado muito caro; e o espanhol foi logo em seguida, porque o grego tinha piscina e também era perto do mar.

“Na verdade está bem barato”, Cass falou animada. “Todas as refeições estão incluídas, e o hotel tem uma praia particular”. Ela clicou na página de reserva. “Então, quando vamos? O hotel não aceita crianças, então é mais barato nas férias escolares. Estão bem cheios, mas têm disponibilidade na semana do dia 31 de julho. Todo mundo concorda?” Ela olhou para mim. “E o seu trabalho? Você consegue folga, certo?”

Fiz uma careta.

“Desculpem, pessoal, vão ter que ir sem mim. Não tenho dinheiro, não agora que meu pai está desempregado.”

“Ah, *Sarah*”, Cass resmungou, como se a culpa fosse minha ou coisa do tipo. “Você acabou de arrumar um emprego. Vamos, não vai ser a mesma coisa sem você...”

“A ideia de trabalhar é economizar para a faculdade”, falei, mais calma do que me sentia. “Desculpe.”

“Posso emprestar o dinheiro”, disse Ollie.

“O quê?”, ri desconfortável. “Não seja bobo, não pode me emprestar isso tudo.”

“Claro que posso.” Ele pegou minha mão e a segurou no colo. “Meus pais me deram uma grana quando fiz dezoito anos. Está parada no banco agora. Eu emprestaria de qualquer jeito, mas, se é a diferença entre passar duas semanas na Grécia com você e deixá-la

em casa, eu *insisto* que você aceite.” Ele pareceu feliz e me beijou. “Aceite”, ele sussurrou ao meu ouvido. “Por favor.”

A mesa ficou quieta enquanto os outros esperavam minha resposta. Sem pressão, então.

“Preciso ver se consigo folga no trabalho primeiro”, avisei.

“Certo”, respondeu Ollie, mexendo a cabeça solenemente, curvando os cantos da boca.

Franzi os olhos.

“Qual é a graça?”

“Nada. Você é linda, só isso”, ele falou. “Vamos, McSarey, aceite o maldito dinheiro, pode ser?”

Mordi o lábio.

“Tudo bem, então. Obrigada. Pago de volta, prometo.” Ou pelo menos foi o que tentei dizer. Quase tudo se perdeu na confusão. Ollie me deu um abraço enorme, e logo todos vieram para cima de mim. Eu ia para a Grécia com meus melhores amigos e meu namorado! Então por que estava desconfortável? Devia ser porque tinha me endividado, disse para mim mesma, ou porque teria que pedir folga para Kate. Tentei ignorar a voz na minha cabeça sussurrando que não era nada disso; que a razão pela qual eu estava desconfortável era a pessoa que naquele momento estava me abraçando e dizendo o quanto estava feliz.



ACORDEI CEDO NA MANHÃ SEGUINTE, o que foi um pouco irritante considerando que logo eu teria que acordar cedo todo dia para trabalhar. Acho que estava animada para contar para minha mãe e meu pai sobre o emprego. Não tão animada para contar sobre a viagem, mas, afinal, concluí: eu tinha dezoito anos. O que eles poderiam fazer? Quer dizer, claro, poderiam me fazer sentir muito culpada e uma completa decepção, mas, fora *isso*, o que podiam fazer? E eu estava torcendo para ter que cancelar a viagem por causa do emprego. Enfim, cedo ou não, foi bem satisfatório descer de pijama e ver Dan de uniforme escolar, na metade da vasilha de cereal. Servi uma caneca de café para mim e me juntei à família em volta da mesa.

“Ora, olá. A que devemos a honra?”, perguntou minha mãe. Muito engraçado. Só que não.

“Queria contar as novidades”, falei.

Dan jogou a colher na vasilha e expirou, fazendo barulho.

“Você conseguiu o emprego.”

“Pelo amor de Deus, Dan.” Bati a caneca na mesa. “Eu queria contar para eles.” Não foi muito maduro da minha parte, mas sério: dá para ser mais irritante?

Minha mãe o olhou com uma reprimenda e, em seguida fixou um olhar intenso em mim.

“Não foi muito gentil, Daniel... Querida, muito bem! Eu sabia que ia se destacar com o meu terninho.”

“Sim, ótima notícia. Muito bem”, disse meu pai, estendendo o braço para apertar meu ombro.

“Se destacar é a definição certa”, falei. “Na verdade, consegui o emprego ontem. Vou trabalhar na livraria Hanff’s, perto do centrinho.”

Ela franziu o rosto.

“Nunca ouvi falar.”

“Eu também nunca tinha ouvido falar”, respondi. “É ótima, mãe. Você vai adorar. Vende livros novos e usados, e tem uma sala inteira só para livros de arte.”

“Parece perfeita.” Ela deu uma mordida na torrada. “Quanto vão pagar?”

“Ainda não tenho certeza. Tenho que ligar para Kate — ela é a gerente — hoje para finalizar os detalhes. Mas sei que vai ser um pouco mais do que um salário mínimo.” (Quase verdade.)

Minha mãe pareceu um pouco preocupada quando contei, mas, antes que pudesse se pronunciar, meu pai disse:

“É o máximo que se pode esperar de um primeiro emprego, Sassá. Parabéns, estou orgulhoso de você.” Ele sorriu, mas estava com os olhos tristes. Não o vi sentindo nada além de tristeza desde que perdera o emprego. Partiu meu coração.

“Obrigada, pai.” Inclinei para encostar o ombro no dele, e ele colocou o braço em volta de mim. Continuava sendo o mesmo pai carinhoso e forte por fora, mas, por dentro, estava mais vazio. Era como se o chefe tivesse levado seu espírito junto com o emprego. “Estou muito ansiosa, na verdade”, falei, desesperada para ele sentir menos culpa. “Jamais teria descoberto aquele lugar se não estivesse procurando um emprego.” Ri de leve. “Tudo tem um lado bom.”

“Tem mesmo.” Ele me apertou e então recolheu o braço e afastou a cadeira da mesa. “Certo, vou encontrar alguém sobre um emprego.” Beijou a cabeça dos três. “Nos vemos mais tarde.”

“Ele está bem?”, perguntei, depois que ouvi a porta da frente fechar.

Minha mãe deu de ombros.

“Sim, ele está bem. Foi um golpe forte, mas ele não está sentado se lamentando. Marcou reuniões todos os dias esta semana.”

“É para uma entrevista que ele está indo agora?”, perguntei.

Ela balançou a cabeça.

“Uma reunião com um contato. É quase certo que não vai dar em nada. Agora ele está circulando, aparecendo para as pessoas.” Ela puxou o prato do meu pai e estendeu a mão para pegar a vasilha de Dan, que a entregou rabugento.

“Ele está fazendo tudo o que pode”, minha mãe falou enfática.

“Tudo menos arrumar outro emprego”, disse Dan, com o lábio se curvando. “Como o pai de Johnny arranjou outro emprego de cara e ele não?”

“Você não pode comparar os dois”, falei. “O pai de Johnny trabalhava com finanças. É completamente diferente.”

“Claro que você diz isso”, Dan falou, e em seguida, em voz baixa, completou: “Filhinha do papai”.

Revirei os olhos.

“Ugh, você é tão babaca.”

“Um babaca reconhece o outro.”

“Ai, que *espertinho*”, sussurrei.

Minha mãe afastou a cadeira da mesa fazendo barulho.

“Parem com isso, vocês dois”, ela falou. “É um saco.”

Dan me mostrou o dedo médio enquanto minha mãe estava de costas, então retribuí. Só que ela viu. Se esticou e empurrou minha mão para baixo.

“Cresça, Sarah.”

“Ele fez primeiro”, falei, apertando os olhos para Dan enquanto ele ria.

Minha mãe parou onde estava e me lançou um olhar de desdém.

“Sério?”

Retribuí o olhar de desdém.

“Pareço estar brincando?”

Mas ela já tinha se retirado. Olhei para o relógio.

“Ooh, Dan, é melhor você ir, ou vai se atrasar para a aula... Não sei o que vou fazer hoje. Talvez volte para a cama... veja TV...”

“Certo, aí na segunda você acorda para trabalhar, BABACA”, ele falou, rindo na minha cara.

Cansei. Se ele não fosse sair, eu sairia. Fui até a escada, falando:

“Mal posso esperar, na verdade.” Corri para cima, fingindo não ouvir o “dane-se” dele, e voltei para a cama. Eu estava feliz com meu emprego, pelo fato de ter conseguido um, e por ser em um lugar que adorei. Mas não resolvia nossas preocupações financeiras. Nem de longe. Mas mais do que o dinheiro, a coisa que eu mais queria naquele momento era que meu pai arranjasse um trabalho e voltasse a ser feliz.

Eu estava ao telefone com a Hanff's, combinando meus horários de trabalho, quando Cass ligou. Ignorei, mas ela ligou de novo, então eu pedi mil desculpas a Kate e falei que ligaria de volta logo mais. Fui nas chamadas recentes e cliquei no nome de Cass.

“Oi, tudo bem?”, perguntei, provavelmente um pouco impaciente.

“É A-Adam”, ela gaguejou, soluçando.

“O que tem ele?”, perguntei, meu coração disparando. Ela ficou com Adam, que era um babaca, por, tipo, quatro anos, antes de finalmente dispensá-lo alguns meses antes. Ficou tão mais feliz sem ele, então a única coisa que consegui pensar foi que ele tinha morrido, sofrido um acidente terrível ou algo do tipo.

Cass respirou trêmula.

“Ele está namorando...”

Meu Deus, era só isso?

“Ah, querida. Sei que é um choque, mas veja pelo...”

“Não, me deixa terminar”, ela chorou. “Ela está GRÁVIDA!” Começou a chorar de novo.

“Ah, merda”, respondi baixinho. Devia ter pensado nisso. Ele era bem do tipo que convencia a menina a não usar camisinha. Cass começou a tomar pílula poucas semanas depois de ficarem juntos. “Como você sabe?”

“Charlie me contou.” O irmão mais velho de Cass. Foi através dele que ela conheceu Adam.

“Quem é ela?”

“Alguma vadia burra que engravidou para ganhar uma grana do governo, provavelmente”, respondeu amargamente.

O quê?

“Calma, querida, sei que está com raiva — não culpo você por isso — mas duvido que alguém queira ter um bebê só por causa disso.” A Menininha Rica ataca de novo.

“Por que não?”, respondeu. “Você recebe para passar o dia sentada vendo TV. Ótimo.”

“Certo, porque bebês não dão o menor trabalho”, falei. “E você mesma *nunca* trabalhou.” Mantive o tom leve, mas, meu Deus, foi difícil.

“Porque meus pais trabalham muito para evitar isso. Exatamente como eu vou fazer.”

“Meus pais trabalham muito”, respondi em voz baixa. “E meu pai está desempregado.”

“É diferente”, ela argumentou. “Ele não teve culpa.”

Jesus. Para uma menina prestes a ir para Cambridge, Cass estava sendo um pouco burra. Expirei fazendo barulho. Não ia entrar em uma discussão com ela. Cass estava chateada, não era assim que pensava de verdade. Torci para não ser.

“Sinto muito pelo Adam, querida”, falei. “Mas não serve para deixar claro que você estava certa em terminar?”

“Eu sei”, ela disse. “É um pouco deprimente, só isso. Ele não tinha o menor interesse em ter filhos quando estávamos juntos.”

“Eu diria que continua não tendo.”

“Sim, eu sei”, ela repetiu. E fungou. “Só é um choque.”

“Lembra quando você achou que estava grávida logo depois do Natal?”, perguntei, quando a lembrança surgiu de repente na minha cabeça. “Essa menina, seja ela quem for, está vivendo a vida que você evitou. Agradeça, Cass. Você escapou.”

“Meu Deus, eu tinha me esquecido disso”, respondeu. “Mas eu sabia que não estava grávida.”

Claro que não sabia, mas deixei para lá.

“Pense no que vem pela frente”, foi o que falei. “Tem as férias, os resultados das provas, Cambridge, a festa de Rich e Ashley amanhã... O mundo é seu, minha amiga. Essa menina teve o mundo reduzido a cocô e vômito.”

Ela meio que riu.

“É verdade. Você já escolheu a roupa da festa?”, falou, mudando o rumo da conversa de maneira abrupta, mas bem-vinda.

“Não, claro que não. Vamos fazer compras amanhã, não vamos?”

“Ah, dã, sim, claro.” Suspirou. “Essa notícia de Adam me perturbou.”

Pelo amor de Deus, a grávida não é você, pensei.

“Claro”, respondi. “Como você disse, é um choque.”

“Olha, não sei ao certo se vou fazer compras”, ela respondeu com desânimo. “Não estou muito a fim, e não sou muito fã de coisas vintage. Mas todo mundo pode vir para a minha casa se vestir... Desculpe, querida.”

“Não se desculpe. Tudo bem”, falei. “Mas você tem alguma roupa que pareça anos 50 para usar?”

Ela fungou.

“Sim, tenho uma espécie de vestido de formatura e uma calça. Os dois ficariam bons com um lenço na cabeça e salto alto.”

“Ah, perfeito... Então, tenho que ir. Estava ao telefone com a livraria quando você ligou.”

Cass disse alguma coisa muito sofrida sobre como ficaria — *suspiro* — bem, então eu me despedi, desliguei, e liguei de novo para Kate na Hanff's.

Dez minutos depois estava tudo resolvido. Eu ia começar a trabalhar na segunda, teria duas semanas em agosto para ir à Grécia, e trabalharia até ir para a faculdade. Meus planos de verão sofreram uma mudança dramática, no sentido de que agora eu tinha planos. Teria passado dez semanas dormindo até tarde e não fazendo nada se meu pai não tivesse perdido o emprego, o que teria sido bom, mas provavelmente teria ficado chato no fim. De modo geral eu estava me sentindo bem em relação a tudo. Contaria aos meus pais sobre a Grécia depois que já tivesse feito a reserva, para que não conseguissem me convencer a não ir.

O dia seguinte foi um sábado: aniversário de Rich, que seria seguido pelo de Ashley na segunda. O fim de semana do aniversário deles era sempre bom. Ano passado fomos a uma festa anos 70, que

foi hilária, apesar de cheia de velhos, e este ano os dois resolveram manter o tema retrô e optaram pela década de 50. Considerando que qualquer pessoa que tivesse a nossa idade nos anos 50 a essa altura não conseguia nem andar sem ajuda, quanto mais dançar, concluímos que o público seria bom.

Antes, contudo, nos encontramos no centro para comprar roupas vintage e dar muita atenção a Rich e Ashley.

“Feliz aniversário para *moi!*”, Ashley entoou enquanto andava pelas mesas do café onde estávamos esperando e sentindo fome fazia vinte minutos. Ela se sentou e sorriu para nós. “Apesar de, obviamente, meu aniversário ser só na segunda.”

“Obviamente”, Rich disse com ênfase.

“Ah, sim, feliz aniversário, cara”, disse Ashley, com um “toca aqui” para ele. “Como se sente com dezoito anos?”

“Adulto”, Rich respondeu solenemente. “Você não entenderia.”

“Haha.” Ela pegou o cardápio. “O que vamos comer?”

“Pode comer o que quiser, querida”, disse Donna. “É por nossa conta, não é?”

“Café da manhã completo, então. Obrigada, pessoal.” Ash olhou para uma cadeira vazia entre Jack e Donna. “Cadê a Cass?”

“Ah. Adam engravidou alguém”, disse Jack, fungando com desdém. Ele odiava Adam ainda mais que o resto de nós, se é que era possível.

“O QUÊ?!”, Ashley gritou. “Está falando sério?”

“Eu sei, uma loucura, não é?”, respondeu Donna, que tinha descoberto fazia dez minutos. Na noite anterior, eu tinha contado para Ollie, que provavelmente contou para Jack e Rich. Senti um ligeiro desconforto por estarmos conversando sobre isso, mas apenas porque Cass talvez tivesse preferido contar pessoalmente.

“Quem é a menina?”, Ashley perguntou. “Alguém que conhecemos?”

Balancei a cabeça.

“Acho que não. Nem Cass sabe quem é.”

“Coitada”, disse Donna. “A menina, digo. Apesar de que coitada da Cass também, óbvio.”

“Óbvio”, ecoei, ainda não me sentindo totalmente solidária depois dos comentários dela na noite anterior. “Então, Cass não está a fim de fazer compras, mas falou que podemos nos arrumar na casa dela.”

“É uma loucura, não é?”, disse Ashley, ainda pensando em Adam. “Quer dizer, poderia facilmente ter sido Cass.”

“Por que você acha isso?”, Rich perguntou.

“É, Cass é tão obsessiva que provavelmente tem uma planilha para o ciclo menstrual”, disse Donna. “E jamais seria relapsa no quesito anticoncepcional.”

(Nem preciso dizer que só eu sabia sobre o susto de Cass. Ela vomitou logo depois de tomar a pílula, e duas semanas depois teve um atraso anormal na menstruação. Ficou neurótica. Completamente assustada. De fato *poderia* ter sido ela.)

“Podemos mudar de assunto?”, Rich perguntou. “Não quero que a sementinha de Adam seja a primeira coisa na minha cabeça quando eu me lembrar do meu aniversário de dezoito anos.” Deu de ombros com desgosto. “Na verdade, prefiro nunca pensar nesse assunto.”

Então passamos uma hora muito agradável comendo um monte de gordura saturada e gargalhando enquanto os meninos agiam como se estivessem em *Grease* e, em seguida, fomos fazer compras. O centrinho comercial não era exatamente barato, mas era um bom lugar para encontrar roupas antigas — não que eu estivesse planejando comprar alguma coisa. Depois de vinte minutos na primeira loja, os meninos resolveram ir para o bar em vez de fazer compras. Fiquei impressionada que tivessem resistido tanto.

“Não se embbede”, falei para Rich.

“Você não quer queimar a largada”, Donna concordou.

Rich fez uma mesura.

“Sim, mães... Encontrem a gente quando acabarem as compras.”

Livres da restrição dos meninos entediados, Donna, Ashley e eu aproveitamos a alegria de olhar tudo com calma. Os brechós eram incríveis. Com eles e com a Hanff's, concluí que perdi tempo demais da minha vida em lojas grandes e famosas. As independentes tinham alma. Sinto muito, sei que soa piegas, mas é verdade. Não existe outra maneira de explicar. Essas lojas me faziam sentir uma

pontada de animação na boca do estômago. Cass não gostava das coisas de segunda mão porque outras pessoas já tinham usado; eu as adorava justamente por isso. Peguei uns óculos escuros. A etiqueta dizia ARMAÇÃO TARTARUGA, 1962, JOHN LEWIS, 45 LIBRAS. (Uau. Por isso eu não fazia minhas compras em lojas independentes. Talvez um dia, quando ficasse rica.) Segurá-lo me fazia sentir não como a Sarah Millar de sempre, mas como parte de um grupo de mulheres que datava de mais de cinquenta anos. Quantas o tinham segurado e usado? Quem eram elas? Onde estavam agora? Daria para passar séculos imaginando. Talvez eu devesse tentar escrever alguma coisa sobre isso, pensei do nada. Um conto, ou algo assim. Com relutância, devolvi os óculos. Minha participação nas histórias dos objetos da loja teria que se resumir a tocá-los. Não tinha condições de comprar nada.

“Que tal?”, Ashley perguntou, segurando um lenço rosa quadrado cheio de desenhos que pareciam ilustrações de livros infantis, com joaninhas e cabanas. “Só oito libras. Você vai com sua camisa branca e o jeans azul justo, certo? Ficaria incrível...” Balançou o lenço no meu rosto. “Vamos, você sabe que quer.”

Resmunguei.

“Claro que quero...” Virei as costas. “Mas não posso.”

“Ah, vamos, querida. Oito libras. Seria falta de educação não comprar.”

“ASHLEY!”, protestei. “Não seja má influência.”

Ela levantou as sobrancelhas para Donna, que sorriu e assentiu.

“Então eu e Donna vamos comprar para você, como presente pelo novo emprego”, ela disse.

“Não seja boba”, falei, ruborizando. “Não precisam fazer isso. Eu é que devia estar comprando alguma coisa para você — é seu aniversário.”

Ela assentiu.

“É verdade... Mas você vai me encher de presentes mais tarde, não vai?” Ela colocou o lenço nas minhas mãos. “Parabéns de nós duas, querida. Vista e sinta-se muito bem empregada.”

Senti a seda nas mãos.

“Muito obrigada”, falei e, em seguida, gemi e dei pulinhos de alegria. “Amei! Iupii!” Abracei as duas. “E amo vocês.”

“Ah, cala a boca”, disse Donna, abraçando de volta. “Só estamos comprando isso para você para nos deixar usar seu desconto de funcionária.”

“Quando quiserem”, respondi sem pensar. Apontei com a cabeça para a peça na mão de Donna. “Vamos ver?”

Ela estendeu um short de cintura alta, com zíper atrás.

“Pensei nele com um colete preto listrado para dentro e sapatilhas.”

“Meu Deus, perfeito!”, falei. “Vai ficar linda. O que vai fazer com o cabelo?”

Donna passou a mão nos cachos afro.

“Uma tiara?”

“Vai ficar tão linda”, comentei.

“Cala a boca, você sempre fica linda”, ela disse, satisfeita.

Olhei para Ashley.

“E você?”

Ela abriu um sorriso malicioso.

“Tenho um plano.”

Mistério. Conhecendo Ashley, isso provavelmente queria dizer que ia com alguma roupa escandalosa. Seu presente de aniversário para si mesma: atrair todos os olhares em uma noite dos anos 50. Faria bem para ela.

Cass abriu a porta vestindo um roupão de banho branco e macio, cabelo e maquiagem já prontos. Tinha feito um bom trabalho, na verdade: delineador puxado e um rabo de cavalo brilhante com um topete. Estava com uma taça de vinho branco na mão.

“Tudo bem?”, Ashley perguntou. “Que saco essa história do idiota do seu ex.”

“É, você se livrou de uma boa”, disse Donna, dando um abraço nela.

“Obrigada, pessoal”, disse Cass. “Foi um dia difícil, mas vou ficar bem.”

Pelo amor de Deus. Ela deveria ir ver a namorada de Adam para descobrir como o dia *dela* foi difícil.

“Vamos”, falei, abraçando-a. “Esqueça isso e vamos nos divertir no aniversário da Ashley.”

Sorriso encorajador.

“Tem razão. Vou tentar.”

Céus.

“Então, espere até ver o que Donna vai usar”, continuei. “Vai ficar *incrível*.”

“Claro que vai”, disse Cass, sorrindo de verdade agora. “Subam. Vou pegar mais vinho.”

Fomos para o quarto de Cass. Havia blusas e algumas saias amassadas sobre a cama, e três pares de sapato no chão. Para os padrões dela, que sempre escolhia a roupa antes mesmo de abrir o armário, era uma bagunça. Talvez eu não devesse ser tão dura com Cass. Ela e Adam namoraram por quase quatro anos. Ele ficar com outra e engravidá-la em seis meses devia ser horrível, por mais que Cass estivesse muito melhor sem ele.

Donna pegou uma garrafa de vinho com três quartos faltando na penteadeira.

“Uau, ela está pegando pesado”, disse, levantando as sobrancelhas.

“Faz sentido”, disse Ashley, que examinava a enorme coleção de esmaltes de Cass. “Eu ficaria bêbada se meu ex engravidasse alguém.” Pegou um esmalte verdinho. “Don?”

“O quê, para mim?”

Ela me olhou com um olhar de *dã*.

“Óbvio.” Ash não usava tons pastel. “Vai combinar com o short, *non?*”

“Acho que sim.”

Ash jogou o vidro e Donna o agarrou de primeira.

“Cass vai matar você se vir que está fazendo a unha na cama dela”, falei, franzindo o rosto enquanto Donna prendia o esmalte entre as coxas.

“Vou tomar cuidado”, prometeu. E então, uma oitava mais alto, quando Cass entrou: “Vou tomar cuidado!”.

“Haha, agora está com medo!”, Ashley entoou. “Tentamos avisar, Cass.”

“Tudo bem”, disse Cass, o que nos deixou sem ar. Ela colocou três taças limpas e a dela que já estava vazia na cabeceira e encheu todas. “*Vino*, meninas?” Ela nos serviu. “Como foram as compras?”

“Muito boas.” Peguei meu lenço novo da bolsa. “Ashley e Donna me deram isto de presente pelo novo emprego.”

Cass o pegou de mim, olhou e, em seguida, devolveu o lenço.

“Muito gentis. É lindo.”

Mais uma vez, ficamos sem fôlego.

“Enfim, vamos ver o que você vai usar”, disse Donna, tentando animar o clima, que agora estava estranho. Cass tirou o roupão, revelando uma lingerie de renda creme linda: calcinha pequena e sutiã push up.

Ashley assobiou.

“Está linda, cara. Um pouco escandaloso, mas tudo bem. Se joga.”

Ela riu.

“Eu sei — estou arrasada por ter que cobrir. Fui até o centro com minha mãe hoje. Achei que merecia o mimo.” Passou as mãos pelos quadris. “É La Perla.”

Olhamos sem entender nada.

“É uma marca”, esclareceu. “Custou uma fortuna, mas achei que merecia.”

Por quê, por não estar grávida? Senti mais uma pontada de irritação.

“Bem, você está linda”, falei. E, em seguida, porque achei que fosse o que ela queria ouvir: “Adam está perdendo”.

Cass tomou metade da taça.

“Eu sei”, ela disse, sorrindo. “Sem estrias nem peso extra.” Ah, sim, esqueci. Adam gostava de meninas magrinhas. Senti uma pontada de solidariedade pela namorada anônima.

“Então, o que vai usar?”, Ashley perguntou.

“Vou mostrar”, respondeu. “Vamos nos vestir?”

Ashley, Cass e eu nos vestimos enquanto Donna soprava as unhas até secar; então, pegou o short novo. A surpresa de Ashley era um bustiê *vintage* com cones nos bojos que amarrava nas costas e que

originalmente era uma lingerie, mas ela estava usando como blusa, junto com uma saia lápis mídi de tweed e botas de motoqueira. O bustiê tinha ganhado um tom de chá com leite com o tempo, e havia manchas escuras sob os braços, mas se alguém conseguia ficar bem vestindo aquilo, era Ashley. Parecia até que ela tinha peitos. Penteou os cabelos escuros para trás, prendeu uma flor na orelha e finalmente maquiou o rosto com base clara, delineador e batom vermelho. O resultado foi impressionante. Não consegui tirar os olhos dela. Ash e Donna formaram uma dupla e tanto. As pernas de Don ficavam superlongas com aquele short. Cass estava linda como sempre, de um jeito clássico, com vestido preto e salto alto, e eu fiquei bem satisfeita com minha roupa. Já tinha me acostumado fazia muito tempo a ser a que não chama atenção.

“Olhem para nós”, disse Cass, servindo mais uma taça de vinho e bebendo tudo. “Estamos lindas!” Franziu a testa com uma expressão séria. “Temos muito a oferecer ao mundo, meninas. Coisas *boas*. Nada de vida comum para nós.” E arrotou delicadamente. “Ao contrário da Rainha dos Benefícios Mamãe do Filho de Adam.”

Ashley, Donna e eu trocamos olhares. Donna a pegou pelo braço.

“Vamos, sua bêbada. Vamos.”

“Estou um pouco bêbada”, Cass concordou, rindo. “Ah, por que não? Estamos celebrando!”

Sim, mas não o aniversário de Ashley e Rich. Riqueza material e vida privilegiada, era basicamente isso que Cass estava celebrando. Era um pouco feio, para ser sincera.

A mãe de Cass nos deu uma carona até a festa.

“Divirtam-se, meninas”, ela disse alegremente enquanto saíamos do carro depois de um passeio silencioso. Nenhuma de nós queria dizer nada, caso Cass resolvesse abrir a boca e denunciar a própria bebedeira. Não que parecesse que isso ia acontecer; ela ficou sentada no seu canto no carro, com a cabeça baixa.

“Não foi tão constrangedor”, disse Ashley em voz baixa, enquanto ia até a fila da boate.

“É, você ficou quieta”, Donna disse a Cass. “Por sorte.”

Cass soluçou e começou a chorar.

“Estou me sentindo um lixo”, falou, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Meu Deus, não faça isso agora, querida”, disse Ashley, revirando a bolsa de Cass à procura de um lenço. “Aqui, limpe o rosto. Não vão nos deixar entrar se você estiver assim.”

Donna passou o braço pelo ombro de Cass e a apertou.

“Vamos, se recomponha. Adam não merece ter esse poder sobre você.”

“É que estou me sentindo uma me-e-erda tã-ã-ão grande”, soluçou, com os ombros caídos. “Por que ele não quis um filho comi-igo?”

“Porque você vai estudar em Cambridge e dominar o mundo?”, Ashley respondeu, entregando mais um lenço. “Por favor, Cass. Estou muito ansiosa por esta noite.”

Putá merda.

“Entrem”, falei. “Vocês duas. Vou ficar com ela e já encontro vocês.” Talvez não tenha sido a melhor ideia — eu estava com vontade de estapeá-la —, mas não ia deixar que estragasse a noite. Olhei para a fila. “Vejam, os meninos estão ali. Entrem com eles.”

“Tem certeza?”, perguntou Donna, já saindo. Will tinha nos visto e estava de olhos arregalados, apontando para a roupa de Donna.

“Tenho. Só precisamos de alguns minutos.”

Assim que saíram, sacudi Cass, imaginando que ela estaria bêbada demais para lembrar depois.

“Vamos, se recomponha”, falei. “Você vai acabar com o aniversário de Ashley se continuar assim.”

“Desculpe”, choramingou. “Não é um bom momento, só isso.”

“Para você”, observei. “Não para Ashley e Rich. É um momento alegre para eles, ou deveria ser.”

“Eu sei, eu *sei*”, falou. “Só um minuto, pode ser?” Afastou-se e cambaleou até a parede, onde ficou de costas para mim por, sei lá, trinta segundos? Pareceu se passar uma eternidade enquanto eu via a fila diminuir. Fiquei preocupada com a possibilidade de a boate encher e não nos deixarem entrar. Quando ela voltou, estava com os pés mais firmes e obviamente se esforçando.

“Estou bem agora”, ela disse, soltando o ar pelos lábios contraídos e balançando lentamente as mãos no ritmo lento da respiração. Passou os dedos sob os olhos. “Borrou?”

“Não, acho que saiu tudo”, falei. Ela pareceu em pânico, então acrescentei: “Não se preocupe. Donna com certeza trouxe maquiagem”. Voltamos à fila e entramos cinco minutos depois. Cass não pediu desculpas, e eu também não disse nada. Senti um pouco de rancor pela maneira exagerada como ela foi recebida pelos outros, mas só um pouco. Pelo menos Ollie ficou feliz em me ver. Ele parou na minha frente, me olhando de cima a baixo. Detesto quando as meninas fazem isso comigo, mas era diferente. Para começar, ele parecia alegre.

“Você... está... linda”, falou, colocando as mãos na minha cintura e me puxando para perto. Ele me beijou e não resisti ao impulso de abraçá-lo pelo pescoço. Ele beijava muito bem, e havia algo interessante no fato de eu estar com uma blusa comportada e um rabo de cavalo, e ele estar todo másculo de camiseta branca e jaqueta de couro.

“Você também está muito bonito”, murmurei, com a boca ainda na dele. Eu o abracei pela cintura, entre a camiseta e a jaqueta, e apoiei a cabeça no peito dele. Ollie passou a mão sorrateiramente na minha bunda e mordeu minha orelha. Dane-se. Naquela noite íamos transar. Era muito bom ter senso de preservação, mas, na verdade, não acho que foi o sexo que fez ele me dispensar da última vez. Seja como for, às vezes uma garota tem que fazer o que tem vontade.

“Talvez eu vá para a sua casa mais tarde”, falei no peito dele.

Ele se inclinou e gritou ao meu ouvido:

“O que você disse?”

Olhei para ele. Estava com os olhos sorridentes, cheios de afeto. Como eu podia ter alguma dúvida em relação a ele?

“Eu disse que talvez vá para a sua casa mais tarde.”

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto dele, mas então Ollie apertou os olhos.

“Ah, é? E quem disse que você foi convidada?”

“Tudo bem, então não vou”, funguei com tranquilidade e, estranhamente, um pouco de irritação.

“NÃO! Vá! Está convidada!” Ele me pegou pelos braços. “Pelo amor de Deus, mulher, POR FAVOR, vá para a minha casa hoje.” E em seguida abaixou e falou uma coisa tão sensual ao meu ouvido que meus joelhos fraquejaram. Quem poderia imaginar que isso acontecia de verdade?

“Ei, vocês.” Ashley passou o braço em volta da gente. “Parem de ficar se agarrando por um segundo e digam o que querem beber.”

“Eu estou bem, obrigado”, Ollie respondeu, apontando com a cabeça para a mesa, que já estava cheia de garrafas e copos.

“Estão fazendo drinques retrô”, disse Ash. “Você devia experimentar o gimlet, Sarah. É basicamente gin com suco de limão. *C’est très* delicioso, *ma chérie*. E é dose dupla até as dez.”

“Parece bom”, falei. “Mas deixe que eu compro. Você não deve gastar com bebida hoje.”

Ela sorriu.

“Legal! Estava torcendo para você dizer isso.” Passou o braço na cintura de Ollie. “Fico com seu namorado enquanto você vai até o bar, tudo bem?” Ela se inclinou e passou a mão sugestivamente sobre o peito dele.

“Fique à vontade”, falei distraidamente. “Sei que vai cuidar dele.”

“Pode apostar que sim”, ela disse, com uma expressão assanhada, e de repente pareceu horrorizada. “Eca, não acredito que disse isso!” Olhou para Ollie. “Sem ofensa, cara.”

“Não me ofendi”, respondeu. Ele a afagou afetosamente na cabeça. “Você realmente é uma figura, não é?”. Ela o xingou e riu. Deixei os dois e fui para o bar. Durante todo o drama entre mim e ele no passado, Cass estava convencida de que Ashley e Ollie tinham transado. Eu não acreditei na época e definitivamente não acreditava agora. Para começar, Ashley estava com Dylan (que, pelo jeito, tinha a mesma opinião que eu sobre a relação dela com Ollie: eu o vi olhar para ela e sorrir — nenhum sinal de ciúme nem possessividade), e, de todo jeito, eu simplesmente não achava que ela e Ollie tinham esse tipo de relação. Para duas pessoas agressivas sexualmente, era impressionante como tinham pouca química entre si. Enfim, era bom ver meus amigos se dando bem com meu namorado. Era uma experiência nova para mim.

No bar me ocorreu que eu devia ter perguntado se mais alguém queria beber alguma coisa. Olhei para a nossa mesa e tentei fazer contato visual com alguém, mas ninguém estava olhando para mim. Pelo jeito Cass estava em uma conversa profunda com Jack. Os dois estavam com a cabeça praticamente encostada enquanto se inclinavam sobre a mesa para conseguir se ouvir. Torci para que ela não estivesse falando nenhuma besteira, bêbada daquele jeito. Jack passou anos apaixonado por ela, até o semestre anterior, quando ela finalmente disse que não estava interessada nele. Jack ficou com Hannah logo depois. Dei uma olhada pela boate e esperei a multidão de pessoas na minha frente no bar dispersar. Dois homens conversavam perto do palco, onde uma banda estilo anos 50 ia tocar. Observei o mais alto tocar o cotovelo do outro, mas, então, o mais baixo virou as costas. Olhei de novo. Era Rich! Não o reconheci porque ele estava com gel no cabelo. Mesmo de onde eu estava dava para ver que tinha ficado vermelho. Parecia meio assustado, para falar a verdade. Ele me viu e seu rosto desabou, em seguida virou e fugiu para o banheiro.

Eu tinha quase cem por cento de certeza de que Rich era gay, mas, por algum motivo, ele não admitia. Tipo, era uma decisão dele e tudo o mais, mas ele devia saber que ficaríamos felizes por ele. Rich não gostava de falar de si mesmo. Ficou tão mal depois que a avó morreu alguns meses antes que acabou tendo uma overdose acidental. Sabíamos que estava sofrendo, mas não imaginávamos que tinha chegado àquele ponto. Nem mesmo Jack, o melhor amigo dele, sabia. Era uma pena Rich viver no armário. Um garoto tão legal — ele merecia um namorado, alguém que dissesse o quanto era incrível.

Depois que peguei as bebidas, virei para os outros e arrastei Ollie para a pista de dança (não que ele precisasse ser arrastado). A noite estava boa. A banda estava ótima, tocando rock ‘n’ roll e fazendo todo mundo dançar e tentar copiar os passos que tinham visto em *Grease* milhares de vezes aos dez anos de idade. Estava muito engraçado. Não contei a ninguém sobre Rich e o homem misterioso. Lancei um sorriso para ele quando finalmente saiu do banheiro. Ele acenou de leve com a cabeça e sorriu de volta, e

então soltou um uivo, pulou para a pista e pegou Ashley pela cintura.

“Vamos, Cha-Cha DiGregorio, vamos mostrar como se faz.” E os dois dançaram juntos como loucos, dando voltas e girando até o mundo se fechar em torno de nós por um tempo, enquanto estávamos em uma bolha de alegria de aniversário.

Ollie e eu voltamos andando para a casa dele, as ruas muito quietas e frias à noite em comparação com a boate. Ele estava bêbado e alegrinho, mas eu estava bebendo água fazia horas. Uma decisão apenas financeira. Ols ficava parando o tempo todo para me beijar e, como estava bêbado, também apertava minha bunda ou enfiava a mão dentro da minha blusa.

“Ollieeee!”, eu repreendia, puxando a mão dele. “Estamos em público!”

“Não me importo”, ele disse, passando o nariz no meu pescoço. “Você é uma delícia.”

Ugh, estar sóbria era péssimo. Fiquei me sentindo uma estragaprazeres. Era uma da manhã em uma rua residencial silenciosa, pelo amor de Deus. Quem ia nos ver? Para ser sincera, provavelmente poderíamos transar ali mesmo na entrada da casa de um estranho que ninguém saberia. Não que eu fosse sugerir nada desse tipo. Então deixei que me apalpasse e, quando chegamos, tentei não me preocupar com a possibilidade de acordar Kelly quando ele bateu a porta sem querer na ânsia de me levar para o andar de cima. No quarto, Ollie me empurrou contra a porta, e nos beijamos longamente. Isso eu não precisava estar bêbada para aproveitar. Mas, na medida em que os beijos se tornaram mais urgentes e ele começou a desabotoar a calça, percebi que era impossível me entregar por completo. Minha mente ficava vagando para uma perspectiva analítica das coisas. *Ele agora está tirando a camisa por cima da cabeça. Agora está passando a mão nas minhas costas, por dentro da minha calça. Agora está com as mãos na minha bunda.* Estava me distraíndo muito, e não conseguia parar, por mais que tentasse me entregar ao momento.

No fim o sexo foi bom, mas com Ollie acho que sempre seria bom, no sentido de atender a todas as expectativas. Ele tinha as

manhas. O que faltava era a urgência “*meu Deus, por favor, não deixe isso acabar nunca*”, ficar sem fôlego e se sentir fora do próprio corpo como antes. Fiquei esperando um clima um tanto decepcionado depois — imaginei que ele tivesse sentido o mesmo —, mas Ollie se jogou na cama, o cabelo todo molhado e arrepiado, e arfou:

“Uau. Valeu a pena esperar.”

Eu respondi:

“Muito.”

Porque, para ser honesta, ele tinha feito tudo certo. O problema era a minha cabeça.



EU TINHA MUITAS EXPECTATIVAS NA MANHÃ SEGUINTE. A gente ia acordar, ficar abraçados sob o edredom, cochilar juntos, depois íamos transar de novo, e desta vez seria ótimo porque nós dois estaríamos sóbrios. Não aconteceu. Bem, aconteceu, exceto pela parte do “ótimo”. Foi exatamente como na noite anterior, meu cérebro idiota alerta o tempo todo. Em determinado momento percebi que estava pensando na minha logística da jornada até o trabalho, o que, apesar de ser um dos itens da minha lista do dia, não era o ideal durante o sexo com meu novo namorado. Comecei a gemer e me contorcer de leve para compensar e tentei voltar ao momento.

Depois ficamos deitados um nos braços do outro, Ollie desenhando curvas na minha testa. Pude ouvir Kelly entre o quarto e o banheiro.

“Será que ela sabe que estou aqui?”, perguntei.

“Pode ter deduzido”, ele disse. “Normalmente eu já estaria acordado a essa hora.”

Uma súbita visão dela entrando e me vendo nua na cama bagunçada do filho me deixou meio enjoada. Abaixei, peguei o edredom e nos cobri.

“Por que está preocupada com isso?”, Ollie perguntou, beijando a lateral da minha cabeça. “Ela adora você.”

“Sim, como a amiga que você tem desde os cinco anos”, respondi. “Não como... isto”.

“Somos adultos, linda.” Para enfatizar o que estava dizendo, ele acariciou meu peito esquerdo. “Ela não acha que estamos aqui brincando de médico e enfermeira.” E então fez uma pausa. “Se bem que...”

“Quieto”, falei, rindo e dando um soquinho nele. “Que horas são, aliás?”

“Quase uma”, ele respondeu, se inclinando sobre mim para olhar o relógio. “Por quê, tem algum compromisso?”

“Vou encontrar Rich às duas... Pode vir se quiser.”

“Não. Mas obrigado pelo convite”, respondeu, sem elaborar.

Virei a cabeça para ver o rosto dele.

“Você e Rich estão bem agora?”

Ele olhou para baixo, sorriu e beijou meu nariz.

“Sim, estamos. Só estou um pouco preguiçoso... Mas queria que você não tivesse que ir.” Beliscou meu mamilo de leve. “Quero ficar preguiçoso com você. Não pode desmarcar, só dessa vez?”

Levantei o braço dele e saí de lá.

“Ollie! Isso faria de mim uma péssima pessoa que coloca o namorado na frente dos amigos.”

“Não seria péssima”, disse Ollie. E tentou me puxar outra vez. “Vamos, McSarey. Diga a ele que vai mais tarde, então.”

“Não!”, respondi, me desvencilhando das garras dele e começando a me vestir. “Ia virar uma bola de neve.”

“Eu gosto de bolas de neve”, ele respondeu, resmungando. “São divertidas e escorregadias.”

Fiz carinho no ombro dele.

“Escorregadores são escorregadios.”

Ele estalou a língua.

“Pedante.” Senti os olhos dele em mim enquanto vestia a calcinha. “Você tem uma bunda fantástica”, Ollie falou em tom casual.

“Obrigada.” Dei uma rebolada para ele e, em seguida, vesti rapidamente a roupa da véspera. Meu Deus, me senti uma vadia. Olhei para o relógio. Tinha menos de uma hora para chegar em casa, tomar banho e trocar de roupa para encontrar Rich. Com sorte minha mãe ou meu pai me dariam uma carona. Me inclinei

para beijar Ollie. Ele acariciou meu cabelo com a palma da mão e me beijou profundamente. A cama cheirava a sexo e Ollie. Por um segundo minha determinação falhou, mas só por um segundo. Eu estava desesperada para descobrir com quem Rich estava conversando na boate.

“Ligo mais tarde”, falei e então sorri. “Obrigada por me receber.”

Ele sorriu maliciosamente.

“Poderia receber bem mais se você ficasse.”

“Ollie!”

Ele levantou a mão.

“Desculpa, desculpa. Vá, então. Pode me deixar sozinho, até parece que me importo.”

“Coitadinho.” Beije-o na testa, peguei minhas coisas e saí da casa sem me despedir de Kelly. Tinha quase certeza de que ela estava no banheiro, então não fui grosseira nem nada.

Não tinha o costume de me encontrar com Rich, só nós dois. Éramos bons amigos, mas não declaradamente ele era mais próximo de Ashley e, por extensão, de Donna, do que de mim e, por extensão, de Cass. Só um daqueles caprichos de grupos de amigos ao qual eu sempre dei importância demais. Outro dia mesmo eu me peguei fazendo uma lista de características que eu deixaria para trás quando fosse para a faculdade. Preocupação com dinâmicas de amizade era uma delas, por isso tinha marcado com Rich. Quando cheguei ao cinema ele já tinha entrado e estava comprando nossos ingressos na máquina.

Cheguei sorrateiramente por trás e sussurrei um BU! no ouvido dele.

“Argh”, respondeu entediado. “Você me assustou.” Guardou a carteira no bolso de trás e virou. “Vi seu reflexo na tela.”

“Aahh, que esperto.” Examinei o ingresso que ele me entregou. “É errado eu estar muito animada?”

“Meu Deus, não. O primeiro foi genial.” Apontou para a lanchonete. “Vamos comprar guloseimas?”

Depois de alguns minutos de debate sobre pipoca ou M&Ms (Rich preferia pipoca e era ele que estava pagando, então...) sentamos nos nossos lugares na sala três. Eram duas e meia da tarde no domingo, e íamos assistir a *Meu malvado favorito 2*. O cinema estava cheio de crianças.

“Ai”, disse Rich, abraçando as guloseimas, como se quisesse protegê-las. “Por que estamos fazendo isso?”

“Porque o primeiro foi genial”, lembrei.

“Ah, sim”, ele respondeu com desânimo.

“Ignore as crianças”, falei. “Ou, não sei, aproveite a alegria e o encantamento infantil. Vai dar tudo certo.” Ofereci a pipoca para ele. “Coma um pedaço de ar mastigável.”

Ele pegou um punhado e colocou na boca.

“Também temos os trailers.”

“Vai ficar tudo bem”, repeti. As cortinas que cobriam a tela se abriram, e começou a passar uma propaganda. “Então...”, falei em tom causal. “Ontem foi muito legal.”

“Foi”, ele respondeu ainda mais casualmente.

“Você se divertiu?”

“Sim, claro... Ashley estava linda, não estava?”

“Estava, mas você também. Aquele topete! Nossa, como você fez aquilo? Eu nem reconheci você”, limpei a garganta, “quando te vi conversando com aquele cara. Quem era, aliás?”, sorri com delicadeza.

Ele riu e revirou os olhos, mas ficou vermelho.

“Legal. Sutil. Não faço ideia. Ele queria saber onde ficavam os banheiros.”

“Ah, qual é.” Olhei cética para ele. “Ele estava tocando seu cotovelo.”

Rich de repente pareceu absorto pelo telão.

“O que posso dizer? Tenho belos cotovelos.”

“Ri-i-ich...”

“Saaa-raaah”, debochou. “O que quer que eu diga? Realmente não sei quem ele era.”

“Tudo bem, calma”, falei, com a voz aguda. “Só estava perguntando... Sério, você é péssimo para fofocar.”

“É, foi mal”, falou sem qualquer tom de desculpa. “Enfim, como vão as coisas entre você e Ollie?” Ele levantou a mão. “NÃO, você entende que não existe qualquer ligação entre o assunto anterior e este, né?”

“Claro... e está tudo bem, obrigada”. Foi a minha vez de achar a propaganda fascinante. Era sobre conservatórios.

Senti os olhos dele em mim.

“Só isso? ‘Tudo bem?’”

“Sim! Tudo bem é bom”, respondi. “Estamos nos dando bem. Dormi na casa dele ontem, inclusive. Está tudo... bem.”

“Uau. Quanta paixão. Estou morrendo de ciúme.”

Dei um cutucão no ombro dele.

“Para com isso.”

“Cuidado!” Ele recolheu as pipocas que o fiz derrubar e virou para mim de novo. “Vamos. Sério.”

Arrisquei retribuir o olhar, mas ele não parecia cético. Estava com uma expressão gentil e preocupada.

“Ugh.” Relaxei os ombros. “Não sei, Rich. Ele é tão legal, e tenho tanta sorte de estar com ele.”

“Mas...”

Suspirei.

“Mas... não sei”, repeti. “Às vezes... Bem, às vezes, acho que ele gosta mais de mim do que eu dele.” Peguei um punhado de pipoca e coloquei na boca.

“Se você gostar dele a metade do que ele gosta de você, vai ficar tudo bem”, Rich disse sorrindo. “Ele é louco por você.”

Olhei contemplativamente para ele enquanto acabava de mastigar.

“Isso não ajuda, Rich.”

“Por que não?” Pareceu de fato surpreso. “Ah, meu Deus, olha só, não sei nada sobre relacionamentos... Mas talvez você não devesse tentar analisar demais as coisas. Vocês se gostam há muito tempo. Tenha paciência. Ou algo assim.” Acenou com a mão livre. “Não sei.”

“Não, provavelmente é um bom conselho”, falei. Fiz carinho no joelho dele. “Muito bem.”

“Obrigado.”

“Não, EU é que agradeço.”

“Não, EU é que agradeço.”

“Não, EU é que agradeço.”

“Não, EU é que agradeço.”

Só paramos quando as crianças de trás começaram a jogar pipoca em nós, mas a essa altura estávamos rindo feito idiotas. Rich tinha razão. Eu só precisava relaxar um pouco.

Foi estranho sair com minha mãe e meu irmão no dia seguinte enquanto meu pai ficava em casa. Ele tomou banho e desceu para tomar café conosco, apesar de não ter nenhum compromisso para o qual se arrumar até uma reunião com outro contato misterioso depois do almoço.

“Que horas termina o expediente mesmo?”, Dan perguntou, com a boca cheia de cereal.

“Cinco e meia”, respondi calmamente. Eu sabia muito bem o que ele estava fazendo.

“Ah, que pena. Minha aula acaba às três e meia.” Fez o velho truque de coçar o rosto enquanto me mostrava o dedo.

“Eu sei disso, Dan. Eu também estudava.” Tomei meu chá. “É claro que ninguém paga você para ir para a escola.”

“Mesmo assim chego em casa antes das três e meia.”

“Mesmo assim não é pago.”

Minha mãe jogou o dinheiro do jantar de Dan na mesa.

“Mesmo assim é muito chato... Dan, se quiser carona para a escola, tem que estar pronto em exatamente dois minutos.” Acenei provocando, e ele me mostrou o dedo outra vez, mas agora minha mãe viu e puxou a mão dele para baixo. Ótimo. “Não seja imaturo, Daniel”, ela disse. “E Sarah...”, beijou minha cabeça, “boa sorte hoje, meu amor. Divirta-se.”

Dez minutos depois, me despedi de um jeito cuidadosamente casual para meu pai e saí pela porta da frente para a minha nova existência como uma pessoa empregada. O tempo ensolarado havia dado lugar a uma garoa, mas acessei minha *playlist* mais alegre

(intitulada ALEGRE), abri meu guarda-chuva e caminhei para o ponto de ônibus quase saltitante.

O ônibus estava lotado, abafado e não tinha lugar para sentar. Balancei meio grogue e lamentei ter usado casaco, porque a cada ponto as pessoas se acumulavam, e o suor começou a escorrer pelas minhas costas. O horário em que eu pegava ônibus para ir ao colégio era cedo demais para funcionários de lojas e escritórios, e tinha uma atmosfera completamente diferente. Era barulhento, com discussões, xingamentos e a batida da música. Esse ônibus era quieto e silencioso. As pessoas olhavam para o espaço, liam jornal ou algo no Kindle, ou mexiam nos celulares e iPads. Passei o tempo escrevendo uma longa mensagem de parabéns para Ashley. A música que tocava nos meus fones entrou e saiu da minha cabeça e, em seguida, na metade de “We Are Young”, do Fun, o som mudou para o toque do meu celular. Atender não foi fácil, e quando me desenrolei do cabo do fone, mudei a bolsa de ombro e consegui tirar o celular do bolso da calça, já tinha parado de tocar. Tão *irritante*. Era Ollie. Tinha deixado um recado.

“Oi, sou eu”, dizia. “Você deve estar no ônibus ou coisa do tipo. Enfim, só queria desejar boa sorte hoje, e dizer que estou orgulhoso de você. Mal posso esperar para ver você mais tarde...”

Salvei a mensagem, e a música voltou automaticamente. Talvez eu devesse mesmo atear fogo no mundo, como o cantor dizia. Podia acontecer. Sorri para mim mesma e apertei o botão para avisar ao motorista que ia descer.

Kate destrancou a porta e abriu os braços.

“Sarah, querida!” Por um instante alarmante achei que ela fosse me dar um abraço, mas não: ela moveu o braço em um gesto teatral de boas-vindas, e entrei na loja vazia. O tal Jackson apareceu de uma porta que eu não tinha notado antes, com uma caixa pesada de livros nos braços.

“Ah, oi, Sarah”, ele disse, movendo os dedos no melhor aceno que conseguiu fazer. “Que bom ver você.”

“Você também”, respondi. Agora que estava ali me sentia constrangida e desconfortável, como no primeiro dia de aula. Parecia que estava prestes a modificar uma dinâmica confortável. Mas Jackson não pareceu incomodado, então afastei o pensamento e tentei parecer completamente pronta para qualquer coisa, usando uma das frases irritantes da minha mãe.

Kate olhou para o relógio.

“Tudo bem, temos meia hora até abrir. Vamos por partes: eu faço o chá.” Comecei a dizer que eu faria, mas ela levantou a mão para me silenciar. “Não, não, todos aqui contribuem. Sua primeira função aqui *não* deve incluir uma chaleira... Aliás...” Ela apontou para uma mesa de livros de culinária, novos e antigos. “Enquanto estou na cozinha, por que não monta aquele display? O tema pode ser o que quiser, desde que inclua ao menos dois lançamentos.” Ergueu as sobrancelhas para Jackson. “Você vai ajudá-la, certo?”

Ele assentiu.

“Sem problemas.”

“Ótimo.” Abriu um sorriso largo para nós. “Já volto.”

Meu Deus, por onde começar? Olhei para a mesa, depois fiz uma careta para Jackson.

Ele riu.

“Não é assustador, de verdade.” Ele começou a juntar os livros de culinária. “Vamos começar por estes. Você provavelmente vai se inspirar com as outras prateleiras. É assim que faço, pelo menos.” Ele parou e olhou para mim. “Ou você já sabe o que vai colocar aqui?”

“Pode ser qualquer coisa mesmo?”, perguntei.

“*Mesmo*, qualquer coisa mesmo”, ele respondeu, sorrindo.

“Então eu poderia fazer, tipo...” Curvei o lábio inferior enquanto pensava. “Tipo... livros de autoajuda ao longo do tempo?” Fiz uma careta, caso ele achasse a ideia péssima.

“Pode, total. É uma boa ideia, na verdade, e temos vários lançamentos, publicados para coincidir com as resoluções de Ano-Novo.”

“E antigos também?”

“Provavelmente... Vamos dar uma olhada.”

Passamos quinze minutos totalmente prazerosos olhando as prateleiras. Jackson encontrou um exemplar em brochura um pouco gasto e amarelado dos anos 70 com o título — não estou brincando — *Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo (mas tinha medo de perguntar)*.

“Bem, *minha* mente está confusa”, ele disse em tom casual.

“Não! Isso é sensacional.” Peguei o livro dele. “Esse definitivamente vai entrar.”

Jackson abriu o livro em uma página qualquer e apontou.

“Que, engraçado, é exatamente o que diz aqui.”

Dei risada.

“E eu morria de medo de perguntar.” Passei o dedo pela lombada dos livros até ver um título que reconheci. Peguei.

“Já ouvi falar deste aqui.” Mais um de capa amarela, desta vez chamado *Eu estou o.k., você está o.k.*

“Eu também”, Jackson respondeu. “Deve ser um ‘clássico do gênero’”. Fez aspas com as mãos. “Vai ficar bom.”

Pegamos um monte de livros cada um, inclusive três publicados no último mês, e voltamos para a mesa. Em seguida Jackson saiu para arrumar o caixa, e eu organizei os livros em pilhas artísticas. Foi estranho constatar quantos títulos eu conhecia: *O caminho menos percorrido, Tenha medo... e siga em frente, Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*. Talvez eu devesse comprar um para o meu pai. Só que não. Ele detestava esse tipo de coisa. Além do mais, pelo que eu podia notar, já estava sentindo medo e seguindo em frente assim mesmo. Não tinha muita escolha.

Kate voltou com três xícaras de chá, que colocou em uma prateleira sob o caixa antes de se aproximar para inspecionar meu trabalho com o display.

“Autoajuda, adorei!”, entoou. Pegou o livro sobre sexo. “Ah, esse me traz lembranças”, ela disse, folheando as páginas. “Apesar de eu me lembrar bem de discordar da parte do ‘medo de perguntar’”. Sorriu para mim. “Mas talvez eu guarde essa história para quando estivermos bêbados compartilhando causos.”

“Não vejo a hora”, falei e, em seguida, enrubesci. Queria ter soado engraçada e esperta, mas talvez tivesse soado pervertida. De

qualquer forma, Kate riu.

“Certo, você precisa fazer um letreiro para isso”, ela disse, de volta ao trabalho. Apontou para a porta que Jackson havia atravessado mais cedo com a caixa de livros. “O computador está no escritório dos fundos. Abra o *template* de “letreiros para os displays da entrada” e faça o que tem que fazer. A impressora também fica lá.

Enquanto passava pelo caixa, Jackson tocou meu braço, o que, sem motivo, fez meu coração bater mais rápido. Eu ficava agradecida demais com a atenção masculina, era esse o meu problema.

“Aqui, leve seu chá”, falou, me entregando uma caneca que dizia MINHA AVÓ É O MÁXIMO. Quem era a avó? Kate? Talvez fosse mais uma história para compartilhar durante uma bebedeira. Agradei a ele e fui procurar o computador.

A manhã voou em um borrão de informações, treinamento no caixa, sistemas de arquivamento, aprender a registrar pedidos de clientes... Mas foi divertido. Gostei muito de Kate e Jackson. Deu para imaginar nós três formando uma bela equipe. Depois do almoço, quando todos os trabalhos já tinham sido concluídos e não havia muito a fazer além de esperar os clientes, Jackson me levou em um tour da loja enquanto Kate ficou no caixa.

“Kate parece legal”, falei, quando começamos com as biografias.

“Ela é”, Jackson concordou. “É uma ótima chefe... Então, esses são organizados por ordem alfabética, de acordo com o tema”, falou, apontando para as etiquetas na borda das prateleiras. “Não por autor. Em geral deixamos os novos com a capa aparente, mas se Kate consegue um livro antigo em ótimas condições, ou uma primeira edição ou algo assim, pode deixar em um desses apoios de plástico.” Ele puxou uma caixa de acrílico. Fiz que sim com a cabeça. Deu para adivinhar o que era capa aparente, então não perguntei. Pelo jeito, marketing não era o único ramo profissional com jargão. Continuamos fazendo isso por um tempo, Jackson me explicando coisas, eu assentindo e torcendo para não esquecer tudo imediatamente. Quando chegamos à sala de arte falei:

“*Amo* essa parte. Estou louca para dar uma olhada com calma.” Peguei uma cópia antiga de *A história da arte*, que usávamos muito no colégio.

“Gosta de arte?”, perguntou.

Assenti.

“É o que vou estudar na faculdade. História da arte.”

“Eu também vou para a faculdade em setembro”, falou. “Manchester, para estudar literatura. Estou tirando um ano sabático, acredite se quiser. Meus amigos me acham louco por ficar trabalhando em uma livraria em vez de viajar ou fazer outra coisa, mas estou feliz aqui. Consegui juntar um pouco de dinheiro e tenho bastante tempo para escrever.”

Enquanto ele falava, quase dei pulinhos de um pé para o outro.

“Eu também vou para Manchester!”, quase gritei. “Ou, pelo menos, estou contando com isso. Tenho que tirar notas boas.”

“Ah, que estranho. E legal.” Ele sorriu, e fiquei vermelha de novo. Não imaginava mesmo por quê.

“Então você escreve, que legal”, comentei rapidamente. “Acho que também quero ser escritora.”

“Acha?” Ele se apoiou em um display de teoria do século XX e cruzou os braços. “É só escrever, Sarah.”

“Eu sei, você tem razão. Acho que tenho um pouco...” Mordi as bochechas. “Isso vai soar estúpido, mas acho que tenho um pouco...”

“De medo?”, ele sugeriu.

“Exatamente! Estranho, não é?”

Ele acariciou o próprio queixo, fazendo um som áspero, apesar de eu não estar vendo nenhuma barba.

“Eu sentia o mesmo. Acho que é bem comum. Comigo acho que a questão foi ter lido muitos livros que adorei, e eu sabia que era bom com a linguagem, mas e se fosse péssimo escritor? E se fosse ruim de dar vergonha?”

Fiz que sim com a cabeça, ansiosa.

“É exatamente isso.” Olhei para ele. “Então qual foi o resultado?”

Ele sorriu.

“Tem que enfrentar o medo, não é? Ou pelo menos foi o que fiz.”

“Mas sobre o que eu escrevo?” Falar sobre isso me fez sentir pontadas de animação no estômago.

“Qualquer coisa.” Deu de ombros. “Romanceie alguma coisa que aconteceu com você no passado... Ou leia o jornal e anote algo que pareça dar uma boa história. Eu faço muito isso, na verdade.”

“Salvei uma amiga que estava se afogando no ano passado”, revelei, devaneando.

“Dã! Por que está perguntando sobre o que escrever?”, ele respondeu, rindo e me cutucando no braço. “O maior evento de que me lembro foi ter me perdido no supermercado aos cinco anos.”

“Escreveu sobre isso?”, perguntei.

“Bom, usei como ponto de partida. Criança se perde em loja, mãe chama a polícia, o testemunho não é o que parece e tal.” Ele de repente franziu o rosto e olhou para mim. “Mas você salvou mesmo alguém.”

“Aham”, assenti, com os olhos fechados fingindo (sem fingir) orgulho.

“Uau. Como assim?”

Contei para ele o que aconteceu com Ashley em outubro passado, meu coração acelerando na medida em que me lembrava da cabeça dela desaparecendo, e a maneira como pesou nos meus braços. Talvez escrever sobre o assunto fosse uma boa ideia — meio catártico.

“Meu Deus, isso é incrível”, ele comentou depois, pelo jeito me vendo com um novo respeito. “*Você* é incrível por ter feito uma coisa dessas.” Sorriu devagar, com os olhos fixos nos meus.

“Quanto a isso não sei”, respondi bruscamente. “Então... qual é a próxima parte?” Fiz uma observação mental de mencionar Ollie de um jeito casual assim que pudesse. É ótimo quando ficam de papinho com a gente, contanto que saibam de tudo. Mas o relógio marcou cinco e meia, e eu ainda não tinha tocado no nome dele,

basicamente por falta de oportunidade. Mas não estava preocupada nem nada. Não que Jackson precisasse de alerta. Eu podia esperar.



QUANDO SAÍ DO TRABALHO PROCUREI OLLIE e o encontrei apoiado na parede, olhando para o outro lado, com os tornozelos cruzados. O sol atrás dele me cegou e o transformou em uma silhueta. Fiquei parada um segundo, e ele me viu quase no mesmo instante.

Correu para mim, abrindo um sorriso largo.

“Ei!” Ele me beijou. “Como foi?”

“Tão legal!”, respondi. “Amei.”

“Excelente! Vamos comemorar.” Passou o braço em volta de mim e me levou na direção oposta da minha casa.

“Aonde vamos?”

“Vou levá-la para jantar.” Beijou meu rosto. “O que, por sinal, não é nenhuma tentativa de parecer o provedor só porque minha namorada arranjou um emprego.”

“Até porque você está me emprestando, tipo, um zilhão de libras para viajar”, lembrei.

“Ah, mas isso é puro egoísmo meu”, falou, com um aceno. “Só estou fazendo isso para poder te levar comigo.” Olhou ao longe. “Como um dono que não suporta ficar longe do cachorro.”

Bati no braço dele.

“Está me chamando de cadela?”

“Não... mais de filhotinho.” Riu, fazendo o peito tremer.

“Você sabe que é péssimo rir das próprias piadas, não sabe?”, perguntei, dando risada.

Ele fez que sim com a cabeça com uma expressão satisfeita.

“Sei!” E me apertou. “Vem, vamos comprar ração para você.”

“Muito engraçado.”

“Então, como foi o seu dia?”, ele perguntou. Claro que não repeti as conversas palavra por palavra. Teria sido chato. Editei os melhores momentos, acho que posso colocar nesses termos. E mesmo assim me senti culpada! Que motivo eu tinha para me sentir culpada? Um incidente involuntário de ruborização? Por não virar para o Jackson e gritar EU TENHO NAMORADO? Estava sendo boba. Esqueci o assunto e tive uma noite muito agradável com Ollie. Fomos a um restaurante tailandês, onde comi o melhor curry do mundo, depois fomos para o bar, em seguida para a casa dele, para brincadeiras, risadas e sexo, e dessa vez minha mente me deixou aproveitar. Sem pensar demais. Quer dizer, até Ollie dormir, e eu ficar acordada, olhando para o teto e tentando não pensar em certos meninos amantes de literatura.

No dia seguinte, no trabalho, Kate me deixou sozinha no caixa. Fiquei toda desajeitada na primeira hora, mas até o fim da manhã já estava agindo como uma profissional. O único problema foi quando errei para menos o troco de uma pessoa — uma menina que me impressionou tanto com os milhões de piercings e tatuagens que coloquei a nota de dez que ela me deu no compartimento das de cinco. Pedi mil desculpas, e ela não se importou. Jackson veio falar comigo depois que ela saiu.

“Então conheceu Camila?”, ele comentou, me entregando uma pilha de sacolas.

“Esse é o nome dela?”, ri. “É a pessoa menos Camila que já conheci.”

“Eu sei. Ela tem cara de durona. Mas é ótima, na verdade. Vem sempre aqui.”

“Ah.” Eu me encolhi. “Errei o troco dela. Quer dizer, tudo se resolveu, pedi desculpas e tal.”

“Não se preocupe”, ele falou, dando de ombros. “Todo mundo já fez isso.” Pegou uma caneta e começou a apertar a parte de cima. “Ela estuda história da arte, na verdade.”

“Em Sussex?”

Jackson fez que sim com a cabeça.

“Está no último ano. Vai se inscrever para um mestrado, acho. Pintores holandeses ou coisa parecida.”

“Tipo Vermeer?”, perguntei. “*Moça com o brinco de pérola?*”

Ele bateu com a caneta na bancada.

“Ah, sim, claro. Vi o filme — não li o livro.” Fungou. “Livro de menina.”

Dei risada.

“Que preconceito, não?”

“Falou a que não acredita que uma garota tatuada pode se chamar Camila.” Ele lançou um olhar de AHÁ.

“De onde será que ela é?”, pensei em voz alta. Olhei para Jackson. “Acha que quando for para a faculdade vai pensar em Manchester como sua casa, ou sempre em Brighton?”

Ele pareceu surpreso.

“Não sei. Não pensei no assunto. Por que a pergunta?”

“Por nada... Acho que estou pensando em todos os meus amigos se mudando para lugares diferentes e em como vai ser quando voltarmos para casa nas férias; se vamos ter mudado, essas coisas.”

“Bom, meus amigos não mudaram”, falou. “Apesar de que tenho um amigo que foi para Cambridge, e ele definitivamente mudou. Não necessariamente para pior, mas quase não o vemos agora. Os outros continuam os mesmos. Eles vêm para as férias, ou em alguns fins de semana, e é como se nunca tivessem saído daqui.”

“Minha amiga Cass vai para Cambridge”, respondi. Por instinto, peguei meu celular embaixo do balcão. Tinha ignorado uma chamada dela pela manhã, e agora havia mais duas. Franzi o rosto e mexi no lábio inferior.

“Tudo bem?”, Jackson perguntou.

“Sim, sim, tudo”, respondi, guardando o celular. “Oops, clientes...” Um casal abriu a porta da loja, então Jackson fez um gesto para mim e foi para o escritório dos fundos. Enquanto fiquei observando os clientes pegando livros e os devolvendo, pensei em Cass. Não havia como negar que ela estava me deixando confusa e infeliz. Eu *tentava* não pensar no assunto, mas não conseguia parar de

pensar nos comentários sobre a namorada de Adam e os benefícios. A questão é: eu sempre soube que ela era esnobe. Só que até então tinha sido possível relevar, porque não me afetava, e ela tinha muitas outras características maravilhosas. Mas passou a me afetar, e eu não queria ficar perto de uma pessoa tão preconceituosa e autocentrada. Era sempre *pobrezinha de mim, meu ex engravidou uma garota*, e eu até estava com pena dela por isso, mas e a outra garota, sabe? Francamente, estava com muito mais pena dela. A vida dela é que tinha virado de cabeça para baixo.

“Com licença.” Olhei para a frente, piscando desorientada. O casal estava ali, a mulher segurando um pequeno pedaço de papel coberto de marcas de dobra. “Estamos procurando este livro, mas achamos que é americano. Você tem?”

“Posso descobrir em um minuto”, respondi, sorrindo. Olhei para o papel. *A maneira mais rápida de engravidar naturalmente*. Hum. Que ironia.

“Então, como vão as coisas?”, Donna perguntou, se jogando com vontade no sofá e fazendo minha pizza deslizar perigosamente para a borda da caixa. Tinha ido para a casa dela depois do trabalho. Ashley também estava lá — a primeira vez em que a víamos desde o aniversário, que ela passou com Dylan. Mas era uma celebração para mim — ou pelo menos foi o que Ashley insistiu em dizer. Comemos pizza e tomamos vinho para comemorar meus dois primeiros dias de trabalho. (E essa era outra questão. Cass mal tomou conhecimento do meu emprego. Por que não estava feliz por mim?)

“Estou amando”, falei, e contei para elas o que tinha contado para Ollie na noite anterior.

“Parece legal”, disse Ashley. “Gostaria de ter uma chefe americana excêntrica.” Ela puxou um fio de queijo da pizza e fez uma bola. “Minha chefe é minha mãe.”

“Pobre Ash”, falei, rindo.

“Nem tem graça.”

“Pelo menos você só trabalha meio período”, comentei. “O que tem feito no seu tempo de lazer? Dormido até tarde, passado o dia na praia...?” Suspirei melancólica.

“Cara, desde domingo só chove”, Ashley respondeu. “Além das funções de aniversário, basicamente vi TV.”

Donna interrompeu.

“Encontramos Cass hoje. Ela está um trapo.”

Ash endireitou as costas.

“Meu Deus, você precisava ter visto. Ela está péssima. Tipo, *muito* péssima.”

“E estava agindo de um jeito estranho também”, Donna acrescentou. “Se atrasou para nos encontrar, para começo de conversa, estava cheia de maquiagem e tomou café preto porque está ‘tentando se comportar’.”

“Como assim? Porque leite desnatado é muito calórico?”, respondi, chocada.

“Foi o que falamos. Mas ela ficou dizendo ‘sim, bem, a namorada de Adam vai ficar enorme de gorda, mas eu não!’ e passando a mão na barriga.” Don repetiu o gesto, com os lábios apertados.

Fiquei boquiaberta, e Ashley disse:

“Não é? Que porra é essa?”

“O que mais ela disse?”

Ash sentou de joelhos e recostou no sofá.

“Nada. Quase literalmente. Se fazíamos alguma pergunta, ela respondia com monossílabos, mas fora isso só ficou olhando para o café com cara de luto.”

Mastiguei pensativamente, engoli e falei:

“É horrível da minha parte achar que ela está sendo um pouco autocentrada? Quer dizer, não é ela que está grávida.”

Donna e Ashley se entreolharam. Em geral, as duas tinham que ser cautelosas — afinal de contas, eu era a melhor amiga de Cass. Ashley se pronunciou primeiro.

“Era meio isso que íamos comentar.”

“Mas...”, Donna girou o vinho, “ela obviamente está se sentindo muito mal. Talvez já estivesse mal há algum tempo, e essa coisa da

gravidez tenha sido a gota d'água. Pensem em Rich — nem desconfiamos.”

“Eu realmente, realmente, não acho que Cass faria nenhuma besteira”, falei. “Ela acha que depressão é coisa de gente desocupada.”

Ashley curvou o lábio.

“Que besteira. É como dizer que câncer é coisa de gente desocupada.”

“Eu sei”, respondi, tentando ser paciente. “Só estou comentando.”

“Talvez você devesse conversar com ela.” Donna olhou para mim.

“É, você tem razão.” Deixei minha caixa de pizza no chão e levantei. “Quase esqueci. Comprei brownies...” Fui até a cozinha procurar minha bolsa e pegar o pacote de brownies que comprara depois do trabalho; como tinha torcido para acontecer, quando voltei Donna e Ashley estavam conversando sobre outra coisa. Pelo que captei Donna desconfiava que seu namorado, Will, estivesse preparando alguma surpresa para o aniversário dela.

“Olhe só pra gente, sendo adoradas por nossos homens”, disse Ashley. “Por falar nisso...”. Balançou as sobrancelhas. “Como vão as coisas com Ollie?”

“Tudo bem, obrigada”, respondi. Abri o pacote e distribuí os brownies.

“Já transaram?”, Donna perguntou como quem não quer nada. Lancei um olhar cortante para Ashley, que apenas sorriu, com os dentes já cheios de chocolate.

“Já, para falar a verdade”, respondi cheia de cerimônia. “Mas não vou contar nada, então nem perguntem.”

“Ah, vai”, disse Donna. Apontou o brownie para Ashley. “Ash, vamos convencer Sarah com bebida.”

“Não vai funcionar”, respondi, rindo. “Minha boca é um túmulo.”

“Você poderia usá-la para coisas muito mais interessantes”, Ashley comentou com sarcasmo.

“ECA! Ashley!” Joguei uma almofada nela, derrubando a taça da mão dela e enchendo o sofá do pai de Donna de vinho tinto. Também serviu para encerrar o assunto Ollie. Tudo tem um lado bom.

Quando cheguei em casa já eram quase dez da noite, e eu estava acabada, mas me obriguei a ligar o computador. Abri o Word e salvei um novo documento: ESCREVER. E escrevi. Inventei uma menina chamada Belle que mora em Cornwall. Ela vê alguém em perigo no mar, então tenta salvá-lo. A diferença entre nós duas é que Belle não consegue. Quando traz a pessoa até a costa, ela está morta. Também tem uma marca misteriosa no ombro, como um ferimento. Esse foi meu ponto de partida e, como Jackson prometeu, quando comecei a escrever, as palavras simplesmente fluíram. Quando parei para esticar meus ombros doloridos, faltavam quinze para meia-noite, e eu tinha escrito seis folhas! Satisfeita — quase purificada — caí na cama e tive a melhor noite de sono da vida. O que foi bom. Porque acordei com péssimas notícias.



“VOCÊS O QUÊ?”, gritei, batendo a caneca na mesa.

“Nós precisamos, querida”, minha mãe disse com calma. “Para ser sincera, achei que você já esperasse por isso.”

“Como eu ia esperar que vocês de repente vendessem a casa onde morei a vida toda? Não, por incrível que pareça, eu não estava esperando!” Coloquei a cabeça nas mãos. “Não posso acreditar que resolveram uma coisa dessas sem me consultar.” Virei para Dan, mas ele não fez contato visual comigo. Estava colocando cereal na boca melancolicamente, com os ombros caídos.

“Não consultamos você porque sabíamos o que ia dizer”, ela continuou. “Mas, é claro, não tomamos a decisão do nada. Também adoramos esta casa, querida. Trouxemos você direto do hospital para cá, e Dan nasceu na sala...” Abriu as mãos, desamparada. “Mas não temos condições de mantê-la. Precisamos comprar alguma coisa menor, com uma hipoteca muito menor. Com você indo para a faculdade, precisamos de apenas três quartos. Seu quarto pode ser o de hóspedes enquanto estiver fora.”

“Que *merda*”, falei furiosa. Virei para meu pai, que estava apoiado no armário, arrasado. “O que você acha?”, perguntei.

“O mesmo que sua mãe, Sassá”, respondeu com delicadeza. “Precisa ser feito.”

Bati com a mão na mesa na frente de Dan.

“E você?” Ele levou um susto, mas não respondeu. Eu estava prestes a dar uma bronca nele por ficar inerte quando vi uma lágrima cair na vasilha dele. Comecei a chorar também. “Esta é

nossa *casa*, pelo amor de Deus. Não quero morar em outro lugar.” Levantei a cabeça de repente e olhei para meus pais com os olhos turvos. “Vamos ficar em Brighton?”

Minha mãe assentiu.

“Não vamos nos mudar para longe.” O que não respondeu minha pergunta, mas eu não tinha espaço na cabeça para pensar naquilo.

“Quando?”, resmunguei.

“Em breve”, ela disse. “Colocamos a casa à venda ontem. E vamos procurar algum lugar para comprar.”

Levantei e joguei minha torrada inteira no lixo.

“Ótimo. Obrigada por me avisar. Agradeço muito”, disparei. “Vou trabalhar. Avisem se tomarem mais alguma decisão gigantesca.”

“Não fique assim”, meu pai suspirou, passando a mão no rosto. “Se não precisássemos nos mudar, não mudaríamos. É simples.”

“Tanto faz”, resmunguei. Tentei fazer uma saída dramática, mas parei na porta. Virei, com as mãos nos quadris. “Esses sacrifícios que vocês estão fazendo — algum dia vão acabar, ou vai ser assim sempre? Porque tipo...”, comecei, contando nos dedos, “tive que arrumar um emprego, Dan não vai para a França, mamãe saiu da academia, vamos vender a *casa*... Mais alguma coisa? Só para eu me preparar emocionalmente.”

Minha mãe e meu pai se olharam, e meu coração começou a acelerar, apesar de eu não conseguir imaginar nada pior do que isso.

“Não vamos tirar férias esse ano”, minha mãe respondeu devagar.

“E o Natal será magro”, meu pai acrescentou. “Mas é só isso.”

“Ótimo. Bom saber”, falei. “Aliás, pai, só por curiosidade, que sacrifícios você fez, exatamente?”

O rosto dele desabou.

“Perdi meu emprego, Sarah.”

Ele pareceu arrasado. Ótimo. Revirei os olhos, deixei todos para trás e, então, obviamente, dez segundo depois de sair de casa, me senti péssima e comecei a chorar outra vez. Por que fui tão babaca? Perder a casa não justificava o que tinha feito com meu pai. Mas, *ai*, a ideia doía *tanto*. Aquela casa era tudo o que eu conhecia. Tinha fotos minhas sentada no cadeirão na cozinha, brincando com a casa

de boneca que ganhei de Natal perto da porta da frente no meu novo uniforme escolar. Minha infância *era* aquela casa, e agora eu ia para a faculdade e nunca mais ia voltar, porque ela pertenceria a outra família. Partiu meu coração.

Parei para procurar um lenço na bolsa, com o corpo tremendo de tanto soluçar. Quando não encontrei nenhum, sentei no muro do jardim de alguém e assoei o nariz na parte interna da blusa. Incrivelmente nojento, mas era isso ou atirar no chão como os jogadores de futebol, o que, na minha opinião, seria ainda mais nojento. Respirei fundo e inclinei o rosto para o sol, e o calor nos meus olhos inchados foi ao mesmo tempo reconfortante e exaustivo. Mas me acalmou, o que era o objetivo principal.

Como saí daquele jeito e tudo o mais, acabei pegando um ônibus mais cedo, então passei os vinte minutos que cheguei adiantada sentada em um café barato tomando um chá com torrada. Estava me sentindo estranhamente desorientada. Sem alicerce, como se a casa já tivesse ido embora. Mas foi agradável sentar a uma mesa perto da janela, com o sol aquecendo um lado do meu corpo e o bacon chiando enquanto fritava ao fundo. A bolsa vibrou ao lado da minha perna. Meu pai? Eu já devia ter mandado mensagem para ele. Mas não, era o Ollie. Fiquei olhando o celular na minha mão por um segundo, pensando se atendia ou não. Não queria chorar outra vez tão perto da hora do trabalho, mas Ols era muito bom em me animar.

“Tudo bem?”, falei, tentando soar normal.

“Tudo bem, linda. E aí? Você parece triste.”

“Ah, só... Ugh...”. Minha voz falhou. Cocei a testa. “Meus pais vão vender a casa.”

Ele literalmente engasgou.

“*Merda*”, sussurrou.

“Eu sei.”

“Você está bem?”

“Na verdade, não.” Minha voz falhou na última sílaba, mas consegui me conter.

“Vocês moram lá desde sempre.”

“Eu sei”, repeti. “Não consigo acreditar.” E dessa vez comecei a chorar. “Como puderam fazer isso, Ollie?”

“Não sei, meu amor. Imagino que achem que é necessário. Você está no ônibus?”

“Não. Em um café. Cheguei adiantada.”

“Nos vemos depois do trabalho, tudo bem?”

Solucei.

“Que bom.”

Ninguém no trabalho mencionou meu rosto visivelmente inchado de tanto chorar, e tenho certeza de que, tirando a aparência, consegui soar normal e alegre. Kate até esfregou meu ombro de um jeito afetuoso, mas isso foi tudo. Acabei descobrindo que o trabalho é uma ótima maneira de manter a cabeça livre de preocupações. Em alguns momentos eu lembrava e minhas entranhas se reviravam, mas então um cliente entrava, ou Kate vinha me pedir para fazer alguma coisa, e eu passava umas duas horas sem pensar no assunto.

Na hora do almoço liguei para meu pai para me desculpar. Ele foi muito gentil. Eu sabia que seria, mas isso não impediu que me sentisse péssima. Ele podia ter me perdoado, mas ia demorar muito para eu mesma me perdoar. Cada vez que pensava na expressão dele quando disse que perdera o emprego tinha vontade de bater na minha própria cabeça.

Então, quando acabou o expediente, e meu cérebro abriu um espaço bem grande, do tamanho de *meu Deus, vão vender a casa*, vi Ollie, me esperando quieto. Fui direto para os braços dele, e até o cheiro da maciez da sua blusa já me deixou mais calma. Andamos até a minha casa — ele não soltou minha mão nem um minuto — e fomos direto para o quarto. Deu para ouvir Dan assistindo TV na sala, mas não vimos meus pais. Fiquei feliz. Não queria falar com eles e não queria que falassem com Ollie. Parece horrível, mas foi só porque eu ainda não tinha contado sobre nós — além de não ter contado para ele que não tinha contado. Era mais uma complicação de que eu não precisava naquele dia.

De repente meu quarto era um lugar horrível. Ao longo dos últimos meses tudo nele tinha começado a parecer sufocante. Era como se eu tivesse me distanciado emocionalmente antes de ter que

sair de casa. Mas agora que sabia que nunca mais poderia voltar... Esse pensamento era como uma mão apertando minha alma. Era assustadora a ideia de as coisas mudarem para sempre. Eu tinha vontade de chorar e me abraçar. A lasca no reboco onde eu tinha chutado sem querer, enquanto dançava na cama ao som de Britney Spears, passou quase dez anos me irritando, porque eu tinha que encontrar o pôster do tamanho certo para cobri-la. Por um tempo, aos treze anos, cismeiei que um fantasma poderia entrar por ali. Agora uma nova família ia vir e consertar, e o buraco ia sumir para sempre. Aquela lasca idiota na parede era um marco da minha infância, e ninguém se importava. Existe um livro chamado *A imaginação hiperativa de Olivia Joules* que eu adoro; Olivia tem três regras para a vida, e uma delas é: “ninguém está pensando em você. Estão pensando em si mesmos, exatamente como você”. Uma regra brilhante na minha opinião, mas veja de outra forma. O mundo gira, nós crescemos, a vida continua. Esta casa vai ser de outra pessoa, e não vão nem se perguntar sobre quem morou nela antes, assim como nunca imaginei. Viu? *Estão pensando em si, exatamente como você.*

“Você vai fazer novas lembranças em outro lugar”, Ollie disse, todo gentil, depois de me ouvir resmungar por uns bons vinte minutos.

“Eu sei”, respondi em tom sombrio. “É só que a coisa de sair de casa significa se despedir da infância. Perder a casa parece um golpe duplo.” Caí na cama, com as pernas ainda penduradas na lateral. “AGH, desculpe, Ollie. Estou cansando até a mim mesma.”

Ele bocejou exageradamente.

“Quê? Não estava prestando atenção.”

“Ei”, falei, sorrindo e o cutucando.

“Bom, que tal um pouco de catarse?”, ele perguntou, deitando ao meu lado.

“Como assim?”

“Bem... você é uma menina, provavelmente tem uma caixa cheia de porcarias que foi *menina* demais para descartar. Estou certo?”

Apertei os olhos.

“Não sei se estou gostando do seu tom, mas continue...”

Ele se apoiou no cotovelo.

“Aposto que ainda tem todo o material das provas de qualificação, não tem?”

“Talvez.”

Ele me beijou com carinho no nariz.

“Claro que tem. Mas vai estudar história da arte. Por que, *em nome de Deus*, guardou o material de inglês e de francês?”

Ri.

“Por...”

“... via das dúvidas, é claro. Mas que dúvidas? Ter que refazer? Duvido.”

“Não sei. Só para garantir.”

“Besteira.” Balançou as pernas para conseguir se sentar sem ter que usar as mãos. “Onde estão esses materiais potencialmente vitais?”

“Por quê? O que quer fazer com eles?”, perguntei, sentando também.

Ele fez cara de *dã*.

“Jogar fora? Reciclar? Qualquer coisa!” Passou um braço em volta de mim e fez um arco-íris no ar com o outro. “Imagine: sem porcarias excedentes que você vai acabar jogando fora de qualquer jeito nos próximos cinco anos; sem caixas de bonecas velhas e ursinhos de pelúcia que você não vai levar para a faculdade; sem...” Coçou a cabeça. “Não consigo pensar em mais nada. Mas você entendeu.”

“Sem roupas que você tem desde os doze anos, de que não consegue se desfazer?”, sugeri.

“Você faz isso?” Ele assobiou. “Isso também então. Maluca.” Ele segurou o meu rosto e me deu um beijo barulhento na boca. “Vamos, linda. Vamos fazer isso.”

Ele tinha razão. Foi muito bom. Duas horas depois, havia três sacos cheios na minha porta, prontos para o lixo ou para doação. Mas não passamos o tempo *todo* trabalhando de fato. Logo depois que começamos a arrumar as coisas, minha mãe veio dar uma olhada na gente.

“Ollie achou que arrumar minhas coisas velhas pudesse me ajudar na preparação para a mudança”, expliquei.

“Ah, é?”, disse minha mãe, lançando a Ollie um olhar de tanta gratidão que quase soltei que ele era meu namorado. “Que boa ideia.” Ela sorriu para ele. “Vou deixar vocês voltarem ao trabalho, então.”

“Você acabou de ganhar uma fã para a vida inteira”, falei depois que ela saiu.

“Claro que ganhei”, Ollie respondeu, convencido. “Mães me adoram.”

Amassei uma folha A4 da pasta de história e joguei nele.

“Como você sabe? Nunca ficou com ninguém por tempo suficiente para conhecer a mãe.”

Ele me agarrou e me colocou no colo.

“Bem, graças a Deus, você me salvou, Sarah Millar. Minha dama no cavalo branco... Humm... que delícia...” Começou a se esfregar em mim.

“Ai, *Ollie!*”, falei, mas não foi sério. Ele tinha razão: estava uma delícia, e acabamos fazendo sexo de um jeito rápido e furtivo, que pareceu impróprio e perigoso, considerando que toda a minha família estava em casa, e a única coisa entre nós e uma possível descoberta era uma cadeira na porta. Quando acabamos concordamos sem palavras em ajeitar as roupas e continuar arrumando as coisas como se nada tivesse acontecido. Mas durante a arrumação ficamos sorrindo e gargalhando. Foi bobo e muito divertido. Só Ollie conseguia fazer isso: amenizar uma situação horrível e me fazer rir de uma caixa de brinquedos velhos no dia em que descobri que minha casa ia ser vendida. Parei um instante enquanto revirava os brinquedos, com um Furby quebrado na mão, e sorri para ele.

“O quê?” Esfregou o rosto. “Estou sujo?”

“Não.” Afaguei-o no joelho. “É que você é lindo, só isso.”

Pela primeira vez não estava louca para ir para o trabalho no dia seguinte. Achei que fosse porque não queria ficar longe da casa, ou talvez porque Ollie e eu tínhamos nos divertido tanto na noite anterior e eu sabia que ele estaria todo rosado e quentinho na cama

enquanto eu pegava o ônibus. Mas, não sei, talvez fosse uma espécie de premonição.

Quando cheguei à loja uma garota estava lá, rindo com Jackson. Nada de errado nisso, claro. Ela tinha mais ou menos a minha idade, cabelo loiro comprido, estava de jeans preto e justo, botas de motoqueira, camisa florida... Eu também estava de jeans preto e justo, mas de sapatilha e uma camiseta branca com linhas prateadas. De manhã me senti muito bem com aquela roupa. Agora não mais.

Enquanto eu estava ali parada, encarando, Jackson me viu, disse alguma coisa para a garota e correu para me deixar entrar.

“Oi, Sarah, esta é Abby”, ele disse, trancando de novo a porta. Eu disse “oi”, e ela também. Silêncio constrangedor.

“Então, você é... amiga de Jackson?” Falei, depois de decidir não presumir em voz alta que ela fosse namorada dele.

Ela meio que riu.

“Bem, sim.” Ela lançou um olhar de *quem é essa louca?* para Jackson.

“Abby trabalha aqui”, ele explicou. Fingiu bater na minha testa. “Alô? Eu não contei ontem? Ela estava de férias.”

“Ah, sim, claro”, respondi, rindo. “Dã. Desculpe.” Só para constar, não me lembrava de ele ter falado sobre nenhuma Abby, apesar de a véspera ter sido um dia estranho, e talvez eu estivesse tão absorvida pela coisa da minha casa que não tivesse ouvido. “Como foram as férias?”, perguntei.

“Legais”, respondeu, sem entusiasmo. Colocou o braço nos ombros de Jackson. “Não sabia que Kate ia contratar outra pessoa. Não acho que precisamos, mas...” Fez um barulho por entre os dentes e arregalou os olhos. “Ela é a chefe.” Pausa para expirar fazendo barulho. “Humm, Jackie, você está *cheiroso* hoje!”

“Obrigado”, respondeu. “Foi minha manhã de banho anual.”

Ela riu muito mais do que deveria e deu um tapinha nele.

“Bobo.” Apoiou a cabeça no ombro dele e me olhou sem piscar. “Então, você estuda, ou...?”

“Acabei de terminar o colégio”, respondi. “Vou para a faculdade em setembro. Com sorte, Manchester, na verdade, como Jackson.”

Abby levantou as sobrancelhas e mexeu a boca dizendo *Ooh, como Jackson*. Uau. Meio horrível. Perguntei se ela fazia faculdade.

“Sussex, antropologia social.” Eu estava prestes a falar alguma coisa sobre parecer interessante, mas ela virou as costas e começou a conversar com Jackson sobre o que aconteceu durante as férias. No espaço de, tipo, um minuto, ela conseguiu citar o nome de dois clientes habituais, e um incidente hilário que aconteceu antes de eu começar. Notando que eu estava ali feito uma idiota, fui para o escritório dos fundos para deixar minha bolsa e olhar as atividades do dia. Enquanto fechava a porta, ouvi Abby falar: “Uau, Kate escolheu uma difícil. Tipo, *muito* intensa. E está totalmente a fim de você”. Esperei a resposta de Jackson, com o coração acelerado.

“Não está, não”, respondeu calmamente. “Por que falou desse jeito com ela? Sarah é muito legal. Gosto dela.”

“Ugh. Não suporto esse tipo.” Não elaborou sobre que tipo seria. Espiei pela porta e a vi acariciar a bochecha de Jackson. “Dá para ver que ela já enfeitiçou você, Jackie.”

Ele recuou.

“Ela não é uma bruxa, Abby, e eu não sou suscetível a feitiços...” Apontou com o polegar para a minha direção. “Vou pegar o dinheiro.” Fui até o computador, e ele apareceu na porta um segundo depois.

“Desculpa pela Abby”, ele disse. “Não sei por que ela está assim.”

“Tudo bem”, respondi animada. “Ela voltou das férias e tinha alguém trabalhando aqui. Dá para entender que não tenha ficado feliz.”

Jackson abriu o cofre e pegou os sacos de moedas e notas para abastecer o caixa.

“Ah, eu ia perguntar”, ele disse casualmente. “Faço parte de um grupo de escrita criativa às quintas.” Abriu um saco de moedas com os dentes e as colocou na bandeja. “Você pode vir hoje se quiser.”

Virei a cadeira para encará-lo.

“Sério? Adoraria! Tem certeza de que não teria problema?”

“Claro.” Ele sentou e sorriu. “Quanto mais gente melhor... e tudo bem se não tiver nada para compartilhar com o grupo. De repente, pode fazer isso numa próxima vez.”

“Ah, mas eu *tenho* o que compartilhar”, falei, fazendo um giro de trezentos e sessenta graus. “Estou com medo e seguindo em frente.”

“Ei, que ótimo!” Ele pareceu feliz de verdade. “Escreveu a história sobre o afogamento?”

Assenti.

“Aham.”

“E?” Ele esperou, o saco de moedas de cinquenta centavos pairando.

“Adorei! Duas horas se passaram em um piscar de olhos.” Estalei os dedos.

“Não falei?”, falou satisfeito. Franziu o rosto. “Mas como vai pegar o texto antes do encontro? Salvou na nuvem?”

“Não fui tão longe”, falei. “Mas mandei para mim mesma por e-mail... Acha que Kate se importaria se eu imprimisse aqui?”

Antes que ele pudesse responder, Abby entrou.

“Jackie, Kate quer que me ajude com o estoque.”

“Ah, certo...”, Jackson respondeu. Não me parecia do feitio de Kate dar instruções assim. “Vou só acabar isso aqui.”

“Não seja bobo, ela pode fazer isso.” Olhou para mim. “Desculpe, esqueci seu nome.”

“Sarah”, respondi, desgrudando o olho da tela. Apesar de eu querer morrer um pouco por dentro toda vez que alguém gosta de mim, ainda tinha alguma dignidade. Se ela ia ser uma vaca, eu não ia ser legal.

“O que você está fazendo, aliás?”, perguntou, cruzando os braços.

Jackson interrompeu.

“Abby, já vou”, ele disse. “Sério, um minuto.”

“Você que sabe.” Saiu contrariada. Um minuto depois Jackson foi atrás. Fiquei encarando a tela vazia. Bem, tinha gostado do trabalho durante três dias. Algumas pessoas provavelmente não tinham nem isso. Eu me afastei da mesa, peguei os materiais de limpeza e fui arrumar a frente da loja.



A EXPRESSÃO DE ABBY FOI INESQUECÍVEL quando viu que eu e Jackson saímos juntos do trabalho. Parecia que tinha acabado de chupar um limão.

“É um encontro?”, ela perguntou enquanto revirava a bolsa. “Cadê a *porra* do meu celular?”

“Não. Grupo de escrita criativa”, ele respondeu. Como conseguia ficar tão calmo? Eu queria dar na cara dela. “É esse aqui?” Ele apontou para um flash branco que saía do bolso traseiro dela.

Abby passou a mão na própria bunda.

“Ah, sim. Obrigada. Mas o que estava fazendo olhando para a minha bunda, Jackie?” Piscou para ele.

“Procurando seu celular. Está pronta, Sarah?” Dei um tchau alegre para Abby, porque com isso tinha grandes chances de irritá-la ainda mais, e saí com Jackson.

“Uau, ela está com tudo hoje”, ele disse. “Normalmente é gente boa, juro.” Eu ando bem depressa, mas quase tive que correr para acompanhá-lo.

“Estamos atrasados?”, perguntei, arfando.

Ele desacelerou.

“Não, desculpe. Tenho mania de marchar para todos os lugares.”

“Então, quem mais frequenta esse grupo?”, perguntei. Ele me falou sobre os outros cinco integrantes e, até acabar, já tínhamos chegado. Eu estava esperando uma escola, uma sala ou alguma coisa assim, mas era um café — um vegetariano com mesas pesadas de madeira e cardápio escrito com giz colorido em uma lousa enorme.

Havia uma placa de FECHADO na porta, mas Jackson abriu e entrou. Um sino tocou, e uma mulher de cabelos encaracolados apareceu, secando a mão em um avental de açougueiro, que cobria jeans corsário e um colete.

“Oi, Jackson. Adivinha. Você foi o primeiro a chegar.” Ela sorriu de um jeito que sugeria que isso não era nenhuma novidade.

“Oi, Shaz”, disse Jackson. “Esta é minha amiga Sarah.”

Shaz estendeu a mão.

“Muito prazer, Sarah. Sempre fico feliz em ver rostos novos.”

“Obrigada”, falei, com sinceridade, depois do dia horrível. “Estou feliz por estar aqui.”

Ela abriu um sorriso largo.

“Posso preparar chá, chocolate quente, café, suco de frutas...”

“Humm... um chá seria bom”, eu disse, sem saber se teria que pagar pela bebida. De repente percebi que eu também não sabia se tinha que pagar para participar do grupo, o que me deixou desconfortável. E se eu tivesse me comprometido a gastar, tipo, cinquenta pratas ou coisa do tipo?

“Deixa comigo”, disse Jackson, pegando a carteira do bolso de trás. “Para mim o de sempre, Shaz.”

“Ótimo.” Ela pegou a nota de cinco, se inclinou sobre a bancada para abrir o caixa e pegar o troco. “Trago em um minuto.”

Segui Jackson até uma mesa grande no fundo do café, a única que não tinha cadeiras apoiadas de cabeça para baixo.

“Shaz nos deixa usar o lugar de graça”, explicou sem que eu tivesse que perguntar. “Pode ser que se junte a nós daqui a pouco. A irmã dela, Kath, começou o grupo. Shaz não escreve, mas gosta de ouvir o que escrevemos e é uma ótima crítica.”

“Ah, certo”, respondi, nervosa por estar ali.

“Todo mundo é muito legal”, ele disse, como se pudesse ler minha mente. “Temos que ser, ou ninguém compartilharia nada do que escreveu. A atmosfera é bem aberta e tolerante. Todos queremos que os outros se deem bem... Ah, Emily e Liam chegaram.”

Um menino e uma menina entraram na loja. Eu sabia que eram um casal porque Jackson já tinha me contado. Emily parecia chinesa

e estava com um vestido estilo anos 40 e sapatos de plataforma. Liam era baixo e tinha um visual descolado, com cabelos castanhos desgrenhados, calça baixa e chinelo.

“Tudo bem, Jackson?”, Emily perguntou, afagando a parte superior do braço dele. Ela sorriu para mim. “Oi, sou Emily.”

Todos nos apresentamos, e então Jackson falou:

“Eu já ia contar para Sarah sobre seu sucesso com publicações.”

“Ah, shhh, vai me constranger.” Ela abanou o rosto. “Enfim, ainda não fui publicada.”

“Não dê ouvidos a ela, Sarah”, disse Liam. “Ela adora. Para dizer a verdade, está *terrível* desde que aconteceu.” Estalou a língua, mas sorriu orgulhoso para Emily. Uma graça.

“Emily conseguiu um agente”, Jackson explicou.

“Uau! Que incrível!”, comentei. Fiz uma careta constrangida. “Hum... o que isso quer dizer?”

Liam riu.

“Finalmente, a voz da razão!”

“Um agente é basicamente alguém que tenta vender seus textos para editoras”, disse Jackson. “Eles não representam qualquer um, e você precisa de um manuscrito completo. É uma coisa bem importante.”

“Isso realmente é incrível”, falei. “Parabéns!”

Emily abaixou a cabeça sem graça.

“Obrigada.”

Os dez minutos seguintes passaram como uma espécie de borrão quando os outros integrantes do grupo chegaram, Shaz trouxe nossas bebidas e anotou mais pedidos, e todos puseram em dia os assuntos não relacionados à escrita. Jackson tinha razão: todos eram muito legais.

“Certo, vamos começar”, disse Kath, que era uma versão de cabelos lisos de Shaz e, obviamente, a líder não oficial do grupo. Ouvi Emily e depois Liam lerem seus respectivos trabalhos. Ambos eram muito bons, apesar de eu ter gostado mais do texto de Liam. A história dele era sobre os moradores de uma rua em Manchester condenada à demolição, e era muito engraçada, enquanto a de Emily, sobre uma mulher que vivia como um homem na era Tudor,

era bem séria. Ambas muito bem escritas, no entanto. Não me deixaram ansiosa para ler a minha, por assim dizer.

Então foi a vez de Jackson. Ele tirou um pedaço de papel do bolso, desdobrou e limpou a garganta.

“É um primeiro capítulo, que escrevi ontem à noite”, explicou. “Então é um rascunho bem inicial.” Riu nervoso. “Tenham isso em mente... Muito bem...” Limpou a garganta outra vez e começou a ler. *“Petra tinha altura mediana, cabelos medianos, aparência mediana: bonita, mas não linda... Mas havia algo nela, pensou Kenyon, enquanto dirigia pelas ruas desertas. A chuva caía no para-brisa, cada vez mais forte, de modo que ele acabou se arrastando a trinta quilômetros por hora. Pensou na maneira como Petra se apresentou. ‘Devo ter informações’, tinha dito e, em seguida, rido. ‘Mas não tenho certeza. Provavelmente não é nada. Não quero que pense que sou uma maluca que quer chamar a atenção.’ Aquilo o marcou, a incongruência entre o tom confiante e as palavras. Por que ela se importaria com o que ele pensava? Foi encantador. Encanto normalmente não era algo que procurava em uma mulher, mas, de algum jeito, ela ficou em sua mente. Ele aumentou ao máximo a velocidade dos limpadores. Tinha muito tempo para pensar, só isso.*

Continuou por um tempo. No fim das contas Petra gostava de arte e queria ser escritora. Eu não estava sendo totalmente paranoica, estava? Digo, tinha conversado com Jackson sobre como me importo demais com o que estranhos pensam sobre mim; eu era — sejamos sinceros — mediana em altura, aparência, cabelo etc. E tinha a coisa da arte/ escrita. Será que Petra de fato era baseada em mim? Senti meu rosto esquentando enquanto ele lia, em parte por achar que estava falando de mim e em parte por estar envergonhada de pensar que ele estava falando de mim. Talvez fosse minha imaginação, mas Jackson pareceu olhar nos olhos de todos, menos nos meus durante a discussão que se seguiu. Foi um pouco estranho, considerando que eu era convidada dele. Meu Deus, não que isso tivesse alguma importância. Se eu estivesse certa, então era muito lisonjeiro, e dava para entender que Jackson estivesse um pouco tímido com o fato de ter me usado como inspiração, se é que essa é a palavra. Mas eu não ia tirar conclusões. Ollie escreveu músicas sobre mim antes de ficarmos, mas aquilo era diferente. Eram músicas

de amor. Jackson estava escrevendo um suspense criminal. Mesmo assim, era legal pensar em mim como um estímulo. Vejam só: Sarah, a musa! Estava pensando em tudo isso quando percebi que a roda tinha ficado quieta.

“Sarah? Sua vez!”, Kath disse alegremente. “Gostaria de ler alguma coisa?”

“Ah, desculpe, sim”, falei, agora ficando vermelha de fato e revirando a bolsa para achar o papel impresso. “Esta é a minha primeira tentativa de escrever ficção”, falei. Olhei em volta, e todos sorriam me encorajando. Era assustador. Olhei para Jackson, que sorriu e falou sem som *vá em frente*. Então respirei fundo e li. “*Era o mar menos convidativo que ela já tinha visto, e ela adorava o mar.*”

Logo esqueci que as pessoas estavam ouvindo. Algumas vezes li frases que me pareciam boas no papel, mas que soaram erradas em voz alta, mas em geral foi bem. Fiquei satisfeita com minha história, na verdade. A parte mais assustadora foram os segundos de completo silêncio depois que acabei de ler. Não foi muito tempo, mas o bastante para meu cérebro alimentar frases de incentivo como *detestaram, acharam um lixo, estão pensando em como me dizer isso*. Mas então Kath bateu as unhas duas vezes sobre a mesa e disse:

“Bom... eu gostei muito.” Meneou a cabeça devagar. “Sim, gostaria de ouvir mais.” Sorri satisfeita enquanto os outros diziam basicamente a mesma coisa. Sabia que a crítica viria em seguida, mas tudo bem. Seria construtiva, o objetivo era esse. E, de qualquer forma, todo mundo escrevia há séculos — essa era minha primeira tentativa. Enquanto faziam sugestões sobre como melhorar a história, fiz anotações em um extrato bancário que achei na bolsa. *Mais história de pano de fundo, escrevi. Por que ela adora o mar? Aumentar um pouco a parte em que está no mar. Mais sobre as sensações.*

“Então, o que achou?”, Jackson perguntou quando saímos do café uma hora depois.

“Ah, muito legal.” Dei um pequeno salto no meio-fio. “Não consigo acreditar que todo mundo gostou do meu texto!”

“Por que não gostariam?”, perguntou. “Você tem talento.”

“Tenho?”, mexi no cabelo. “Fale mais sobre isso.”

Ele riu.

“Malditos criadores. Sempre precisando de reafirmação.”

“É isso que somos?”, perguntei. “Legal. Gosto de ser do tipo criativa.”

“Eu também”, ele comentou, sorrindo. E fez uma pausa. “Enfim, meu ponto de ônibus é nessa direção.” Apontou com a cabeça para a esquerda.

“Ah, sim, claro.” Levantei mais a bolsa no ombro. “Muito obrigada por me convidar.”

Ele deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos da calça, revelando cinco centímetros da cueca cinza de algodão. Sem marca, notei.

“Foi um prazer... Vai repetir na semana que vem?”

“Claro. Com certeza.” Acenei para ele. “Bom... até amanhã.”

Ele levantou a mão em um aceno, mas não fez menção de sair. Mexi na bolsa de novo, abri um sorriso rápido de boca fechada e atravessei a rua para meu ponto de ônibus. Então me apoiei no banco alto demais e o vi sair andando na direção oposta. Ele foi parando às vezes para olhar alguma vitrine ou olhar o celular. Pelo jeito não estava com pressa. Fiquei imaginando a vida dele em casa. Estava em um ano sabático, então deduzi que ainda vivia com os pais. Resolvi perguntar no trabalho. Isto é, se Abby deixasse. Ugh, *Abby*. Já tinha me esquecido completamente dela. O trabalho tinha ganhado uma nova camada de porcaria. Ela era tão sarcástica. Talvez eu devesse apenas dizer para não se preocupar, que eu não ia roubar seu precioso Jackson, mas aí ela zombaria de mim por ter imaginado que ela se importava. Com alguma coisa. *Fazer o quê?*, pensei, ao fazer sinal para o ônibus que se aproximava. Teria que simplesmente aproveitar os momentos em que ela estivesse no almoço. Uma hora em oito. Podia ser pior.



SEXTA ERA NOITE DE COURTNEY'S, ou pelo menos seria assim nessa semana. Era a boate mais cafona do mundo, mas era sempre divertido, e o irmão mais velho de Cass, Charlie, trabalhava na porta, então conseguíamos furar a fila. Depois dos últimos dias no trabalho, eu precisava muito daquela noite. Abby tinha sido mais insuportável do que nunca naquele dia, alternando entre me ignorar e fazer comentários venenosos, e eu quase não vi Jackson.

“Onde está Rich?”, Ashley perguntou ao se juntar a nós no local onde costumávamos esperar por ela (um banco na rua da boate).

“Não está aqui”, disse Jack, levantando as sobrancelhas para o short justo de Ash e sua regata rosa neon sobre uma camisetinha preta. Ela sempre enlouquecia nas roupas quando íamos à Courtney's. Era sua maneira de lidar com o pop. Ela não se importava de dançar ao som do hit do momento, contanto que parecesse completamente deslocada.

“Como *assim?*”, perguntou, colocando a mão trêmula no peito. “Nós fazemos *tudo* juntos, certo?”

“Foi o que falei”, disse Donna. “Ele está praticamente transgredindo a lei.”

Jack sorriu.

“Não se preocupem. Ele não saiu com outros amigos.” Estremeceu só de pensar nessa possibilidade. “Não está se sentindo bem, só isso.”

Ollie franziu o rosto.

“Não está mal de novo, está?”

“Era o que eu ia perguntar”, Ash, Donna e eu falamos ao mesmo tempo. Trocamos rápidos sorrisos de *uau, que estranho*, mas foi um pouco triste. Era bem chato que a primeira coisa que pensávamos na ausência de Rich fosse que estivesse deprimido.

“Meu Deus, não! De jeito nenhum”, disse Jack. “Olhem.” Mostrou a mensagem de Rich.

Não vai rolar hoje, ou vou encher a pista de catarro. Manda oi pros outros.

“Que lindo”, disse Donna, e levantou do banco. “Vamos, então. Vamos causar.”

“Só se você nunca mais disser ‘Vamos causar’”, respondeu Ashley, cruzando os braços.

“VAMOS CAUSAR”, repetiu Don, na cara dela.

“Certo, chega. Está *tudo acabado* entre nós”, disse Ash, com voz de atriz de seriado, varrendo o ar diante do rosto.

Donna deu de ombros e me deu o braço.

“Acabei de abrir uma vaga para melhor amiga. Interessada?”

Encostei no braço dela e fechei os olhos em êxtase.

“Sempre sonhei com este dia.”

“Deem um tempo, pode ser?”, disse Cass, falando pela primeira vez. “Quanta imaturidade.” Ela foi na frente, os saltos estalando na calçada. Donna, Ashley e eu nos entreolhamos. Um pouco culpada por não estar atendendo às ligações de Cass, apertei o passo para alcançá-la.

“Tudo bem?”, perguntei.

“Na verdade, não”, ela disse, suspirando. “Não é um bom momento, para falar a verdade.”

Por que ela estava me irritando tanto? Eu devia ser solidária e querer ajudar, mas, em vez disso, a vontade que eu tinha era de estapeá-la. Dizendo a mim mesma que era um problema meu, e não dela, continuei:

“Você não é assim.”

Ela franziu o rosto.

“Pois é. Isso é bom. É o que acontece com a pessoa quando o ex dela engravida uma qualquer.”

AINDA?

“Cass”, falei com delicadeza. “Não acha que já está na hora de superar isso? Você teve sorte.”

Ela respirou fundo do alto de seus saltos.

“Eu sei. É difícil explicar. Não é culpa sua, mas você simplesmente não entende. Nenhum de vocês entende. É como se minha vida tivesse virado de cabeça para baixo.”

Como quando seu pai perde o emprego e você tem que sair da sua casa de infância? Puta que pariu. Assim que chegamos fui para o bar pegar uma rodada, para poder sentar perto de outra pessoa quando voltasse. Cass queria uma Smirnoff dupla com Schweppes Citrus. Tudo bem, a vodca da casa era bem ruinzinha, mas os drinques não eram baratos. Por que tinha que ser tudo de marca?

Meu Deus, eu estava virando sovina. Pedi duas vasilhas de amendoim para me sentir mais generosa e levei tudo para a mesa. Cass tomou tudo em um gole, arrotou discretamente e disse:

“Hoje vou precisar de mais do que isso.” E voltou para o bar.

“Lá vai ela outra vez”, disse Donna enquanto observávamos Cass mostrando dois dedos para o barman. Um drinque duplo? Dois duplos?

“Ela precisa tomar cuidado”, disse Ollie, colocando o braço nos meus ombros. “Este lugar é um açougue.”

Apertei a coxa dele.

“E você sabe bem disso, não sabe, meu amor?”

“Sou um novo homem agora, linda”, falou, me beijando. “E de qualquer forma, nunca fui atrás das bêbadas.”

Ashley revirou os olhos.

“Que cavalheiro.”

“É verdade!”, ele protestou, rindo. “Diga uma vez em que tenha visto...”

“Cara, relaxa”, Ash interrompeu, levantando a mão. “Todo mundo sabe que você deixou esses dias para trás.” Ela se inclinou no banco, se segurando pouco antes de cair para trás. Foi muito engraçado.

“Qual é a graça?”, Cass perguntou, soltando o drinque.

“Ash quase se machucou”, Ollie respondeu. Deu um tapinha nas costas de Ash. “Sempre fazendo a gente rir.”

“Ahh, muito engraçado.” Cass tomou um gole da bebida e começou a olhar em volta. “Hoje vou enlouquecer”, falou. “Cansei de ser a boa moça... Viva enquanto é jovem, para citar o querido Harry Styles.” Balançou a mão. “E o resto deles.”

“Talvez seja melhor pegar leve com as bebidas, querida”, disse Donna. “Vai ficar bêbada muito rápido.”

“Você está enganada”, disse Cass. “Vou chegar a um ponto que nenhum de vocês conseguiria imaginar.” Apontou o dedo para cada um de nós.

“Cara, você *já está* bêbada”, disse Ashley. “O que tem nesse copo?”

Cass olhou para o drinque.

“Só tônica com dose dupla de vodca.” Esticou o lábio inferior. “Mas, para ser sincera, já é o meu terceiro.” Riu.

Empurrei minha coca para ela.

“Aqui, beba isso. Precisa se manter hidratada. Eu compro outra.”

Ela empurrou de volta para mim.

“Em primeiro lugar, coca não hidrata. Em segundo, você faz ideia de quantas calorias tem nisso aí?”

“Não”, respondi com sinceridade.

“Bem... muitas”, ela falou. Então o DJ tocou One Direction, e ela pulou da cadeira, cambaleando de leve antes de recuperar o equilíbrio. “Vou gastar dançando. Uhu!” Balançou os braços acima da cabeça. “Quem vem?”

Nós nos entreolhamos, sobrancelhas erguidas, e depois olhamos para Jack.

“Tudo bem, eu cuido das bolsas”, ele falou, resignado, e fomos todos para a pista dar uns pulinhos animados. Exceto Cass, que fazia uma espécie de dança sensual totalmente fora do ritmo. Mas estava sorrindo, o que já era alguma coisa.

One Direction deu lugar a Taylor Swift, que deu lugar a Justin Timberlake, e a essa altura estávamos felizes, suados e totalmente absortos. Foi muito divertido.

“Vou fazer companhia para Jack”, Ollie gritou ao meu ouvido mais ou menos meia hora depois. “Estamos aqui há horas.”

“Ah, não”, falei, segurando o braço dele. “Ele está bem. Cass está com ele.”

Ollie olhou para a nossa mesa e franziu o rosto.

“Não está, não.”

Segui o olhar dele. Tinha razão.

“Ela deve ter ido ao banheiro”, falei.

Dez minutos depois ela ainda não tinha aparecido. Ollie foi sentar com Jack enquanto eu procurava Cass. Não demorou muito. Ela estava perto do DJ, dançando perto dele e conversando. Enquanto isso, o cara a ignorava.

“Cass, o que você está fazendo?”, gritei.

“Estou me divertindo”, ela gritou de volta. “E você?”

Segurei o pulso dela.

“Vamos para a mesa.”

“Não”, ela disse, me afastando. “Estou conversando com meu novo amigo.” O DJ olhou para mim, e eu sorri pedindo desculpa. O olhar dele passou direto por mim. Muito simpático.

“Você consegue coisa melhor”, falei para ela.

Ela o olhou, apertando os olhos.

“Tem razão”, disse de repente. “Na verdade, ele é um grosso.”

“Totalmente”, falei, pegando a mão dela e tentando levá-la, mas Cass parou onde estava. “O que foi?”, perguntei, virando.

Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

“Por que ele não gostou de mim?”, disse. Soltou um soluço. “O que tem de errado comigo?”

Fechei os olhos, de repente cansada.

“Não tem nada errado com você”, falei. “*Vamos.*”

“Tem, sim”, ela disse. “Adam também não me quis.”

“Agora você está falando besteira”, respondi irritada. “*Você* terminou com *ele*, lembra? E foi a melhor coisa que já fez na vida.”

Ela não respondeu. Não conseguia — eu estava totalmente certa. Em vez disso, apenas olhou para mim, com o lábio tremendo.

“O que foi?”, perguntei de novo.

“Você tem tanta sorte”, ela disse. “Acho que nem sabe a sorte que tem.”

“Sim, Ollie é um amor”, respondi feliz, começando a puxá-la outra vez. “Mas, você sabe, minha vida não está exatamente perfeita agora.” Cass não disse nada. Talvez não tivesse ouvido.

De volta à mesa, ela sentou ao lado de Jack e encostou a cabeça no ombro dele.

“Jack, querido”, ela disse com tristeza.

“Uau”, disse Ollie.

“Ela está bêbada”, falei irritada.

Jack a tirou de cima dele com cuidado e falou que ia buscar uma água para ela, mas, assim que saiu, Cass se levantou.

“Está chato aqui. Vou dançar.” E foi.

Eu me acomodei no banco.

“Essa garota está me irritando.”

Ollie pegou minha mão e fez cócegas na palma com o dedo.

“Aguenta firme, linda.”

“Podemos ir?”, perguntei. “Acho que já deu.”

“Tem certeza?”, ele perguntou, franzindo o rosto. “Não é melhor ficar para cuidar dela?”

“Ela vai ficar bem. Os outros estão de olho.” Dei uma olhada na pista, mas Donna e Ashley não estavam lá. “Eles já voltam”, falei. “E Jack com certeza vai cuidar dela.”

Recebi a ligação às seis da manhã do dia seguinte.



“SARAH... SEU CELULAR ESTÁ TOCANDO”, disse Ollie, me sacudindo de leve. “É o Rich.”

“Quê? Quehorassão?” Ols apertou um botão e colocou o celular no meu ouvido. “Alô?”, falei, passando a língua pela boca para fazer a saliva circular.

“Sarah, é Rich... Estou no hospital. Com Cass.”

Isso me despertou. Ollie também ouviu. Nós dois sentamos, e ele pegou minha mão.

“O que houve?”, perguntei. “Ela está bem?”

“Vai ficar bem. Puseram droga na bebida dela.” Uma pausa. “Eu a encontrei sendo arrastada para um beco.” Ele soltou um riso curto, que se transformou em um soluço sufocado. “Se eu não estivesse passando...”

Não consegui falar por alguns segundos.

“Graças a Deus estava”, sussurrei. “Ah, Rich, a culpa é toda minha.”

“De onde você tirou isso?”, ele perguntou, com a voz mais forte. “Escuta, você quer vir até aqui?” Disse onde estavam e desligou.

Ollie jogou as pernas para fora da cama.

“Vamos”, ele disse. “Vou pedir para minha mãe levar a gente.”

“Ela faria isso? Que horas são?” Olhei meu celular, que ainda estava na minha mão. “Quase seis.”

“Tudo bem, ela não vai se importar”, ele disse, fechando o zíper da calça. Colocou uma camisa por cima da cabeça. “Vista-se. Vou acordá-la.”

Estava me sentindo tonta e tensa. Aquela sensação que você tem quando acorda cedo para viajar, só que ao contrário. Fui ao banheiro, escovei os dentes com a escova de Ollie e desci. Alguns minutos depois, ele e Kelly apareceram. Logo estávamos a caminho do hospital.

“Pobre Cass”, Kelly falou para o carro silencioso. O dia estava lindo, as ruas, desertas, e o sol ainda baixo do começo da manhã quase cegava quando batia no vidro. Eu e Ollie resmungamos concordando, e mais nada foi dito até chegarmos.

Ela puxou o freio de mão, mas deixou o motor ligado.

“Devo esperar?”, disse, acariciando a bochecha de Ollie com as costas da mão.

“Melhor não”, ele falou, já saindo do carro. “Não sei quanto tempo vamos demorar.”

Enquanto ela ia embora, peguei a mão de Ollie.

“Não posso acreditar que estamos aqui outra vez.”

“Eu sei.” Ele respirou fundo. “É ridículo.”

Agora que estávamos no hospital, parecia que a urgência tinha passado, e nos abraçamos por quase um minuto, minha cabeça no peito de Ollie, o rosto dele no meu cabelo.

“Vamos”, falei finalmente, pegando-o pela mão. Rich tinha me dito onde estavam, mas as instruções acabaram sendo praticamente inúteis. Se não tivéssemos dado de cara com Hannah — a namorada de Jack —, que estava trabalhando no turno da noite, acho que não teríamos conseguido encontrá-lo. Santa Hannah. Estava superocupada, mas insistiu em nos levar.

“Mande melhoras”, ela disse, dando um rápido abraço nos três. “Queria que estivesse mais tranquilo aqui...”

“Não se preocupe”, falei.

“Sim, vá. Você foi incrível”, disse Ollie.

Rich sorriu de leve. Parecia completamente esgotado.

“Acho que Jack também está vindo”, ele disse a Hannah. “Caso dê de cara com ele.”

Ela assentiu, acenou bem rápido e correu de volta por onde tinha vindo. Pareceu uma reação estranha, mas acho que a mente dela estava no modo trabalho.

Sentamos um de cada lado de Rich, fazendo o sofá chiar.

“Como ela está?”, perguntei.

“Dormindo. Os pais estão com ela. Quando acordar, se estiver bem, a enfermeira vai avisar que estamos aqui.” Esfregou o rosto como se estivesse passando um pano invisível nele. “Ela vai ficar bem, mas, como ficou tão bêbada, vão ter que ficar de olho. Álcool e Rohypnol não são uma boa combinação.”

“Boa Noite Cinderela?”, falei. “Merda.”

“Achei que ficasse azul quando misturado com líquido”, disse Ollie. “Como ela não percebeu?”

Rich deu de ombros.

“Pelo jeito, dá para conseguir uns falsificados. Hoje em dia é muito difícil comprar Rohypnol de verdade. Pelo menos foi o que o médico disse.”

“Quem fez isso?”, perguntei. “Pegaram o cara?”

“Ele fugiu”, respondeu, parecendo envergonhado. “Fizemos uma descrição para a polícia. Tenho certeza de que ele quebrou o nariz quando caiu.”

“Fizemos?”, Ollie perguntou. “Quem estava com você?”

“Ah... gente que estava passando”, Rich respondeu, quase alegre. “Eu tinha acabado de sair do cinema.”

Captei o olhar de Ollie, mas logo desviei, caso Rich notasse. Para começar, não estava gripado, e quais são as chances de um grupo de estranhos passar pelo mesmo beco na mesma hora da madrugada? Não que isso importasse. A única coisa que importava era que Cass ficasse bem.

“Graças a Deus, Rich”, falei. “Você é um herói.”

“Não sou, não.” Conteve um enorme bocejo. “Lugar certo na hora certa, não é mesmo? No máximo tive sorte.”

“Mas, mesmo assim, você espantou o cara”, Ollie comentou.

“Acho que sim.” Bocejou de novo e cruzou os braços. Estava calor, mas ele estava quase tremendo. Talvez estivesse mesmo doente. Esfreguei as costas dele.

Um enfermeiro apareceu na porta.

“Vocês são os amigos de Cassandra?”

“Somos, como ela está? Podemos vê-la?”, perguntei rápido.

Ele sorriu.

“Venham comigo.”

Todos se levantaram, e então eu disse:

“Acham que devemos esperar os outros?”

“Os outros?”, perguntou o enfermeiro. “Quantos são?”

“Faltam quatro”, Rich respondeu.

“Três, você quer dizer...”

“De todo jeito”, interrompeu o enfermeiro, “eu não deixaria todos entrarem de uma vez, então é melhor virem agora. Cassandra está esperando.”

“Ela está bem?”, perguntei, apertando o passo para acompanhá-lo.

“Vai ficar bem”, ele disse, abrindo um sorriso rápido para mim. Ele parou na porta, digitou um código e, segurando a porta com o pé, pegou um pouco de gel antibacteriano de uma máquina na parede e esfregou as mãos vigorosamente. Todos nós fizemos o mesmo e o seguimos por um corredor cheio de ramificações para diferentes alas.

Atravessamos todo o corredor até chegarmos a uma porta fechada lá no fim. O enfermeiro bateu e colocou a cabeça para dentro.

“Cassandra, seus amigos estão aqui”, ele disse.

“Obrigada”, veio uma voz baixa de dentro.

“Podem entrar”, ele falou, segurando a porta para nós. “Quinze minutos, tudo bem?”

Cass estava na cama, com o cabelo todo bagunçado, os olhos fundos e cansados. Estava com um soro no braço.

“Oi”, ela disse, e comecei a chorar. “Ah, não faça isso. Vem aqui.” Quase corri para os braços abertos dela. “Opa, cuidado.” Ela tirou o cabo do soro do caminho. “Tudo bem...” Sorriu. “Agora podemos nos abraçar.” Coloquei os braços nos ombros dela. Parecia muito magra na camisola do hospital.

“Sinto muito”, soluzei. “Nunca devia ter deixado você lá.”

“Não se preocupe”, respondeu. “Não foi culpa sua.”

“Foi, sim”, gemi. “Foi tudo culpa minha.”

“Sarah”, ela falou. “Não foi.”

Recuei. Ela estava sorrindo, mas com os olhos ainda muito cansados.

“Tá”, falei, fungando. “Obrigada.”

Ninguém falou nada pelos próximos segundos. Em seguida Ollie disse:

“Por que precisa do soro?”

“Para hidratar”, respondeu. “Melhor cura para ressaca do mundo, aliás.” Seu lábio tremeu. Olhou para cada um de nós. “Desculpem.”

“Não peça desculpas”, falei. “Você teve uma péssima experiência.”

“Poderia ter sido muito, muito pior”, ela disse, alcançando a mão de Rich. Tentou sorrir para ele, mas sua boca tremeu incontrolavelmente, e ela deu um suspiro. “Obrigada.”

“Não tem de quê”, ele respondeu, parecendo estar com os olhos marejados. “Fico feliz por ter passado por ali.”

“Não tão feliz quanto eu”, falou. “Que idiota.” Começou a enrolar os lençóis.

“Ei, não foi sua culpa”, falei. “Você sabe disso, não sabe?”

“Totalmente. Você não pediu para aquele escroto, quem quer que fosse, drogar sua bebida”, disse Ollie.

“Não, mas mesmo assim fui burra. É uma estupidez se embriagar daquele jeito, e é muita burrice aceitar uma bebida que você sequer viu sendo preparada de uma mão estranha... Acho que foi isso que aconteceu, pelo menos”. Colocou a ponta do dedo na testa. “Não me lembro de nada, para ser sincera.” Abriu um sorriso choroso. “Talvez seja uma coisa boa.” Olhou para Rich. “Pegaram o cara?”, perguntou em voz baixa.

Ele balançou a cabeça.

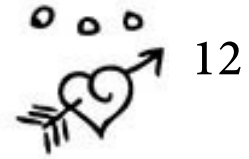
“Não sei. Sinto muito.”

Ela fez que sim com a cabeça sem dizer nada, e o quarto voltou a ficar quieto, todos nós pensando no fato de que um estuprador em potencial estava livre para atacar de novo. Pelo menos era isso que eu estava pensando. Era melhor do que imaginar o outro fim para a situação de Cass, e era para isso que meu cérebro ficava voltando.

Quando a maçaneta girou, todo mundo olhou. O enfermeiro colocou de novo a cabeça para dentro do quarto.

“Tem mais alguém para vê-la”, ele disse e se afastou.

Era Adam.



“QUE DIABOS VOCÊ ESTÁ FAZENDO AQUI?”, Ollie perguntou, saltando da cama e indo para cima dele.

Cass apenas ficou olhando, boquiaberta.

Adam olhou preocupado para Rich.

“Pensei... Digo, não preciso...”

“Eu liguei para ele”, disse Rich. Ele olhou para Cass. “Desculpe, talvez não tenha sido a coisa certa...”

“Claro que não foi a coisa certa!”, falei. “O que você estava pensando? E VOCÊ”, disse, virando para Adam, “pode dar meia-volta e sair agora mesmo.”

“Não, tudo bem”, Cass falou. “O que você quer?”, ela perguntou, com a voz fraca.

Ele abaixou a cabeça.

“Na verdade vim para ver... sabe...”. Coçou o nariz. “Como você está?”

Cass olhou para ele.

“Nunca estive tão bem... Era só isso?”

“Hum... não.” Ele franziu o rosto, como se não tivesse entendido a pergunta. “Queria dizer que... Sinto muito... Rich me contou que você ficou sabendo sobre Rachel e... o bebê.”

Eu nunca vi Adam sendo nada além de arrogante e metido, mas estava mexendo os pés — quase torcendo as mãos. Olhei para Cass. Ela fazia um bom trabalho fingindo estar impassível, mas não bom o bastante. E parecia triste, também.

“Você sempre foi boa para mim”, continuou apressadamente, antes que Cass tivesse chance de falar e, acho, antes que ele mesmo perdesse a coragem. “Não acredito que me aturou por todo aquele tempo, na verdade.” Tentou rir, mas ninguém acompanhou, e o rosto dele ficou sério outra vez. “Vou apoiar Rachel, qualquer que seja a decisão dela. Claro que não planejamos nada disso, mas vou fazer a coisa certa...” Respirou fundo, quase como se esperasse cumprimentos pelo discurso nauseante. “Nunca fiz a coisa certa com você, né?”, prosseguiu. “Sempre soube que você ia fazer coisas incríveis com a sua vida, e isso me doía um pouco por dentro, para ser sincero. Talvez por isso eu fosse um babaca com você... Então, siga em frente, tudo bem? Me esquece. Viva a sua vida.” Limpou a garganta, ficou vermelho e olhou para qualquer coisa que não fosse nenhum de nós. “Era o que eu queria dizer, então...” Deixou a frase solta. Foi literalmente o máximo que já o ouvi falar na vida. Rich, Ollie e eu não falamos nada, estávamos todos boquiabertos.

Cass foi a primeira a se pronunciar.

“Obrigada”, disse em voz baixa. Estendeu a mão, e, depois de um segundo de hesitação, Adam foi até ela e tocou seus dedos. Ela apertou uma vez e soltou. “Sinto muito por...” Engoliu em seco. “Rachel. E tudo o mais.”

Ele deu de ombros.

“É, bom. O que se pode fazer?” Esse, sim, parecia o antigo Adam. Cass visivelmente sentiu um arrepio, mas deve ter sido melhor assim. Se Adam tivesse se regenerado totalmente, teria sido perturbador demais.

Ele gesticulou para trás do ombro com o polegar.

“Enfim, é melhor eu ir, então...”

Cass assentiu.

“É. Tchau.”

“Até mais... Bom... É.” Fez um estranho movimento com a mão — meio aceno, meio sabe Deus o quê, e saiu.

“Uau!” Ollie rompeu o silêncio incrédulo. “Isso aconteceu de verdade?”

“Pois é.” Cutuquei Rich, que estava mordendo o lábio inferior e chutando o chão. “O que você falou para ele?”

“Quem, eu?”, respondeu de um jeito ridículo. “Hum... bom, só que Cass sabia sobre a gravidez e estava, tipo, muito chateada e que estava no hospital. E outras coisas.” Deu de ombros, ainda sem fazer contato visual.

“Contou por que estou aqui?”, Cass perguntou.

“Sim?”, falou, fazendo uma careta, como se fosse mudar a resposta caso ela não gostasse.

A cabeça dela caiu para trás, de modo que ficou olhando para o teto.

“Graças a Deus... Tive medo que ele pensasse que eu tinha tentado me matar ou coisa do tipo.”

“Então não se importa?”, Rich perguntou. “Que eu tenha ligado pra ele?”

Cass afagou a cama ao lado dela, e Rich sentou. Ela se levantou, deu um beijo na bochecha dele e deitou de novo.

“Ugh”, Cass disse, com a mão na testa. Levou um segundo para se recompor. “Não, Rich, não me importo. Agradeço.” Acariciou o braço dele. “Obrigada.”

“Mas foi arriscado, cara”, disse Ollie, dando um tapinha no ombro dele.

“Nem me fala”, concordou, rindo. “Eu estava apavorado.”

“Por que fez isso?”, perguntei.

Ele puxou um fio do lençol.

“Para ser sincero, não sei. Foi, tipo, liguei para todos vocês, e depois estava olhando os contatos de Cass, vi Adam e foi quase um reflexo. Antes mesmo de saber o que estava fazendo, cliquei no nome dele. Estava prestes a desligar quando ele atendeu. Tipo, eram seis da manhã, claro que ele estava dormindo. Mas não dava para desligar quando eu estava ligando do telefone da ex-namorada dele.” Olhou para Cass. “E aí, naquela fração de segundo que eu tinha para decidir o que dizer, pensei que talvez devesse falar a verdade, pois não sabia mais o que fazer, e também porque achei que poderia ser um encerramento bom pra relação de vocês. Ele disse que viria aqui, mas eu não sabia que ia falar aquelas coisas. Foi tudo obra dele.”

Depois que superamos o choque inicial do surgimento de Adam, a atmosfera do quarto mudou. Cass ainda estava com a aparência acabada e cinzenta, mas ganhou uma leveza que não tinha desde antes de saber da gravidez. Analisamos o discurso de Adam com muito detalhe, Cass basicamente só ouviu, mas concordou de vez em quando com alguém ou corrigiu quando errávamos a citação.

O enfermeiro entrou alguns minutos depois para ver como ela estava, e Cass perguntou quando poderia ir para casa.

Ele colocou um aparelho no ouvido dela, apertou um botão, retirou e conferiu o visor.

“A temperatura está boa.” Checou o monitor, e pela primeira vez notei que Cass estava usando uma pulseira de medir pressão.

“A pressão ainda está baixa. A médica precisa examinar você. Ela vai fazer a ronda daqui a algumas horas. Para falar a verdade, acho que provavelmente vão manter você aqui até amanhã.”

Ela não pareceu chateada com a notícia. Na verdade ficou quase aliviada.

“Preciso ir ao banheiro”, falou com relutância.

O enfermeiro pegou uma comadre e levantou as sobrancelhas.

“Hum... não. Nem pensar”, disse Cass, se esforçando para sentar.

Ele riu.

“Tudo bem. Mas vá devagar.” Olhou para mim. “Você pode ir com ela? Qualquer problema, aperte isto.” Apontou para um controle pendurado na cama.

Ela revirou os olhos.

“Meu Deus, é logo ali.” Apontou para uma porta que eu não tinha notado.

“Mesmo assim.” Ele fez uma anotação na ficha, colocou a prancheta de volta no pé da cama e avisou que voltaria logo.

Coloquei o braço na cintura dela, que se apoiou pesadamente nos meus ombros.

“Só um segundo”, Cass disse, arfando. Respirou fundo algumas vezes. “Pronto, vamos.”

“Como conseguiu um quarto privado?”, perguntei enquanto manobrávamos devagar para o cubículo do banheiro, arrastando o suporte com a bolsa do soro atrás da gente.

“Meus pais pagaram”, respondeu.

Finalmente chegamos ao banheiro. Rich segurou a porta aberta, ajudei Cass a entrar, e Ollie empurrou o suporte. Tranquei a porta.

“Ah.” Nem sabia que isso era possível em um hospital do sistema nacional de saúde. Sorri. “Quer que eu abaixe sua calcinha?”

Ela me lançou um olhar.

“Pode virar de costas, muito obrigada.”

Fiz o que ela pediu.

“Só vai fazer xixi, certo?”, perguntei.

“Vai ter que esperar para ver”, ela respondeu, e riu rouca.

“Só para avisar, não vou limpar sua bunda”, avisei, mexendo de vez em quando no registro das limpezas e na lixeira que dizia não jogar nada afiado. “Tipo, amo você e tudo o mais, mas existe um limite para o que amigos podem fazer uns pelos outros.” Ouvi o barulho de papel higiênico rasgando.

“Não tenho sido boa amiga para você, não é?” Ela comentou. “Desculpe.”

“Meu Deus, que bobagem”, respondi. “Depois de ontem à noite com certeza quem está em dívida sou eu.”

“Não, não está”, ela respondeu com a voz baixa. “Faz dias que não pergunto sobre o seu pai.”

“Tudo bem. Você estava com a cabeça cheia.”

“Mesmo assim.” Deu a descarga. “Como... vão as coisas?”

“Nada bem... vão vender a casa.” Estava claro que já tinha acabado de usar o banheiro, mas eu continuava de costas, e ela não me falou para virar.

“Ah, não”, falou baixinho. “Sinto muito.”

“É, bom. O que se pode fazer? Para citar o Adam.” Dei de ombros, e ela riu.

“Ele é impressionante, não é mesmo?”

“É.”

“Mas deve ter sido muito difícil falar aquilo tudo.”

“Com certeza.” Já tínhamos discutido isso umas dez vezes. Coci o nariz. “Posso virar, ou você está fazendo alguma espécie de dança sem roupa?”

“Dança sem roupa”, ela respondeu, levantando e me dando o braço. Fui destrancar a porta, mas ela cobriu minha mão com a dela. “Sinto muito, querida. Vamos botar o assunto em dia em breve.”

“Com certeza”, repeti, dessa vez com mais firmeza.

Colocou o braço em volta de mim da melhor maneira possível, com o soro preso.

“Te amo.”

Beije a cabeça dela. O cabelo estava meio fedido.

“Também te amo.”

Eu e Ollie saímos quando Ashley, Donna e Jack chegaram alguns minutos depois (Jack estava com Hannah, que tinha acabado de encerrar o turno). Ollie queria que eu voltasse para a casa dele, mas eu precisava dormir. Sozinha.

Quando cheguei, a casa estava em silêncio. Eram só nove da manhã, então Dan ainda devia estar dormindo, minha mãe, na academia (“aproveitando os últimos dias”) e meu pai, provavelmente no mercado. Feliz por não ter que conversar com ninguém, caí na cama. Estava exausta, mas perturbada demais para conseguir dormir. Os eventos da noite anterior e daquela manhã ficaram passando pela minha cabeça sem parar, e eu pensava no que Adam tinha dito. Ele e Cass namoraram durante quatro anos, mesmo sem serem certos um para o outro. Ela sem dúvida amou Adam, e deviam ter sido felizes, ou não teriam continuado por tanto tempo, certo? Pensei em Ollie, examinando com cuidado minha reação emocional ao imaginar o rosto dele, os ombros, a maneira como me fazia rir, como me olhava com aparente adoração, o sexo. Eu sabia que gostava de verdade dele, mas Cass gostou de verdade de Adam. Como era possível saber se alguém era a pessoa certa para você? Eu queria que fôssemos um par perfeito, como meus pais. Eles se irritavam às vezes. Minha mãe sabia ser dura, e meu pai conseguia ser irritante, mas até hoje estavam apaixonados. Depois de vinte anos casados, eu às vezes entrava na cozinha e pegava os dois se beijando. Ainda sentavam juntos no sofá para ver TV.

Caí no sono sem chegar a nenhuma conclusão. Quando minha mãe me acordou algumas horas depois, me senti desorientada e confusa, e não só por causa do cochilo.

No dia seguinte fui com meu pai até o depósito de lixo para jogar fora mais coisas que ele e minha mãe não queriam levar quando nos mudássemos.

“Como você está?”, perguntei. Ele estava dirigindo como sempre — uma mão no volante, outra apoiada na coxa ou na marcha. Era o motorista mais sutil e confiante que eu conhecia. Sempre me sentia completamente segura no carro com ele. Para falar a verdade, me sentia segura com ele e ponto. Pais são para isso, não são?

Ele afagou meu joelho.

“Eu é que devia perguntar isso para você.”

“Pode me perguntar em seguida”, falei.

“Estou bem, obrigado.” Não disse nada enquanto esperava em uma rotatória. “Ocupando o tempo.”

“Alguma coisa em vista?”

“Nada de concreto para compartilhar.” Entrou no lixão, estacionou e desligou o motor, mas não fez menção de abrir a porta. Olhou para mim.

“E você?”

“Tudo bem”, respondi com a voz um pouco aguda.

“Tem certeza?”

“Humm...” Apertei a ponta dos dedos na pele acima dos joelhos e, em seguida, soltei. Observei as marcas brancas ficarem cor-de-rosa de novo.

Meu pai colocou o braço em volta de mim.

“Vamos, conte para seu velho pai”, falou. “A não ser que tenha alguma coisa a ver com meninos. Nesse caso, não quero saber.”

Dei risada.

“Tem a ver com *um* menino.”

“Esse menino não se chamaria Ollie, chamaria?” Mexeu as sobrancelhas para mim.

“Como você sabe?”, literalmente engasguei, de tão surpresa.

“Posso ser velho, Sassá”, disse, suspirando, “mas não sou um completo idiota.”

“Ah.” Isso não respondia minha pergunta, mas eu não sabia ao certo se queria uma resposta exata. E se ele tivesse nos ouvido transando ou alguma coisa horrível assim? Jamais conseguiria voltar a olhá-lo nos olhos.

“Então, qual é o problema?”, perguntou.

“Não tem nenhum problema... o que é meio que um problema.”

Meu pai olhou para mim.

“Lembra o que eu falei sobre não ser um idiota completo?”

Sorri.

“Desculpe, sei que não faz sentido. É que...” Girei no banco para olhar para ele. “Como você soube que a mamãe era a pessoa certa para você?”

“Não soube”, respondeu, dando de ombros. “Não sei se concordo com o conceito de existir uma pessoa certa, para começo de conversa. Tenho certeza de que, se não tivesse conhecido sua mãe, teria encontrado alguém no final. Você sabe, sendo o garanhão que sou.”

“Eca!” Bati no braço dele.

“Desculpe, desculpe”, ele falou, rindo e levantando a mão. “A resposta séria é que eu amava sua mãe e queria ficar com ela para sempre. Mas nem tudo é um mar de rosas, você sabe. Quando se trata de relacionamentos, não existe perfeição. É preciso se dedicar, assim como é preciso se dedicar a tudo o que vale a pena na vida.”

“Hum”, respondi pensativa.

“Hum mesmo.” Ele tamborilou os dedos no volante. “Mas você vai para a faculdade. Eu diria que este não é o momento de apostar tudo em alguém.” Típico comentário do meu pai. Revirei os olhos, e ele sorriu, mas continuou: “Quem sabe o que vai acontecer lá?”. Franzi o rosto, ele se inclinou e beijou minha testa. “Não estou dizendo o que deve fazer, Sassá. Só constatando um fato.”

“Tudo bem”, concordei. Fiz que sim com a cabeça devagar e repeti: “Tudo bem.”

“Certo.” Ele abriu a porta do carro. “Eu gosto de Ollie, a propósito.”

“Legal, vou passar o recado”, respondi secamente.

“Meu Deus, não faça isso”, falou por cima do carro. “Sou seu pai. Ele tem que morrer de medo de mim...” Coçou o queixo. “Na verdade, sejamos sinceros, quem bota medo é a mamãe.” Rimos juntos em uma cumplicidade travessa enquanto meu pai abria o porta-malas e começava a pegar uma pilha de madeiras cortadas.

“Pai!”, exclamei. “É o meu berço?”

“É”, ele disse. “É velho e está apodrecendo. Quer guardar?”

“Acho que não.”

Colocou o berço desmontado no chão e me olhou, com os braços cruzados.

“Vai questionar tudo o que eu tirar do carro?”

“Provavelmente.”

“Humm.” Apertou os olhos para mim. “Tudo bem, vamos combinar o seguinte. Você tem direito a escolher uma coisa para salvar.” Levantou um dedo. “Uma coisa. O resto...” Passou o dedo na garganta. “Combinado?”

“Combinado.” Olhei a bagunça no porta-malas: madeira, plástico e sacos pretos de lixo. “Isso é algum tipo de psicologia inversa para eu perceber que não vale a pena guardar nada?”

Ele pegou a madeira e começou a andar até um dos contêineres.

“A ideia é essa”, respondeu por cima do ombro. “A propósito, tem uma caixa com suas coisas de bebê aí. Jogue na lata de porcarias totalmente inúteis das quais já deveríamos ter nos livrado há anos, por favor?”

“Tonto”, murmurei, sorrindo.

“Ei, eu ouvi.”

Puxei algumas prateleiras do Bob, o Construtor, que ficavam no quarto de Dan, rindo, e fui atrás dele para o contêiner.

Foi estranho voltar para o trabalho no dia seguinte, como se eu tivesse passado muito mais do que um fim de semana longe. Além disso, durante esse tempo aparentemente esqueci como conversar com Jackson. Ou ele esqueceu como conversar comigo. Não sei. De qualquer jeito, foi estranho. Tipo, quando cheguei ele se aproximou,

parecendo de fato feliz em me ver, e por uma fração de segundo achei que fosse me dar um beijo na bochecha, mas aí, no último segundo, foi como se uma sombra tivesse passado por ele, que recuou.

“Foi bom o fim de semana?”, perguntou, voltando para a caixa que estava abrindo, de um jeito não intencionalmente engraçado.

Ergui as sobrancelhas.

“Muito movimentado.”

Abby entrou no recinto, pegou umas chaves do caixa e disse:

“Uhhh... intrigante.” Falou de uma maneira que deixou claro que achava exatamente o oposto, e saiu outra vez. Jackson balançou a cabeça e me olhou revirando os olhos, como se dissesse *o que deu nela?*

“E o seu?”, perguntei, quando ficou claro que ele não ia perguntar mais nada.

“É, foi bom, foi bom”, disse. “Bar, cinema, escrevi um pouco. O de sempre.”

“Legal.” Não consegui pensar em mais nada para acrescentar, então fui guardar a bolsa e conferir a lista de tarefas. Alguns minutos depois Jackson apareceu.

“Então, vai participar mesmo do grupo de escrita?”, ele perguntou, apoiando-se no batente da porta.

“Hum... Vou, acho que sim”, respondi, um pouco desconcertada pela pergunta súbita.

Ele mexeu a cabeça rapidamente, sorrindo.

“Ótimo. Foi muito legal ter você na última reunião.” Fechou a mão em um punho e pressionou a parede de leve, o que acabou afastando-o um pouco de mim. “Gostei muito do que você escreveu, aliás.”

“Ah, obrigada”, respondi, feliz de verdade. “Também gostei do seu texto.” Enrubesci ao me lembrar de Petra, a personagem estranhamente parecida comigo.

“Talvez devêssemos escrever juntos um dia. Podemos nos controlar para não entrar no Facebook”, ele riu.

“É, talvez”, respondi, simpática, mas sem comprometimento, pois parecia um pouco que estava dando em cima de mim, e eu não

queria incentivar nada nesse sentido.

Ele tamborilou na parede mais algumas vezes, em seguida olhou para o relógio.

“Melhor abrir a loja, então”, ele disse. “O que vai fazer esta manhã?”

Apontei com a cabeça para uma pequena pilha de caixas em dois carrinhos: estoque recém-chegado de editoras.

“Desempacotar.”

“Ah sim, claro.” Ele levantou a mão. “Até mais, então.”

“Até mais”, repeti, como uma boba. Fui até as caixas e golpeei a primeira com uma Bic, perfurando a fita adesiva e arrastando a caneta para abrir a tampa. Fiz uma careta, frustrada e confusa com a estranha mudança na dinâmica da minha amizade com Jackson. Talvez o grupo de escrita criativa não tivesse sido uma boa ideia, afinal, mas mesmo enquanto formulava esse pensamento sabia que não ia deixar de ir. Tinha sido legal e inspirador demais, e todos eram muito gentis. Não queria abrir mão daquilo.

As coisas pareceram mais fáceis durante o período movimentado de almoço, quando eu estava no caixa com Jackson. A conversa fluiu muito melhor quando tivemos que encaixá-la entre os clientes. Trabalhávamos bem juntos, na verdade. Ele sabia muito sobre o estoque, e eu conseguia ajudar bastante com as dúvidas sobre os livros de arte. Passava quase todas as minhas horas de almoço na sala de arte, e já estava me familiarizando bem com os títulos. Toda vez que entrava ali eu sentia uma onda de animação ao pensar que em breve estaria estudando essa matéria na faculdade.

“Pode ir, Jackie”, Abby voltou saltitante do almoço, às duas. Eu almocei ao meio-dia, o que descobri ser a pior coisa em termos de hora de almoço. Quando acabava o expediente às cinco e meia, já estava morrendo de fome outra vez, e a tarde sempre se arrasta quando você almoça cedo.

“Está ficando mais calmo”, falei. “Acho que vou arrumar um pouco as coisas.”

“Faça isso”, ela falou, parecendo tão feliz em se livrar de mim quanto eu dela. Enquanto desligava o sistema do caixa, o sino soou avisando que tínhamos mais um cliente.

“Olá”, disse uma voz ao meu ouvido. Dei um salto e coloquei a mão no peito.

“Ollie! Você me deu um susto. O que está fazendo aqui?”

“Desculpe, linda.” Ele se inclinou sobre a bancada e me beijou, totalmente ousado. Não havia outros clientes naquele momento, mas mesmo assim. Eu estava no trabalho! Lancei um olhar de alerta para ele, em seguida vi que Jackson estava logo atrás de Ollie, parecendo completamente chocado. De repente me dei conta de que não tinha contado a ele que tinha namorado. Não é exatamente uma coisa que você simplesmente comunica, e o assunto nunca surgira em nossas conversas.

“Jackson, Abby, este é meu namorado, Ollie. Ols, estes são... as pessoas com quem trabalho.” Não sabia ao certo que termo usar. *Colegas* soava muito pretensioso, *companheiros de trabalho* soava estranho, e *amigos* não traduzia a verdade. Em especial no que dizia respeito a Abby. Ollie apertou a mão deles e fez um ótimo trabalho na tentativa de parecer feliz de verdade em conhecê-los. Provavelmente estava mesmo.

Abby cruzou os braços e olhou de mim para Ollie e para mim de novo. Estalou a língua e abriu um sorriso largo.

“Sarah, sua misteriosa. Você não disse que tinha namorado.”

“Talvez porque mal conversamos”, respondi com doçura.

“Ei, deveríamos sair todos para tomar um drinque”, Abby continuou, como se não tivesse passado todos os instantes na minha presença como se fosse um cachorro rosnando. “Amanhã depois do trabalho. Você pode, não, Jackie?”

Jackson piscou.

“Hum... posso. Claro.”

“Ollie?” Juro por Deus, ela ficou batendo os cílios para ele. Eu poderia ter batido a cara dela na caixa registradora.

Ele sorriu.

“Com certeza! Adoraria. Obrigado, Abby.”

“Perfeito.” Sorriu com tranquilidade para ele, toda cheia de contato visual e malícia. Vaca. “Combinado, então.”

Senti prazer no fato de Ollie ter dito um rápido ótimo, mas em seguida passou o braço pela minha cintura e disse:

“Então, alguma chance de me emprestarem essa menina linda por vinte minutos?”

“Desculpe, Ols”, interrompi. “Não dá. Jackson vai sair para almoçar.”

“Posso esperar”, disse Jackson, de repente voltando à vida. “Pode ir.”

Ollie colocou a mão no ombro dele.

“Obrigado, cara.”

“Tem certeza?” Aquela sensação de culpa voltou, como se eu tivesse tratado Jackson injustamente. Será que tinha? Não achava que tivesse, mas meu coração dizia outra coisa.

“Claro!”, disse Jackson, acenando com a mão. “Kate nunca vai saber, vai?” Por mais legal que Kate fosse, ela era rígida com horários e não aprovaria intervalos fora de hora. Mas ela ia passar o dia em uma feira de livros. Então Ollie e eu fomos a um pequeno café no fim da rua. Deveria ter sido um intervalo gostoso de vinte minutos, mas não consegui relaxar. Fiquei olhando para o relógio o tempo todo.

“Está tudo bem”, Ollie disse. “Não vão se importar se você chegar um pouquinho atrasada.”

“Mas eu vou.” Acabei meu chocolate quente, que chegou morno, e levantei. “Desculpe, Ols, mas estou me sentindo mal. Jackson não teve nenhum intervalo hoje.”

Ele sorriu de um jeito afetuoso.

“Tudo bem... Talvez eu fique um pouco... me passa o jornal, por favor?” Apontou para uma pilha de jornais na parede, e entreguei um bolo para ele.

“Desculpe, amor”, falei. A palavra travou um pouco na minha língua. Nós nos chamávamos de “amor” o tempo todo, mas eu estava evitando usar com ele desde que ficamos juntos. Não sei por quê. Talvez porque Cass e Adam usassem? Sei lá.

“Não se preocupe”, ele disse. “Eu não devia ter aparecido sem avisar.” Meu Deus, ele era sempre tão *legal*. E mais: qual era o meu problema? Por que isso me irritava?

“Não, foi ótimo”, falei. Inclinei-me e dei um beijo nele. “Vou para a casa de Cass mais tarde, mas nos vemos amanhã nesse drinque

depois do trabalho. Você tem certeza de que quer ir?”

“Claro”, ele disse, folheando rapidamente os jornais. “Mal posso esperar. Abby e Jackson parecem legais.” Devolveu os que não queria e abriu um sorriso doce. “Obrigado, linda.”

Coloquei-os de volta no lugar e disse:

“Claro, meu amo.” Talvez isso tenha sido engraçado na primeira vez que alguém disse, mas certamente não era mais.

“Haha”, ele disse, segurando as laterais da cadeira e se balançando. “Boa.”

“Não enche”, falei, rindo.

Fez uma saudação.

“Até mais tarde. Não trabalhe demais.”

Ele podia ser irritantemente gentil, mas nunca fracassou na missão de me fazer rir como uma idiota. Aposto que Adam nunca fez Cass rir. Com esse pensamento me invadindo, voltei para o trabalho. Abby estava sozinha.

“Onde está Jackson?”, perguntei.

“Falei para ele ir almoçar.” Como se ela tivesse autoridade para isso. “Está tranquilo por aqui.”

“Certo.”

“Ollie parece legal.”

“Ele é.” Fui guardar a bolsa no escritório, os olhos de Abby grudados nas minhas costas.



A MÃE DE CASS, Elizabeth, levou Donna, Ashley e eu para a sala, onde Cass estava no sofá, com o controle da TV e um iPad no colo. Elizabeth tirou carinhosamente o cabelo da testa da filha.

“Tudo bem, querida?”

Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu.

“Claro, mãe.”

“Chá, meninas?”, perguntou para nós. Respondemos *sim, por favor* (é preciso sempre ter bons modos com Elizabeth — ela era mais assustadora até do que a minha mãe), e, com um rápido pedido para que não cansássemos muito Cass, ela se retirou. Sentamos. Fiquei com Cass no sofá, levantei as pernas dela e as coloquei no meu colo. Houve um silêncio desconfortável de alguns segundos, enquanto a oportunidade para alguma de nós perguntar como ela estava foi de normal a *oh-oh, o momento passou*. Mas, por sorte, podíamos sempre contar com Ashley para acabar com o desconfortos.

“Ai!”, ela disse, fingindo morder o punho. “Que clima estranho!” Olhou para Cass. “Pelo menos você tem a desculpa de estar com uma tonelada de tranquilizantes farmacêuticos no corpo, querida... Por falar nisso, como está?” Ela abriu um sorriso largo.

Cass tentou rir, mas não conseguiu. Parecia exausta — mais do que no hospital.

“*Argh*, vou ficar bem”, ela disse.

“Você não parece muito bem”, disse Donna, com a testa franzida de preocupação. “Sem ofensa.”

Cass encolheu os ombros.

“Está piorando, se é que isso não soa ridículo... No sentido médico, acho que estou melhor, mas emocionalmente estou acabada.” Revirou os olhos para mostrar que não tinha a intenção de chamar a atenção. “Sei que é bobagem, mas não consigo parar de pensar no que teria acontecido se Rich não tivesse aparecido.” Ela esfregou a ponta dos dedos no sofá e respirou de um jeito trêmulo, como alguém tentando segurar o choro. Acariciei a batata da perna de Cass, e ela esticou o braço para pegar minha mão. Segurei a dela com força. “Fiquei tão assustada”, sussurrou. O ruído de Elizabeth voltando com o chá fez Cass tirar rapidamente a mão para poder esfregar os olhos molhados.

“Obrigada, mãe”, disse. A alegria pareceu convincente, pensei. Elizabeth estava concentrada em deixar a bandeja na mesa de centro sem derrubar nada nem fazer barulhos indevidos, mas levantou a cabeça. Cass logo cortou qualquer interrogatório com um comentário leve: “Ah, ótimo, biscoitos de chocolate. Estou morrendo de fome... Pode me passar um, Ash?”

Ashley pegou dois do prato e fingiu que ia arremessá-los, o que fez Donna e eu gargalharmos. Devia ser a tensão. Elizabeth examinou a filha com cuidado, mas pelo jeito resolveu que ela estava bem, ou decidiu deixar para falar mais tarde.

“Não quer que sua mãe te veja chateada?”, perguntei depois que ela saiu. Cass me ofereceu o biscoito que tinha acabado de pegar de Ashley. “Já tenho um”, falei. Levantei a metade que ainda não tinha comido. “Coma. A dieta pode esperar.”

“Para sempre”, disse Donna, soprando migalhas para todos os cantos. “Você está ficando um pouco ossuda.”

“Eu sei”, disse Cass. “Mas não estou com fome. Minha mãe tem praticamente me forçado a comer. Sério, tomei tanto mingau hoje de manhã.” (Hoje de manhã! Se eu tivesse tomado mingau seis horas antes estaria agarrada à lata de biscoitos como uma possuída.)

“Mingau!”, disse Ashley, com olhos arregalados como se tivesse acabado de ter alguma espécie de epifania. “Há anos que não tomo mingau! Com banana?”

Cass assentiu.

“E calda.”

“Certo, está decidido. Vou comer isso amanhã com certeza.” Ela se esticou como um gato. “Eu sei: estou descontrolada”, falou enquanto expirava.

“Minha mãe provavelmente prepararia para você se pedisse”, disse Cass.

Ash fez uma careta e sussurrou:

“Estou com um pouco de medo.”

Isso fez Cass rir.

“Não é a única.” Deu uma mordidinha no biscoito e mastigou enquanto pensava em alguma coisa. “Na verdade, acho que não quero conversar sobre essas coisas.” Apontou para si mesma, como se os ocorridos da outra noite fossem a única coisa a seu respeito agora. Pegou o controle e começou a passar pelos canais. “Vamos pedir pizza e assistir a porcarias na TV. Avisem quando gostarem de alguma coisa”, falou, zapeando.

“Aí!”, Donna gritou. “*E! News*. Não tem como dar errado.”

“Sério?”, Ashley a olhou severamente. “Fofoca de celebridades?”

Don devolveu o olhar.

“Como você sabe que é fofoca de celebridades?”

“Você pode saber sobre cultura popular sem consumir”, Ash respondeu com ar de superioridade.

“Certo. Você adora.”

“Shh.” Ash fez um gesto de “fala com a minha mão”. “Preciso assistir a essa matéria importantíssima sobre uma coisa que Justin Bieber tuitou.” Ela se inclinou para a frente e franziu o cenho com força para a TV, até Donna jogar uma almofada na cabeça dela.

“O que quer assistir, então?”, Cass perguntou, rindo.

Ashley jogou o cabelo para o lado.

“Ah... pode deixar aí mesmo.”

“RÁ!”, todas nós dissemos, apontando ao mesmo tempo. Donna pulou nela, caindo com uma perna de cada lado. Era como uma girafa molestando um potro particularmente descabelado.

“Ah, eu TE AMO, sua pseudofeminista intelectual!”, ela disse, enchendo o rosto de Ash de beijos.

“AIII! DONNA! NÃO! SAI DE CIMA! ME AJUDEM!!!”, gritou Ashley. Já estava muito engraçado, mas quando Elizabeth entrou

para ver o que era aquela barulheira, as duas pararam no meio da briga, com o rosto congelado em expressões de *ai, merda...* Meu Deus, achei que fosse morrer de tanto rir. Cass estava na mesma situação. Elizabeth ergueu uma sobrancelha com toda a pose, sorriu e (acho que sempre vou amá-la por isso) falou:

“Meu Deus. Não tive a intenção de interromper. Continuem...” Ela então se afastou e saiu da sala.

“Respeito”, declarou Donna devagar enquanto saía do colo de Ashley.

“É, acho que me apaixonei um pouquinho pela sua mãe”, Ashley acrescentou.

Cass deu um sorriso verdadeiro e alegre. Foi ótimo de ver.

“Então”, ela disse. “Quem quer pizza?”

“Ollie parece legal”, disse Jackson. Eu estava no caixa, e ele, arrumando o display de destaque. Abby — aleluia — estava almoçando e Kate estava no escritório dos fundos, pagando contas. Éramos os únicos presentes. Chuva torrencial o dia todo = nenhum cliente.

“Ele é”, respondi. Eu estava matando tempo testando todas as canetas embaixo do caixa e descartando as que não funcionavam.

“Há quanto tempo estão juntos?” Jackson endireitou o corpo. “Que tal?” Ele tinha escolhido livros sobre condições climáticas extremas para o tema do dia. Ficção e não ficção: *O mágico de Oz*, *A tempestade*, *O boneco de neve* etc.

“O display ficou ótimo”, falei, evitando a primeira pergunta. Por que estava evitando? Literalmente não fazia ideia. Talvez porque eu fosse uma idiota.

Ele mexeu nas pilhas, ajeitando e mudando algumas coisas de lugar.

“Então, estão juntos há muito tempo, ou...?”

“Algumas semanas”, respondi vagamente. “Mas somos amigos desde os cinco anos de idade.”

“Ah, legal.” Começou a empilhar os livros que não usou no carrinho, para redistribuí-los pela loja. “Então está na fase inicial do

romance.” Lançou o que devia ter sido um sorriso malicioso, mas não deu muito certo. “Adoro essa fase.”

“É, é legal”, respondi, esticando o lábio inferior e balançando a cabeça afirmativamente. Então pensei em Jackson, é claro. Ele adorava aquela fase — com quem teria passado por aquilo? Mas não perguntei, por mais que quisesse. A coisa que mais queria era mudar de assunto.

“Legal? Pega leve, Sarah!” Ele sorriu de verdade. Foi a primeira vez que olhou nos meus olhos desde que iniciamos a conversa.

Dei risada.

“Então. É...” Fiz um esforço para encontrar a palavra certa e, quando não consegui, dei de ombros sem ação e disse: “É legal! O que mais posso dizer?”.

Ele ergueu as sobrancelhas como se quisesse dizer *você quer ser escritora, e o único adjetivo que consegue encontrar para descrever sua nova relação é ‘legal’?* Ele tinha razão. Mas a verdade é que havia muito mais que eu podia dizer sobre Ollie, mas nada que já não existisse quando éramos apenas bons amigos. Ele me fazia rir, era um ótimo músico, era doce, gentil... Eu não ia contar a Jackson que Ols era bom de cama, ia? E com um susto, de repente, pensei: *merda, sexo é a única diferença entre mim e Ollie como amigos e como casal?* Comecei a dobrar agitadamente o saco de papel no qual estava testando as canetas. *Cala a boca*, disse a mim mesma. *Sexo é SEMPRE a única diferença entre amigos e amantes. POR DEFINIÇÃO, sua anta.*

“Ei? Sarah?” Jackson passou as mãos na frente do meu rosto.

“Merda, desculpe.” Ri e dei um tapa na testa. “O que você disse?”

“Só falei que vai ser bom conhecer seu namorado direito no bar hoje à noite.”

“Ah, sim. Ele disse o mesmo sobre vocês. Vai ser divertido.”

Mas nosso drinque amigável acabou sendo tudo menos divertido. Por quê? Uma palavra: Abby. Outra: vaca.



PARA COMEÇAR, ela fez um esforço imenso, saindo do escritório dos fundos no fim do dia com jeans colado, delineador estilo Adele, e um biquinho casual, como se devêssemos estar olhando para a aparição diante de nós. Admito que estava linda, mas de um jeito totalmente superficial. Enquanto caminhava na nossa direção, abrindo os lábios de leve enquanto procurava alguma coisa na bolsa, me dei conta de quem ela me fazia lembrar. Meu lance com Joe, o menino com quem perdi minha virgindade, acabou quando o flagrei transando com uma menina chamada Mimi. Abby e Mimi tinham uma cara de desdém. Talvez treinassem. Talvez ficassem toda noite diante de um espelho treinando curvar os lábios.

“Ah.” Abby parou de repente ao me ver, fez uma careta e olhou para si mesma. “Meu Deus, estou me sentindo produzida demais agora. Achei que íamos nos arrumar.”

“Achei que não”, respondi, esticando a boca no que, com a luz certa, suponho que pudesse parecer um sorriso.

“É só um bar, Abby”, Jackson falou, balançando as chaves da loja. “Meu Deus, aposto que você deve se arrumar toda até para ir ao mercado.”

“É bom ficar bonita, Jackie”, argumentou. Ela me mediu de cima a baixo por um segundo e acrescentou: “Claro que você está sempre bonita, Sarah”.

“Obrigada”, falei. “Você também.” Falsidade se paga com falsidade.

“Certo.” Ela me deu o braço. “Vamos!” Esse súbito ataque de amizade era bastante suspeito. Enquanto andávamos até o bar, Abby se gabando sobre isso e aquilo, rindo toda vez que eu falava qualquer coisa (e quero mesmo dizer *qualquer coisa*. “Ah, Sarah, você é tão ácida!”, disse em determinado ponto, depois que fiz algum comentário sobre — não estou brincado — o sanduíche que comi naquele dia), até comecei a pensar que talvez só precisasse passar mais tempo fora do trabalho com ela. Talvez Abby fosse legal, na verdade. Quer dizer, Jackson gostava dela. Pensar nisso foi quase empolgante. Seríamos amigas, afinal! O trabalho voltaria a ser legal!

Mas aí chegamos ao bar.

Ollie já estava lá, lendo um jornal e tomando uma cerveja. Fiquei aliviada ao sentir uma pequena empolgação por vê-lo, com sua adorável mão no cabelo cacheado, os ombros largos esticando o tecido da camiseta.

“Oi de novo, Ollie!”, entoou Abby, passando na frente para ser a primeira a cumprimentá-lo. Ela deu dois beijos no rosto dele (quem dá dois beijos?). “Posso pegar outra bebida para você?”, ela perguntou, com os olhos arregalados e curiosos.

“Estou bem, obrigado”, ele respondeu com um sorriso breve. Então levantou da cadeira e passou por ela para me beijar, com a mão na minha lombar. “Oi, linda”, sussurrou ao meu ouvido. É possível que eu tenha rido mais do que o normal. Era Abby: ela despertava isso em mim. E, de qualquer forma, fez cócegas. Retribuí o beijo, meus dedos se enrolando no cabelo da nuca dele. Lembrei a conversa com Jackson sobre Ollie e senti um pouco de vergonha.

Abby pegou as bebidas e tivemos uma conversa um pouco artificial por alguns minutos: Ollie perguntando sobre o mundo das livrarias, Abby e Jackson não sabendo o que responder, porque só tinham trabalhado lá, Jackson perguntando a Ollie o que ele fazia, Ollie respondendo que estava esperando os resultados das provas, mas que depois queria estudar música. Aquele tipo de diálogo educado.

Então Abby disse:

“Sarah se deu muito bem no trabalho.” Abriu um sorriso condescendente para mim. “Principalmente com Jackson, não é?”

Deu uma piscadela (uma piscadela!) para mim, como se estivéssemos compartilhando um segredinho entre meninas.

“Sim, está tudo bem”, falei, dando de ombros. Que porra ela estava *fazendo*?

Abby colocou a mão no pulso de Ollie.

“Sério, Ollie, nunca vi duas pessoas com interesses tão semelhantes em termos literários. É como se tivessem recebido a mesma lista de leituras ou algo assim.” Levantou as sobrancelhas como se dissesse *tsc, esses dois!*

“Sarah tem gostos muito diversos”, Ollie respondeu com tranquilidade. “Provavelmente leu mais livros do que a maioria das pessoas.” Acariciou as costas da minha mão com o dedo.

“E você, Ollie?”, Abby continuou, apoiando o queixo na mão, para vê-lo melhor através dos cílios carregados de rímel. “Do que você gosta?” E, sim, isso soou sexual.

Ele esticou o lábio inferior.

“É como eu disse. Música, acho.” Apertou minha mão. “Entre outras coisas.”

“Ah, meu Deus, eu também”, ela disse. “A primeira coisa que faço quando chego em casa é botar uma música... O que está ouvindo agora?”

O que era isso? Flerte para principiantes? *Pergunte sobre ele. Concorde com as respostas. Estabeleça uma conexão.* Fiquei surpresa por Ollie ter conseguido manter a expressão normal.

Virou-se com calma para ela.

“Nirvana, The Smiths... Laura Marling, Jake Bugg, Jay-Z... Muitas coisas”, respondeu. Soltou minha mão para coçar o nariz e não pegou de novo. Aliás, estava basicamente sentado de costas para mim.

Abby levou a mão ao coração.

“Meu Deus! Eu AMO Smiths... Tipo, ‘How Soon is Now?’ É genial.”

“É”, Ollie respondeu. “Apesar de preferir ‘The Boy With The Thorn In His Side’.”

“Ah, sim. Com certeza”, Abby concordou, assentindo solenemente.

Que merda estava acontecendo? Ela estava de papinho com o meu namorado, e Ollie estava *correspondendo*?

“Claro, com esses dois”, apontou para mim e para Jackson, “tudo é música clássica, não é?”

“Ah, é?”, falei, confusa de verdade.

“É!”, disse Abby. “Não consegui entender uma palavra ontem.” Olhou para Ollie com uma cara de *olha só pra essa aí...*

“Abby, estávamos falando sobre trilha de filmes”, disse Jackson, franzindo o rosto.

“Ah, *issol!*”, falei. “Meu Deus, achei que estivesse enlouquecendo.”

“Bem, com vocês dois, se não é uma coisa, é outra”, disse Abby, desprezando esse pequeno equívoco.

Ollie acabou a cerveja e levantou.

“Minha rodada. A mesma coisa?” Memorizou os pedidos e foi para o bar, mas, no último segundo, Abby se levantou e o seguiu.

“Ajudo a carregar”, ela disse. Observei os dois no bar. Ela estava perto demais dele. Estavam conversando, mas Ollie não parecia muito animado.

Com muito esforço desviei os olhos. Olhei para Jackson e vi que ele já estava olhando para mim.

“Então... Abby está sendo um pouco maluca”, falei.

Ele fez que sim com a cabeça devagar.

“É. Pelo jeito gostou de Ollie.”

“Aham”, respondi.

“É como se estivesse bêbada”, ele continuou. “Provavelmente vai pedir desculpas amanhã.”

Abri as mãos e examinei minhas unhas (curtas, sem esmalte).

“Sei que ela é sua amiga e tudo o mais”, falei, “mas eu não contaria com isso.”

“Ela é”, Jackson disse, “mas concordo com você.” Deu de ombros. “O que posso dizer?”

“Ela tem namorado?”, perguntei.

Jackson balançou a cabeça.

“Ela diz que não tem nenhum solteiro bom no mercado. Ou que os bons não gostam dela.” Franziu o nariz. “Alguma coisa assim.”

Era uma técnica de paquera que não estava funcionando com Jackson, então. Quase ri. Pensando bem, os únicos dois meninos com quem vira Abby falando foram Jackson e Ollie, e ela agia como se estivesse a fim de ambos. Talvez *esse* fosse seu modo automático de se relacionar com os homens. Vê-la bajulando Ollie me irritou profundamente, mas talvez tenha sentido mais raiva do que ciúme. E a irmandade entre as mulheres? Uma pela outra? Era óbvio que Abby não gostava de mim, mas em que mundo era aceitável dar em cima do namorado de alguém? Principalmente quando a namorada estava sentada BEM ALI. Tentei sentir pena, mas não consegui. Simplesmente não gostava dela, fim de papo. Abby era péssima.

Quando ela e Ollie voltaram com as bebidas, ele enrolou até ela sentar e, em seguida, sentou entre mim e Jackson. Abby franziu o rosto, mas logo voltou ao modo sedução. Bem-feito para ela, vaca maldita.

Ollie começou a conversar com Jackson, o tempo todo acariciando minha coxa embaixo da mesa. Em retribuição acariciei de leve a parte de trás da mão dele com as unhas. Olhei para Abby, pronta para desviar rápido o rosto, ou lançar um olhar maligno, se ainda tivesse coragem, mas ela estava inclinada para trás na cadeira, analisando o ambiente com um meio sorriso, como se estivesse estudando alguma espécie inferior, porém fascinante. De repente me senti muito distante dos outros, como se estivesse ali por um motivo falso. Duas partes distintas da minha vida — trabalho e amigos — se juntaram, mas dava para ver a junção. Na minha cabeça eu obviamente ainda juntava Ollie, Rich, Jack, Cass, Donna e Ashley. Não deveria enxergar nós dois como um casal? Não éramos ele e eu contra o mundo? O que era real: minha conversa com Jackson, em que não consegui fornecer nenhum adjetivo além de “legal” para me referir a Ollie, ou o carinho diante do ataque de Abby? Ambos? Nenhum? E, mais importante, será que nossa relação valia o estresse?



DORMI NA CASA DE OLLIE e acordei com o despertador do celular.

“Não vá”, ele resmungou, me abraçando e tentando me puxar para seu calor sonolento.

“Tenho que ir”, falei, me contorcendo. “Vou me atrasar para o trabalho.”

“Mais um minuto. Por favor.” Ele me apertou com mais força.

De repente senti uma leve claustrofobia e me desvencilhei.

“Ols! Quer que eu seja demitida?”

“Nunca vão demitir você. Todos te adoram... Principalmente Jackson.” Eu e Ollie passamos dez minutos muito bons durante a caminhada de volta para casa depois do bar debochando das tentativas de paquera de Abby, mas essa era a primeira vez que qualquer um de nós mencionava as implicações nada sutis sobre mim e Jackson. Virei e olhei para ele. Ainda estava com os olhos fechados, mas com um sorriso largo.

“É, bem. É melhor prestar atenção. Posso mudar de ideia.”

Ele apenas riu.

“Por ele? Acho que não.” Acariciou a primeira parte de mim que o dedo conseguiu tocar, que foi minha coxa direita. “De qualquer jeito, ninguém poderia *adorá-la* tanto quanto eu.” Fez a expressão de quem estava brincando, mas, sem querer soar iludida ou arrogante, eu sabia que era verdade.

Dei um rápido beijo na testa dele e saí da cama.

“Você é incrível”, falei. Uma mudança em relação ao “legal”.

“Sou”, fungou. “Você tirou a sorte grande.”

“Pesquei o maior peixe do rio”, falei, rindo.

Ele avançou de repente em mim.

“Ai!”, gemi e pulei para longe do alcance dele.

“É verdade”, ele resmungou. Deitou de novo no travesseiro, com as mãos atrás da cabeça, para ficar olhando enquanto eu me vestia. “E isso faz de você o quê?”

“Por essa lógica, a pessoa à margem do rio com uma vara de pescar”, sorri para ele.

“Você ficaria linda com galochas.” Inclinou a cabeça. “Humm... nua e de galochas...”

“Claro, porque existem pescadoras nudistas”, respondi de dentro da blusa. Passei-a por cima da cabeça e olhei para ele.

“Assim como peixes de um metro e oitenta e três.” Ele riu. “Ei, você está linda”, ele disse enquanto eu vestia a calça nova que minha mãe me dera para aumentar meu guarda-roupa “um tanto deficiente” (palavras dela) de trabalho. Estava com a calça, sandálias brancas e blusa branca de renda.

“Ahhhh, obrigada.” Eu me inclinei para um beijo de despedida. Ele colocou a mão atrás da minha cabeça e me deu um beijo longo e lento.

“Tchau, McSarey. Até mais tarde.”

Decidi ir andando para o trabalho para variar. Estava com tempo, e a chuva da noite dera lugar a um sol brilhante. Um daqueles dias em que você não precisa de casaco, nem às oito e meia da manhã. Estava até de óculos escuros. Não era certo ficar mais relaxada andando pela rua do que na cama com o namorado, mas não adiantava pensar no assunto. Por enquanto, eu estava seguindo uma política de enfiar a cabeça num buraco no chão. É claro que havia alguma questão psicológica temporária, mas, quando meu pai arranjasse um emprego e eu superasse o impacto da mudança de casa, ficaria bem. (*E se meu pai não arrumasse emprego?* passou pela minha cabeça de novo. Ignorei. De novo. Se pensasse muito no assunto, ia ficar com um medo sufocante, que incluía náuseas e pânico.) Pensei no que meu pai dissera sobre relações e como é

preciso se dedicar a elas. Ele também tinha dito que eu precisava lembrar que estava indo para a faculdade, e que não dava para saber o que ia acontecer lá. Parei na frente de um café, pensando se devia gastar mais do que podia em um croissant de amêndoas. Será que eu queria Ollie esperando por mim em outra faculdade? Seria melhor me livrar de todos os laços de Brighton? Não, isso era ridículo. Eu não ia abrir mão dos outros, então por que seria diferente com Ollie? Enfim, eu não queria terminar com ele. Era fofo demais e gostava muito de mim.

Abri a porta do café. O garoto cheio de acne atrás do balcão tirou os olhos do celular com relutância.

“O que você quer?”, perguntou.

“Boa pergunta”, respondi.

“Hein?”

“Desculpe. Um chá pequeno, por favor.”

Kate destrancou a porta para me deixar entrar na loja. Era apenas a segunda vez que fazia isso desde o meu primeiro dia de trabalho, mas não pensei muito no assunto.

“Oi, Sarah, como vai?” Estava com uma camisa comprida, legging preta e um longo colar de contas multicoloridas. O cabelo estava preso com um lenço laranja.

“Bem, obrigada”, respondi. “E você?”

“Muito bem”, respondeu com entusiasmo. “Não dá para se chatear com um tempo desses”, sorriu. “Céus, estou com alma de poeta. Desculpe.”

Dei risada enquanto ela voltava a encher o caixa.

“Onde está Jackson?”, perguntei.

“Em casa, doente. Abby vai cobrir o turno dele hoje.”

Ótimo. Eu estava feliz que não veria Abby até a tarde. Ela trabalhava só meio período nas quartas, supostamente para ter tempo para estudar.

“Preparo o display principal?”, perguntei. “Talvez com livros sobre viagem?”

“Ótima ideia”, disse Kate. “Eu sempre soube que você era boa. Claro, improvise um pouco, para não ficar parecendo apenas uma extensão da parte de livros de viagem.” Ela acenou, os anéis refletindo a luz. “Desculpe, não preciso explicar.”

Tentando não demonstrar quão ridiculamente satisfeita fiquei com o elogio, fui ao trabalho, empilhando os livros sobre o tempo e colocando-os de volta nas prateleiras. Trabalhamos em um silêncio cúmplice durante alguns minutos até Kate de repente dizer:

“Então, notei algumas faíscas entre você e Jackson.”

“O quê?!”, quase gritei. “De onde veio isso?” Meu Deus, meu rosto estava ardendo. Que *vergonha!*

“Ah, não se preocupe, Sarah, não tive a intenção de constrangê-la”, disse Kate. “Sinto muito. Tenho a língua solta.” Não sou muito abalada, para ser sincera. “Mas por que se constranger?”, continuou. Sorriu e levantou as sobrancelhas. “Você tirou a sorte grande.” Um eco involuntário e um tanto infeliz da conversa da manhã.

“Não estou constrangida”, menti descaradamente. “É que tenho namorado.”

“E daí?”, disse gentilmente. “Não estou dizendo que vai se casar com o garoto.”

“Ótimo!”, respondi, rindo um pouco alto demais.

“Escute.” Ela saiu de detrás do caixa e apoiou as costas na bancada. “Detesto soar como a mãe experiente, mas não é ilegal gostar de mais de uma pessoa ao mesmo tempo, você sabe. É a natureza humana.”

“Sim, mas... compromisso”, respondi como uma boba.

“Compromisso nada.” Fez uma careta. “Quantos anos você tem, dezessete, dezoito?”

“Dezoito”, respondi.

“Dezoito anos é para festejar, não se comprometer”, falou e riu. “Gostei disso. Talvez se torne meu mantra particular.” Ela disse com sotaque americano. “Talvez esteja falando o que não devo, e você pode me ignorar à vontade, mas na sua idade o amor é confuso. Sei do que estou falando.” Colocou a mão no peito. “Cometi todos os erros quando era mais nova, tenho certeza de que

um dia vou contar tudo para você.” Afastou-se da bancada e pegou diversos papéis. “Sentir algo por Jackson não é nenhuma vergonha. Se eu fosse você, simplesmente aproveitaria.” Foi até a porta, enquanto andava: “E, com isso, a velha bruxa foi mexer o caldeirão”.

Fiquei parada, encarando feito idiota a porta que ela tinha acabado de atravessar.

Então uma voz veio da direção do escritório dos fundos.

“Uau, foi um discurso e tanto.”

Merda. Virei.

“Abby... não sabia que estava aqui.”

“Sim, claro”, Abby respondeu, franzindo o rosto como se só uma imbecil pudesse achar que ela estava ali. “Eu *sabia* que estava acontecendo alguma coisa entre você e Jackson!”, entoou, arranhando o ar com uma garra pintada.

“Não tem nada...”, respondi. “Ah, pense o que quiser. Vai pensar de qualquer jeito.”

Ela ignorou.

“Então vai terminar com Ollie?”

“Não!” Eu a encarei, boquiaberta. “Por que eu faria isso?”

“Tudo bem, fica calma. Meu Deus.” Franziu o rosto e me olhou de cima a baixo como se eu tivesse acabado de soltar um pum.

“Ollie é meu namorado, Abby”, falei. “Não existe nada entre mim e Jackson.”

“Sim, eu sei disso”, falou, fazendo uma cara de *dãã*. “Mas e a...”, balançou os dedos, “química?”

“Não tem *química*”, respondi, imitando tanto a voz quanto o gesto.

Ela jogou a cabeça para trás.

“Ugh... que tédio.” Olhou para mim, com os olhos semicerrados. “Banque a sonsa, então. Está se enganando, mas tanto faz.”

Nesse momento eu devia ter perguntado qual era o interesse dela no assunto, considerando que estava louca para me separar de Ollie, e, a propósito, por que estava sendo tão babaca? Mas não falei nada, porque sou covarde. Enfim, ela me informou desdenhosamente que ia passar um espanador na loja e saiu, então o momento passou.

Sem dúvida foram duas das conversas mais estranhas que já tive. Sem pensar, sentei na beira da mesa do display. Kate e Abby: uma gentil, outra babaca. Como um anjinho e um diabinho nos meus ombros. Dei um meio sorriso com a analogia, até perceber que não fazia sentido, pois o anjo e o diabo tinham dito a mesma coisa. Não que eu precisasse delas para questionar meu compromisso com Ollie. Mas foi interessante que as duas tenham feito isso. E com “interessante” quero dizer “pioraram a confusão mental que já estava grande”.

Depois do trabalho voltei para a casa de Ollie. Não era o plano, mas ele apareceu de surpresa no fim do dia; fomos ao cinema, depois compramos batata frita e fomos para a casa dele. Simplesmente aconteceu.

Lá, tiramos a roupa e fomos para a cama. Quando ele me puxou, apoiei a cabeça no peito dele para adiar a trajetória do beijo para o sexo. Não estava muito a fim. Estava cansada, e meu cérebro não ficava quieto, mas tinha a sensação de que, se falasse alguma coisa, abriria a porta para todo o resto, e não estava pronta para isso. Precisava organizar meus pensamentos antes.

Ele se aninhou em mim, beijou a minha cabeça e murmurou no meu cabelo:

“Então, tive uma ideia.”

“Ah, é?”, respondi sonolenta.

“É...” Acariciou meu braço. “Sei que você quer ir para Manchester, mas também tem história da arte em Leeds, certo?”

“Humm”, respondi, agora totalmente acordada, mas fingindo que não. Sabia onde essa conversa ia parar e, para ser sincera, aquilo me deixou mal.

“Então... por que não vai para Leeds?” Ele me beijou de novo. “Comigo.”

“Uau.” Meu coração estava disparado.

“Sei que estou pedindo muito”, acrescentou rapidamente. “Não precisa decidir nada agora... não *precisa* decidir nada, óbvio.” Riu nervoso. “Só estou perguntando se você consideraria... Não suporto a ideia de estar em Leeds, você em Manchester, e só nos vemos nos fins de semana e feriados.”

“Uau”, repeti, e, sem saber o que dizer, o abracei forte. Ele obviamente interpretou como um bom sinal, porque se inclinou para me beijar, acariciando minhas costas.

“Na verdade... Eu...” Tentei pensar em alguma coisa. “Estou com cólica, Ols.”

“Não se preocupe com isso”, murmurou. “Pode ser que ajude.”

“Não!”, eu o empurrei. “Não quero, tá bom?”

Ele franziu o rosto, mas depois a expressão se aliviou.

“Claro! Desculpe, linda. Eu devia ter visto os sinais antes.”

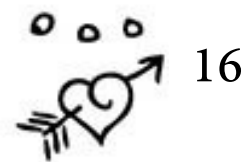
“Tudo bem”, falei. Coloquei as costas da mão na testa. “Eu estava disfarçando.”

“Me deixe abraçar suas costas e ser sua bolsa de água quente”, ele disse, me abraçando por trás e colocando suavemente as mãos abertas na minha barriga.

“Desculpe”, murmurei, fingindo estar sonolenta outra vez.

“Meu Deus, não se desculpe”, ele respondeu afetuosamente. “Você tem todo direito, linda. Agora vamos dormir.”

Fiz minha respiração ficar pesada e regular, e não demorou muito até Ollie começar a roncar de leve. Então, em silêncio para não acordá-lo, chorei até dormir.



NO DIA SEGUINTE, era o último teste de Donna para a RADA, a faculdade de teatro em Londres, e Ashley marcou de nos encontrarmos na pizzaria para jantar e conversar. Significaria perder a reunião do grupo de escrita de Jackson, mas, dadas as circunstâncias, eu não queria a) decepcionar minha amiga e b) contar para todo mundo que ia furar para sair com ele. Fiquei um pouco preocupada em gastar dinheiro, mas, de novo, não queria decepcionar Donna. Além disso, estava cansada de me policiar. Não pela primeira vez, jurei que, se algum dia voltasse a ter dinheiro sobrando, jamais, jamais deixaria de dar valor.

Cheguei atrasada porque fiquei presa no trabalho atendendo o último cliente do dia, uma senhora que tinha acabado de ficar viúva e resolveu correr atrás do sonho da vida inteira de se formar em história da arte. Tinha se inscrito em uma faculdade de ensino à distância e queria todos os itens da lista de leitura, o que significou ter que procurar os títulos mais obscuros no computador, em seguida tentar encontrá-los e encomendar os que não tínhamos. Ela era ótima e adorei o desafio, mas, quando consegui tudo o que ela queria, já passava das seis. Mande uma mensagem para Cass, recebi os cumprimentos de Kate pelo excelente atendimento e saí correndo. Mesmo assim, cheguei com meia hora de atraso, o que fez meus adoráveis amigos vibrarem com minha chegada.

“Aí está você”, disse Ollie. “Já estava ficando preocupado.”

“Eu tinha certeza de que você tinha morrido”, Donna comentou de um jeito casual enquanto eu me jogava na cadeira vazia entre

Cass e Rich. “Não consegui pensar em nenhum motivo para o atraso.”

“Desculpem, desculpem”, falei, pegando o copo d’água de Rich e tomando tudo de uma vez. “Fiquei presa com uma cliente.”

“Não, pode tomar”, disse Rich. “Eu não queria mesmo.”

Bati o copo vazio na mesa e limpei a boca com as costas da mão.

“Obrigada.”

“*Então*”, disse Donna em tom mordaz. “Como eu ia dizendo...”

“Ahh, sim!”, endireitei as costas. “Como foi?” A julgar pelo entusiasmo ansioso de todos, parecia que ela estava guardando a história até que todos estivessem presentes. Fiquei lisonjeada.

Don juntou as mãos e fechou os olhos com força.

“Ai, meu Deus, eu AMEI. *Quero muito* ir para lá.” Deixou os ombros caírem. Uma eterna atriz. “Mas quem sabe? Acho que fui bem, mas é impossível ter certeza.”

“Na última vez você achou que tinha ido bem e foi mesmo”, Cass observou.

“Sim, mas isso foi na outra vez”, Donna respondeu sombriamente.

“Deve ter alguma ideia”, disse Jack. “Você ficou, tipo, totalmente na personagem... e essas coisas?”

“Acho que sim”, respondeu com calma. E logo assentiu. “Não, definitivamente sim. Foi muito bom.” Tomou um gole do vinho que tinham pedido antes da minha chegada. Não me preocupei. Sempre pedíamos o mais barato mesmo. “Enfim, vou descobrir em breve. Tenho que tentar não pensar no assunto até lá.” Fez uma careta. “Sem pressão.” Ela não tinha passado em nenhuma das outras escolas de teatro para as quais se inscreveu. Se não passasse na RADA, estava ferrada.

“Seriam loucos em não aceitar você”, Ashley comentou toda elogiosa. “É uma excelente atriz.”

Don inclinou a cabeça para o lado e sorriu com afetação.

“Ah, você me ama.”

“Não enche. Eu te odeio” Abriu violentamente o guardanapo de pano, batendo-o a poucos centímetros do rosto de Donna.

“Ódio é um sentimento muito próximo do amor”, disse Donna, fazendo uma careta. “E você me ama.”

“*Você é que me ama.*”

Rich se inclinou com força para trás na cadeira.

“Ah, JESUS, chamem o garçom antes que eu corte minhas próprias orelhas.”

Donna e Ashley sorriram uma para a outra. As duas adoravam aquilo. (E se amavam, claro.) Depois que pedimos — pizzas para todos, inclusive Cass —, ficamos sentados confortavelmente esperando a comida, tomando vinho e curtindo a companhia uns dos outros.

“Então, adivinhem quanto tempo vai demorar para saírem os resultados das provas”, disse Cass, que estava mais quieta do que o normal, mas parecia muito melhor do que na outra noite. Eu vinha falando com ela por celular todo dia, e ela sempre parecia melhor. Temi que quando a encontrasse de fato fosse diferente, mas não. Ela estava bem. Meu coração se encheu com um pouco de amor e orgulho. Cass era muito corajosa. “Daqui a cinco semanas exatamente”, continuou. “Fiz a conta hoje cedo.”

“Certo. Você ‘fez a conta’”, disse Donna. Afagou a cabeça de Cass. “Acreditamos em você, querida.”

Cass se esquivou, mas sorriu.

“Tudo bem, eu já tinha pensado nisso. Mas mesmo assim... Cinco semanas!” Cass precisava de três As para entrar em Cambridge. Ela queria três A+.

“São trinta e cinco dias”, Ollie disse rapidamente, estalando os dedos. Fingiu abotoar punhos invisíveis de uma camisa. “Sim! Matemática: A garantido.”

Ashley o olhou de cima a baixo.

“Idiota.”

Soprou um beijo para ela, que fingiu pegar, amassar e jogar fora.

“Vocês vão todos se dar bem”, disse Rich enquanto passava um dedo carrancudo no topo da taça. “Sabem que vão conseguir as notas de que precisam. Já eu vou precisar de um verdadeiro milagre.”

“Hein?”, disse Donna.

“Tudo bem, menos você”, ele concordou. “Mas é diferente. Você só precisa de duas notas boas para entrar na RADA.”

“Se eu passar na RADA.”

Ashley bateu na mesa.

“Ei? Para mim também não tem nada garantido, se vão embarcar nessa estrada. Estou bem confiante na nota de comunicação, mas nas outras duas...” Deixou a frase pairando no ar.

“Sejamos sinceros”, disse Jack. “Ninguém está garantido. Minha mãe tem uma amiga cujo filho precisava de dois As e um B para entrar em Oxford, e todos esperavam que fosse conseguir. Ele tirou dois As e um E. Fizeram revisão e tudo. Acabou se inscrevendo outra vez e conseguiu no ano seguinte.”

“Ótimo”, Cass comentou friamente. “Muito obrigada por contar essa história, senhor alegria.”

Todos rimos da expressão que não tinha nada a ver com Cass, mas a atmosfera definitivamente mudou. Estava carregada com o peso da expectativa. E, claro, tinha o fato de que todos íamos nos mudar, nossa vida ia literalmente seguir em direções diferentes. Pensei no que Ollie me perguntara na noite anterior e instintivamente olhei para ele.

“Tudo bem?”, ele mexeu a boca sem perguntar em voz alta. Eu assenti e fui salva de ter que continuar conversando pela chegada das pizzas.

Logo estava na minha casa, na minha própria cama, jurando acordar cedo. Na verdade, tinha o dia de folga, mas, sem saber direito por quê, não contei a ninguém. Queria ficar em casa, sozinha, longe de Ollie, Cass e dos outros, de Jackson, Abby e da loja... de tudo. Fiquei mal de ter mentido para Ollie, mas foi a mais inocente das mentiras, com o intuito de evitar mágoas.

Quando acordei, a casa estava vazia. Minha mãe estava no trabalho, Dan estava na escola, e, de acordo com o bilhete na mesa da cozinha, meu pai tinha ido a Londres encontrar mais alguém. Teria mais de quatro horas para mim! Maravilha. Peguei minha tigela de cereal e levei para a sala para comer enquanto assistia a um dos canais de música, mas, na minha ausência, minha mãe e meu pai tinham empacotado coisas. As prateleiras tinham sido eliminadas. Determinada a não deixar que nada atrapalhasse meu dia, dei meia-volta e comi na cozinha, folheando a revista de moda da minha mãe

e aproveitando o silêncio. Depois de um banho rápido, liguei meu laptop e abri minha história sobre o afogamento. Ler de novo foi como ler alguma coisa escrita por outra pessoa. As partes boas se destacaram com mais clareza, assim como as ruins, e havia outras partes que pareceram boas no outro dia, mas que não soaram certas na releitura. Passei meia hora ajeitando o que já estava feito, em seguida continuei. Todo o resto perdeu a importância. Estávamos apenas eu e meu laptop, e as palavras que de algum jeito saíam dos meus dedos. Escrever nem sempre seria tão fácil. Eu sabia disso. O que aconteceu no mar no último outubro ainda estava muito fresco na minha mente, e passar para a tela funcionava como uma terapia. Ficar no meu quarto com a casa vazia escrevendo sem interrupções por duas horas me deixou com uma sensação estranhamente parecida com felicidade. Eu estava calma e centrada, com a cabeça mais clara do que tinha estado desde antes de meu pai perder o emprego. Não queria parar, no caso de a sensação também passar, mas, quando meu estômago faminto começou a me distrair demais, salvei o que tinha feito e descii para a cozinha, para preparar um sanduíche. Talvez o problema não fosse Ollie, o trabalho nem minha cabeça. Talvez eu só precisasse de um tempo para mim.

Falei isso para Cass no dia seguinte. Estávamos no quarto dela, deitadas na cama, ouvindo música e folheando revistas. Contei como tinha sido terapêutico escrever.

“Ainda estou me sentindo totalmente relaxada”, falei. “Quase relaxada demais. Só estou esperando isso passar de repente.”

Cass virou a revista de cabeça para baixo e se arrastou pela cama até se sentar ao meu lado, apoiada no encosto.

“Como assim? Por causa do seu pai, da casa e tal?”, perguntou.

“É...” Encolhi as pernas e abracei os joelhos. “Mas não é só isso.”

“Então o que é?” Ela alcançou a gaveta da cabeceira, pegou o removedor e um pedaço de algodão e começou a tirar o esmalte. Eu odiava aquele cheiro, mas o fato de ela estar concentrada naquilo de algum jeito tornava as coisas mais fáceis.

“É o Ollie.” Puxei meu próprio cabelo. “Estou meio confusa.”

Ela olhou para mim.

“Em relação a quê? Pensei que estivesse tudo muito bem.”

“Está”, falei. “Quase bem demais.”

“*Sa-rah.*” Ela me cutucou com o ombro. “Isso de novo não. Pare de ser tão dramática!”

“Não, não é isso. É que... bem, ele é tão perfeito, parece louco por mim, me faz rir, é bom de cama...”

“Ugh.” Ela balançou a cabeça. “Que *babaca.*”

Dei risada.

“Eu sei... Mas a questão é que...” Suspirei, a verdade da situação era incontornável. “Não sei se gosto dele tanto quanto ele de mim.”

“Ah.”

“Eu sei.”

“Mas o que mudou?”, ela perguntou. “Você estava tão a fim dele antes. É por que Ollie terminou com você da outra vez?”

Mordi a bochecha.

“Pensei nisso, mas acho que não... Ah, não sei *o que* é. Só estou sendo boba, provavelmente.”

“Não sei, querida”, ela disse. “Por acaso precisa ter motivo? Talvez você só não sinta por ele o que ele sente por você. Fim de papo.”

“É, pode ser.” Por algum motivo achei essa ideia muito deprimente. “Mas *por quê?* Ele é tão incrível.”

“Como falei, talvez as coisas simplesmente sejam assim.”

“Mas *por quê?* Ai!” Desviei quando ela fingiu que me daria um golpe. “Acho que você tem razão”, concordei. “Mas gosto muito dele. Talvez só esteja com medo.”

“De quê?”

Encolhi os ombros, em seguida me encurvei e suspirei.

“Não sei. Talvez seja medo do que vai acontecer quando formos todos para a faculdade.” Comecei a mexer nas cutículas. “Meu pai acha que não devo apostar tudo num cara.”

“Talvez, mas de que adianta se preocupar com isso?” Olhei para ela. Cass era a rainha das preocupações. “Eu sei”, falou sorrindo. “Mas, você sabe. Faça o que eu digo, não faça o que eu faço. Fiquei com Adam mais anos do que deveria.”

“Então acha que devo terminar com Ollie?”, perguntei, com olhos arregalados.

“Não! Meu Deus, de jeito nenhum. Quer dizer: sim, se você quiser, mas não acho que queira. Ainda estão no começo. De repente é melhor esperar para ver no que vai dar.”

Assenti devagar.

“Acho que tem razão. Está tudo no ar agora, com a casa, meu pai e tudo o mais.”

“Exatamente...” Cass enfiou o braço embaixo da cama e puxou a caixa de esmaltes. “Vamos fazer a terapia das unhas. Pode escolher, amiga.” Ela passou a mão sobre os muitos vidros de esmalte ali dentro. Escolhi um azul-claro.

“Você pinta para mim?”

Ela juntou as mãos.

“Uhhhh, uma transformação! Coloque as mãos aqui”, falou, passando a mão no criado-mudo antes de afastá-lo para eu poder sentar com as pernas atrás dele. Ela pegou a cadeira da escrivaninha e sentou na minha frente.

“E você?”, perguntei, observando em um estado de hipnose progressiva enquanto ela pintava cada unha com cuidado. “Como está?”

“Muito bem.” Piscou rápido e franziu o rosto, aparentemente concentrada. “Parece que pegaram o homem que... fez aquilo.”

“Uau, sério? Isso é ótimo!”

“É sim.” Limpou um pouco de esmalte do meu polegar. “Mas acho que vou precisar depor e tal...” Limpou a garganta. “Preferia não vê-lo de novo, para ser sincera.”

“Claro”, falei. “Ele confessou?”

“Não sei. A polícia ligou ontem para avisar que o cara tinha sido detido... Decidi não pensar no assunto até ter mais informações.”

“Bom plano.” Passou para a outra mão, e estiquei meus novos dedos com as unhas pintadas de azul sobre a mesa, admirando a perfeição. “Já contou para o Rich?”

Ela fez que sim com a cabeça.

“Mande uma mensagem.”

“O que ele disse?”

“‘Obrigado por avisar beijo beijo’. Sabe como ele é”.

“Misterioso”, falei. “Você nem sabe onde ele estava antes de te encontrar?”

“Não.” Cass girou os ombros, que estavam tensos por ficar curvados sobre as minhas mãos. “Ele falou alguma coisa sobre ter ido ao cinema, mas...”

“Ah, sim, agora me lembro”, falei. “Também achei bem estranho.”

“Bom...” Ela olhou nos meus olhos. “Talvez tenha alguma coisa a ver com ser gay.” *Chegou a hora de conversar sobre o assunto.*

“Ele com certeza é, não é?”, disparei. Foi quase uma pergunta retórica. Acho que todos nós desconfiávamos fazia anos que ele fosse gay, mas, em respeito ao fato de ele claramente não querer conversar sobre o assunto, quase nunca comentávamos isso. Ele sabia que a gente sabia, mas isso permanecia a grande... *questão* não dita entre nós.

“Acho que sim”, ela disse. Colocou o pincel de volta no vidro e começou a contar nos dedos. “Nunca teve namorada, nunca falou sobre gostar de alguma garota, nunca nem beijou uma garota... tem dezoito anos, é bonitinho e súper gente boa.” Fez um barulho entre os dentes. “Gay.”

“Ele é mesmo... Mas por que tem tanta vergonha disso?”, falei. “É muito triste.”

Cass franziu o nariz.

“Ele tem vergonha? Não sei. Talvez só esteja um pouco confuso.”

“Aos dezoito anos?”

Ela deu de ombros.

“Talvez.”

“Ele provavelmente também não quer que seja uma *Questão*”, falei. “E adora ser um pouco misterioso. Tudo se encaixa.”

“É, tem razão”, Cass concordou. “Não tinha pensado nisso.”

Soprei minhas unhas.

“De todo jeito, não podemos forçar Rich a sair do armário.”

“Claro”, ela falou, fazendo que sim com a cabeça. “Ele vai sair do armário quando chegar a hora, quando estiver pronto.” Começou a pintar as próprias unhas da mesma cor que as minhas. “Enfim, senhorita. O que vai fazer em relação a Ollie?”

“Nada”, respondi decidida. “Provavelmente só estou pensando demais. Acho que vai ficar tudo bem agora que tive um tempo para mim e relaxei um pouco com você. Vou me sentir uma completa idiota por ter tocado no assunto.”

E, por um tempo, quando o vi no dia seguinte, até pareceu que fosse ficar mesmo.



“VOCÊ ESTÁ ERRADA”, Ollie disse.

“Não, *você* está errado.”

Ele bateu na própria testa.

“Pelo amor de Deus, mulher! Não é ‘Pat *feels* he’s a happy man’. Está simplesmente *errado!*”

“Ai, meu Deus, você está tão errado que é inacreditável!”, falei, rindo. “Meu irmão era obcecado pela série *Postman Pat* . Estou falando, é *feels.*”

“ *Thinks.*”

“ *Feels.*”

“ *Thinks.*”

“Tudo bem, vou pesquisar.” Alcancei minha bolsa embaixo da mesa e peguei meu celular. “Ah! Está sem 3G.” Balancei o aparelho no ar como se assim, de algum jeito, fosse pegar o sinal.

“Está todo mundo te olhando”, Ollie falou pelo canto da boca. Olhei em volta do bar. Ninguém estava prestando a menor atenção.

Apertei os olhos para ele.

“Enfim, tenho razão.” Coloquei o celular sobre a mesa, caso o 3G desse sinal de vida. “Acabou a discussão.” Peguei o garfo e espetei a comida. Era a alegria de estar almoçando fora — cortesia de Ollie, óbvio. Ele insistiu. Eu com certeza não protestei como deveria.

Ele riu.

“Ah, é?”

“É.” Sorri para ele, o que, considerando que tinha acabado de encher a boca, não devia ter sido bonito. Ele se inclinou para trás na

cadeira e se espreguiçou.

“Tá cheio?”, perguntei, olhando para o prato dele, que ainda tinha comida.

“Claro que não.” Ele sentou mais para a frente e voltou a mergulhar um pão no molho. “Só estou aquecendo meu estômago para abrir espaço.”

“Ainda bem”, falei, franzindo o cenho. “Por um instante pensei que não fosse comer sobremesa.”

Ele riu.

“Na verdade, talvez eu divida com você.”

“Muito engraçado.” Sorri para Ollie, mas ele estava olhando para o prato. Eu estava muito ansiosa quando meu pai me deixou no centro para encontrá-lo naquele dia. Tinha passado dias tão agradáveis e tranquilos sozinha. E se encontrá-lo me deixasse estressada de novo? Mas ficou tudo bem. Fomos dar uma volta, passamos pelo bar, resolvemos entrar e acabamos lendo os jornais de domingo enquanto almoçávamos. Foi ótimo, e por sorte Ollie não tocou no assunto de eu ir para Leeds em vez de Manchester. Qualquer pessoa ficaria ansiosa com esse tipo de decisão.

No fim resolvemos não pedir sobremesa. O sol saiu, então pagamos a conta e andamos com calma de mãos dadas em direção à praia para tomar sorvete.

Ollie me cutucou.

“Ei, olha, é o Jackson.” Eu estava observando nossas sombras, mas minha cabeça levantou quando ele falou isso.

“Onde?”

“Ali.” Apontou. Jackson tinha acabado de sair de uma loja, e estava ali parado olhando para o celular.

Sem pensar, comecei a puxar Ollie na direção oposta.

“O que está fazendo?”, ele perguntou, arrastando os pés. “Não quer cumprimentá-lo?”

“Não... não estou a fim.”, respondi. “Vai me lembrar do trabalho.” Ouvei Jackson me chamar, mas fingi que não.

“Sarah, ele está chamando. Não me diga que não está ouvindo. Ele está quase aqui, pelo amor de Deus!”

“Estou fingindo que não ouvi.” Falei entre dentes, mas Ollie parou e virou.

“Tudo bem, cara?”, ele disse. Com o coração pesado, virei e abri um sorriso. Os dois trocavam um aperto de mão.

“Oi, tudo bem?”, perguntei.

“Ótimo.” Jackson se inclinou e me beijou no rosto, o que, irritantemente, me fez enrubescer. “Estou feliz por encontrar vocês, na verdade”, ele disse. “Ia mandar uma mensagem, mas agora posso falar pessoalmente. O grupo de escrita vai sair para beber alguma coisa amanhã depois do trabalho. Quer ir?” Ele levantou as sobrancelhas, esperando a resposta.

Olhei para Ollie. Ele estava impassível.

“Hum... Talvez”, falei. “Tenho que ver minha agenda e tudo o mais.”

“Tudo bem.” Ele deu de ombros numa boa. “Pode me responder no trabalho... Como foi a folga, aliás?”

“Foi boa”, resmunguei, como se, falando baixo, Ollie não fosse perceber que eu tinha mentido. Jackson fez que sim com a cabeça, franzindo um pouco o rosto. Claramente percebeu que falou o que não devia, mas não fazia ideia do quê. Sorriu para Ollie.

“Enfim... Um prazer rever você, Ollie.”

Enquanto se afastava, inclinei a cabeça em direção ao sol e sorri como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo, enquanto Ollie olhava fixamente para mim.

“O que está acontecendo, Sarah?”, perguntou calmamente.

Olhei para ele, cerrando os olhos para me proteger do sol apesar de não estar batendo em mim.

“Estamos indo para a praia tomar sorvete, não?”, falei animada.

Ele me lançou um olhar de *não me venha com essa*.

“O que está acontecendo com Jackson?” Não parecia irritado nem preocupado. Apenas confuso. Assim como eu.

“O quê? Nada! Do que está falando, aliás? Trabalhamos juntos, só isso.” Dava para imaginar o que passantes pensariam de nós, parados um na frente do outro no meio da rua, sem sorrisos.

“Então por que queria evitar o cara? E por que não me contou que tinha um dia de folga e entrou para um grupo de escrita?”

Colocando nesses termos, eu parecia uma pessoa péssima. O pior tipo de manipuladora. Comecei a falar, mas ele me interrompeu. “Quer dizer, acho que entrar em um grupo de escrita é uma ótima ideia. Eu ficaria totalmente feliz por você.”

“Sei que ficaria. Nem percebi que não tinha contado, na verdade.” Era horrível. Meu estômago estava revirando. “Só estou com a cabeça cheia no momento. Meu cérebro está inundado de pensamentos sobre meu pai. Foi como quando você foi à loja naquele dia; foi a primeira vez que Abby, Jackson e Kate souberam que eu tinha namorado.”

“Isso deveria fazer com que eu me sentisse melhor?” Passou a mão no cabelo. “Detesto parecer carente, mas quero gritar para o mundo inteiro que você é minha namorada.” Ele sorriu, mas seus olhos estavam cheios de mágoa. “Sei lá. De repente você não sente o mesmo.”

Não respondi nada, porque não sabia o que responder.

“Você não sente o mesmo”, ele repetiu desolado.

Olhei suplicante para ele, desejando que entendesse o que nem eu mesma entendia.

“Acho você incrível.”

Ele bufou algo que se aproximava de uma risada.

“Mas não o suficiente.”

“Não sei”, sussurrei. Apoiei a cabeça no peito dele. Ele não me abraçou. “Estou tão confusa... Não sei... Talvez eu precise de espaço.”

Passou um tempo. Não me mexi. Ele limpou a garganta, mas a voz ainda saiu rouca.

“Que tipo de espaço?”

Olhei para ele e desejei não ter olhado. O rosto de Ollie era uma máscara de dor.

“Não quero terminar com você”, falei. “Mas preciso colocar minha cabeça no lugar.” Meus olhos se encheram de lágrimas. “Sinto muito.” Eu o abracei pela cintura. Foi como abraçar uma estátua. “Por favor, me abrace de volta”, solucei. Os braços dele estavam duros e inflexíveis no começo, mas quase imediatamente se suavizaram. Ele me apertou. Deu para sentir seu rosto no meu

cabelo, sentir aquele delicioso cheiro de Ollie. O que tinha de *errado* comigo? Por que eu não conseguia simplesmente *viver*?

“Como chegamos a isso?”, ele sussurrou, lendo meus pensamentos.

“Não sei”, respondi. “A culpa é toda minha. Sinto muito... Acho que vai ficar tudo bem.” Queria acreditar nisso.

Ele se afastou de mim e colocou as mãos nos bolsos, olhando para algum lugar além da minha orelha esquerda.

“E o que acontece agora?”, perguntou.

Engoli em seco.

“Vou indo... Ligo para você logo, logo.”

“Tudo bem.” O queixo dele se projetou. “Posso ligar para você, ou...?”

“Melhor não”, falei, estendendo a mão para tocá-lo. “Sei que é uma merda, Ols. Sinto muito. Você não merece isso.” Olhei para o chão. “Vou entender se quiser terminar agora.”

“Claro que não quero”, respondeu irritado, me fazendo dar um salto. Lágrimas novas arderam em meus olhos. “Quero que a gente fique junto. Por que mais eu me sujeitaria a isso?”

“Eu sei”, respondi com a voz carregada. Ele não se mexeu. “Nos vemos em breve”, sussurrei, e passei por ele, com a cabeça ainda baixa, e apertei o passo na direção de casa. Não olhei para trás. Naquela noite, quando fechei os olhos, tudo o que consegui ver foi Ollie parado, arrasado, com a cabeça baixa.



FOI COM O CORAÇÃO PESADO que sentei no ônibus na manhã seguinte. O sol brilhando parecia um insulto. Estava arrasada por ter magoado Ollie e começava a pensar no que um tempo afastada dele poderia trazer. Tudo o que fiz foi transformar a pressão da relação na pressão de decidir se eu queria ou não uma relação. Seria tão mais fácil se eu não gostasse tanto dele. Já estava com saudades, o que era ridículo. Queria mandar uma mensagem perguntando como estava, mas seria muito injusto. Já o tinha maltratado o suficiente. Em vez disso, mandei uma mensagem para Jackson, para avisar que não ia encontrar o pessoal do grupo mais tarde; qualquer coisa para evitar ter de mencionar Ollie quando chegasse ao trabalho. Não conseguia articular por que não queria contar para eles, só que tinha certeza que nada de bom viria disso. Então enterrei o assunto Ollie em mim, onde me sufocou sem parar, uma tristeza consumindo minha energia.

A loja ainda estava apagada. Bati na porta, curvando as mãos em volta dos olhos para espiar lá dentro. Por que as luzes não estavam acesas? Então Kate apareceu na porta que dava para os fundos da loja e lembrei que não íamos abrir até as dez por causa da reunião de funcionários. Ela fazia isso todo mês, para uma atualização sobre as novidades do mundo das publicações e uma discussão sobre quaisquer questões relativas à loja, aos clientes ou outra coisa.

“Olá, querida”, ela disse, sorrindo. “Entre. Preparei o café da manhã.” Fui com ela para o café, onde Abby e Jackson já estavam sentados à mesa de ferro forjado lá fora. Kate tinha coberto a mesa

com uma toalha branca e servido chá, café, doces, potinhos de geleia, um pacote de manteiga e uma vasilha grande e rasa cheia de morangos, mirtilos, framboesas, manga e estranhos fios verdes.

“Uau, está incrível, Kate”, falei, fazendo o meu melhor para parecer normal, e me sentei.

“Obrigada.” Ela pegou o bule de café. “Chá ou café?”

“Café, por favor.”

Kate me serviu.

“Comam, pessoal”, ela disse.

Não estava com fome, mas peguei algumas frutas. Os fios verdes eram raspas de limão. Inesperadas e totalmente deliciosas. Kate colocou porções de cada geleia no prato e arrancou pedaços de um croissant, mergulhando cada um em uma geleia diferente.

“Humm... que delícia”, ela disse. Limpou delicadamente um pedaço de doce do canto da boca. “Muito bem, vamos começar.”

A reunião durou quarenta e cinco minutos — Kate programou o despertador do celular — e foi exatamente o que eu precisava. Gostei de esvaziar a mente de tudo, exceto do que Kate estava dizendo sobre os novos títulos importantes, o que íamos promover, e os planos para conseguir mais autores de Brighton para tardes de autógrafos. Foi bem interessante. Mal pensei em Ollie e, quando o fiz, foi só para confirmar, como quando você coloca um corte em água quente só para lembrar que dói.

Depois da reunião, Kate pediu que eu e Jackson fôssemos para o caixa. Tenho certeza de que me deu uma piscadela — umas daquelas lentas em meio a uma expressão neutra. Ignorei, pois podia ter facilmente me enganado. Talvez ela estivesse tendo um derrame — haha. (Exatamente o tipo de piada de mau gosto que Ollie teria feito, pensei com o coração doendo.) Abby ficou encarregada da limpeza. *Isso* foi engraçado. Flagrei-a apertando os olhos para mim quando voltei para a loja, como se a culpa fosse minha. Idiota.

Por mais ou menos uma hora a loja ficou bem ocupada e, então, quando estava se acalmando, um senhor de meia-idade com um terno de três peças entrou. Era alto, sem queixo, estava com uma expressão fechada e foi direto para o caixa. Nunca era um bom sinal.

“Minha mulher está fazendo um curso de história da arte”, falou em voz alta. “Ouvi falar que vocês têm um acervo bom aqui.”

“Temos”, respondi. “Que tipo de livro está procurando?”

“Meu Deus, não sei”, respondeu, parecendo muito irritado com a pergunta. “Alguma coisa com cara de livro de mesa de centro.”

“Bem... sobre o que é o curso?”

Ele me olhou como se eu fosse burra.

“História da arte.”

Jackson conteve uma risada, o que quase me descontrolou.

“Eu sei, senhor”, respondi com paciência. “Que período da história da arte ela está estudando? Renascimento, Impressionismo, século XX?”

Ele ficou um pouco vermelho.

“Você, mocinha, é bastante grosseira.”

Apesar de ser óbvio que aquele homem era louco, pude sentir que estava ficando vermelha.

“Na verdade, estou tentando ajudar”, respondi com o máximo de educação possível, apesar de não entender por que estava tentando agradá-lo. Ashley e Donna já teriam feito picadinho do homem àquela altura.

“Não está, não”, ele gritou. Voltou a atenção para Jackson. “Vou perguntar para você. Talvez nem todos aqui sejam tão imaturos.”

“Vou fazer o que puder, senhor”, Jackson falou sério, aquele traidor.

“*Obrigado*”, respondeu o sujeito, com um olhar desdenhoso na minha direção.

“Então”, Jackson começou, esfregando as mãos. “Em primeiro lugar... que período da história da arte sua mulher está estudando? Renascimento, Impressionismo, século XX...?”

“Ah, pelo...” O homem virou as costas e marchou para a porta. “Vou procurar a gerência para falar sobre isso”, avisou, apontando um dedo trêmulo para nós dois. “Escrevam o que estou dizendo.” E, com isso, foi embora.

Jackson levantou a mão para um “toca aqui”.

“Muito obrigado.”

“Excelente”, falei. “Muito esperto. Por um instante achei que fosse ser legal com ele.”

“Meu Deus, não.” Apoiou-se contra a parede. “Detesto pessoas assim. Esperam que saibamos tudo sobre livros ao mesmo tempo que, tipo, *se escondem* atrás da idade e da riqueza.”

“O cara era louco”, falei.

Jackson fez que sim com a cabeça.

“Há muitos deles por aí. Mal sabem que Jackson Brennan não se acovarda diante de *ninguém*.” Bateu no peito. Bem naquele momento, a cabeça de Kate apareceu pela porta, e ele deu um salto, afastando-se da parede para se posicionar todo empertigado perto do caixa.

“O homem que acabou de me ligar para falar que vocês foram *incrivelmente* grosseiros... louco, certo?”

Nós dois assentimos.

“Totalmente”, Jackson respondeu.

“Foi o que pensei.” Ela fez um gesto com a mão. “Continuem o que estavam fazendo.” Voltou para a sala e fechou a porta.

“Hahaha”, ri, apontando para Jackson. “Não se acovarda diante de ninguém.”

“Cala a boca”, ele disse, rindo. “Seja como for, ela paga o meu salário. E aquilo não foi *se acovardar*, foi...” Procurou a palavra certa.

“Puxar o saco?”, sugeri. “Bajular? Babar ovo?”

Fingiu falar na direção do escritório.

“Ka-ate, Sarah está falando coisas horríveis a seu respeito.”

“Baba, baba, baba.” Fiz um ruído para dar ênfase.

“Que nojo”, ele afirmou, me olhando com o cenho franzido. Suspirou. “E eu que pensava que você era tão fina e educada.”

“*Pensava?*”, respondi, incrédula. “De onde tirou essa ideia?”

“Não faço ideia”, disse. “Mas a culpa é sua.” Lancei meu melhor olhar doce e inocente. Jackson fez uma careta. “Ah, caramba. Tá apertada?”

Eu ainda estava rindo quando o próximo cliente entrou. Só mais tarde percebi que os únicos momentos em que não pensei em Ollie foram os que passei com Jackson.

Depois do trabalho, no dia seguinte, entrei no Facebook e logo recebi uma mensagem de Rich.

Rich: Boa noite, Millar.

Sarah: Boa noite, Jones.

Rich: Como vai, destruidora de corações?

Eu me reclinei. Não teve a menor graça. Esfreguei os olhos, sentei direito e comecei a escrever.

Sarah: Ah, não. Falou com Ollie?

Rich: Falei. Ele está bem mal.

Sarah: Estou me sentindo péssima. Machucar Ollie era a última coisa que eu queria.

Rich: Eu sei. Acho que ele também sabe. Está arrasado, mas diz que vai esperar pelo tempo que for. Que você é a garota da vida dele...

Meu Deus. A conversa com meu pai me passou pela cabeça, as palavras claras como se ele estivesse ali comigo. *Se não tivesse conhecido sua mãe, teria encontrado alguém no final.* Mas conheceu, lembrei a mim mesma.

Rich: Ei???

Sarah: Desculpe, me distraí. Diga a Ollie que detesto fazer isso com ele. Vou colocar a cabeça no lugar logo, logo. Gosto muito dele.

Rich: Ele está destruído, Millar. Não faça o cara esperar muito.

Sarah: RICH! Não tô precisando de pressão agora!

Rich: Tudo bem. Tudo bem. Meu Deus. Mulheres! Jack está com problemas com Hannah também.

Sarah: Não! Por quê???

Rich: Nada em particular, acho. Só não estão se entendendo.

Sarah: Meu Deus, que deprimente. Pareciam tão felizes. Existe esperança para algum de nós???

Rich: Está perguntando para a pessoa errada. Donna e Will e Ashley e Dylan estão bem.

Sarah: Tem razão. Não posso ser tão cínica.

Conversamos um pouco sobre várias coisas, evitando assuntos sobre relacionamentos, mas logo culpei o cansaço e encerrei o papo. Estava prestes a desligar o computador quando recebi uma atualização no Facebook: *Ollie Glazer começou uma amizade com Abby Parker.*



OLHEI FIXAMENTE PARA AS PALAVRAS, saboreando a dor que provoquei em mim mesma.

Não tinha o menor direito de ficar irritada. Nenhum. Eu tinha até unido os dois. Fechei o laptop e fui para a cama, sem me dar ao trabalho de escovar os dentes. Ficou bem claro que Abby estava de papinho com Ollie no bar naquela noite. Se ele estava me esperando, por que ficaria amigo dela no Facebook? Meu pai tinha razão. Amor verdadeiro não existia. Você faz o que pode com o que tem à mão e, se der certo, sorte sua.

Deixei meu celular em casa no dia seguinte, e só percebi quando cheguei ao trabalho. Sabia exatamente onde estava: no parapeito da janela do banheiro. Nunca tive tanta raiva de mim mesma. A urgência de checar o Facebook era quase física. Tentei usar o computador do trabalho na hora do almoço, mas a internet não estava funcionando. Teria pedido para usar o celular de Jackson, mas ele estava de folga. E obviamente não ia perguntar nada para Abby, que estava lá. Ela ficou tentando puxar papo, e eu evitei. Estava com medo. Ela e Ollie virando amigos no Facebook, onde eu podia ficar de olho (apesar do celular esquecido) era uma coisa, mas o que me assustava era o que podia estar acontecendo no mundo real. Se houvesse algum contato não virtual entre os dois, eu não queria saber por ela.

Quando cheguei em casa e finalmente pude entrar no Facebook, claro que não tinha nada para ver. Olhei o mural de Ollie, mas a última atualização antes da amizade com Abby tinha sido duas

semanas antes, quando alguém o marcou em uma antiga foto de escoteiros. Ele tinha curtido, mas não comentado. Cliquei na foto. Lá estava ele, uma graça de uniforme. Não tinha mudado muito, para ser sincera. Era basicamente uma versão mais alta e máscula do garotinho sorrindo naquela foto. Pensei no que estava por trás daquele sorriso. Na mãe, na doença, no pai péssimo e mulherengo. Todos os problemas que teve desde que nos tornamos amigos na escola, e eu nunca tinha imaginado. Ninguém nunca imaginou. Senti uma onda súbita de carinho e afeto por aquele menino adorável, gentil e corajoso que gostava tanto de mim. Talvez eu devesse ligar para Ollie, dizer que não precisava de espaço — só precisava ficar com ele. Mas, assim que pensei nisso, meu coração disparou, e meu estômago ficou apertado.

Virei meu celular para baixo e coloquei a cabeça nas mãos. Não era como se ele tivesse me pedido em *casamento*, cacete. Queria que fôssemos um casal. O que tinha de tão assustador nisso? De repente me flagrei desesperada para conversar com alguém sobre o assunto. Como não podia falar com minha primeira opção, que era Ollie, liguei para Cass.

“Sou uma idiota”, falei, e essa foi minha saudação.

“Ah, é?”, ela respondeu. “O que fez agora?”

Ouvi vozes ao fundo.

“Você pode falar?”

“Ah, sim, é a TV. Espera.” O som diminuiu. “Então, conta.”

“Ugh... É Ollie.” Fiquei girando o dedo na perna. Um tique nervoso. “Estamos numa espécie... de tempo.”

“Não! O que houve?”

“Bem, lembra que falei antes sobre talvez não gostar dele tanto quanto ele de mim?” Do nada achei que fosse começar a chorar. Respirei fundo — e contei tudo, até a hora que vi a foto bonitinha dos escoteiros no Facebook.

Veio um momento de silêncio depois do meu desabafo. E, em seguida:

“Que situação.”

“O que eu *faço*?”, supliquei.

“Meu Deus, não sei”, respondeu. “Todo mundo sabe como eu era péssima com Adam. Parece que você precisa exatamente do que tem agora: espaço. Tempo para pensar... Se eu fosse você, acho que tentaria esvaziar a cabeça... Deixaria os pensamentos se organizarem, e talvez um dia você acorde e saiba.”

“Sério?” Soava perfeito.

Ela riu.

“Só Deus sabe. Mas parece bom, não parece?”

“Parece”, respondi, suspirando. “E o Jackson?”

“O que tem ele? Só porque Kate e aquela vaca da Abby acham que você gosta dele... A não ser que...” Pausa. “Você *gosta*?”

“Não. Tenho certeza que não”, falei. “Nos damos muito bem... Mas acho que talvez ele goste um pouco de mim.”

“Claro que gosta”, ela concordou, leal. “Não quer dizer nada, a menos que você também goste dele. Principalmente se ele acha que você e Ollie ainda estão juntos.”

“Ainda estamos”, interrompi. “Só estamos...”

“Dando um tempo, eu sei. Então não existe problema, certo?”

Soltei um ruído qualquer e mudei de assunto, perguntando como ela estava e quais eram as últimas notícias em relação ao cara que tinha drogado a bebida dela. Cass não tinha novidades, e logo desliguei.

Meu pai me chamou para o jantar. Desci me sentindo patética. Ollie e Cass tinham problemas de fato com os quais lidar, e, no entanto, eu é que estava completamente angustiada. Nesse momento não era minha maior fã.

No dia seguinte, o grupo de escrita de Jackson foi como uma terapia. Recebi ótimas críticas sobre a segunda parte da minha história, e todos concordaram que as mudanças que fiz na parte inicial melhoraram o texto. Jackson leu um capítulo do romance em que a protagonista está frente a frente com um *serial killer*. Foi dramático na medida certa e muito impressionante.

Todos foram tão legais quanto antes. Eu adorava aquela atmosfera de confiança e tolerância. Acalmou a confusão na minha cabeça. Era

como se eu pudesse me reinventar para eles. Não de um jeito falso, em que você finge ser o que não é, mas de um jeito sem conceitos já estabelecidos. Eles não me conheciam como a Sarah que não bebe muito, ou a Sarah que sempre chega adiantada, ou a Sarah que prefere ler um livro a fazer quase qualquer outra coisa. Só sabiam duas coisas a meu respeito: que eu era amiga de Jackson e que tinha salvado alguém de um afogamento. Inevitavelmente, comecei a pensar na faculdade. Lá também poderia ter um novo começo. Era muito exaustivo atender às expectativas que todos tinham de mim, mesmo que fossem bobagens como não beber. Às vezes, eu tinha vontade de me embriagar, mas não fazia isso só para não ter que lidar com a expressão chocada de todos. Na faculdade poderia me embriagar toda noite que ninguém saberia que se tratava de algo incomum. (Não faria isso, claro. Além de tudo, eu era peso-pena. Se bebesse tanto assim, provavelmente ia morrer em menos de uma semana.)

Mas se existe uma coisa que provavelmente nunca ia mudar para mim era minha constante capacidade de me sabotar. Fomos todos ao bar depois do encontro, e acabei bebendo um pouco demais (ver explicação acima) e me peguei tendo uma conversa profunda com Jackson. Falamos séria e apaixonadamente sobre escrever, e ele me perguntou como ia meu namoro com Ollie. Como eu estava um pouco alterada, e como tínhamos passado uma hora confiando uns nos outros com nossos textos, tive a sensação de que poderia confiar nele em relação a tudo. Então, em vez de falar alguma coisa vaga e mudar de assunto, contei tudo.

“Uau, eu não fazia ideia”, ele respondeu, quando encerrei minha diarreia verbal. “Apesar de achar que você sempre pareceu um pouco incerta em relação a ele.”

“Não estou incerta em relação a *ele*”, falei. “Ollie é incrível. O problema sou eu.”

“*Não é você, sou eu?*”, disse Jackson, sorrindo.

Coloquei a cabeça nas mãos.

“Eu sei. É péssimo, não é? Sou tão idiota.”

“Não é idiota”, ele disse. “Você é ótima.”

“Bem, obrigada”, falei, afagando o pulso dele. “Você também.” Antes que eu pudesse tirar a mão, ele a segurou. Achei de verdade que estivéssemos brincando, mas, quando ele virou para mim, estava com um olhar intenso. Mesmo com o agradável torpor do álcool, soube que a súbita aceleração do meu coração não era só porque ele tinha me entendido mal. *Não o beije*, pensei.

E então ele me beijou.



NEM FOI UM BEIJO ADEQUADO. Foi um meio beijo. Menos do que isso, até. Durou menos de um segundo até eu me afastar.

“Desculpe, desculpe... eu não devia ter feito isso”, falei.

“Por que não?” Ele estava olhando para meus lábios, ainda sorrindo como se achasse que aquele beijo tinha sido apenas o começo.

“Porque não é justo... Com ninguém.” Pressionei a testa, passei os dedos nos olhos. “Sinto muito, Jackson. Estou tão confusa. Preciso esvaziar a cabeça.” Espiei por entre os dedos. Todos estavam ocupados fingindo não notar o que estava acontecendo, e fiquei muito grata a eles por isso. Olhei para Jackson. Estava franzindo o rosto para a bebida. “Podemos fingir que isso nunca aconteceu?”, perguntei, fazendo uma careta.

“Se acha que é melhor assim.” Ele mordeu a bochecha. “Não é culpa sua. Acho que me aproveitei um pouco da situação.”

“Obrigada”, sorri agradecida. “Acho melhor eu ir.” Jackson não fez qualquer menção de me impedir. Dei um beijo no rosto dele. “Até amanhã.” Virei para sair quando me lembrei de uma coisa. Por algum motivo não virei como uma pessoa normal, mas fiquei na posição de quem estava andando, com uma perna dobrada, um braço levantado. Quando percebi que estava ridícula, era tarde demais. “Na verdade, não vamos nos ver amanhã”, falei, olhando sobre o ombro. “Tenho o dia de folga. É aniversário da minha amiga Donna. Vamos a um festival de música. O Lovebox Weekender. Em Victoria Park. Em Londres.”

Ele pareceu espantado com a enxurrada de informações desnecessárias, como não podia deixar de ser. Foi assustador até para mim, para ser sincera.

“Tudo bem.” Deu de ombros. “Até segunda, então.”

“Isso. Segunda.” E, mentalmente me batendo na cabeça por ser tão idiota, saí em zigue-zague pelo bar e fui procurar um ponto de ônibus para ir para casa.

Tinha muita gente no trem para Londres na manhã seguinte; Dylan e Will estavam indo junto (Hannah, não. Ela estava trabalhando, segundo Jack). Mas era a primeira vez que eu encontrava Ollie desde domingo, e não tinha como não ser estranho. Eu o vi antes que ele me visse. Estava na fila da bilheteria, conversando com Donna. Senti uma onda de animação, mas, a essa altura, já sabia que não podia confiar nessas sensações. Ele sempre despertava um efeito físico em mim. Donna olhou para mim, e eu acenei. Ela sorriu e disse alguma coisa para Ollie, que olhou rápido para os pés antes de virar e, com um sorriso triste e de boca fechada, notou minha presença com um meneio de cabeça. Donna passou as mãos nas costas dele com carinho e, em seguida, se aproximou.

“Ele está bem?”, perguntei.

Ela virou para Ollie, que estava olhando para a frente, de costas para nós.

“Está, sim... Está com seu bilhete?”

Bati no bolso.

“Meu pai comprou para mim ontem.”

“Ótimo.” Ela cruzou os braços e olhou em volta. Era como se estivesse esperando alguma coisa. Então lembrei.

“AGH!”, Gritei. “Donna, feliz aniversário!” Joguei os braços em volta dela. “Desculpe!”

“Assim é melhor.” Donna me deu o braço. “Vamos procurar os outros.”

Estava com medo de que fossem me tratar com frieza pelo que estava fazendo Ollie passar, mas todos estavam bem. Fiquei imaginando se ele teria dito alguma coisa — talvez tivesse pedido

para não me culparem. Era o tipo de coisa que Ollie faria. Sentei em um banco duplo do trem com Cass, enquanto Ollie dividiu uma mesa com Rich e Jack. Ashley, Donna, Dylan e Will dividiram outra mesa. Uma dinâmica que funcionava.

Foi bom colocar a vida em dia com Cass, que tinha acabado de saber que o sujeito que tinha drogado a bebida dela admitiu que “administrou intencionalmente a substância” e em breve teria que depor. Ela não precisaria estar presente, mas a polícia informou que poderia sentar na galeria para ver se quisesse.

“Você vai?”, perguntei.

“De jeito nenhum.” Senti um calafrio. “Não me lembro da cara dele e prefiro não saber. Só quero esquecer que isso aconteceu. Aquele não foi um bom momento, por diversos motivos.” Ela apoiou a cabeça na minha por um segundo, e passei a mão no cabelo dela.

“Mas está tudo bem agora, querida”, falei.

Ela endireitou as costas.

“Amém.”

“Teve mais notícias de Adam?”

“Não. Nem espero ter”, respondeu com leveza. “Acho que a coisa se resolveu.”

“Que coisa boa”, falei com inveja. “Você vai para a faculdade com a vida resolvida.”

Ela sorriu.

“Espero que sim... E você?” Cass olhou na direção de Ollie, e fiz uma careta. “Ainda não decidi nada?”

Balancei a cabeça.

“Estou tentando não pensar no assunto, lembra?”

“Ops, desculpe.” Fez um gesto como se estivesse fechando a boca com um zíper. Não contei sobre o quase beijo de Jackson. Em parte porque no fim das contas não havia nada para contar, mas, basicamente, porque eu morreria se Ollie um dia descobrisse.

Depois de uma hora bastante engraçada negociando os vários meios de transportes públicos necessários para ir de Paddington a Hackney, chegamos ao Victoria Park. Donna tinha insistido que não precisávamos comprar presente porque gastamos com as entradas

para o festival (por sorte eu tinha comprado antes de meu pai perder o emprego), mas Will em segredo pediu que enviássemos nossas fotos preferidas de Donna com alguma lembrança, história ou coisa engraçada que já tivesse dito (eram muitas), e ele transformaria em um livro. A julgar pela maneira como Ashley ficava batendo na bolsa, ele tinha pedido para ela guardá-lo.

Fui para perto de Will enquanto Donna conversava com Jack. Ele era um pouco mais novo que nós, mas não dava para notar. Era uma graça — e muito sociável.

“Quando vai entregar o... *voce sabe*”, perguntei com o canto da boca.

Ele olhou de um lado para o outro de um jeito cômico, conferindo se a barra estava limpa.

“Não sei”, simulou um sussurro. “O que você acha?”

“Não sei... agora? Antes de entrar no festival e tudo ficar um caos?”

“Boa ideia.” Ele chamou Donna. “Ei, aniversariante!”

Ela virou, bateu os cílios e colocou a mão no peito em um gesto afetado.

“*Moi?*”

“*Oui*. Vem aqui...”

Ela veio até nós.

“Pois não?”

Will sentou na grama seca e afagou o chão.

“Venham todos, pessoal. Venham.”

“Vamos cantar uma música?”, Jack perguntou. “Porque preciso avisar uma coisa: sou completamente desafinado.”

“E eu tenho alergia a rodinha de violão”, Ashley acrescentou, e colocou disfarçadamente um pacote atrás de Will ao se sentar. “Na verdade me dá calafrios. Sério mesmo.”

“Nada de cantar”, disse Will. “Só...” Ele produziu o pacote com um floreio... “PRESENTE!”

Donna engasgou.

“Para mim?! Mas eu falei para não comprarem presente!”

“Não se preocupe”, disse Rich, reclinando o corpo e se apoiando nos cotovelos. “É uma besteira.”

“Haha”, ela rasgou o papel, abrindo um sorriso imenso ao ver o que tinha dentro. “Pessoal!” Mostrou a capa do livro, que era uma foto dela quando bebê (pelada em um cercado de areia — uma foto de bebê pelado é obrigatória) com DONNA! escrito na parte de cima e VOCÊ TEM 18! na de baixo. Ela começou a virar as páginas, engasgando e suspirando enquanto lia o que tinha sido escrito a seu respeito. “Meu Deus, isso é *incrível!*” Beijou todos nós, guardando um beijo particularmente longo para Will.

“Você organizou isso?” Ele deu de ombros, com um gesto humilde. “Ah, obrigada, amor.” Donna acariciou o rosto dele. “Amei. Muito obrigada a todos.” Ficou se balançando para a frente e para trás sobre os calcanhares folheando o livro. “Isso é incrível. Posso levar para a faculdade — presumindo que entre — e me lembrar de todos vocês.” Segurou o livro contra o peito e fechou os olhos, emocionada. Will meio que bufou, quase imperceptível para mim, mas Donna virou para ele imediatamente, com sangue nos olhos antes de falar: “Sério? Você vai fazer isso agora?”.

O resto de nós fez cara de *ihh* com a mudança súbita de atmosfera.

“O quê?”, ele franziu o rosto, confuso. “Não falei nada.”

“Falou sim.”

Ele apontou para o livro.

“Sou o Will Legal, lembra? Fiz o livro?” Abriu um sorriso satisfeito e deu para ver que ela estava prestes a relaxar e deixar passar — o que quer que *aquilo* fosse —, mas ele calmamente acrescentou: “Enfim, foi você que começou”.

Os olhos dela se arregalaram muito.

“Eu?! Como chegou a essa conclusão?”

Ele colocou a mão no peito, zombando.

“*Vai me lembrar de vocês na minha nova vida na faculdade.*”

“Ah, para com isso”, ela se irritou. “Eu nunca disse *nova vida.*”

“Eu sei. Estava brincando.” Ele meio que riu.

“Argh, tão irritante!”, Donna respondeu em um tom contido. “Por que não fala logo?”

Uma sombra passou pelo rosto dele.

“O quê, aqui? Agora? Tem certeza de que é um bom momento?” Gesticulou para o resto de nós, que estávamos olhando para todos os

cantos, menos para eles, e nos movíamos com desconforto.

Ash limpou a garganta: “Acho que a gente se vê lá dentro, tudo bem?”, ela disse, começando a levantar. O restante começou a fazer o mesmo, mas Donna veio junto.

“Não se preocupem, eu também vou. Ele só está sendo chato com a possibilidade de eu ir embora, mesmo que eu nem tenha *entrado* na RADA ainda.”

“Não estou sendo chato”, disse Will por entre os dentes, com o rosto totalmente vermelho. “Só estou *preocupado*.”

Ela colocou as mãos nos quadris.

“É, preocupado que eu vá morar em Londres e instantaneamente transe com outra pessoa. Muito obrigada pelo voto de confiança. É uma ótima sensação. Não ter a confiança da *porra do seu namorado*.”

“Não estou preocupado com *isso*”, ele disse em voz alta. “Quantas *vezes* preciso falar? Só não quero que a gente se afaste. Tenho medo de perder você, pelo amor de Deus.”

Estava ficando pessoal demais. Eu não queria ouvir, principalmente porque sabia que Ollie pensava o mesmo. E veja o que aconteceu conosco: um comentário sobre a possibilidade de eu ir para Leeds com ele e fugi correndo, ou pelo menos deve ter parecido. Arrisquei um olhar. Ele estava um pouco afastado de todo mundo, olhando para o longe com as mãos nos bolsos. Tinha uma expressão neutra, mas era como se a gravidade estivesse atuando nele, puxando-o quase imperceptivelmente para o chão pelos cantos dos olhos, da boca e dos ombros. O peso de ter que esperar eu me decidir. Ainda me espantava saber que eu podia provocar esse efeito em alguém. Não que eu tivesse, sabe, uma espécie de política inconsciente de que qualquer pessoa que me quisesse não valia a pena. Só era estranho. A boa e velha Sarah. E agora, pelo jeito, Jackson também gostava de mim! Só Deus sabe o que fez para me tornar tão sedutora.

Falando nele, eu estava na fila para comprar algo para comer mais tarde quando recebi uma mensagem.

Quer ir à praia amanhã? PS: esta mensagem não tem segundas intenções! J.

Levei a meia hora em que fiquei na fila para decidir. Mas ele era meu amigo e sabia que não devia esperar nada mais. Mal não faria. Respondi e então me preparei para fazer nove pedidos diferentes.



JACKSON CHEGOU COM AS MÃOS ENTERRADAS nos bolsos do casaco e os ombros encolhidos por causa da chuva.

“Lindo dia para isso”, ele disse.

“Do que está falando? Está lindo!”, protestei. “Nenhuma multidão... é... revigorante. Colore as bochechas e...” Fechei os olhos para o horizonte e, tomada por inspiração, apontei animada. “E o mar parece muito dramático.” Tentei fazer uma mesura. “Agradeço muito.”

“Você é a Poliana agora?”, ele disse, sorrindo. Então teve um calafrio. “Parece mais outubro do que julho. Podemos tomar um café?”

“Boa ideia. Estou morrendo de frio.” Eu estava de jaqueta jeans, camiseta, saia e All Star sem meia. Dava quase para sentir minhas pernas congelando.

Achamos um Starbucks e sentamos perto da janela. Sentei sobre as pernas encolhidas, escrevi meu nome na condensação, depois limpei o embaçado para conseguir enxergar o lado de fora. Não foi um silêncio totalmente confortável, mas tudo bem.

“Então, como foi o show?”, Jackson perguntou, tomando um gole do café. “*Merda*, está fervendo.” Mostrou a língua e abanou. Sorri, ele riu, e nós dois entendemos o que o outro estava pensando. Quer dizer *uau, café quente, quem poderia imaginar?* não é exatamente algo sutil, mas, mesmo assim. Foi legal.

“Foi muito bom”, falei e contei das bandas que vimos.

“Então sua amiga teve um bom aniversário?”, perguntou. “Donna, certo?”

Assenti.

“Sim, ela adorou. Apesar de ter brigado com o namorado.”

“*Ihh*, isso não é nada bom.” Tirou a espuma da tampa do café com o dedo e lambeu. “Eles são sempre assim?”

“Nunca. São totalmente apaixonados.” Parei um instante enquanto analisava se podia contar o motivo para ele, e logo decidi que, como não ia mencionar Ollie, não teria problema. “Ele só está meio louco com a ideia de Donna ir para a faculdade de teatro... Ele ainda está na escola”, expliquei.

Jackson fez um barulho solidário com os dentes.

“Minha ex-namorada foi para a faculdade em Glasgow setembro retrasado”. Sorri para mim sobre o copo de café. “Não era ex quando foi.”

“Ah”, fiz uma careta. “Sinto muito.”

Ele deu de ombros.

“Tudo bem. Já superei.” Escondeu a cabeça na dobra do braço e fingiu chorar.

“Superou mesmo?”, perguntei, rindo.

“Não, superei mesmo.” Ele se inclinou para trás e cruzou uma perna. “Mas levou um tempo.”

“Vocês terminaram logo?”

Ele balançou a cabeça.

“No Natal. Eu terminei com ela, na verdade.” Fungou. “Para me preservar. Parei minha vida por três meses esperando por ela. Quando voltou só falou no quanto a vida estava ótima lá. Ficou feliz em me ver, mas estava claro que não tinha sentido tanto a minha falta.” Ele deu de ombros. “Era quase três anos mais velha do que eu. Para ser sincero, foi uma relação um pouco incomum desde o começo.”

“Podia ter sido diferente se você também tivesse ido para a faculdade”, sugeri. Eu estava me mexendo na cadeira, tentando parecer casual. Queria tanto ouvir isso, por tantos motivos, mas nem conseguia articular todos.

Ele fez que sim com a cabeça.

“Com certeza.” Acabou o café e se espreguiçou. “Ainda somos amigos no Facebook. Ela está namorando. Fiquei feliz por ela.”

Lancei um olhar a ele.

“O quê?”, ele disse. “Fiquei! Enfim, não é como se eu tivesse virado um monge.”

Fingi estar constrangida para esconder o fato de que, na verdade, estava mesmo.

“Jackson! Estou chocada!”

“Qual é... Tenho dezenove anos... macho, com sangue nas veias.” Bateu no peito. “Leio muito, tenho senso de humor... certos atributos físicos atraentes.” Mexeu as sobrancelhas e então pareceu envergonhado e colocou a cabeça nas mãos. “Meu Deus, não acredito que falei isso!”

Soltei uma gargalhada nada feminina.

“Tudo bem, eu não fazia ideia do que você estava falando mesmo”. Balancei a mão sobre o coração. “Sou uma menina inocente.”

“Certo.” Ele levantou as sobrancelhas cético, então dei um tapinha nele. Se eu for totalmente, totalmente honesta, admito que estava animadinha com a conversa. Eu não queria analisar os motivos em profundidade, tipo, ia parecer muito pouco feminista, mas foi como se ele tivesse ficado mais sexy e mais másculo diante dos meus olhos ao longo dos últimos vinte minutos. Basicamente, resumindo uma longa história, confirmei o que vinha tentando negar há séculos: eu estava a fim dele. Não o suficiente para fazer alguma coisa, mas era mais uma confusão para acrescentar à pilha que cercava minha relação com Ollie. Agora, no entanto, eu não estava preocupada. Só estava experimentando a empolgação de passar um tempo com alguém e perceber que estava fazendo um amigo para muito tempo. Nós dois, por acaso, tínhamos o adendo de uma leve atração sexual. Nada de errado nisso.

Aí encontramos Ollie.

Sáimos do Starbucks, prontos para enfrentar a praia. Não teria sido tão ruim se estivéssemos caminhando lado a lado, sem conversar, mas estávamos nos divertindo e rindo. Jackson tinha acabado de segurar meu braço para fingir que ia me empurrar para a rua, e eu

estava gemendo e protestando. E de repente lá estava Ollie, bem na nossa frente.

“Putá merda”, falei, e não foi a melhor escolha de palavras, mas, para ser sincera, não deu para segurar. Então vi quem estava com ele e repeti, mais baixo.

“Tudo bem, Sarah?”, perguntou Abby, cercada por um véu de pretensão. Deu o braço para Ollie. “Quem poderia imaginar?”

“Pois é”, sussurrei. Ollie fez contato visual comigo. Apenas nos olhamos. Fiquei desesperada para fazê-lo entender que eu e Jackson não éramos nada, que *ela* era alguma coisa, e o que estávamos fazendo? Mas não sabia como. Então apenas nos olhamos, com os olhos fixos, e foi um dos momentos mais tristes da minha vida.

“Enfim... é melhor a gente ir”, Abby continuou alegremente como se estivéssemos tendo uma conversa amigável, e não parados em um silêncio terrível. “Nos vemos no trabalho!” Ela acenou com afetação com a mão e puxou o braço de Ollie o suficiente para fazê-lo acompanhá-la, desgrudando os olhos dos meus antes de eu parar de olhar nos dele.

Fiquei parada, petrificada. E enjoada. Detestando Abby.

“Você está bem?”, Jackson perguntou, sem me tocar.

Franzi o rosto.

“Não sei.”

“Você e Ollie têm uma história complicada”, afirmou.

“Sim.”

Ele olhou para Ollie e Abby se afastando, ela gesticulando enquanto ele aparentemente olhava para a frente.

“E ela é louca.”

Ri ofegante.

“É.”

“O que quer fazer agora?”

Desgrudei os olhos deles e olhei para Jackson.

“Queria muito saber.”

Segunda de manhã acordei com cheiro de bacon fritando. Olhei meu celular sonolenta. Seis e meia. Coloquei um moletom, calcei

minhas pantufas e desci.

“Ah, acordou!”, disse meu pai. Revirei os olhos para ele, que sussurrou para minha mãe: “Ih, não está de bom humor”.

“Por que todos acordaram tão cedo?” Sentei à mesa, me aconcheguei no casaco e me encolhi, o cabelo caindo no rosto. A falta de uma resposta imediata me fez levantar os olhos. Meus pais estavam sorrindo um para o outro. Com um susto, só percebi o que estava acontecendo quando Dan falou:

“Ele tem uma entrevista”, disse, e acrescentou para esclarecer: “de emprego. Você saberia se tivesse saído do quarto ontem”.

“Pai, que ótimo!”, falei, arregalando os olhos, fazendo um esforço para acordar. “Qual é a vaga?”

“Produção mesmo, para uma pequena empresa que faz documentários em Londres.” Parecia muito feliz, mas, ao mesmo tempo... bem, não parecia um emprego muito bom. Fiz questão de abraçá-lo e parecer animada. Eu me detestava pelo meu pessimismo cruel, mas tudo em que conseguia pensar — literalmente a única coisa na minha mente — era Abby de braços dados com Ollie.



DEPOIS QUE TODOS SAÍRAM DE CASA, meu pai parecendo nervoso ao entrar no carro com minha mãe, que ia levá-lo até a estação, voltei para a cama e não saí de lá até as onze. Era a primeira vez que faltava no trabalho; meus pais ficariam tão orgulhosos. Não ia aguentar ver Abby e, para ser sincera, estava um pouco nervosa sobre ver Jackson também. Na superfície tivemos um dia agradável depois do choque de ver Ollie com Abby, mas, na verdade, fiquei muito preocupada. Enquanto a tarde se transformava em noite, Jackson sugeriu que fôssemos comer, mas pareceu aliviado quando falei que tinha que ir para casa. Devo ter sido péssima companhia.

Então lá estava eu, deitada no sofá de pijama ao meio-dia quando deveria estar no trabalho, tudo isso porque não conseguia decidir o que era melhor para ninguém, em relação a nada. A única coisa da qual tinha certeza era que queria ir para Manchester em setembro, o que significava deixar meus amigos, deixar Ollie, deixar meu emprego — mas não Jackson, que também estaria em Manchester, o que era outra confusão imensa na minha cabeça... Era muito louco querer tanto uma coisa que estava fritando meu cérebro.

Dei uma olhada nos canais por um tempo, vegetando diante de antigos programas ruins, seriados americanos e programas de perguntas e respostas idiotas com os candidatos mais burros do mundo, então me vesti e saí de casa antes de Dan voltar da aula, me escondendo na biblioteca até a hora normal de voltar para casa. Considerando que tinha matado o trabalho, foi um dia bem ruim. Desejei ter ido para a livraria. Só estava protelando o inevitável.

Fui trabalhar no dia seguinte. Jackson abriu a porta, deu um “oi” superalegre e voltou a organizar o fluxo do caixa, então fiquei imaginando o que eu tinha pensado que poderia ser tão ruim. Tipo, sim, ver Jackson e Abby outra vez. Mas por que tirar um dia de folga por isso? Era fácil ficar fora do caminho de Abby, e Jackson parecia inabalado. Que tipo de covarde eu era? (Resposta: uma bem grande).

Abby chegou alguns minutos mais tarde, odiosamente bonita com um macaquinho de bolinhas e sandálias verdes. Mas muita maquiagem. Parecia um pouco desesperada. Eu estava mais perto da porta, então abri para ela.

“Oi, amiga”, ela disse alegremente, o que, dadas as circunstâncias, era a maneira menos sensível de se referir a mim. Até porque eu não era amiga dela.

“Oi”, respondi seca.

Ela levantou os olhos, fingindo surpresa.

“Tudo bem, querida? Parece um pouco chateada.”

“Nem um pouco”, respondi, forçando um sorriso. “Nunca estive tão bem... E você?” Cerrei os dentes esperando a resposta.

“Muito bem, na verdade”, ela respondeu. Olhou para mim, batendo no dente com uma unha laranja neon e um meio sorriso, como se estivesse pensando se devia me contar uma coisa incrível, mas encolheu os ombros e apenas suspirou feliz. Irritante. Pelo menos não tivemos que fazer a encenação do *como foi o fim de semana?* Só isso provavelmente já justificava ter faltado no dia anterior.

“Ótimo”, falei. “Enfim, tenho que voltar ao trabalho...” Fui para o escritório dos fundos checar as tarefas do dia. Excelente: eu ia ficar na limpeza. Isso podia matar uma manhã inteira, facilmente.

Foi quase prazeroso esvaziar a cabeça enquanto espanava, limpava e polia. Enquanto cuidava da prateleira inferior de chefs famosos, Jackson apareceu.

“Tudo bem?” Passou o dedo pela fileira de livros. “Preciso da Nigella.”

Sentei de joelhos.

“Ela não é um pouco velha para você?”

“Haha! Engraçadinha.” Mas estava sorrindo. “Um cliente acabou de ligar dizendo que quer tudo dela... Não sei por que não compra pela internet. Seria muito mais barato.”

“Não deixa a Kate ouvir você dizer isso.” Kate não lidava bem com o fato de as coisas custarem menos na internet. Achava que as pessoas deviam apoiar as lojas e os comerciantes independentes locais, o que até era justo, mas nem todos podiam se dar ao luxo de fazer compras assim. Não que eu já tivesse dito isso a ela.

Jackson empilhou livros em um carrinho.

“Foi legal no sábado”, falou. Foi uma súbita mudança de assunto que me fez demorar alguns segundos para perceber do que ele estava falando.

“Ah! Sim, foi mesmo”, respondi. Retomei a limpeza.

“Mas foi estranho ver Ollie com Abby.”

“Muito estranho.” A essa altura estava esfregando com tanta força que minha mão começava a ficar dormente.

Ele limpou a garganta.

“Andei pensando... Considerando que Ollie está saindo com Abby agora...”

“O quê?” Parei no meio da limpeza. “Eles estão *saindo*?”

“Bom, não sei... Quer dizer, imaginei...”

“O que Abby falou?” Minha voz saiu trêmula. Sério, eu podia ter me debulhado em lágrimas ali mesmo.

“Ela não tocou no assunto. Eu só deduzi...”

“Ah, certo. Sim, não, tenho certeza de que não estão saindo.” Abby jamais teria perdido a chance de se gabar por uma coisa dessas. Fechei os olhos enquanto esperava meu coração desacelerar, então levantei para poder conversar com ele frente a frente. “Mas, escuta, mesmo que estivessem... Ainda não sei ao certo o que quero. Quer dizer, claro que gosto de você, mas...”

Ele levantou uma mão.

“Tudo bem. Entendo.”

“Desculpe, Jack...”

“De verdade, tudo bem”, ele interrompeu. “Não tem problema.” Sorriu rápido, pegou o carrinho e desapareceu.

Fiquei ali, agarrada ao espanador, me sentindo uma babaca completa. Sério, o que Ollie e Jackson viam em mim? Pelo jeito, essa coisa de que as pessoas gostam de ser maltratadas funcionava com os meninos também. Não queria estar agindo mal com eles. Ambos mereciam coisa melhor. Fiquei imaginando o que Ollie estaria fazendo. Pensar nele fez meu coração doer.

Quando já tinha limpado quase tudo, ajeitado mil lombadas de livros e eliminado quase todas as partículas de poeira, me restava apenas a entrada da loja. Tinha um plano: ia fingir que Abby não estava ali. Mas ela não facilitou minha missão, brincando alto com Jackson quando não havia clientes.

“Certo, Jackie, mais um”, ela disse. “Você preferiria ser fedorento ou feio?” (Obviamente se tratava da continuação de um jogo que passaram a manhã inteira jogando. Fiquei *arrasada* por ter perdido.)

Um silêncio se instalou por alguns instantes. Os únicos ruídos eram o som intermitente do spray de lustra-móveis e do espanador nas prateleiras de madeira.

“Essa é fácil”, ele respondeu afinal. “Quer dizer, se você estiver cheirando mal, pode tomar banho...”

“Não!”, Abby interrompeu. “É como se fosse uma *doença*. Não dá para se livrar do problema. Você fede, fim de papo.”

“Droga... Tudo bem, feio, então. A beleza verdadeira é a interior mesmo.”

Ela riu alto.

“É, sei! Pessoas feias são feias por um motivo, se quer minha opinião. Pessoas legais nunca são feias. Quer dizer, podem ser sem sal ou não muito bonitas, mas nunca são feias.”

“Humm, interessante”, disse Jackson, como alguém assistindo ao jornal da madrugada. “Então explique isto: por que você é uma agressão aos olhos?”

“EI!”

Jackson riu e fez barulhos de *ai*. Espiei-os por baixo dos cílios e, sim, Abby estava fingindo bater nele.

“Cale a boca. Não sou feia.” Fez bico e bateu o pé, fingindo ser uma menininha.

“Claro que não é, Abs”, ele disse. Fez cócegas no braço dela com seus dedos longos. “Só disse isso porque é óbvio para todo mundo que você é linda.”

“Ahh!” Ela passou o braço pelo de Jackson e se aninhou nele. “Que gracinha!”

O que era aquilo? Nunca tinha visto Jackson assim com ela antes. Ele sempre me passou a impressão de achá-la meio louca (porque ela era mais do que meio louca).

“Sim, bem. Sou uma graça de pessoa.” Soprou as juntas dos dedos e as esfregou na camisa.

“Você é mesmo.” Abby deu um beijo no rosto dele, esfregou o cabelo e soltou o braço para poder se apoiar na parede, com as mãos por trás das costas e uma perna dobrada de um jeito artístico. *Très fashion; très* direta. “Está muito tranquilo hoje.”

Jackson pegou uma bola de elásticos e começou a jogá-la de uma mão para a outra.

“Eu, particularmente, estou gostando”, falou com um sorrisinho. Droga, ele estava de papinho mesmo com ela! Quando lançou um olhar rápido na minha direção para ver se eu estava olhando, percebi. Estava tentando me deixar com ciúmes! Mas a questão era — e eu não tinha percebido o significado até aquele instante — que eu não estava com ciúmes. Fiquei um pouco confusa e, se alguma coisa rolasse entre os dois, eu questionaria o bom senso dele (mais do que já estava fazendo), mas ciúme? Nem tanto. Se eu realmente gostasse dele, vê-lo de papinho com Abby teria me consumido, como quando a vi com Ollie.

Ollie. O pensamento me atingiu como um soco no estômago. Estava com saudade dele. *Muita* saudade. Mas e se já tivesse esperado tempo demais? Será que tinha estragado tudo?



ASHLEY ME ENTREGOU UMA TAÇA DE VINHO.

“Estamos preocupadas com você.”

Isso, sim, é ser direta. Eu só estava na casa de Donna fazia cinco minutos.

“Estão? Por quê?”

Cass se mexeu no sofá para chegar mais perto de mim.

“Você parece triste.”

“E preocupada”, Donna acrescentou. Inclinou a cabeça para o lado. “Para onde foi nosso raio de sol, hein?”

“Ah, estou bem”, protestei, mas lágrimas arderam nos meus olhos. Eu odiava essa camada oculta de choro que ficava à espreita sem que eu soubesse que estava lá. Fiz questão de colocar a taça de vinho *com muito cuidado* no chão para ganhar tempo.

“Cara, todo mundo está vendo que tem alguma coisa rolando”, disse Ashley. “É com a gente que você está falando...”

“Pois é.” Donna fungou. “Abre o jogo.”

Dei risada.

“Tão gentil e sensível.”

Ela engatinhou para ficar na minha frente, abraçou minhas pernas e enterrou o rosto no meu colo.

“Ah, DEUS, não *suporto* ver você assim”, ganiu. “Por favor, Sarah... Eu imploro... Diga o que posso fazer para você voltar a sorrir.” Ela olhou nos meus olhos. Os dela estavam molhados!

“Ahh, que atriz!”, falei, aplaudindo. “E uma vaca sarcástica.”

“Obrigada”, ela disse, sentando-se. “Mas detesto ver você triste.”

Minha garganta doeu com a tentativa de não chorar. Mordi o lábio para esconder o tremor.

“Ah. Vocês sabem, é... o Ollie. Estou com muita saudade... mas e se eu tiver estragado tudo?” Olhei para o teto. “E se ele topa voltar, mas depois terminarmos de qualquer jeito quando formos para a faculdade?” Levantei a gola da camisa para limpar os olhos, cobrindo o rosto enquanto dizia: “Estou tão *confusa*”.

“Bem-vinda ao clube, querida”, disse Donna, me entregando o vinho. Tomei um gole grande. “Você me viu com Will no meu aniversário. O menino está tendo um ataque.”

“Eu e Dylan estamos discutindo também”, Ashley acrescentou. “É um momento assustador para todos nós.”

“Então o que vão fazer?”, perguntei.

Donna deu de ombros.

“Nada. Exceto essa questão de eu ir embora, está tudo ótimo entre mim e Will. Só precisamos confiar um no outro. Enfim, não adianta me preocupar com uma coisa que nem aconteceu ainda.”

“E que pode nem acontecer”, Cass acrescentou.

“Exatamente”, disse Donna.

Olhei para Ashley. Ela apontou para Donna e Cass.

“Concordo com elas.” Abriu as mãos. “Você está pensando demais... Você ama Ollie?” Devo ter parecido assustada, porque Ash emendou rápido: “Bom, você quer ficar com ele?”

“Não sei!”, quase gritei. “Esse é o problema.”

“Certo.” Espreguiçou-se. “Mas ainda acho que está pensando demais. Confie no sentimento mais forte. É tudo o que pode fazer.”

“Ela tem razão”, disse Cass. “Ouça o coração. Eu devia ter feito isso anos atrás com Adam.”

“Mas não sei o que meu coração está dizendo”, falei.

“É porque não está ouvindo”, disse Cass cheia de razão. Cutucou a cabeça. “Você pensa demais.”

“Olha quem fala”, disse. “*Você* pensa demais.” “Enfim, seu problema com Adam não era o fato de ouvir demais o coração?”

“Não! Meu Deus, não. No coração eu o achava um babaca que não era bom o suficiente para mim e estava me impedindo de fazer as coisas. Na cabeça eu tinha medo da mudança.”

“Ah.” Girei a haste da taça entre as mãos. “E como a informação foi do coração para o cérebro?”

“Acho que ele chegou a um grau crítico de babaquice, e minha cabeça e meu coração concordaram.”

“Certo”, me encolhi infeliz.

“Vai ficar tudo bem”, ela disse com carinho. “Tire toda essa questão do Ollie da cabeça. Decida que vai parar de se preocupar com isso. Logo alguma coisa vai acontecer, e você vai *saber*. Prometo.”

Olhei cética para ela.

“Tudo bem, não prometo. Mas acredito muito, muito que vai.”

“Eu também”, Ashley afirmou com firmeza. “*Que sera sera.*”

Donna fez que sim com a cabeça vigorosamente.

“*Let it be.*”

Ri.

“*We should live while we're young.*”

“*One way or another*”, disse Cass, rindo.

“Argh, qual é.” Ash balançou a cabeça desesperada. “Citamos Doris Day e Beatles, e a única coisa em que você consegue pensar é One Direction?”

“Você nem devia estar pensando em nomes de música até Donna falar!”

“Estava *sim!*”, Ashley protestou. “Calúnias!”

Continuamos assim por um tempo, mas logo a conversa mudou de rumo, e juro que Ollie mal surgiu na minha cabeça. Talvez não fosse tão difícil seguir o conselho de Cass. Parar de me preocupar e deixar a resposta vir: gostei disso.

Mas, como descobri no dia seguinte, é fácil não se preocupar quando você está de bobeira com as melhores amigas; quase possível quando está sozinha; totalmente impossível quando está no trabalho com Abby. Assim que ela chegou na hora do almoço, Kate pediu para nós duas arrumarmos a parte de história do Exército e da Marinha.

“Não se apressem”, ela disse. “Façam um bom trabalho.”

“Ugh, estou com tanta cólica hoje”, disse Abby, apertando a barriga. Mas cada vez que abaixava, a calcinha fio-dental aparecia acima da cintura da calça jeans (que estava acompanhada de sapatos amarelos e uma blusa combinando). Detesto meninas que usam assuntos femininos como tática de socialização. Tipo, uuuh, nós duas temos úteros, vamos compartilhar nossos segredos mais profundos.

“Tenho remédio, se quiser”, falei.

“Ah, obrigada. Já tomei.” Pegou outra pilha de livros. “Vai passar.”

Trabalhamos em silêncio por um tempo, e, bem quando eu estava pensando que talvez não fosse ser tão ruim, ela disse:

“Muito bom trabalhar com você, para variar.” Abriu um sorriso largo e genuíno. Se eu não estivesse escaldada da bruxaria dela, teria me aberto. Não falei nada, só continuei ajeitando a lombada dos livros. Ela diminuiu a voz. “Eu queria pedir seu conselho, na verdade.”

“Certo”, falei, com o menor comprometimento possível.

“É sobre Ollie.” Hesitei por um segundo, quase derrubando um livro pesado sobre Napoleão, mas o salvei bem a tempo. Mesmo assim, não disse nada. “Então, nós saímos algumas vezes”, continuou. “Ele parece bem a fim de mim. Mas...”, suspirou, “Jackson também está.” Ela parou a arrumação, pelo jeito ponderando sobre o dilema, antes de continuar. “Como você ficava com Ollie, pensei que pudesse me ajudar.”

Sorri de boca fechada.

“Não, na verdade, não.”

Ela colocou uma mão preocupada no meu braço.

“Você não se importa, importa? Sobre mim e Ollie, quero dizer?” Mordeu o lábio. “Desculpe. Imaginei...”

“Não me importo nem um pouco”, respondi com leveza. “Por que me importaria?”

“Ufa.” Ela riu. “Acho que vou investir, então. Mas você e Ollie não namoravam sério, né?”

Não? Ollie tinha dito isso? Descartei o pensamento assim que me ocorreu. Ele não falaria assim. Não falaria. Quando continuei em silêncio, Abby desistiu, e trabalhamos mudas até meu intervalo. Sai

para tomar ar. Senti como se estivesse soltando o ar pela primeira vez na tarde. Tentei ligar para Ollie, mas ele não atendeu. Liguei sem a menor ideia do que dizer. Acho que só queria ouvir a voz dele.

Andei feito uma sonâmbula durante as últimas horas de trabalho, que graças a Deus passei sozinha no caixa. O conselho de Cass foi por água abaixo considerando que tudo o que fiz foi pensar em Ollie. O que ele estava fazendo? Com quem estava? O que estava pensando? Será que pensava em mim? Era como se eu estivesse tentando invadir a mente dele, desejando que não desistisse de mim.

Eu não ia trabalhar com Abby no dia seguinte. Primeira boa notícia. Segunda: recebi meu primeiro pagamento. Mais de seiscentas libras! De longe a maior quantia de dinheiro que já tinha recebido. Girei na cadeira do escritório dos fundos e olhei fixamente para os números no pequeno retângulo de papel. Pesei o celular em uma mão, prestes a ligar para o meu pai e contar, quando ele começou a tocar, me fazendo dar um salto. Era meu pai.

“Eu já ia ligar para você”, falei.

“Sassá, consegui!” A voz dele falhou.

“Consegui o quê?”, perguntei como uma boba.

“O emprego! Consegui o emprego! Estou empregado!”

“AGH!”, gritei. “Pai, isso é ótimo! Meu Deus, estou tão feliz por você! E por mim também!”

Ele riu.

“O salário é mais alto que o do meu último emprego, porque é em Londres.” Ele limpou a garganta. “Nós... tiramos a casa do mercado.”

“O quê? Isso quer dizer...?”, sussurrei, quase não me atrevendo a ter esperanças.

“Isso.” Ele riu de novo. Meu pai estava tão feliz. “Não vamos nos mudar!”

Comecei a chorar.

“Que incrível! Estou tão orgulhosa, pai.”

“Obrigado.” Ele soltou um riso soluçado. “Também estou orgulhoso de você.” Engasgou de alegria e choro. “Somos uma boa equipe, não somos?”

“Eu culpo meus pais”, falei, rindo.

Girei na cadeira e vi que Abby tinha entrado. Ela estava me encarando, sua expressão uma mistura de curiosidade e desgosto. Mostrei a língua para ela e senti uma onda de animação.

“O que vamos fazer para comemorar?”, falei, sorrindo enquanto Abby franziu o rosto, foi pegar o que tinha ido pegar e saiu de novo. Meu pai me falou para ir encontrá-los no nosso restaurante predileto depois do trabalho, e desliguei. Imediatamente procurei Ollie na minha lista de chamadas recentes.

E então aconteceu. O que Cass prometeu. O emprego do meu pai, a casa, a preocupação com dinheiro: eram nuvens, e agora que tinham passado eu podia ver o céu claramente. Era Ollie. Quando os problemas passavam era sempre ele. Ele era meu primeiro pensamento. Basicamente, para resumir em poucas palavras, eu amava Ollie.



ELE CONCORDOU EM ME ENCONTRAR. Um bom começo. Não atendeu minha ligação, mas respondeu meu recado com uma mensagem de texto:

Vejo você lá bjs

Estava muito nervosa enquanto caminhava até o parque. Combinamos de nos encontrar perto do lago dos patos, mas nos esbarramos do lado de fora dos portões. Foi *tão* bom vê-lo lá, sólido e real. Tive vontade de correr para os braços dele, mas claro que não corri. Parei e abri um sorriso hesitante, o que ele também fez. Nós nos cumprimentamos de um jeito estranho. Era besteira. Nos conhecíamos há tempo demais para tanto desconforto.

Engoli em seco, respirei fundo, contei até três... não disse nada. Repeti, e dessa vez falei:

“Então... Desculpe.”

Ele me olhou.

“Por quê?”

“Meu Deus, *tudo*... Por ter sido egoísta, desconfiada, distante... assustada. Foi totalmente injusto.” Engoli em seco outra vez. “Não culpo você por ter saído com Abby.”

Cerrei os punhos contra o silêncio que se seguiu. Mas então ele disse em voz baixa:

“Eu não estava saindo *saindo* com ela. Você sabe disso, não sabe?”

Sorri.

“Agora sei... Enfim, não é essa a questão. A questão é que sinto muito, muito mesmo. Não agi direito com você, Ols.” Limpei a garganta. “Então, andei pensando... será que a gente pode voltar, por favor?”

Ele parou, virou e colocou as mãos nos meus braços. Calor e força irradiaram dele como ondas de rádio. Olhei para Ollie, e ele me abraçou. Quase derreti, uma onda de amor por ele fazendo me sentir segura, feliz e aliviada ao mesmo tempo.

“Ah, linda.” Ele me abraçou forte. “Senti tanta saudade.”

“Eu também.” Falei, com os olhos fechados e os punhos agarrando a camiseta dele. Ollie era como um remédio.

“Escuta”, ele disse, o queixo batendo na minha cabeça enquanto falava. “Vamos para a Grécia ficar juntos. Nem vamos nos preocupar com o futuro.”

“Sim”, falei, e o apertei com mais força. “Mas, antes, podemos ficar assim para sempre?”

“Por mim está ótimo.” Beijou minha cabeça. “Mas tenho que dizer que preciso fazer xixi.”

“Ah, tudo bem”, falei. “Mas primeiro...” Levantei o rosto e o beijei.

Donna entrou na RADA! Ela mandou mensagem para todos nós na segunda-feira, e logo Cass respondeu convidando para um jantar de comemoração na casa dela. Don já estava lá quando Ollie e eu chegamos; inclusive, foi ela que abriu a porta para nós. Estava saltitando como o Tigrão, o que, considerando que tinha quase um metro e oitenta, era um pouco perigoso. Temi pelos lustres.

“Muito *bem!*”, falei, abraçando-a. Limpei uma lágrima imaginária. “Estou muito orgulhosa.”

“Eu também”, Ollie acrescentou, batendo nas costas dela.

“Ah, obrigada, pessoal”, ela disse, nos levando até a sala. “Também estou orgulhosa de mim.”

“Seu pai deve estar radiante”, comentei.

Ela assentiu.

“Ficou bem impressionado comigo. Barbie ficou toda ‘Aah, RADA. Sei tudo sobre a RADA. Tenho tantos amigos que estudaram na RADA’, mas deu para perceber que ela estava com ciúme da atenção que eu estava recebendo. Vaca”, acrescentou satisfeita. Barbie era a namorada irritante do pai dela.

“E sua mãe?”, Ollie perguntou.

“Ela chorou.” Donna se deu um abraço. “Nunca, nunca achei que fosse deixá-los orgulhosos, sabe? Jess sempre foi a inteligente — ainda é —, mas *iupii!*” Pegou minhas mãos e me fez pular para cima e para baixo com ela. “Entre na RADA!” Soltou minhas mãos e começou a pular como o Tigrão outra vez, cantarolando *entrei na RADA* sem parar.

“Ela está insuportável, não está?”, disse Will, que apareceu do nada, ou, o que era mais provável, do banheiro. Sorriu orgulhoso. “Sempre soube que ia conseguir. É sem dúvida a atriz mais talentosa que já vi.”

“Ah, obrigada, amor”, disse Donna, parando para beijar o namorado. “Não teria conseguido sem você.” Em geral, ela colocaria o dedo na garganta depois de falar alguma coisa assim, mas apenas sorriu cheia de amor para ele. Então fiz as honras.

“Ugh, por favor. Não na nossa frente”, falei, com a mão no estômago.

Donna me mostrou o dedo.

“Não enche, garota.” Em seguida me abraçou de novo. “*Pode encher. Você é incrível.*” Abriu os braços de um jeito expansivo. “Todos são incríveis!”

Cass entrou, limpando as mãos no avental.

“Oi! Não sabia que estavam aqui.” Deu um beijo em mim e depois em Ollie. “O jantar vai ficar pronto em quinze minutos. Ash acabou de me mandar uma mensagem — vão chegar em cinco.” Olhou para Donna, que continuava de braços abertos. “Continua superanimada?”, perguntou. Donna deu de ombros e assentiu. “Ótimo. Você merece.” E, com um rápido “toca aqui” voltou para a cozinha.

“Então, como ficou sabendo?”, perguntei quando Donna finalmente sentou.

“Por carta”, ela disse. “Eu ainda estava na cama quando chegou, mas meu pai levou para mim. Quase tive um troço quando vi o carimbo. Tive que pedir para Will abrir.”

“Sim, não foi nada estranho”, disse Will. “Seu pai sentado na beira da cama enquanto eu abria sua correspondência.”

“Sério?!”, falei. “Ele costuma entrar no seu quarto quando Will dorme lá?”

“Claro que não”, Donna respondeu. “Foram circunstâncias especiais, não foram? Enfim, não estávamos *transando* nem nada.” Ela sorriu. “Já tínhamos acabado.”

“Ai, *Donna!*”, gemi. Ela apenas riu.

“O que ela fez agora?”, Ashley perguntou, entrando com Dylan, Rich e Jack. Sem esperar resposta, correu e se jogou em Donna, saltou sobre o joelho dela e agarrou seu rosto com as duas mãos. “Tão orgulhosa de VOCÊ!”, ela disse, dando um selinho ruidoso em Donna.

“Eca!”, disse Donna. Agarrou a blusa de Ashley e limpou a boca. “Que beijo babado.”

“Desculpe.” Saiu de cima dela e sentou no sofá. “Pensei que a gente pudesse fazer isso, para quando você ficar famosa eu poder vender a história para um tabloide.” Balançou as mãos em um gesto de *sim ou não?*

Empolgada, Donna fez que sim com a cabeça, mas antes que pudesse falar, Cass chamou da cozinha. Hora de comer. Corremos para a sala de jantar, onde Cass havia pendurado um enorme pedaço de papel que dizia PARABÉNS PARA A RAINHA DO DRAMA DONNA! com canetão preto. Sobre a mesa havia pilhas de pães indianos, potes de molho e duas enormes vasilhas de arroz, soltando um vapor delicado.

“Sentem onde quiserem”, disse Cass, surgindo atrás de nós com uma panela enorme. “Mexa-se, Jack; isso pesa uma tonelada.” Ele foi para a esquerda, e Cass colocou a panela pesada sobre a mesa. “Frango ao curry. Também tenho legumes e batatas.” Foi correndo para a cozinha e voltou um minuto depois com mais duas vasilhas grandes. “Pronto. Abram espaço.”

“Uau”, disse Jack, observando a mesa cheia de delícias. “Você fez isso tudo?”

“Bem, não fiz o pão indiano nem os molhos.” Puxou uma cadeira. “Ufa. Que bom sentar.”

“Caramba, mulher, isso deve ter levado o dia todo”, disse Donna, enchendo o prato.

“Só desde a hora que recebi sua mensagem”, ela falou, sorrindo. “Enfim, me diverti muito na cozinha.” Cass realmente parecia estar feliz e mais relaxada do que desde antes do incidente na boate. Seu rosto estava rosado por causa do calor, e o cabelo estava um pouco desarrumado, mas seus olhos pareciam alegres e cheios de vida.

“Você está bonita”, disse Rich. Ela sorriu em agradecimento, e eles se olharam por um segundo, unidos por terem compartilhado uma terrível experiência e saído inteiros dela. Reconheci o sentimento.

“Já marcaram uma data para o depoimento?”, Ashley perguntou, cortando um pão na metade.

“Não faço ideia”, Cass respondeu. “E não quero saber. Ele confessou, é o que importa”. Sorriu. “Enfim, chega de falar de mim.”

“Isso”, disse Donna, com a boca cheia de curry. “Mais sobre mim, por favor.” Um pedaço de frango caiu boca dela, mas Donna o pegou antes de cair na mesa. “Fujão!”, ela disse, antes de devolver o pão à boca.

“Bom, pra começar, você é nojenta”, disse Ashley.

Don pareceu decepcionada.

“Hum. Isso não era de jeito NENHUM o que eu esperava.”

“Hum... Donna é incrível e todos a idolatramos?”, Cass sugeriu.

Don apontou um dedo para ela.

“Aí, sim.” Fez uma reverência. “Você é uma lenda, Cass Henderson. Uma lenda de elogios totalmente cabidos.”

“E curry”, falei.

“E clamídia?”, Ashley sugeriu. E então, quando jogamos pedaços de pão nela: “O que foi? Começa com a letra C!”. Ash riu, desviando de pedaços voadores. “Ah, parem! Não era isso que estávamos fazendo? Tudo bem, tudo *bem!*” Estalou os dedos várias

vezes, procurando uma palavra melhor. “Argh!”, agarrou a cabeça. “Esqueci todas as palavras que começam com C que Cass aprovaria! Meu cérebro está vazio! Tudo o que me restou foi Croácia!”

Gargalhamos. Pedacos de curry por todos os lados. Eu estava naquela situação em que minha boca estava tão cheia que, se desse risada de verdade, podia engasgar até a morte, então o que fiz foi ficar roxa e gemer. Cass ficou tentando falar alguma coisa, mas não conseguiu. Risadas geram risadas. Nós olhávamos para alguém, que estava vermelho e rindo, e começávamos tudo outra vez. Foi incrível, e fazia muito tempo. Eu estava surfando em ondas de amor pelos meus amigos. Ia amá-los para sempre, mesmo quando estivéssemos na faculdade. Tinha certeza disso. E dali a dois dias íamos viajar juntos. Santo Ollie que me emprestou o dinheiro. Olhei nos olhos dele. Continuava rindo, mas levantou as sobrancelhas. Um pequeno reconhecimento, mas tudo de que eu precisava.



QUARENTA E OITO HORAS DEPOIS, estávamos na praia em Mykonos.

Depois de um voo absurdamente cedo, saímos do avião piscando para uma massa de calor sob um céu completamente azul e entramos em um ônibus da agência de viagem. Estava cheio de pessoas da nossa idade e mais novas, algumas com os pais, todas felizes. O tempo na Inglaterra andava razoável fazia um tempo, mas era como se todos se lembrassem de como o inverno tinha sido longo. Só de saber que tínhamos garantia de duas semanas de sol e calor, meu coração se encheu de alegria.

O hotel era simples, compacto, todo branco, com quartos básicos. Perfeito para nós. Fiquei um pouco culpada quando Cass foi para o quarto dela, o único individual do grupo (Jack e Rich dividiram um quarto, porque Hannah não tinha conseguido folga para viajar), mas ela insistiu que não se importava. E, de todo jeito, era a única do grupo que tinha condições financeiras de bancar um quarto individual. Todos oferecemos dividir a diferença, mas ela não aceitou. Santa Cass.

No nosso quarto, Ollie se jogou na cama, rolou e caiu desajeitado do outro lado. O começo perfeito das férias, bem ali.

“Não tem a menor graça!”, ele disse, levantando cambaleando e esfregando o quadril. “Doeu.”

“Pobre Ols”, falei quando parei de apontar e rir. “Quer que eu dê beijinho para melhorar?”

Ele só riu, um pouco desconfortável. O quadril ficava, afinal, um pouco perto da região genital. Antes do meu surto, ele quase com certeza teria tentado fingir que tinha machucado o pinto. Mas agora, apesar de já termos transado depois da grande conversa do último domingo, ele não tinha certeza de que piadas sobre boquetes já eram permitidas. Eu não teria me importado, e fiquei um pouco triste por ele achar que eu podia me importar.

Disfarcei meu desconforto me ocupando. Dei um rápido beijo no rosto e um tapa na bunda dele.

“Vamos, pegue o calção”, falei. “Vamos nos atrasar.”

Sem olhar nos olhos um do outro, colocamos as roupas de praia, enfiamos toalhas, livros e protetor solar em uma bolsa e fomos para a entrada. Rich, Jack e Cass já estavam lá, Cass de biquíni fio-dental, túnica e chinelo. Donna, Will, Ashley e Dylan chegaram logo depois. Donna estava de short jeans e um colete sobre o biquíni. Mas não foi para ela que olhamos.

“Pois não?”, disse Ashley. E colocou as mãos nos quadris. “Algum problema?” Estava com um vestido preto longo que chegava aos pés, camiseta preta por cima, um chapéu de aba grande e óculos de armação tartaruga enormes.

“Desculpe, está se escondendo de alguém?”, Rich perguntou, rindo.

“Vá à merda”, ela falou com afetação, passando por nós e indo para a porta. “Sou muito branca. Não quero me queimar, ter um melanoma maligno e morrer. Desculpem se isso ofende vocês.”

“Não, não.” Ele girou o dedo fazendo que ela era maluca. “É muito sensato da sua parte, tenho certeza.”

Cass lançou um olhar de reprovação.

“Está linda, querida”, falou. “Como uma estrela de um filme gótico dos anos 50.”

“Ou a Bruxa Má do Oeste. Vai derreter com esse preto todo”, disse Ollie. “Não que não esteja bonita”, acrescentou rápido quando Ash virou furiosa para ele.

“Foi água que derreteu a Bruxa Má do Oeste, bobão”, ela disse. “Cass, você é gentil. Pode continuar sendo minha amiga.”

“Obrigada, *amiga*”, disse Cass, dando o braço para ela e sorrindo para o resto de nós.

“Mimimi”, disse Donna, mostrando o dedo do meio para ela. Cass retribuiu com alegria e, rindo feito idiotas, fomos para a praia, onde alugamos cadeiras e deitamos enfileirados: seis ingleses branquelos, além de uma com bronzeamento artificial, uma mulata e outra vestida de preto da cabeça aos pés com as poucas partes do corpo expostas cobertas por protetor fator cinquenta. Mas, para ser sincera, acho que a única do grupo que não se encheu de protetor foi Cass, que provavelmente teria se coberto de óleo se pudesse.

Mais ou menos meia hora depois uma sombra se projetou sobre as nossas cadeiras. Era Giles, nosso guia. Tínhamos nos conhecido mais cedo rapidamente, quando ele nos recebeu no ônibus, entregou nossos itinerários e transmitiu uma imensa alegria. Era o tipo de pessoa que chamava os outros de rapaziada, tipo “Ei, rapaziada, bem-vindos ao Hotel Docheio!”.

Viramos para ele apertando os olhos. Estava com a mesma bermuda de surfista e camisa polo de antes. Não era nada feio, para ser sincera: bem bronzeado, com cabelo castanho-escuro bagunçado e o jeito relaxado de quem não usava meia fazia meses. Ele se abaixou perto da cadeira de Cass.

“Oi, rapaziada. Já se acomodaram?”

“Totalmente, obrigada”, disse Cass. Protegeu os olhos com a mão. “É lindo aqui. A vista é ótima.”

Ele sorriu.

“Com certeza. Nunca me canso.”

Jack, na cadeira ao lado, me cutucou com o pé e sorriu. Será que Giles tinha alguma espécie de radar para meninas solteiras? Estava olhando nos olhos de Cass.

“Enfim, não se esqueçam da maratona de bares hoje à noite”, Giles continuou, finalmente incluindo o resto de nós. “Vamos nos encontrar no saguão às nove. É sempre muito divertido, e os bares têm happy hour estendido...”

Quando não demos saltos de alegria ele abriu as mãos, se balançando precariamente naquela posição desfavorecida.

“Rapaziada! Jägerbombs por três libras?” Juntou as mãos em oração. “Por favor? Por favor? Não vai ser a mesma coisa sem vocês.” Ashley soltou um singelo ruído de vômito diante da tentativa descarada de nos bajular, mas Cass sorriu sedutora.

“Claro que vamos”, ela disse. Olhou para ele através dos cílios. “Não perderíamos essa.”

Ele sorriu devagar, os olhos assimilando cada centímetro daquele corpo lindo de biquíni.

“Ótimo.” Giles se levantou e apontou para cada um de nós. “Então até as nove. Certo?” Quando todos nós assentimos, o gesto da mão dele se transformou em um aceno. “Muito bem. Então até mais.”

Ficamos olhando enquanto ele caminhava pela areia até o próximo bando de recrutas.

Ash se sentou ereta na espreguiçadeira e olhou para Cass por cima dos óculos escuros.

“Nossa, que *sutil*.”

Cass virou a página do livro, sem pressa.

“Não sei do que está falando.”

“Ei, eu dou todo o meu apoio”, Ash disse, deitando de novo e pegando a revista. “É bom ver você usando esse cérebro enorme para paquerar em vez de...”

“Pensar?”, Rich interrompeu, levantando uma sobrancelha.

Cass respirou fundo.

“Richard Jones, cala a boca! Giles me parece um homem adorável.”

“Sim, se você gosta de apresentadores de programas infantis. Não é natural ser tão empolgado assim.”

“Bom, é o trabalho dele”, falei. “E...” Olhei para as meninas. “É um gato?”

“Meu Deus, NÃO!”, disse Ashley, se contorcendo. “Ele com certeza fica gritando frases de incentivo durante o sexo. “*Vamos lá. Bom. Está indo muito bem. Estou orgulhoso. Vai e vem, vai e vem, vai e vem.*”

Rindo, Donna bateu na cadeira.

“Com certeza! E depois rolaria um ‘toca aqui’.”

“Enfim”, disse Cass, rindo, “apesar de eu também ter achado o cara gato, não tenho planos de investir. É muito convencido.”

E acreditei nela, mesmo bem mais tarde, depois de três bares, quando Cass o deixou jogar azeitonas em sua boca. Estávamos todos bêbados. Eu tinha acabado de passar para água porque sabia, por experiência própria, que mais um drinque me colocaria no limite entre muito bêbada e vomitando descontroladamente, mas quase todos os outros ainda estavam virando shots. O lugar estava cheio, a música pulsava, suor escorria. As pessoas dançavam, se beijavam, riam; estranhos puxavam outros para cima da mesa para dançar. Começou a tocar “Blind Faith”, de Chase & Status, e o bar se transformou em um mar pulsante de corpos ondulantes, braços no ar e sorrisos alegres por todos os cantos.

Ollie pegou meu braço e, sorrindo, começou a dançar comigo. Foi sexy porque não era muito sexy, se é que faz sentido. Eu não estava pensando direito. Estávamos próximos, mas sem nos tocar. Logo todos estavam dançando, até Jack, com os olhos turvos e os cabelos grudentos de suor. Por ironia, apesar de estar dançando de um jeito muito sensual com Giles, Cass provavelmente era a menos bêbada de nós. Dava para entender por quê. Ela estava se esforçando muito para não deixar a lembrança de sua última ida a um bar atrapalhar tudo. Quando outra garota cutucou Giles no ombro e o chamou para seu grupo com o dedo, Cass apenas acenou animada e virou para se juntar a nós. Ela dança bem e não demorou até todos ao nosso redor estarem copiando seus movimentos sem se dar conta.

Já estava amanhecendo quando saímos. Ficamos um tempo parados, sentindo o ar fresco acariciar nossa pele feliz, quente e exaurida pela noite.

“Uau”, Jack disse. Sorrímos para ele. Sorrímos uns para os outros. *Que sorte estarmos aqui. Vou me lembrar deste momento para sempre,* pensei.

“Estou morrendo de fome”, disse Ashley. Cortou um pouco o clima. Se bem que, agora que estava pensando no assunto, eu também estava.

“Vamos tomar café da manhã em algum lugar!”, disse Will, esfregando as mãos.

Donna levantou o pulso dele, olhou o relógio e mostrou.

“Cara, são seis e doze.”

“São”, ele disse, como se sempre tomasse café a essa hora. “Aposto que tem algum lugar aberto.”

Mas, se tinha, não conseguimos achar. Então voltamos para o hotel e fomos para a cama. Combinamos de nos encontrar ao meio-dia, apesar de eu ter certeza de que só eu e Cass lembraríamos, ou nos importariamos.

No nosso quarto, Ollie tirou a roupa e ficou de samba-canção, eu vesti o pijama, e caímos na cama. Estava quente demais para usar as cobertas. Ficamos deitados de costas, duas estrelas do mar olhando para o teto. Peguei a mão de Ollie.

“Foi uma noite incrível”, falei. Meus ouvidos ainda estavam zumbindo por causa da barulheira.

Ele apertou minha mão.

“A melhor.”

Uns dez segundos depois, estávamos dormindo.

E os dias se passaram. Praia, bares, sono. A cada dia Cass ficava menos nervosa de beber em bares e tinha que se esforçar menos para relaxar e curtir. Tentei puxar a conversa depois da primeira noite, mas ela não deixou.

“Deixe comigo”, falou. “Preciso me resolver sozinha.”

Giles estava fazendo o melhor que podia para ser um bom anfitrião para as moças em Mykonos transando com o máximo delas que conseguisse. Em uma noite, mais ou menos no quarto dia de viagem, passamos por ele e uma menina que reconhecemos vagamente do hotel transando na praia. Era mais ou menos uma da manhã, mas não significava que a praia estava deserta. Eu nunca, nunca, *nunca* transaria com ninguém onde achasse que pudesse ser vista, mas é claro que vários dos nossos companheiros de férias não ligavam a mínima para isso. Imagino que tenham pensado que estava escuro e estavam bêbados: então dane-se.

“Tudo bem, Giles?”, Donna disse animada. “Bela movimentação.” A bunda dele nem hesitou e continuou no mesmo ritmo. Ela virou para nós e mexeu a boca sem emitir som: “Grosso!”, e deu um rápido tapa nele. A referida bunda fez uma pausa, tremendo com uma singela reverberação. Rindo como o cachorro do Dick Vigarista, corremos antes que ele pudesse virar e nos ver.

“Aposto que ele não pode transar com hóspedes”, Rich arfou quando paramos mais adiante. Um gemido pairou sobre nós. “Vale dizer que ela não parece se importar.”

Ollie cutucou Cass.

“Ainda acha Giles gato, Henderson?”

Ela balançou a cabeça indicando *sim e não*.

“Ele é normal.” Abriu um pequeno sorriso. “Pode vir a calhar.”

“Parece que está calhando para todo mundo”, disse Ash, que estava abaixada, com as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. “Ele deve transar com no mínimo cinco mulheres por semana.”

“Sortudo”, Dylan sussurrou, com um olhar distante. Riu e desviou quando Ashley fingiu golpeá-lo. Ele a abraçou pela cintura. “Só estou brincando, amor. Você é tudo de que preciso.”

“Ai, Dy-lan. Eca.” Fingiu vomitar, mas claro que não enganou ninguém.

Ollie me puxou para perto discretamente e beijou meu rosto. Passei a mão por baixo da blusa dele e fiz cócegas em suas costas.

“Uau.” A voz veio da areia. Olhamos para onde Donna tinha deitado. Ela apontou para o céu. “Estrelas.”

Havia milhões, milhões de estrelas, mais brilhantes do que eu já havia visto. Sem palavras, nos juntamos a ela, um a um, a areia fria nas nossas costas. A praia era diferente à noite, o mar, uma massa misteriosa de tinta, e a areia, uma paisagem lunar. Era lindo, mas o mar me fazia tremer. Parecia mais furioso e ligeiramente ameaçador. E agora aquelas estrelas incríveis completavam o visual “extraterrestre” do lugar. Era tão lindo que meu corpo parecia pequeno demais para dar conta.

“Putá merda”, Ashley sussurrou. O resto de nós emitiu ruídos em concordância, impressionados demais, agora que estávamos deitados, cansados demais para falar. Fui me mexendo até ficar bem ao lado de Ollie, me acomodei sob o braço dele para apoiar a cabeça no peito.

“Tudo bem?”, Ollie murmurou, beijando meu cabelo. Estiquei o pescoço e o beijei embaixo do queixo.

“Faz você se sentir pequeno, né?”, Jack comentou em voz baixa.

“Faz, mas eu gosto”, Cass sussurrou. Dava para ouvir o sorriso em sua voz. “Somos parte disso”, ela continuou. “Eu me sinto completamente... solta... Parte do universo. Livre de todas as coisas terrenas.”

Silêncio. E então Rich disse:

“Hippie.”

Dylan soltou o ar fazendo barulho e sentou.

“Bem, foi bom enquanto durou.”

“É, *Rich*”, falei enquanto tirava a areia das costas de Ollie. “Cadê a magia da sua alma?”

“Não tenho magia... Tenho CIÊNCIA!”, anunciou, brandindo o punho para o céu.

Jack sorriu para ele.

“O quê, prova avançada de biologia?”

“Melhor do que ciência dos esportes”, Rich rebateu, acrescentando tiros invisíveis fingindo que os dedos eram armas.

“Crianças, brinquem direitinho.” Cass passou um braço pelo pescoço de cada um. “Só para constar, *Rich*...”, afagou o peito dele, “não sou hippie, e astronomia é ciência, então, *toma*.”

“Que seja.” Esfregou a barriga. “Quem está com fome?”

Todos nós estávamos, então fomos para um dos muitos restaurantes que ficavam abertos de madrugada, para comer e beber mais e, em seguida, brincamos de pega-pega na praia às quatro da manhã. Will acabou derrubando Cass no chão, prendendo o braço dela atrás do corpo e fazendo-a pedir arrego. Congelei. Não pude acreditar que, por mais bêbado que ele estivesse, pudesse ser insensível o bastante para fazer isso depois do que ela passou, mas ela ficou bem. Mais do que bem. Riu muito, esperou um momento de

fraqueza, em seguida virou o corpo, derrubou Will e sentou nas costas dele.

“IUHUUUU!”, ela gritou, com os punhos no ar. “VENCII! OBRIGADA, OBRIGADA.” Ela se curvou à nossa torcida, enquanto Will dizia alguma coisa sobre não conseguir respirar.

“Por favor, fracote”, disse Donna, cutucando a cabeça dele com o pé. “E agradeça por eu ainda gostar de você.”

“Agradeço”, gemeu. “Por favor, pode pedir para a sua amiga encenqueira sair de cima de mim?”

Enquanto começamos a andar de volta para o hotel, Will captou meu olhar e deu uma piscadela. Por um instante me ocorreu que ele talvez tivesse *deixado* Cass prendê-lo para que ela voltasse a se sentir forte, mas não, não podia ser. Para começar, seria uma ideia idiota. Foi pura sorte ter acontecido o que aconteceu. Mas Cass parecia feliz, desviando e mergulhando para a frente, fingindo atacar os meninos.

Virei para ver Ollie correndo para me alcançar. Ele tinha ficado para trás conversando com Dylan.

“Bom, *qualquer coisa* podia ter acontecido”, ele disse, colocando o braço nos meus ombros. Manteve a voz baixa para Cass não ouvir.

“Exatamente o que eu estava pensando.” Sorri para ele. “Mas no fim deu certo.”

“Pois é.” E me beijou.



“COMO ASSIM, NÃO VAI?”, Donna cruzou os braços e olhou para Rich com um tom acusatório. “*Todo mundo* está de ressaca. Não vamos fazer nada muito desgastante.”

Rich olhou para Will, do outro lado da mesa.

“Fala para ela, cara... estou mal aqui.”

“Adoraria”, ele disse. “Mas ela é assustadora, então...” Deu de ombros, esticando o lábio.

Donna deu um soco no braço dele.

“Cala a boca. Sou uma fofa.” Mordeu um biscoito e em seguida apontou para Rich. “E você, Rich Jones, é um peso-pena. Bela ressaca.”

“São dez da manhã.” Resmungou. “Só fomos dormir às cinco.”

“Deixa para lá, querida”, disse Ashley, afagando a mão dela. “Se ele quer desperdiçar tempo precioso de praia deitado em um quarto escuro, é direito dele.”

“É, isso mesmo.” Ele esfregou os olhos com o polegar e o indicador de uma das mãos. “Eu literalmente vou *morrer* se não dormir.”

Donna afastou a cadeira e jogou o guardanapo na mesa.

“E vocês acham que *eu* sou dramática... Vamos, deixem o frangote aí.” Balançando a cabeça, indicou que ia se retirar. Eu tossi.

“Hum... Donna?”

“O quê?”, respondeu irritada.

“Ainda não acabamos.” Indiquei os pratos cheios de todo mundo.

“Ugh.” Revirando os olhos, ela se sentou de novo. “Agilizem, então.”

Cass riu.

“Desculpe por arruinar sua saída triunfal.”

“*Dramática.*” Nem sei quem disse isso. Possivelmente todos nós. Foi muito engraçado, de qualquer forma.

Então terminamos o café (foi a primeira vez que chegamos no horário do restaurante do hotel) e fomos para a praia sem Rich. Mas ele ia se arrepender, porque estávamos na praia fazia uns dez minutos quando um garoto se aproximou das espreguiçadeiras e disse:

“Cass?”

Nossas cabeças se levantaram automaticamente.

“TOM?!” Todos encaramos boquiabertos enquanto ela levantava com um pulo e abraçava o estranho. Ele era magro, porém musculoso, e tinha cabelo castanho-escuro.

“Meu Deus, isso é tão ESTRANHO!” Ela virou para nós. “Pessoal, este é Tom. Eu o conheci na minha entrevista em Cambridge.”

Tom acenou para nós, mas estava totalmente fixado em Cass.

“Não acredito!”, ele falou. “Quais são as chances?” Tinha um sotaque do norte. Soava como meus primos de Manchester.

Cass abriu e fechou a boca como um peixinho dourado, finalmente conseguindo dizer:

“Eu sei! Quer dizer, de todos os lugares...”

“... do mundo!”, ele terminou a frase. “Não é?”

Os dois ficaram apenas se olhando por um segundo, sorrindo, então Tom disse:

“Então, temos que colocar o assunto em dia...”

“Claro”, Cass interrompeu. Ele parou de repente.

“Desculpe...”, disse Cass.

“Talvez...”, disse Tom, ao mesmo tempo.

Os dois riram. “Você primeiro, Cass.” Ele inclinou a cabeça, feliz. “Eu ia perguntar se você não quer almoçar. Se não estiver fazendo nada.”

Era tão óbvio que ela não estava fazendo nada que foi um pouco constrangedor, mas Cass — por ser ótima em socialização e charme — respondeu apenas que adoraria. Pegou a túnica sobre a qual

estava sentada, amarrou-a habilmente na cintura, pegou a bolsa e abriu um sorriso largo.

“Vamos”, ela disse e, com um rápido olhar para fazer uma cara de *AH!*, foi com ele na direção do restaurante mais próximo com vista para o mar.

“Ai. Meu. Deus”, disse Ashley. “Isso foi muito legal.”

“Não foi?!”, concordei. “Com a túnica e o ‘Adoraria’.” Joguei o cabelo para o lado, como Cass.

Jack sentou na espreguiçadeira e, me encarando, apoiou os cotovelos nos joelhos.

“Então. O que você sabe?”

Era complicado. Eu tinha ouvido falar de Tom, porque Cass o mencionara depois da entrevista. Também sabia que haviam tido uma espécie de momento quando se despediram na estação de trem de Cambridge. Mas será que devia contar para todo mundo? Não, claro que não. Então fiz o que qualquer boa amiga faria. Conte assim mesmo.

“Não muito”, respondi. “Só que se conheceram na entrevista e rolou uma espécie de química.”

Donna engasgou.

“Meu Deus, o que aconteceu?”

“Não, não. Nada”, falei. “Ela estava com Adam na época.”

“Ugh. Que saco”, disse Ashley, deitada.

“Que estranho ele estar aqui”, disse Jack, olhando na direção deles, apesar de já terem desaparecido de vista fazia tempo.

“Como assim, acha que planejaram?”, perguntei. “Não. Definitivamente não. Ela não fala nele há meses.”

“Não quer dizer que não mantivessem contato”, Donna observou.

“Não mantiveram”, falei. “Confie em mim.” Peguei meu protetor e comecei a reapplicá-lo. “Mas mesmo assim... interessante, não?”

Mais tarde naquela noite fomos jantar em vez de procurar um bar. Uma decisão que não tinha nenhuma relação com nossa fome de fofocas sobre o misterioso Tom, apesar de ter sido um ótimo

benefício. Rich ainda não estava bem e não saiu conosco, o que deixou Donna se sentindo um pouco mal por ter sido tão dura naquela manhã. Mas só um pouco.

Cass queria ir a um restaurante de frutos do mar com vista para a praia que era, basicamente, o mais recomendado do TripAdvisor, mas estava tão cheio que preferimos o vizinho. Parecia bom, e muito mais barato. Então era muito melhor. Na verdade foi ótimo sentar e conversar durante uma refeição para variar, em vez de beber tudo o que conseguíamos.

“ENTÃO”, Ashley disse, cheia de segundas intenções, apoiando o queixo no punho. “Cass, acho que tem alguma coisa para nos contar, não tem?”

Não tínhamos conseguido nos atualizar desde que ela saíra com Tom. Cass só voltou meia hora antes de sairmos para o restaurante, e ela nunca levava menos de quarenta e cinco minutos para se arrumar.

“Tenho? *Ah*, estão falando de Tom?” Tomou um gole de vinho. “Não, na verdade, não.”

“Vamos, acabe com o desespero deles”, disse Ollie, dando um tapinha nas costas dela, como se não quisesse saber tanto quanto nós. Apertei a coxa dele por baixo da mesa e, sorrindo, ele deu de ombros e mexeu a boca, dizendo: “O quê?”

“Bom... foi muito divertido”, disse Cass, sorrindo e mordendo o lábio como se estivesse se lembrando de um pequeno segredo.

“E?”, perguntei.

Ela franziu o rosto.

“E o quê?”

“Você gosta dele?”, Donna perguntou devagar, como se falasse com uma criança pequena.

Cass não disse nada. Apenas abriu um sorriso cheio de significado. Todos gritamos de animação, até os meninos, apesar de terem se manifestado em um tom mais grave e másculo.

“Vocês se *beijaram?*”, Ash perguntou, com olhos arregalados.

“Não, não”, Cass respondeu, acenando. “Só colocamos o papo em dia... Ah, mas ele também passou em Cambridge. Se nós dois conseguirmos as notas, vamos estudar juntos.”

“Então nunca se sabe, não é mesmo?”, falei.

“Exatamente”, ela disse, piscando, no momento exato que o garçom apareceu. Eu ouvi Cass, mas os outros estavam concentrados em fazer os pedidos. Nós duas trocamos olhares animados antes de voltar nossa atenção para o cardápio, que estava escrito em um inglês um pouco errado (sejamos justos — não se via em lugar nenhum na Inglaterra um cardápio escrito em grego).

“Eu ia adorar se você ficasse com Tom”, falei como quem não quer nada. “Seria uma coisa cósmica.” Suspirei e a peguei pelo braço. “Meu Deus, como se estivesse escrito nas estrelas!”

“Realmente a sensação é essa”, ela disse, fazendo que sim com a cabeça como uma louca. “Quer dizer, a chance de estarmos no mesmo resort de férias deve ser uma em milhões.”

“Pois é!” Soltamos mais um grito.

“Mas é isso que acontece, não é?”, disse Jack. “Decisões aparentemente bobas têm consequências enormes.”

“Como alguém que faz um caminho diferente para o trabalho e então é atropelado por um ônibus”, disse Dylan.

Ashley o acariciou na cabeça.

“Ah, meu namorado sombrio e perturbado.”

“Tudo bem, exemplo da vida real”, disse Will. “Donna resolveu procurar um professor particular, viu um anúncio no quadro de avisos da biblioteca, e me ligou.” Ele sorriu timidamente. “Pequenas decisões com um grande resultado.”

Donna se inclinou sobre a mesa, agarrou a camiseta dele pelo colarinho e o beijou.

“Eu te amo, seu lindo.”

“Mas isso também é um pouco assustador”, observei. “Pode funcionar para qualquer coisa. Tipo, se eu tivesse comido peixe no jantar em vez de massa na véspera da minha prova de história da arte, teria feito uma revisão mais eficiente e tirado uma nota melhor?”

Jack apontou o garfo para mim.

“Mas talvez você tenha tirado A.”

Estremeci.

“Ah, *não*. Passo mal só de pensar.”

Ficamos em silêncio por um instante, a perspectiva de receber os resultados em menos de duas semanas — e todas as implicações — avançando sobre a mesa como um monstro de desenho animado.

“Chegou a comida”, disse Dylan.

“Ótimo”, disse Will.

“Graças a Deus”, concluiu Ollie, apertando minha coxa por baixo da mesa.

Rich ficou no hotel o dia seguinte inteiro e a manhã seguinte. Estava óbvio que era mais do que uma ressaca.

“Tem certeza de que ele está bem?”, Cass perguntou para Jack na manhã de domingo quando ele desceu para o saguão sem o colega de quarto, mais uma vez. “Será que é melhor procurar um médico?”

Ele deu de ombros.

“Acho que não. Ele não está com febre nem nada.”

“Mas o que ele *disse*?”

“Nada de mais. Estava dormindo. Só resmungou que ainda não estava bem e para irmos sem ele.”

Ashley colocou as mãos nos quadris.

“E você aceitou?”

“Aceitei, claro.” Franziu o rosto. “Por que não aceitaria?”

“Meu Deus.” Ela apontou a chave do quarto para ele. “Se ele morrer na cama, vou colocar a culpa em você.”

Ollie colocou o braço em volta dela e a conduziu ao restaurante do hotel.

“Se ele morrer na cama, roubamos o dinheiro dele e gastamos tudo em uma noite de bebedeira e devassidão. Agora, se eu não comer alguma coisa logo, meu corpo não vai aguentar.”

“Você tem um coração enorme”, disse Ashley, sorrindo.

Ele afagou a cabeça dela.

“Eu sei, baixinha. Eu sei.”

“Enfim, ele pode aparecer mais tarde”, disse Jack, enchendo o prato com ovos mexidos e tomate. “Falei que íamos até os moinhos, e ele pareceu um pouco interessado.”

“Que bom que *ele* está”, resmunguei, meio brincando. “Eu ainda acho que parece um passeio de escola.”

“Normalmente, eu concordaria com você”, disse Donna. Espetou um pedaço de queijo com o garfo, cheirou e em seguida o colocou no prato. “Mas, cara, estamos em Mykonos e não fizemos nada que não poderíamos ter feito em casa se o tempo estivesse melhor.”

“Total... Estou com fome de cultura.” Cass se serviu um copo de suco, tomou em um gole e serviu mais um. Efeito colateral de beber toda noite: sensação permanente de desidratação.

Jack balançou a cabeça e estalou a língua.

“Sarah Millar... Tenho que dizer, nunca pensei em você como uma pessoa inculta.”

“Você também não quer ir, quer?”

“Não seja boba”, ele disse, como se fosse um robô. “Estou louco para ir.”

Quando levamos os pratos para a mesa, Ollie murmurou ao meu ouvido, tão perto que me deu calafrios:

“Estou com você, McSarey.”

Em seguida foi sentar.

“Ollie também não quer ir”, anunciei em voz alta. “Acabou de me contar.”

“Não sei do que ela está falando”, ele disse, abrindo o guardanapo com um gesto. “Mal posso esperar. *Moinhos!*” Franziu o rosto para mim. “Aliás, quem é você?”

Soprei um beijo para ele.

Os moinhos foram legais, para quem gosta desse tipo de coisa. Quer dizer, lindos, mas, depois de olhar dois minutos, não tinha mais o que fazer, só ir à loja de souvenirs. Comprei um ímã, óbvio.

Tínhamos levado comida, então sentamos à sombra de um deles e Cass distribuiu o pão, o queijo, as azeitonas e as batatas.

“Pelo jeito você melhorou”, falei para Rich, que devorava um sanduíche montado às pressas.

Ele parou de mastigar, engoliu e disse:

“Então, sobre isso.”

Olhamos para ele.

“Eu não estava doente.”

Jack franziu o rosto.

“E por que dormiu tanto, então?”

“Cara, eu só ‘dormia’ quando você estava no quarto.” Ele sorriu, culpado.

“Então o que estava fazendo?”, Donna perguntou.

Rich olhou para o chão, tossiu, olhou para nós, e de repente eu soube exatamente o que ele ia dizer.



“BOM...” RICH TOSSIU. “No primeiro dia fui ao Jackie O.”

“Espera.” Cass arregalou os olhos. “Não é...?”

Ele deu de ombros e sorriu.

“Não é *o quê?*”, Ashley perguntou. “O que está acontecendo?”

“Pode contar”, Rich disse a Cass.

Ela balançou a cabeça.

“De jeito nenhum.” Balançou o braço, com um sorriso enorme.

“O palco é todo seu.”

“Jackie O é...” Ele soltou uma risada curta. “Bom, é um bar gay.”

Ashley se levantou de um pulo, espalhando o sanduíche.

“RICH! MEU DEUS!” Ela o abraçou. “Muito BEM!”

Donna, Cass, Jack, Ollie e eu fizemos o mesmo, enchendo nosso amigo de abraços e tapinhas nas costas. Ele cobriu os olhos com as mãos e riu, com a voz falhando.

“Vamos, me deixem dizer direitinho!”

Recuamos, com muita expectativa. Ele riu de novo das expressões ansiosas, depois ficou sério.

“Eu sou gay.”

“AHH!” Pulamos nele mais uma vez.

“Bom, Rich, meu amigo, está totalmente perdoado por ter nos dado tantos perdidos”, disse Donna, depois que nos acalmamos e voltamos a comer.

“Na verdade tem mais”, ele disse.

Oito pedaços de pão pararam a caminho de oito bocas, a maioria já ligeiramente aberta, todos curiosos.

“Conheci alguém.” Ele encolheu os ombros e sorriu feliz.

“Você não perde tempo, hein, cara?”, disse Jack, entre ruídos generalizados de animação.

“E...?” Fiquei me mexendo no lugar. “Detalhes, por favor.”

“Tudo bem.” Sorrindo, ele balançou a cabeça. “Isso é tão estranho para mim... Então, ele se chama Ben, tem dezenove anos, é de Liverpool, estuda na Universidade de Lancashire... e é muito legal”, concluiu, rindo.

“Como ele é?”, Cass perguntou.

“Você podem ver, se quiserem”, ele disse, quase tímido. “Pensei em amanhã irmos em algum bar gay. Bom, vocês não precisam ir”, gesticulou para Ollie, Jack, Will e Dylan, “vou entender se não quiserem, mas...”

“Por que nos importáramos?”, Ollie comentou. “Claro que vamos sair com você.” Riu pela escolha das palavras. “Quer dizer, claro, não vamos *sair*, sair do armário, com você. Seria uma revelação grande demais.”

Ash jogou uma azeitona nele.

“Tão bobo, Glazer.”

“Já fui a bares gays em Brighton antes”, disse Dylan. “Não me incomodo.”

“Nem eu”, declarou Will, dando de ombros.

“Nem eu”, completou Jack, mas não pareceu muito confiante. Imagino que o universo dos atletas seja bastante heterossexual, e não me surpreenderia se ele nunca tivesse convivido com alguém assumidamente gay. Quer dizer, Rich era seu melhor amigo, mas talvez ele o visse de um jeito diferente. Não sei. Ia ficar bem quando chegássemos lá, de qualquer forma.

“Hum...” Cass tamborilou nos dentes. “Tudo bem se eu convidar o Tom?”

“CLARO!”, respondeu Rich, com os olhos arregalados. “Você também tem uma revelação?”

“Vocês têm passado muito tempo juntos”, disse Ollie, dando um cutucão nela.

“Não”, ela sorriu. “Definitivamente somos apenas amigos.”

Então no dia seguinte vestimos nossas melhores roupas e fomos para a cidade, Rich na frente. Tom e Cass caminhavam lado a lado, conversando, rindo e tendo o máximo de contato acidental possível.

Rich esbarrou em mim, me fazendo tropeçar.

“Você está parecendo um cachorrinho hoje, sabia?”, falei. “Todo animado.” Estava pulando para cima e para baixo do meio-fio como um Gene Kelly de jeans justos, já formando marcas de suor embaixo dos braços.

“Não me diga que tomou alguma coisa”, disse Ashley, cruzando os braços. Achávamos que os dias de consumo recreativo de drogas de Rich tinham ficado para trás com a overdose acidental. Mas, para ser justa com Ash, ele parecia um pouco elétrico.

Rich a olhou ofendido.

“Claro que não. Acabei de me assumir para meus amigos. Estou me sentindo livre, leve e solto!” Sorriu. “Sério... E um pouco nervoso.” Fez um gesto deixando um espaço de um centímetro entre o polegar e o indicador.

“Nervoso?”, Dylan perguntou.

“Ele está com medo de que a gente não goste do Ben”, Ashley explicou. Olhou para Rich. “Não precisa. Se você gosta dele, nós vamos gostar.”

Não era nem um pouco assim que funcionava, e todos nós sabíamos disso, mas Rich optou por acreditar. Eu teria feito o mesmo. E tinha feito mesmo, quando estava saindo com Joe.

“Enfim, *ele* pode não gostar *da gente*”, Cass observou.

Mas Rich não estava olhando para ela.

“Está na hora de descobrir”, declarou. Seguimos seu olhar e vimos um menino alto, loiro e de olhos azuis se aproximando devagar. Deu um beijo em Rich e abriu um sorriso largo para todos nós.

“Pessoal, este é Ben”, Rich disse. Colocou a mão atrás do cotovelo dele e a deixou ali. “Ben, estes são meus amigos, Jack, Cass, Will, Donna, Ashley, Dylan, Ollie e Sarah.”

“Tudo bem?”, ele perguntou. “É um prazer conhecê-los. Rich me falou muito de vocês.” Ele e Rich compartilharam um sorriso e se olharam nos olhos, e Cass não conseguiu conter o *ahhh*.

Ben era a pessoa mais arrumada que eu já tinha visto. Tinha cabelos macios e perfeitos, e a pele também. Os olhos eram de um tom azul-claro e brilhantes. Estava com uma camiseta branca, calça marrom de cintura baixa com a barra dobrada acima do calcanhar e chinelos brancos. Parecia muito limpo, como se tivesse acabado de sair de uma cachoeira. Mas, quando falava, era totalmente Liverpool. Uma combinação atraente. Dava para perceber por que Rich gostava dele.

Começamos pelo Jackie O e acabamos ficando por lá mesmo. Era pequeno, tinha uma pista de dança, mas, antes do amanhecer, as pessoas já estavam dançando nos sofás e nas mesas também. A música era a melhor parte: Rihanna, Madonna, Beyoncé... só coisas que todo mundo sabe a letra. Rich e Ben passaram a noite grudados, conversando, se beijando e dançando. Nunca o vimos tão feliz.

Ben era uma graça. Quando Rich saía para pegar bebidas, ele conversava todo animado conosco, fazendo perguntas e se lembrando de coisas que Rich havia contado sobre nós.

“Você é a assustadora, certo?”, falou para Donna. Foi tão engraçado vê-la abrindo e fechando a boca, sem saber como responder.

“Estou brincando”, ele disse tocando o braço dela. “Rich só elogiou você.”

“Sério?”, perguntou Donna, recuperando a voz. “Vá em frente, então.” Esticou o queixo agressivamente. “O que ele falou?”

Ben sorriu devagar para ela.

“O que foi?”, ela riu. “Eu não estou sendo assustadora.”

Will fez carinho na mão dela.

“Está sim.”

“Mas nós te amamos mesmo assim”, acrescentei.

“Deixa o menino falar”, disse Donna. “Quero ouvir essas coisas boas sobre *moi*.”

“Certo.” Ben se reclinou. “Você é engraçada e uma ótima atriz, Donna.” Ele abriu um sorriso travesso. “Will é namorado de Donna e um cara muito legal que ajudou Rich em um momento difícil.” Olhou para Ashley. “Você é leal e corajosa... Dylan, você é perfeito para ela.” Sorriu para Jack. “Você é o melhor amigo de Rich...”

Ollie, você é um músico brilhante... Cass, você é doce e muito inteligente. E Sarah..." Ele olhou para mim. "Parece que você não faz ideia do quanto é linda."

Fiquei imediatamente vermelha.

"O quê? Não seja bobo. Ele não pode ter dito isso."

Cass deu de ombros.

"Ele tem razão. Você é."

"Eu sempre achei", concordou Donna, enquanto Ashley fazia que sim com a cabeça.

"Sério?", franzi o rosto. "Não estão brincando comigo?" Adorei. Eles eram todos uns queridos. Mas a verdade era que eu não *era* linda. Só normal. Não tinha problemas com minha aparência, mas era realista.

Ollie pegou minha mão.

"Você é sem sombra de dúvida a menina mais linda que já conheci", falou.

Sorri, mas revirei os olhos.

"Cala a boca. Você é suspeito para falar. Enfim...", acenei, "já chega desse assunto. Ben...", sorri para ele, "obrigada. Dá para entender por que Rich gosta de você." Eu estava um pouco bêbada, caso contrário não teria dito. Mas fiquei feliz por tê-lo feito. Ele pareceu muito satisfeito.

Todos nós estávamos exaustos na manhã seguinte, e nem cogitamos deitar na praia. Estava mais quente do que o habitual, então ficamos no hotel, na piscina e na sombra.

"Não vai encontrar Tom hoje?", perguntei a Cass enquanto nadávamos de um lado para o outro. Meu cabelo molhado estava quase queimando com a intensidade do sol.

"Talvez mais tarde."

"Vocês me pareceram bem próximos ontem à noite", comentei. "As coisas vão bem..." Uma pergunta sem o ponto de interrogação.

Ela virou de costas e ficou boiando, com os olhos fechados.

"Ele é um bom amigo", ela disse.

“Só isso?” Nadei para perto dela para enxergar sua expressão, mas ela não se alterou.

“Só.”

“Mas vocês tiveram um momento na estação de Cambridge, não foi? Então...”

Ela sorriu.

“Aquilo foi naquele dia. Desculpe, mas ele não quer nada além de amizade.”

Cheguei perto dela.

“Mas *voce* quer?”

“Não foi o que eu disse.” Ela riu. “Você é terrível...”

“Vamos, Cass”, tentei convencê-la. “Pode me contar. Você está a fim, não está?”

Ela não disse nada, só lançou um olhar indecifrável e nadou para longe. Com certeza estava a fim. Provavelmente estava em fase de negação, ou ainda traumatizada pelo que acontecera com Adam, ou... alguma coisa. Mais tarde arrancaria a informação dela.

Acabou sendo bem mais tarde. Ela passou o dia seguinte todo com Tom, e à noite nós nove fomos a uma festa na praia organizada pelos responsáveis pelo pacote de férias. Eu teria perguntado a ela naquela hora, mas Cass estava muito ocupada dançando e paquerando Giles. Talvez isso respondesse à minha dúvida.

“Ela está com tudo hoje, né?”, disse Jack enquanto sentava na areia assistindo à exibição de alegria. Estávamos no estágio bom da embriaguez, em que tudo no mundo é ótimo. Eu estava vendo Ollie dançar, mas sabia de quem ele estava falando. Segui o olhar dele até onde Cass virava estrelas pela praia, a saia de skatista voando e revelando a parte de baixo do biquíni. Giles a encontrou no final das estrelas, aplaudindo cheio de desejo.

“A língua do Giles vai ficar cheia de areia se ele não parar de babar”, Jack prosseguiu. Às vezes, eu tinha a impressão de que ele ainda gostava de Cass, só um pouquinho. Acho que passar tanto tempo gostando de uma pessoa é algo que não desaparece com facilidade.

“Ela só está se divertindo”, falei. “Sabe o que está fazendo... Ah.”

Cass e Giles estavam se pegando. Não tinha outra definição. Grandes beijos de língua como manda o figurino.

“Eca”, falei com sinceridade. Olhei para os outros para ver se tinham notado. A julgar pelo olhar de horror no rosto de Ashley e pela maneira como Ollie apontava e ria, presumi que sim. Segundos depois vieram correndo.

“Eca, Cass está ficando com Giles!”, Will gemeu. “Eca, eca, eca!”

“Que *nojo!*”, disse Dylan, balançando as mãos. Riram juntos enquanto Ashley e Donna os encaravam com olhos cansados.

“Ignorem nossos namorados idiotas”, disse Ashley. “São uns idiotas.”

“Assim como Cass”, completou Donna, em um tom de encanto enjoado. “O que ela está *pensando?*”

“Não muita coisa, ao que parece”, Rich respondeu. Ele sentou ao meu lado e olhou para o showzinho dos dois. “Ah, sentem aqui.” Ele bateu na areia. “A visibilidade é ótima.”

“Como assim, vamos ficar vendo como se fosse um show de horrores?”, Donna perguntou.

Rich assentiu.

“Sim, claro.”

“Legal!”

Então ficamos sentados em fila, olhando, bebendo e, de vez em quando, comentando as técnicas de Giles.

“Eca, ele acabou de lambar o queixo dela”, comentei em determinado momento.

“Oops, ele perdeu dez pontos por passar a mão na bunda sem a menor sutileza”, disse Ollie.

Esse tipo de coisa.

Mas um silêncio recaiu sobre nós quando os vimos rindo e correndo na direção do hotel.

“Ah, merda, ela vai transar com ele”, disse Donna.

“Bom, se é o que ela quer...”, Ashley ponderou, incerta. “Cass já é bem grandinha.”

Ollie se espreguiçou, arrotou e declarou:

“Exatamente.” Levantou e com um movimento gracioso tirou a camisa. “Quem está a fim de mergulhar pelado?”

Ash e Donna se entreolharam, deram de ombros e começaram a se despir.

Ols olhou para mim.

“Vamos, linda. Eu te escondo.”

“Com o quê?”, Ashley perguntou. “Seu pinto enorme?”

“Na verdade, não”, Ollie respondeu, cobrindo o dito-cujo com as mãos. “Com meu corpo enorme.”

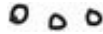
“Ah. Claro.”

“Não sei se estou bêbada o bastante para ficar pelada”, declarei, mordendo minha bochecha.

“Você não vai querer mergulhar pelada quando estiver bêbada demais”, disse Will, balançando um dedo. “Seria muito imprudente.”

“Pode ficar de calcinha”, disse Donna enquanto tirava a dela. “Não ligamos.”

Então todos tiramos a roupa, mais (Donna, Ashley, Ollie) ou menos (o resto de nós), e, de mãos dadas corremos para o mar.



Cass desceu muito acanhada para o café da manhã no dia seguinte. Deslizou para a cadeira e, sem olhar para a frente, acenou timidamente.

“Bom dia, Cassandra!”, disse Ollie. “Foi divertido ontem?”

“Não faça isso”, ela sussurrou, segurando a cabeça.

“Tudo bem?” Passei a mão no ombro dela.

“Tudo, tudo. Só sou uma idiota.” Passou a mão no cabelo. “Ele é a segunda pessoa com quem transei. Adam e ele.” Balançou a cabeça. “Tenho o pior gosto para homens de *todos os tempos*?”

Jack balançou a cabeça de um lado para o outro.

“Humm... talvez.”

“Enfim, não se preocupe”, disse Rich. “O que está feito, está feito. Ninguém se machucou, vocês dois só fizeram sexo. Está tudo certo.”

“Acho que sim”. Ela esfregou o nariz. “Mas não foi muito bom.”

“Ugh, que pena”, disse Ashley enquanto passava geleia em um pedaço de pão. Apontou a faca para Cass. “Mas Rich tem razão. Algumas você ganha, outras perde. Não se abale.”

“É, mas para você é assim”, Cass respondeu. “Eu fico incomodada.” Suspirou. “Preferia não ter feito.”

“Pare com isso, mocinha”, Donna ordenou, levantando a mão. “Arrependimentos não servem para nada. Aprenda a lição e siga em frente.” Balançou a mão como se estivesse fechando a porta.

“Acho que sim”, Cass repetiu. Fez uma careta. “Ele ficava perguntando ‘Está quase lá?’, como se eu fosse um ônibus ou coisa do tipo.”

“Ai, meu Deus, que horror”, Ollie comentou. “Que idiota.”

“E aposto que os ônibus nem estavam passando”, Ashley comentou.

Cass riu.

“Exato.” Mas então seu sorriso falhou, e ela colocou a cabeça entre as mãos.

“Cass, querida”, falei. “Não é só em Giles que está pensando, né?”

Olhou para mim por baixo das mãos.

“Talvez não.”

“É só não contar para ele”, Jack declarou de repente.

Todos nós olhamos para Jack.

“Como assim?”, Cass perguntou.

“Não conte para Tom. Ele não precisa saber.” Começou a dobrar o guardanapo sem parar. “Nunca mais vai transar com Giles, certo? Então não pense no assunto. Finja que nunca aconteceu, e vai ser como se não tivesse acontecido.”

Donna rompeu o silêncio.

“Uau... *Jack!*”

“Veja só você, com sua sensibilidade e essas merdas!”, Ashley acrescentou. “Esse foi realmente um bom conselho.”

“Então vocês acham que eu devo simplesmente esquecer. Não faz a menor diferença para nada entre... bem, entre mim e Tom?” Cass pareceu quase suplicante.

“Exatamente”, respondi. “Talvez até tenha um lado bom nessa história. Talvez o ocorrido da última noite tenha confirmado alguns sentimentos...” Mexi as sobrancelhas, como que fazendo uma pergunta.

“Muito bom, linda”, disse Ollie, acariciando minhas costas. “Bem sutil.”

“Talvez”, Cass respondeu, com calma, ignorando Ollie. “Sim. Talvez.”



“TENHO UM PRESENTE PARA VOCÊ”, Ollie passou o dedo por meu nariz e meu queixo, e então me beijou.

“Sério?” Sorri e retribuí o beijo. Estávamos na cama, o sol da manhã entrando pelas cortinas baratas do hotel. “Não é um ímã de moinho, é?”

“Não. É melhor ainda do que isso.”

Recuei.

“Uau.”

“Eu sei.” Ele chutou o lençol das pernas. “Espera aqui.” Saiu da cama e foi até a mala, ainda pelado. Inclinei o corpo, esticando o pescoço para ver o que ele estava fazendo. Ollie abriu o zíper de um pequeno bolso lateral e puxou um envelope longo e fino.

“Aqui está”, ele falou, voltando para a cama e me entregando o envelope.

Fiquei olhando para ele, mas Ollie não denunciou nada. Levantei a aba e puxei um pedaço de papel. Era uma impressão de um site — o endereço estava na parte de cima.

“O que é isso?”, perguntei, sorrindo.

Ele apontou para as palavras relevantes.

“Vamos para Santorini, só nós dois. Reservei um hotel e tudo.” Devo ter parecido confusa, porque ele acrescentou: “É uma ilha. Temos que pegar uma balsa. É lindo, Sarah. Tipo, absurdamente lindo.”

“Quando?” Perguntei, incapaz de falar por um momento. Eu realmente não sabia como receber um presente tão generoso. Parte

de mim ainda não acreditava que ele não estava fazendo uma piada estranha.

“Amanhã.” Ele sorriu hesitante. “Gostou?”

Mordi o lábio, meus olhos passeando pelos detalhes do papel.

“Vamos realmente passar uma noite fora?”

Ele riu de leve.

“Vamos. Só nós dois.”

“Uhuuuuuu!” Eu me joguei em Ollie e deitei sobre o corpo dele, meus pés se curvando em torno das canelas dele enquanto o beijava.

“Muito obrigada!”

“De nada, linda.” Ele riu. “Você merece.”

Lancei um olhar para ele.

“Quanto a isso eu não sei.” Não conseguia parar de olhar para o papel, como se as palavras fossem se tornar mais reais quanto mais eu as lesse. “Como conseguiu pagar por isso?”

Ele deu de ombros.

“Dinheiro de aniversário. Tinha um pouco sobrando depois de pagar a viagem.”

Abracei-o de novo.

“Você é o melhor namorado do mundo.”

Ele suspirou.

“Eu sei.”

Pegamos a balsa na manhã seguinte, ancoramos em um porto cercado de montanhas por três lados e um mar azul-piscina no outro. Ollie tinha providenciado tudo. Primeiro fomos a uma praia vulcânica em um lugar chamado Perissa. Vulcânica só quer dizer que tem areia preta, não que pode entrar em erupção a qualquer instante. Sei disso porque perguntei a Ollie. Fiquei um pouco arrependida quando ele riu de mim, mas tudo bem. Pelo menos podia pegar sol sem imaginar aqueles corpos petrificados em Pompeia.

Caminhamos pela areia, que mesmo de All Star deu para ver que estava fervendo. Ollie parecia ter um destino particular em mente.

“Aonde vamos?”, perguntei. “Não podemos parar aqui? Meus pés estão queimando.”

“Só mais um minuto”, ele respondeu, e então exclamou: “Aqui”. Paramos perto de um grande guarda-sol branco, sob o qual havia duas espreguiçadeiras enormes cobertas por almofadas grossas. Entre elas havia um balde de gelo com duas garrafas.

“Vinho. Água”, ele disse, apontando. “Porque você é peso-pena e tudo o mais.”

“Obrigada”, falei, dando um abraço nele. Inspirando aquele cheiro de Ollie, ouvindo as ondas batendo na areia, as vinte e quatro horas com ele naquele lugar incrível que se estendia como seda... Eu não conseguia falar de tanta felicidade.

E foi o dia mais perfeito do mundo. “Mais perfeito” nem existe, o que mostra como foi perfeito. Não nos mexemos por horas, ficamos deitados, de mãos dadas, cochilando, lendo e comendo uma salada grega deliciosa que trouxeram para nós. O céu estava tão azul que doía, e, sob a sombra do guarda-sol, o sol me aqueceu como mãos amistosas acariciando gentilmente minha pele. Nem mergulhamos, porque a areia estava quente demais para caminhar. Estávamos na nossa própria ilha dentro da ilha, longe de tudo. Foi incrível.

“Sarah.” Ollie tirou uma mecha de cabelo do meu rosto e o colocou atrás da minha orelha. “Está acordada?”

“Humm.”

“Podemos ficar aqui se quiser, mas está ficando tarde, e eu tinha feito uma reserva para jantar em Oia.”

Abri um olho.

“O que é Oia?”

“Faz parte da ilha”, explicou. “É, tipo, uma cidade no penhasco. Dizem que o pôr do sol é incrível lá, e tem outra coisa que quero mostrar.”

“Tudo bem.” Sentei e me espreguiceei. “Vamos.”

Oia era linda, como uma cidade perdida no tempo. Chegou até nós pelas cores branca e azul — tudo era branco ou azul, ou branco e azul. Eu e Ollie ficamos caminhando pelas ruas sinuosas, de mãos dadas, conversando sobre um futuro imaginário no qual morávamos lá, vivendo das minhas histórias e da música de Ollie. Era mágico

demais para ser assustador. Na verdade, era delicioso, e fomos aos mínimos detalhes — a cor das paredes, a estampa exata da colcha feita à mão que cobriria a cama de ferro forjado no quarto térreo com portas-balcão com vista para uma varanda banhada pelo sol.

De repente Ollie parou.

“Chegamos.”

Olhei para o lugar. Um pequeno portão azul de madeira dava para uma construção branca que parecia uma caverna. Havia livros em malas velhas de couro, em caixas e prateleiras. Acima da entrada arqueada, estava escrito em azul: ATLANTIS BOOKS.

“Era isso que eu queria que visse”, ele falou.

“Meu Deus, é uma livraria!” Olhei para ele. “Podemos entrar?”

Ele riu.

“Claro! Foi por isso que trouxe você aqui.”

Descemos os degraus íngremes e entramos nos meus sonhos. Assim que bati os olhos, foi amor à primeira vista. Era como se uma toca tivesse sido aberta no penhasco e preenchida por prateleiras e mais prateleiras de livros. Havia livros por toda parte, empilhados do chão até o teto, e sobre as mesas. Versos de poesia tinham sido escritos à mão nas paredes, e de outra sala irradiava o som de um violão.

“Tudo bem, mudei de ideia”, falei, segurando a mão de Ollie. “Esqueça a cama de ferro forjado, vamos morar aqui.”

Ficamos ali no mínimo uma hora, e eu poderia ter ficado mais, mas Ollie estava ansioso pelo pôr do sol.

“Voltamos amanhã antes da balsa”, prometeu.

“Tudo bem, me deixe só comprar estes aqui, então”, falei. Poderia ter comprado muito mais, mas me restringi a um cartão-postal da loja, um livro de poesia de Sylvia Plath com uma capa especial e uma cópia de *Jane Eyre* em grego, que eu nunca ia ler, mas adorei a ideia do romance entre Jane e o sr. Rochester contida naqueles antigos símbolos, como um código a ser decifrado.

Fora da loja, Ollie pegou minha mão.

“Temos uma reserva em dez minutos, e o sol vai se por dez minutos depois. *Vamos!*” Ele começou a correr, me puxando.

“Ai, Ols”, falei, ofegante, com a mão no coração acelerado. “Você programou até a hora que o sol tem que se pôr.”

“Pode apostar!”, ele gritou para trás, a voz ecoando do penhasco.

Chegamos a tempo do pôr do sol, e fiquei muito feliz por isso. Foi maravilhoso. *Maravilhoso*. O céu ficou com uma cor laranja intensa, flamejante, que deixou os prédios brancos com um tom quase fluorescente de azul. Da nossa mesa no porto vimos o mar passar de azul a rosa, laranja a cinza. Olhamos um para o outro, sem falar nada, apenas sorrindo como dois bobos.

Depois do jantar encontramos uma trilha por uma rocha que levava a uma baía deserta, onde nadamos, conversamos e demos as mãos enquanto as estrelas surgiam, antes de cair na cama no nosso lindo quarto na caverna, com cortinas brancas voando com a brisa.

Enquanto estávamos deitados abraçados, percebi que havia alguma coisa não dita. Deu para notar na rigidez do peito de Ollie, na ligeira contração muscular dos braços. Eu também sentia. Mas, de algum jeito, ali, naquele momento, nessa existência que parecia um sonho, não era preciso dizer. Simplesmente sabíamos.

De volta ao nosso quarto de hotel no dia seguinte, apoiei o cartão-postal no abajur da minha cabeceira. Sabia que ia guardá-lo para sempre. Independente de quem estivesse comigo, ou do que eu estivesse fazendo, dali a vinte anos ainda estaria preso à minha geladeira, com orelhas e desbotado, mas para sempre uma lembrança do nosso dia perfeito.



NOSSA ÚLTIMA NOITE EM MYKONOS. Fomos aos bares e acabamos na praia, completamente sóbrios, observando o mar passar aos poucos de preto a preto-azulado. O ônibus para o aeroporto sairia em uma hora. Tínhamos feito as malas na véspera; nenhum de nós tinha dormido.

Ben e Tom também estavam conosco. Ben e Rich estavam um ao lado do outro, as cabeças se tocando. Tom e Cass estavam apenas sentados; havia tanta química entre os dois que não tinha nem graça.

“As melhores duas semanas da história”, Will declarou solenemente.

“Da história mesmo”, Cass concordou. Inclinou-se para Tom, que colocou os braços em volta dela, em um abraço fraterno. Pelo menos naquele momento pareceu fraterno.

Apertei minha barriga.

“Dói aqui”, falei. “Dói quando penso em nunca mais ver esse lugar.”

“Muito”, Ashley concordou melancólica. Estava agarrando punhados de areia e deixando cair por entre os dedos. “Queria ter marcado todos os dias — sabe, parado um instante para assimilar tudo — em vez de deixar passar.”

“Mas isso é parte do que fez ser tão bom.” Dylan abraçou o joelho. “Esse fluxo de dia para noite para dia; praia para bares; caminhadas... os malditos moinhos.”

“Mas os moinhos também foram ótimos”, falei, sorrindo para Rich. Ele retribuiu o sorriso, levando a mão de Ben até a boca para

dar um beijo nela. Adorei ver que Rich tinha tanta facilidade em demonstrar afeto. Era quase como se tivesse utilizado tanta coragem para nos contar que não precisava de mais nada para se assumir para o resto do mundo. Fiquei imaginando se ele e Ben iam se encontrar na Inglaterra. O que quer que fossem fazer, não pareciam preocupados agora.

Ficamos em silêncio; o mar hipnótico, a tristeza da última noite e os efeitos de duas semanas dormindo pouco nos deixaram mudos. Apoiei a cabeça no ombro de Ollie, fechei os olhos e fiz um inventário mental dos sons, das sensações, dos aromas e das emoções do tempo em Mykonos. Sabia que nunca ia esquecer, mas queria me lembrar em detalhes — lembranças sobre as quais escrever, talvez.

Alguma coisa estava cutucando minha coxa. Abri os olhos, me sentindo estranhamente confusa. Talvez eu tivesse dormido por um segundo. Olhei para baixo, vi a mão de Ashley e virei entorpecida para seu rosto. Ela estava com olhos arregalados, apontando freneticamente com a cabeça para Cass e Tom. Piscando, olhei para onde ela estava olhando, e de repente o torpor desapareceu diante da imagem espantosa de Cass e Tom... se beijando! Bati palmas sem emitir som e mexi a boca sem falar. *Ai, meu Deus!*

Eu sei!, Ashley também respondeu sem som. *Uhu!*

Quando pararam de se beijar e começaram a conversar, ela levou o dedo aos lábios para escutar melhor a conversa dos dois. Lancei um olhar de reprovação. Ela respondeu com um *Até parece*. Justo. Cheguei mais perto. Ollie agarrou meu braço.

“O que você está *fazendo?*”, sussurrou rouco.

“Nada!”, respondi. “Só... me certificando de que está tudo bem.”

“Claaaaro.”

Tremendo com risinhos silenciosos, soprei um beijo para ele e deixei que trocasse olhares incrédulos com Dylan. Os outros não pareceram notar o incrível acontecimento. Donna estava dormindo, Jack conversava com Will, e, de toda forma, estavam sentados na frente de Cass e Tom.

Ashley e eu agora estávamos sentadas menos de um metro atrás deles e um pouco à esquerda, de mãos dadas e reagindo ao que era dito com expressões faciais exageradas.

“Então, isso foi inesperado”, disse Tom, rindo de leve. Passou um dedo pelo braço de Cass, e ela, talvez sem se dar conta, repetiu o gesto com a própria mão.

“Foi mesmo”, Cass respondeu. Encolheu os ombros.

O sorriso dele se dissolveu, mas o tom se manteve leve.

“Então...” Tom riu de novo. “Acho que você preferia que não tivesse acontecido...”

Ela balançou a cabeça.

“Não! De jeito nenhum”, suspirou. “Foi ótimo...”

“Mas...”, ele sugeriu.

“Não tem nenhum ‘mas’.” Olhou para ele. “Foi tão bom passar esse tempo com você aqui. Queria que não tivesse que acabar tão rápido.”

(As expressões faciais exageradas se foram. Agora eu e Ashley estávamos apenas escutando, segurando a mão uma da outra com força.)

Ele olhou para a areia.

“Ainda sinto um ‘mas’ aí...”

“Não é um ‘mas’ de fato.” Cass esperou até ele olhar nos olhos dela. “É que acabei de sair de um relacionamento de quatro anos, só isso. Vamos ver o que acontece na faculdade, pode ser? Sem pressão.” Ela girou o corpo e o abraçou. Ele a abraçou de volta, se inclinando para ela e sussurrando alguma coisa no seu ouvido. Cass riu e o acariciou no rosto com a traseira da mão.

Sem falar nada, eu e Ashley voltamos para os nossos meninos.

Dois dias depois, parada diante da escola, Mykonos parecia estar a milhões de quilômetros de distância, principalmente porque, na minha cabeça, só havia espaço para uma coisa: os resultados das provas. Aquilo ocupou meu cérebro como balões de fala cheios de discursos. Não consegui dormir na noite anterior. Não preguei os olhos. Basicamente tive a mesma conversa comigo mesma por sete horas. *E se eu tirar três As? Mas não seja tola, isso não vai acontecer. Ai, meu Deus, e se tirar três Cs? Não, isso também não. Talvez o mais provável seja um A, um B e um C. Contanto que consiga dois Bs e um C está bom,*

e isso dá para tirar. Mas e se não tiver tirado? E se eu tiver ido muito mal e nem souber? Tirei no mínimo dois Bs e um C. Sei que tirei. E se tiver tirado três As? etc.

Na verdade tive uma espécie de crise durante o café da manhã. A notícia inevitável no noticiário do rádio (“As provas para as universidades estão ficando mais fáceis”, disse um babaca que não faz ideia do duro que dei) foi a gota d’água para minhas emoções que já estavam abaladas.

“Mãe, Sarah está chorando”, disse Dan, mal tirando os olhos da revista. Minha mãe virou de onde estava preparando torrada.

“O que foi?”, ela perguntou, surpresa.

“Só estou estressada!”, gemi. “Aonde quer que eu olhe só se fala nisso.”

“Está com o sono atrasado”, ela disse, sem muita solidariedade. “Vai ficar bem quando receber os resultados... Aqui.” Entregou um prato de torrada e geleia. “Coma. Vai se sentir melhor.”

Não sei como ela chegou àquela conclusão, mas me forcei a comer uma das torradas. Podia ter sido feita de isopor que daria na mesma.

Quando cheguei à escola, mais ou menos uma hora depois, meus amigos não estavam muito melhores do que eu. Formamos um grupo inquieto, do lado de fora dos portões, fazendo piadinhas ridículas sobre não passar e rindo alto demais. Havia um fotógrafo do jornal local ali, pronto para tirar fotos de pessoas felizes, o que não ajudava em nada.

Depois que pegamos os envelopes que continham nossos destinos, encontramos um espaço no pátio, o mais longe possível do próximo grupo de pessoas e, depois da contagem de Cass, cada um abriu o seu. Por alguns segundos tudo o que se ouviu foi o ruído de envelopes rasgando, depois de papéis sendo desdobrados. Foi estranho: ninguém sabia quem deveria ser o primeiro a se pronunciar. Olhamos para os resultados, em seguida uns para os outros, todos com a boca tensa, mas ninguém sabia se estávamos escondendo alegria ou, bem, o oposto.

“Tudo bem, eu começo”, disse Cass. Sorriu. “Dois As e um A+.”

Vou dizer, aquilo ditou o tom. Foi como o primeiro dominó, e gerou uma avalanche de boas notícias.

“Dois Ds!”, disse Donna.

“Três As!”, declarou Jack.

“Um A e dois Cs!”, Ashley falou. A essa altura estávamos dando pulinhos e gritando.

“Um A e dois Bs!”, disse Ollie.

Segurei o papel com os resultados perto do coração, saboreando o momento.

“Tirei um A, um B e um C”, eu disse, e falar em voz alta de repente tornou aquilo real. Tinha conseguido! Ia para Manchester! Provavelmente ia para Manchester. Olhei para Ollie, que estava abraçando Jack. Quase com certeza eu ia para Manchester.

Todos viramos cheios de expectativa para Rich e percebemos, pela primeira vez, que ele não tinha se mexido. Continuava olhando para o papel. Levantou a cabeça, com os olhos vazios.

“Parabéns, pessoal”, ele disse.

“Então... o que você tirou?”, Cass perguntou hesitante.

“O que você acha, merda?” Enfiou os resultados no bolso de trás. “Falo com vocês mais tarde.”

“Rich, espera”, disse Cass, indo segurá-lo, mas Jack a conteve.

“Talvez seja melhor deixar quieto”, ele falou. “Dar espaço para ele.”

Ficamos péssimos por ele, mas, para ser sincera, naquele momento estávamos felizes demais para pensar no assunto. Deixamos Rich ir embora e fomos para o Costa comemorar. A vida estava começando a acontecer de verdade: íamos deixar Brighton para trás. Em outubro Cass estaria estudando direito em Cambridge, Donna, fazendo teatro na RADA, Jack, estudando ciência dos esportes em Loughborough, Ashley, fazendo cinema em Middlesex, Ollie, estudando música em Leeds e eu, é claro, estaria estudando história da arte.

Depois que ligamos para casa (meu pai e minha mãe me colocaram no viva-voz para ouvir juntos, e então gritaram tão alto que a linha falhou. Meus pais nunca gritavam! Melhor momento do mundo), tomamos café suficiente para afundar um navio e falamos

sem parar sobre o quanto estávamos nervosos antes de abrir os envelopes e sobre como nos sentimos logo depois. Ashley recebeu uma mensagem de Dylan avisando que ele também tinha entrado em Middlesex. Sem pensar, olhei para Ollie. Ele deu de ombros e sorriu: *sem pressão*.

Logo depois, Jack recebeu uma mensagem. Leu, sorriu e, em seguida, digitou rapidamente uma resposta.

“Hannah?”, perguntei.

Ele balançou a cabeça.

“Na verdade... Hannah e eu terminamos.”

Isso chamou a atenção de todos.

“Meu Deus, Jack... você está bem?”, Cass perguntou.

“Estou, estou”, assentiu. “A coisa estava se arrastando, então...” Ele coçou a testa. “Viramos quase irmãos. Teria sido bobagem manter a relação quando eu fosse para a faculdade. Acho que nós dois ficamos aliviados, na verdade.”

“Uau. Muito bem”, disse Ashley. “É tão... *lúcido* da sua parte.”

Ele sorriu.

“Obrigado. Fiquei bem impressionado comigo mesmo.” Jack levantou e pegou uma cadeira vazia de outra mesa. “Abre espaço”, ele disse, colocando-a entre a dele e a de Ashley.

“O que está fazendo?”, ela perguntou.

“Abrindo espaço, o que você acha?”

Ela levantou uma sobrancelha.

“Não se assanhe para cima de mim, senhor três As recém-solteiro.”

Ele sorriu.

“Jack”, disse Donna, se balançando na cadeira. “Para quem é essa cadeira?”

“Para ele”, disse Jack, apontando com a cabeça para a porta.

Era Rich. E estava sorrindo.

“Tudo bem?”, ele disse. Foi para a fila do caixa.

Ficamos olhando.

“O que está acontecendo, Jack?”, perguntei.

“Hum... Rich está comprando alguma coisa para beber?” Deu risada.

Para a sorte de Jack, a fila estava pequena. Só tivemos tempo de lançar olhares malignos para ele antes de Rich se juntar a nós, com um café na mão.

“Então...” Ele deixou o café com muita calma sobre a mesa, depois guardou o cartão do Costa de volta na carteira, colocou-a no bolso e sentou. Tossiu e bateu no peito. “Então... Vou estudar enfermagem em Kingston.”

“Sério?!” disse Cass. “Mas pensei que...” Deixou a frase solta, sem saber se seria ofensivo completar com o que ela — e todo mundo — tinha pensado.

“Não, tem razão. Não consegui as notas. Mas fiquei com uma das vagas remanescentes.”

Ashley bateu palmas.

“Então você, eu e Donna estaremos em Londres? UHUU, porra!”

“E Dylan”, Donna lembrou.

“E Dylan.” Ela balançou a cabeça maravilhada. “Isso é *incrível*. Muito bem, queridos.” Ela se inclinou e deu um beijo em Rich. “Estou orgulhosa de você.”

“Eu também”, falei.

Ollie apertou a mão dele.

“Muito feliz por você, cara.”

Rich sorriu.

“Obrigado, pessoal.” Rasgou um sachê de açúcar e despejou o conteúdo no café. “Andei pensando e acho que quero trabalhar com dependentes químicos. Talvez até me tornar um conselheiro.”

“Isso é ótimo”, disse Cass, com os olhos brilhando. “Estou tão, *tão* orgulhosa de você.” Ela passou as mãos na borda da mesa. “Estou tão orgulhosa de todos nós.” Sorriu para todos, para Ollie, que precisou fazer uma cirurgia cardíaca para se julgar capaz de seguir o coração; Ashley, que quase se afogou — e quase estragou tudo com Dylan; Donna, que, contra todas as probabilidades, passou nas provas e foi aceita na melhor escola de artes dramáticas do país; Jack, que finalmente descobriu o amor — e a força para seguir em frente quando não deu certo; e eu. O que eu fiz? Não muito, na verdade. Acho que perder a virgindade foi marcante, e teve a coisa de salvar Ashley do afogamento. Fui muito burra com Joe. Mas superei.

Fiquei com Ollie, depois fui dispensada sem cerimônia, voltei com ele, viajei para a Grécia e vivi o melhor dia da minha vida. Arranjei um emprego quando meu pai ficou desempregado. E passei nas provas com notas boas o bastante para entrar na universidade que queria.

No fim era uma questão de confiança, concluí. Encarei o medo e segui em frente mesmo assim. Na verdade, isso, sim, é motivo de orgulho.



OLLIE E EU CAMINHAMOS DE MÃOS DADAS PELA PRAIA, como fizemos tantas vezes antes. Mas não foi a mesma coisa. Tudo — as pedrinhas marcando nossos pés, o mar cinzento, nossos amigos, o colégio, Brighton — estava indo embora, ficando no passado.

“É estranho, não é?”, disse Ollie.

“É, *sim*”, respondi, gesticulando em volta. “Mas isto...”, apontei para nós dois, “é ótimo.”

Ele sorriu,

“É mesmo.”

Depois do Costa, cada um voltou para casa para receber os parabéns. Ollie e a mãe iam pedir comida. Meus pais e Dan me levaram para jantar.

Foi tão bom, minha mãe e meu pai orgulhosos de mim, e meu pai feliz e relaxado agora que tinha encontrado trabalho. Até Dan estava de bom humor, me dizendo rabugento que ia sentir falta da minha cara feia quando eu fosse embora.

E o dia seguinte... passei inteiro com Ollie. Tomamos café em um lugar qualquer, andamos pelo centrinho e fomos parar na praia. E, como sempre acontecia com Ols, ri como louca. Não precisava estar em Santorini jantando na praia sob o céu azul para me sentir próxima dele. Já sabia disso, mas era sempre bom ter a confirmação.

Passamos por um quiosque de sorvete, compramos duas casquinhas e sentamos longe o suficiente do mar para tirar os sapatos e sentir cada onda com os dedos dos pés. Ollie e eu nos aninhamos um no outro, os cachos dele se misturando aos meus cabelos na brisa.

“Vou para Manchester, Ols”, falei em voz baixa. “Você sabe disso, não sabe?”

“Sei.” Ele me beijou. “É a decisão certa.”

Olhei para ele.

“Está falando sério?”

Ele sorriu, percorrendo meu rosto com os olhos.

“Estou.”

“Eu te amo muito”, falei. “Também sabe disso, não sabe?”

“Sei.” Pegou meu cabelo com os dedos. “Mas devo dizer que é bem improvável que você me ame tanto quanto eu te amo... Porque eu te amo.” Inclinou meu rosto para encontrar o dele e me beijou. “Eu te amo, Sarah Millar.”

Ficamos sentados por mais ou menos uma hora, simplesmente porque podíamos ficar. Contanto que tivéssemos um ao outro, qual era a diferença entre Santorini, Leeds, Manchester, ou ali, olhando para o velho e conhecido mar de Brighton? Respirei fundo, com o coração cheio de felicidade. Na verdade, não tinha importância o que o futuro nos reservava, porque, ali, naquele momento, eu torcia para que fosse para sempre.



HOLLY STANTON

ALI CRONIN trabalhou em inúmeras revistas inglesas para adolescentes e foi responsável pelo site jovem da BBC antes de se dedicar totalmente à escrita. É autora de *Skins*, livro baseado na famosa série de TV.

Copyright © Penguin Books Ltd, 2013
Todos os direitos reservados.

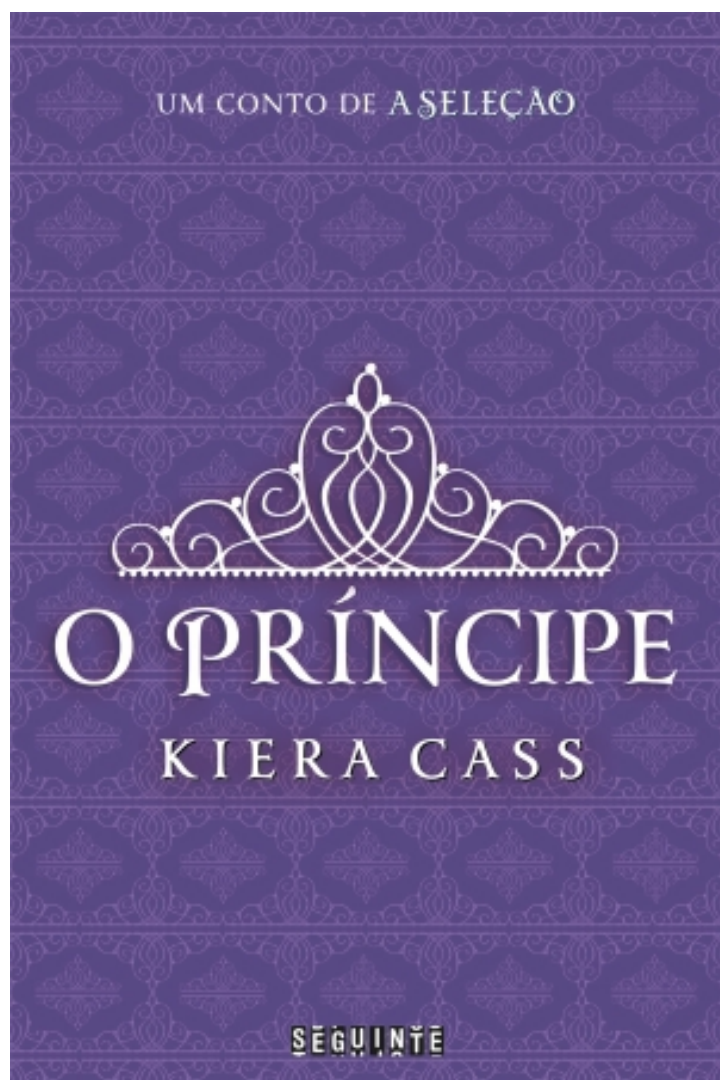
Publicado originalmente em inglês na Grã-Bretanha
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL You And Me Always
CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral
PREPARAÇÃO Alyne Azuma
REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz
ISBN 978-85-438-0098-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br



O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)



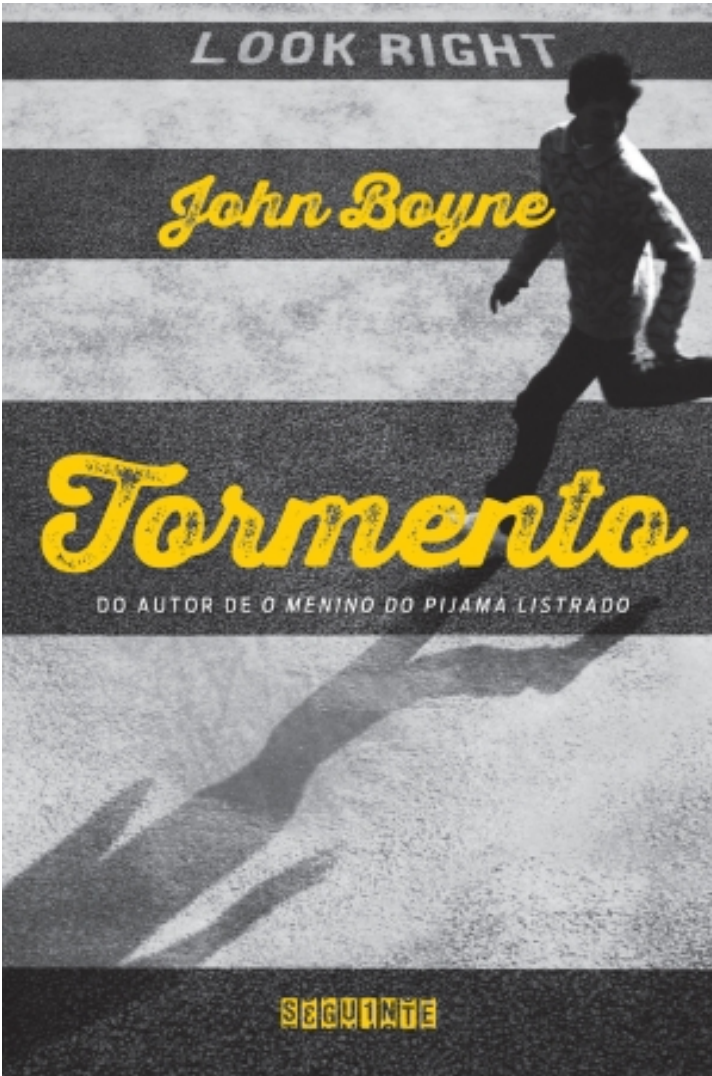
A sereia

Cass, Kiera
9788543804842
328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil! Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou. Apesar de não poderem conversar — pois a voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

[Compre agora e leia](#)



Tormento

Boyne, John
9788580869163
88 páginas

[Compre agora e leia](#)

Apesar de sentir falta do irmão mais velho, que estava fazendo faculdade em outro país, Danny aproveitava o tempo livre das férias para andar de bicicleta e jogar bola com seu melhor amigo, Luke Kennedy. Até que um dia volta para casa e, estranhamente, não vê sinal de sua mãe. Quando a sra. Delaney finalmente chega, vem acompanhada de dois policiais. Ela havia se envolvido em um acidente - atropelara um garotinho que agora estava em coma, com poucas chances de sobreviver. A sra. Delaney se afoga em culpa e se isola de todo mundo, inclusive do marido e de Danny. O garoto, por sua vez, não entende o que está acontecendo. Por que sua mãe se sente tão culpada quando a própria polícia disse que ela não era responsável pelo que tinha acontecido? E para complicar ainda mais a situação, uma garota estranha fica parada em frente à casa de Danny, claramente observando seus passos...

[Compre agora e leia](#)



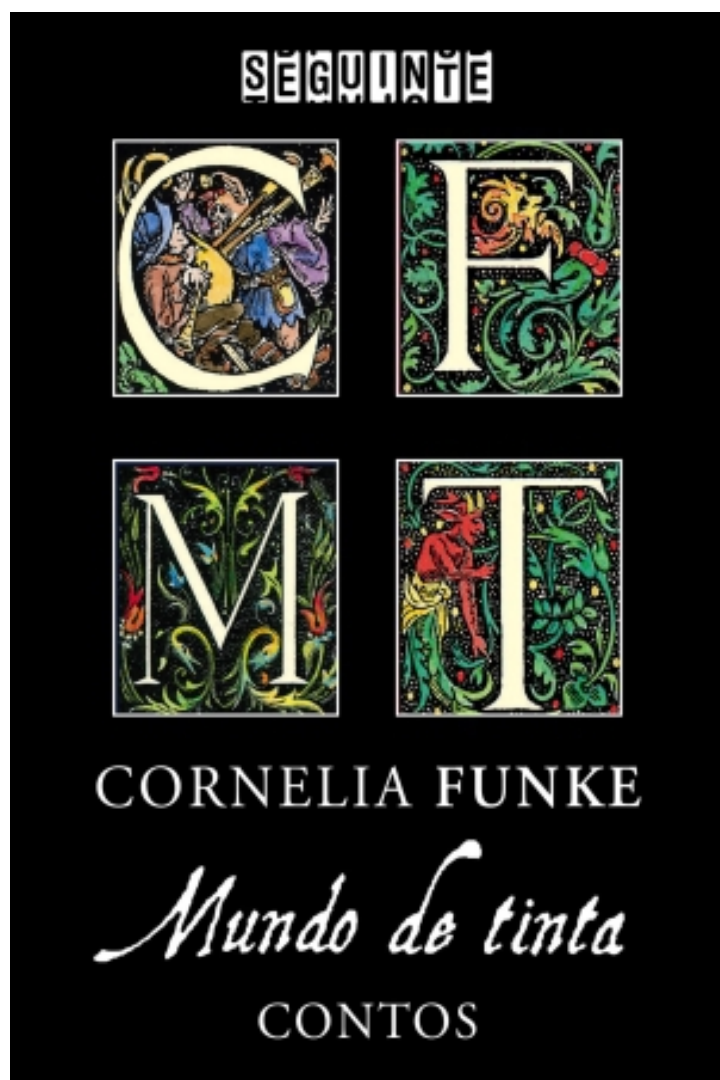
Não me esqueça

Cronin, Ali
9788543802343
16 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto gratuito que precede o 2º volume de Garota <3 Garoto.
Durante os preparativos para a viagem de férias com seus pais para a Espanha, Sarah descobre uma caixa repleta de recordações. Conforme ela relembra histórias de seus amigos, será que ela descobrirá que seus sentimentos por um deles são mais fortes do que imaginava?

[Compre agora e leia](#)



Mundo de tinta

Funke, Cornelia

9788580869309

22 páginas

[Compre agora e leia](#)

Três contos inéditos que se passam no Mundo de Tinta contam o que aconteceu com alguns personagens depois do desfecho da história de Mo e de sua filha Meggie. Um presente para todos os fãs que estavam com saudades desse universo de fantasia que já conquistou milhares de leitores no Brasil. Sete anos depois do lançamento de *Coração de tinta*, primeiro volume da série juvenil que conquistou leitores brasileiros de todas as idades, chegam três contos inéditos que se passam nesse universo incrível, criado pela escritora alemã Cornelia Funke, onde algumas pessoas — os chamados Línguas Encantadas — têm o poder de dar vida aos personagens das histórias ao lê-las em voz alta. No primeiro conto, descobrimos um pouco do que aconteceu depois das últimas páginas de *Morte de tinta*, último volume da trilogia. Orfeu, exilado num reino gelado, longe do alcance das palavras de Fenoglio, tenta reencontrar a magia e se reerguer, na companhia de Brilho de Ferro, seu homem de vidro. Num clima de mistério e fantasia característico das obras de Cornelia, vemos ainda o que se passa cinco anos depois, quando Fenoglio sente a presença de Orfeu e precisa avisar Dedo Empoeirado, anunciando mais uma aventura. Por fim, em *Livro de Prata*, conhecemos esse objeto mágico misterioso que sumiu de um museu numa cidadezinha da França e que pode ser a resposta para muitas perguntas — não só sobre o Mundo de Tinta, mas sobre outros universos... Um presente para todos os fãs da série, esses contos levarão os leitores em mais uma viagem pelo universo dos livros, onde eles poderão matar as saudades desse lugar mágico, repleto de personagens fantásticos e histórias impressionantes, que só poderiam ser fruto da imaginação de uma das maiores autoras infantojuvenis da atualidade.

[Compre agora e leia](#)